



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Renata Fonseca de Siqueira

**A produção da escrita acadêmica no/do resumo: efeitos de sentido sob o olhar
da Análise de Discurso**

Florianópolis
2024

Renata Fonseca de Siqueira

**A produção da escrita acadêmica no/do resumo: efeitos de sentido sob o olhar
da Análise de Discurso**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Linguística - Estudos do Campo Discursivo.

Orientador: Prof. Dr. Sandro Braga

Florianópolis

2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC. Dados inseridos pelo próprio autor.

Siqueira, Renata Fonseca de

A produção da escrita acadêmica no/do resumo: efeitos de sentido sob o olhar da Análise de Discurso / Renata Fonseca de Siqueira ; orientador, Sandro Braga, 2024.
176 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Análise de Discurso. 3. Resumo. 4. Escrita Acadêmica. 5. Silêncio. I. Braga, Sandro. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Renata Fonseca de Siqueira

**A produção da escrita acadêmica no/do resumo: efeitos de sentido sob o olhar da
Análise de Discurso**

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 25 de março de
2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa Maria Ester W. Moritz Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Rossaly Beatriz Chiochetta Lorenset, Dra.
Universidade do Oeste de Santa Catarina

Profa. Rosangela Pedralli, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina - Suplente

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado
adequado para obtenção do título de Mestra em Linguística.

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof. Heronides Maurilio de Melo Moura, Dr.
Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof. Sandro Braga, Dr.
Orientador(a)

Florianópolis, 2024.

Para eles que são minha força e direção, meu coração fora do peito, como eu sempre falo: minha melhor parte... Minha prole amada, Sophia, Raquel e Isaac, para vocês, sempre.

E para você, Odair, que me suporta por 20 anos...

AGRADECIMENTOS

Ao *Eterno*, meu Senhor, ao qual me prostrei nas noites de intensa dor, de lágrimas torrenciais, mas que foram acolhidas e me renovaram ao amanhecer, como falo diariamente... *Agradeço eu a ti! Senhor e meu Deus...*

Começo estas últimas linhas que me proponho escrever ao menos por agora, nesta pesquisa, atravessada por cada sentido aqui colocado... São palavras delicadas e gentis que guardei em um desabafo para o final. Um fim que pode ser um recomeço, um respiro em meio ao silêncio que me impus ao longo desse percurso, não foi fácil e sem dor, mas foi... Foi rodeado de pessoas que acreditavam que eu conseguiria, foi de presenças ausentes, e ausências repletas de saudade, foi um reencontro comigo e com os outros, e só foi possível por ter ao meu lado seres que me guardaram em um abraço a cada conquista ou dificuldade que passei, sem estes sorrisos e afetos eu não suportaria.

Só foi possível por ter vocês, minhas meninas, *Sophia e Raquel*, minhas mais lindas flores que se colocam ao meu lado para o que der e vier, preparando um café, um chá, um lanchinho e aquele cafuné para acalmar a mente.

Ao meu furacão chamado *Isaac*, que em sua luta constante contra “gigantes invisíveis” me traz de volta com pérolas estimulantes, em sua incansável batalha para me ver sorrindo e buscando o meu colo quando eu mais preciso...

E você meu malvado favorito, *Odair*, que não me deixa parar e criar raízes, que não me deixa desistir sem ter certeza de que cheguei exatamente aonde deveria estar, mas que ao mesmo tempo me faz olhar ao redor na mesa em que estamos sentados para ter certeza de quem está sentado ao meu lado, e que não estou só...

Aos meus pais, *Antônio e Marina*, meus irmãos, *Ederson e Valéria*, minha cunhada Fabiana, e cunhado Felipe, por entenderem minhas faltas nas comemorações, mas sempre demonstrando um cuidado sem fim.

Às amigas, *Janaína, Alessandra, Yara, Andrielle e Thamires*, ao amigo *Carlos*, pessoas incríveis que entraram na minha vida nesse processo, e compartilharam força, experiência e apoio.

Professor *Dr. Sandro Braga*, sua paciência e apoio foram fundamentais para chegar até aqui, sem suas orientações, e principalmente, despertar, nada seria como é hoje. Foi em seus dizeres que me coloquei em estado de repensar, paralisei,

silencieei e voltei... Não foi fácil o reencontro, mas foi necessário, então, minha eterna gratidão.

Às professoras *Dra. Maria Ester* e *Dra. Rossaly Lorenset*, por tão prontamente aceitarem o desafio de estar nas minhas bancas, de qualificação e defesa, mesmo com prazos estourados, atrasos na minha escrita, atenderam ao convite de dialogar e teorizar para o aprimoramento da minha pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, por compartilharem em cada fala um conhecimento de aprimoramento e desenvolvimento do conhecimento científico.

À Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, por oportunizar o meu encontro com um conhecimento significativo e acesso ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Aos meus alunos, adolescentes intensos e carinhosos, foram minha energia para buscar a cada dia um novo exemplo, um novo jeito de discursar...

E aqueles que ao longo desse processo de escrita me tocaram e foram tocados a também enfrentar esse fantástico mundo da escrita acadêmica. O percurso não é fácil, mas é recompensador!

“Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou. [...] Enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas continuarei a escrever. Como começar pelo início se as coisas acontecem antes de acontecer?”

(Clarice Lispector, *A hora da estrela*, 2020 [1977])

RESUMO

Esta dissertação analisa os efeitos de sentidos depreendidos da prática discursiva da escrita acadêmica de resumos. A fundamentação teórica pauta-se pelos estudos da Análise de Discurso (AD) de inspiração francesa e, metodologicamente desenvolve-se um gesto analítico em textos escritos por estudantes da graduação do curso de Engenharia Elétrica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Considerou-se, sobretudo, as reflexões de Michel Pêcheux (2006 [1983], 2014a [1975], 2017b [1969]), quanto aos conceitos de sujeito, ideologia, formação discursiva e pré-construído (memória); de Eni Orlandi (2007a [1992], 2007b [1996], 2015 [1999]), sobre os conceitos de silêncio e interpretação; de Braga (2015), com apontamentos sobre a escrita acadêmica no âmbito da universidade, por fim, de Michel Foucault (2014 [1971], 2022 [1979]), no que tange os procedimentos de controle e exclusão do discurso, verdade e poder. Tomando por base as materialidades disponibilizadas para a construção do *corpus* de pesquisa, analisou-se discursivamente os efeitos de sentido produzidos por estudantes ingressantes no primeiro período da graduação, investigando a prática discursiva da escrita e reescrita do resumo na disciplina de Produção Textual Acadêmica (PTA), para entender as singularidades e diferenças entre as produções. Considerou-se como objeto simbólico de análise dois Recortes Discursivos (RDs), o primeiro tratando dos processos de “Escrita – Reescrita”, e o segundo sobre os processos do “*Feedback* – Reescrita”. Delineou-se um percurso teórico que reflete a prática discursiva da escrita acadêmica sob as determinações do Discurso Científico (DC) atravessado pelo Discurso Pedagógico (DP), analisando esse entre-lugar constituído pelo DP e DC, alçados ao dizer “verdadeiro” da ciência, permeados por princípios que excluem e/ou tornam o discurso rarefeito. Com os gestos analíticos mobilizados, construiu-se o conceito do gênero textual/discursivo resumo como um pré-construído, ou seja, o já-dito em outro lugar. Por meio do batimento entre a produção da primeira escrita (dizer do estudante), e a submissão ao *feedback* e reescrita do resumo, tem-se marcas de atravessamento do silêncio e da incompletude inerentes à linguagem, demonstradas nas escolhas de citações, apontando para um silêncio fundante – não-dito, e um silêncio constitutivo – apagamento do dizer do estudante na reescrita. Além disso, vê-se marcas de autoria na produção do resumo como resultante da vontade de verdade por parte do acadêmico, pois para entrar no DC este precisa entender seu funcionamento e a escrita acadêmica pode contribuir para esse conhecimento. Pode-se afirmar, ainda, que a escrita do resumo a partir da obra literária – “A Revolução dos Bichos” (Orwell, 2023 [1945]), só foi possível por ocorrer um afastamento do sujeito-estudante da obra, conseqüentemente, o não-dito passou a significar, garantindo o movimento dos sentidos a partir do silêncio, encontrou-se nestas produções escritas um dizer singular e marcado por incompletudes e silêncios necessários para a constituição do dizer.

Palavras-chave: escrita acadêmica; resumo; análise de discurso; discurso científico; silêncio.

ABSTRACT

This dissertation examines the effects of meaning derived from the discursive practice of academic writing in the form of summaries. The theoretical foundation is grounded in French Discourse Analysis (DA) and methodologically develops an analytical gesture in written texts by undergraduate students from the Electrical Engineering course at the Federal University of Santa Catarina (UFSC). Notably, the reflections of Michel Pêcheux (2006 [1983], 2014a [1975], 2017b [1969]) on the concepts of subject, ideology, discursive formation, and pre-constructed (memory) were considered, as well as those of Eni Orlandi (2007a [1992], 2007b [1996], 2015 [1999]) regarding silence and interpretation. Additionally, the work of Braga (2015) on academic writing within the university context was consulted, along with Michel Foucault's (2014 [1971], 2022 [1979]) discussions on the procedures of discourse control and exclusion, truth, and power. Based on the materials available for the construction of the research corpus, the discursive effects produced by first-year students in the discipline of Production Textual Academic (PTA) were analyzed. The study investigated the discursive practice of writing and rewriting summaries to understand the singularities and differences between the productions. The object of symbolic analysis was two Discursive Cutouts (DCs), the first addressing the processes of "Writing – Rewriting," and the second focusing on the processes of "Feedback – Rewriting." A theoretical path was outlined that reflects the discursive practice of academic writing under the determinations of Scientific Discourse (SD) traversed by Pedagogical Discourse (PD), analyzing this in-between space constituted by PD and SD, elevated to the "true" saying of science, permeated by principles that exclude and/or render the discourse rarefied. Through the analytical gestures mobilized, the concept of the textual/discursive genre of summary was constructed as a pre-constructed, or the already-said in another place. By means of the resonance between the production of the first writing (the student's saying) and the submission to feedback and rewriting of the summary, marks of the crossing of silence and incompleteness inherent to language were demonstrated in the choices of citations, pointing to a foundational silence – the unsaid, and a constitutive silence – the erasure of the student's saying in rewriting. Furthermore, marks of authorship in the production of the summary were seen as the result of the will to truth by the academic, as entering SD requires understanding its functioning, and academic writing can contribute to this knowledge. It can be stated that the writing of the summary from the literary work – "Animal Farm" (Orwell, 2023 [1945]) – was only possible by occurring a detachment of the student-subject from the work, consequently, the unsaid began to signify, ensuring the movement of meanings from silence, and these written productions were found to be a singular and marked saying characterized by incompleteness and necessary silences for the constitution of the saying.

Keywords: academic writing; abstract; discourse analysis; scientific discourse; silence.

RÉSUMÉ

Cette thèse examine les effets de sens dérivés de la pratique discursive de l'écriture académique sous forme de résumés. La fondation théorique repose sur l'Analyse de Discours (AD) d'inspiration française et méthodologiquement développe un geste analytique dans des textes écrits par des étudiants de premier cycle du cours d'Ingénierie Électrique de l'Université Fédérale de Santa Catarina (UFSC). Les réflexions de Michel Pêcheux (2006 [1983], 2014a [1975], 2017b [1969]) sur les concepts de sujet, d'idéologie, de formation discursive et de pré-construit (mémoire) ont été considérées, ainsi que celles d'Eni Orlandi (2007a [1992], 2007b [1996], 2015 [1999]) sur les concepts de silence et d'interprétation. De plus, le travail de Braga (2015) sur l'écriture académique dans le contexte universitaire a été consulté, ainsi que les discussions de Michel Foucault (2014 [1971], 2022 [1979]) sur les procédures de contrôle et d'exclusion du discours, de vérité et de pouvoir. Sur la base des matériaux disponibles pour la construction du corpus de recherche, les effets discursifs produits par les étudiants de premier cycle dans la discipline de Production Textuelle Académique (PTA) ont été analysés. L'étude a investigué la pratique discursive de l'écriture et de la relecture des résumés pour comprendre les singularités et les différences entre les productions. L'objet d'analyse symbolique était deux Coupures Discursives (CD), le premier traitant des processus de "Réécriture – Réécriture" et le second des processus du "Feedback – Réécriture". Un chemin théorique a été défini qui reflète la pratique discursive de l'écriture académique sous les déterminations du Discours Scientifique (DS) traversé par le Discours Pédagogique (DP), analysant cet entre-deux espace constitué par le DP et le DS, élevé au dire "vrai" de la science, imprégné de principes qui excluent et/ou rendent le discours rare. Par l'intermédiaire des gestes analytiques mobilisés, le concept du genre textual/discursif du résumé a été construit comme pré-construit, ou le déjà-dit en un autre lieu. Par le battement entre la production de l'écriture initiale (le dire de l'étudiant) et la soumission au feedback et à la relecture du résumé, des marques de traversée du silence et de l'incomplétude inhérentes au langage ont été démontrées dans les choix de citations, pointant vers un silence fondamental – non-dit, et un silence constitutif – effacement du dire de l'étudiant dans la relecture. En outre, des marques d'autorité dans la production du résumé ont été vues comme résultant du désir de vérité de l'académique, car pour entrer dans le DS, il doit comprendre son fonctionnement, et l'écriture académique peut contribuer à ce savoir. Il peut être affirmé que l'écriture du résumé à partir du travail littéraire – "La Ferme des Animaux" (Orwell, 2023 [1945]) – a été possible uniquement en raison d'un détachement du sujet-étudiant de l'œuvre, conséquemment, le non-dit a commencé à signifier, assurant le mouvement des sens à partir du silence, et ces productions écrites ont été trouvées être un dire singulier et marqué par incomplétudes et silences nécessaires pour la constitution du dire.

Mot's clés: écriture académique; résumé; analyse de discours; discours Scientifique; silence.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Plano de Ensino: Produção Textual Acadêmica	53
Quadro 2 - Cronograma da disciplina de Produção Textual Acadêmica	60
Quadro 3 - Atividade Avaliativa Obrigatória: Fichamento e Resumo	66
Quadro 4 - Definição de Nomenclaturas do <i>corpus</i>	70
Quadro 5 - Recortes Discursivos.....	73
Quadro 6 - Sequências Discursivas: Efeitos Metafóricos.....	74
Quadro 7 - Sequência Discursiva do " <i>feedback</i> "	76
Quadro 8 - Sequência de " <i>feedback</i> " - TFA1 e TFA9.....	77
Quadro 9 - Sequência de " <i>escrita - reescrita</i> ": escolha de citações	79
Quadro 10 - Sequência Discursiva: Modos de Repetição Empírica	89
Quadro 11 - Sequência Discursiva: Modos de Repetição Histórica	91
Quadro 12 - Sequência Discursiva: Mecanismo de Antecipação.....	95

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Levantamento em Base de Dados	44
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AD	Análise de Discurso
AVA	Ambiente virtual de aprendizagem
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DC	Discurso Científico
DP	Discurso Pedagógico
DLLV	Departamento de Língua e Literatura Vernáculas
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
NBR	Norma Brasileira de Referências
PTA	Produção textual acadêmica
RD	Recorte Discursivo
SD	Sequência Discursiva
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1.	APRESENTANDO O PERCURSO.....	16
2.	CONSTRUINDO SENTIDOS: O RESUMO NA PRÁTICA DISCURSIVA	23
2.1.	O DISCURSO DO COMEÇO.....	24
2.2.	NO ENTREMEIO OS SENTIDOS.....	30
2.3.	AONDE SE CHEGOU: O DISCURSO DA ESCRITA ACADÊMICA.....	36
3.	DELINEANDO O PERCURSO: A CONSTRUÇÃO DO <i>CORPUS</i>.....	42
3.1.	O RESUMO EM FOCO: PANORAMA DE PESQUISAS.....	43
3.2.	CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO <i>CORPUS</i>	46
4.	ENTRE A LEITURA E OS SENTIDOS: O DISPOSITIVO ANALÍTICO	57
4.1.	PAVIMENTANDO O DISPOSITIVO ANALÍTICO: CONSTRUÇÃO DOS RECORTES DISCURSIVOS	59
4.2.	RECORTES DISCURSIVOS 1 (RD1) – “ESCRITA-REESCRITA”: MARCAS DOS EFEITOS DE SENTIDO	73
4.2.1.	Dos efeitos metafóricos	74
4.2.2.	Marcas do atravessamento do silêncio e da incompletude	78
4.3.	RECORTES DISCURSIVOS 2 (RD2) - “ FEEDBACK - REESCRITA ”: O <i>ENTREMEIO DOS SENTIDOS</i>	84
4.3.1.	O entremeio dos sentidos.....	84
5.	O “FECHAMENTO” DO PERCURSO: CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
	REFERÊNCIAS	103
	ANEXO A – PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA PRODUÇÃO TEXTUAL ACADÊMICA 1	109
	ANEXO B – CURRÍCULO DO CURSO DE ENGENHARIA ELÉTRICA	116
	ANEXO C – MATERIALIDADES DAS ANÁLISES - “ESCRITA”	123
	ANEXO D – MATERIALIDADES DAS ANÁLISES – “REESCRITA”.....	138
	ANEXO E – MATERIALIDADES DAS ANÁLISES – “FEEDBACK”	154
	ANEXO F – MATERIALIDADES DAS ANÁLISES – <i>GABARITO DA ATIVIDADE</i>	173

1. APRESENTANDO O PERCURSO

Votos de silêncio... vícios de linguagem
 Nada traduz [...]
 Tudo se resume, se presume, se reduz [...]
 (Gessinger, Trecho da música Vícios de Linguagem, 1995)

Coloco-me de frente a este papel em branco na expectativa de construção de um dizer que possa ser só meu, pensado, elaborado, integrado com leituras que se mostram muito particulares e emaranhadas a um gesto analítico que estou disposta a fazer. Mas, ao mesmo tempo, já me dou conta que estou perpassada por quem veio antes de mim, que já questionou, elucubrou sobre tudo que intento falar. Assim é a tarefa de quem se lança em uma pesquisa de cunho científico para produzir a escrita de uma produção acadêmica como a dissertação, é encontrar-se em um certo limbo buscando discursos que possam guiar nessa peregrinação. Produzir uma escrita acadêmica no âmbito universitário eleva esta aspirante a Analista do Discurso (AD) à busca por adentrar em uma esfera dominante a qual “verdades”, nos termos de Foucault¹, já estão pré-estabelecidas e são mecanismos de controle dessa entrada e permanência.

Realizar este percurso requer a entrada em uma “ordem arriscada do discurso” (Foucault, 2014 [1971], p. 7), que nos leva a caminhos de lacunas, deslocamentos, atravessamentos e silenciamentos, ou seja, toda escrita sempre produz “efeitos de verdade”. “Porque ela [a escrita] é sempre verdadeira enquanto enunciado, enquanto significante de algo” (Pereira, 2013, p. 214), desse modo, ao adentrarmos nesta ordem discursiva somos atravessados por um “efeito de verdade”, tendemos ao deslocamento e a ruptura quando interpelados em sujeitos, mesmo que inconsciente, às vezes, silenciados por mecanismos de controle que causam uma separação, ou como bem diz Foucault (2014 [1971]): “uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (p. 17), mas, sendo a entrada nessa ordem do discurso possível por esquecimentos que nos dão a ilusão de ser a origem do dizer e que, o dito não poderia ser outro (Pêcheux, 2014a [1975]).

¹ Foucault em A Ordem do Discurso fala de uma vontade de verdade como um “sistema de exclusão constrangedor” (2014 [1971], p. 14), ou seja, essa “vontade de verdade [...] apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas como a pedagogia [...]” (2014 [1971], p. 16-17).

Dessa ilusão de origem, e tomando as palavras de Humberto Gessinger na epígrafe de abertura deste capítulo trazemos a linguagem em uma poesia de vícios, em consequência dos ditos inseridos em cotidianos resumidos, presumidos e reduzidos, inserimos a presente pesquisa que você está iniciando a leitura em um lugar imaginário que busca trabalhar no “[...] entremeio da descrição com a interpretação.” (Orlandi, 2015 [1999], p. 59), tencionando-se problematizar a produção escrita do gênero textual/discursivo² resumo a partir da questão de pesquisa central que indaga se todo resumo conceitualmente é paráfrase, ou seja, é a voz do outro na nossa produção, é da ordem do mesmo, como que cada resumo é tão singular e tão diferente? Antes mesmo de entrever algum movimento de interpretação, outras indagações se desdobram nessa esteira: como estão estabelecidas as singularidades entre um resumo e outro? O que marca a diferença entre uma produção escrita por um estudante e outro? Haveria nessa produção escrita uma inscrição do sujeito marcando uma diferença entre um resumo e outro? Como o feedback do professor encaminha o estudante para um processo de reescrita? Tem-se uma incompletude do dizer? Ocorre um silenciamento?

Para responder à questão norteadora e seus desdobramentos estabelecemos como objetivo geral analisar a prática discursiva da escrita acadêmica de resumos produzidos por estudantes de graduação em Engenharia Elétrica, buscando pensar nos efeitos de sentido do dito, não dito, silêncio/silenciamentos e marcas de singularidade nessas produções escritas. Interesse-me por pensar na constituição do sujeito-estudante³ de graduação ingressante no ensino superior que deseja inserir-se

² Tendo em vista as diferentes abordagens teóricas implicadas aos termos “texto”, “gênero” e “discurso”, preferiu-se assumir a expressão ambivalente “gênero textual/discursivo” por entender que tanto o termo “texto” quanto “gênero” não dispõem de um conceito único, mas ambos se valem do conceito de “gênero” em seu recorte conceitual. Também se faz necessário apontar que não entraremos em uma explanação teórica, quanto à teoria imbricada nos termos apresentados e na expressão, pois entendemos a complexidade que a teoria demandaria e nos encaminharia para discussões outras, fora do escopo já delimitado para este estudo.

³ Entendendo que a escolha vocabular movimenta os efeitos de sentido pretendidos em um dizer, consideramos necessário trazer para esta pesquisa a definição e diferenças entre os termos “aluno”, “estudante”, “discente” e “acadêmico”, assim como, a escolha lexical. Aluno: segundo o Dicionário Latino-português (Disponível em: Dicionário Latino (<https://dicionariolatino.com>)), tem origem no latim “*alumnus*”, que significa “criança de peito, pupilo, discípulo”. Está ligado ao verbo “*alêre*”, que significa “fazer aumentar, nutrir, alimentar”. Portanto, a palavra “aluno” significa, literalmente, “aquele que é alimentado”. Passando ao contexto da educação, refere-se à pessoa que recebe formação e instrução de um ou vários professores ou mestres para adquirir ou ampliar conhecimentos (esta definição também é encontrada no dicionário Michaelis, 1998). Estudante: tem origem no verbo

no discurso científico, olhando as marcas/pistas, polissemias e paráfrases produzidas nesta escrita acadêmica. Nesse percurso, observo aspectos linguísticos discursivos mobilizados e os efeitos de sentido produzidos pelo sujeito-estudante tanto na escrita quanto na reescrita.

Em continuidade ao percurso analítico, e a partir dessas inquietações, formulo os seguintes objetivos específicos:

- a. Refletir epistemologicamente/conceitualmente a noção de escrita acadêmica de resumos sob a perspectiva da Análise de Discurso;
- b. Identificar, descrever e analisar marcas linguísticas discursivas dos efeitos de sentido produzidos pelos sujeitos na escrita e reescrita dos resumos;
- c. Pensar sobre os modos de aproximação, distanciamento, silenciamento e apagamento do resumo produzido pelo estudante no processo de escrita e reescrita;
- d. Apontar como os mecanismos de controle que atuam na esfera acadêmica universitária interatuam na produção da singularidade do resumo;
- e. Discutir sobre como o *feedback* pode sugerir ao estudante uma incompletude do seu dizer levando-o ao deslocamento.

A escolha do resumo como materialidade para esta pesquisa se justifica por merecer um olhar mais atento para o modo de funcionamento dele na universidade,

“estudar”, que vem do latim “*studere*”, significando “ter cuidado, dedicar-se, aplicar-se, esforçar-se”. O sufixo “-nte” indica a ação de fazer algo, o dicionário Michaelis (1998) define o termo como: (der de estudar+ante, como fr *étudiant*): Que ou aquele que frequenta qualquer curso regular ou livre, a fim de adquirir conhecimento e instrução formal ou alguma habilidade; aluno, discípulo, assim, aquele que estuda. No contexto da educação, refere-se à pessoa que se dedica ao estudo, seja para adquirir conhecimento, seja para desenvolver habilidades. Discente: tem origem no latim “*discens*”, que é o particípio presente do verbo “*discere*”, que significa “aprender, estudar, tomar conhecimento de”, desse modo, “discente” significa, literalmente, “aquele que está aprendendo”. Acadêmico: tem origem no latim “*academicus*”, que significa “relativo à Academia”. A Academia, segundo o dicionário Latino-português, em sentido metafórico, trata-se da filosofia de Platão. No contexto contemporâneo, a palavra é utilizada para se referir a pessoa que se dedica ao estudo universitário e de pesquisa, relacionando-se ao professor, pesquisador ou estudante. Como dito anteriormente, para a AD a escolha lexical é significativa, então, em uma perspectiva discursiva, ao adotar a palavra “aluno”, pode-se enfatizar a relação aprendiz/professor; enquanto a palavra “estudante” enfatiza a atividade de estudar; o termo “discente”, por sua vez, enfatiza a ação de aprender; por fim, o termo “acadêmico”, em um olhar discursivo, enfatiza o caráter formal e rigoroso do estudo, ou seja, indicando que o discurso está sendo produzido no âmbito acadêmico. A fim de estabelecer um critério metodológico para esta pesquisa, adotaremos como termos para significar o sujeito ingressante ao ensino superior, como “estudante”, ocorrendo por vezes como sinônimo, o termo “acadêmico”, por entendermos que nesta passagem o estudante busca os padrões e rigor para inserção no Discurso Científico.

possibilitando uma reflexão sobre a prática discursiva da escrita acadêmica. Tal reflexão, sobre o resumo, permite lançar luz para a incompletude, condição inerente da linguagem, pois, como aponta Orlandi (2015 [1999]) “nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente” (p. 50), ou seja, completa a autora, tem-se uma abertura do simbólico oportunizando uma tensão entre “o real e o imaginário” (Orlandi, 2015 [1999], p. 51), os efeitos de sentidos são necessários para que o discurso se realize, dado que em AD a linguagem não é transparente, por isso precisa-se pensar como o texto significa, como “os objetos simbólicos produzem sentidos” (Orlandi, 2015 [1999], p. 24).

Vale ressaltar que em AD não se procura um sentido verdadeiro. A busca é por vestígios desses efeitos de sentido que possam de algum modo demonstrar a relação entre o já-dito (interdiscurso) e o que se está dizendo (intradiscurso), aquilo que constitui o sentido e o que foi formulado, assim, pensar nos processos parafrásticos e polissêmicos, logo, tem-se nestes processos a estabilização, o deslocamento e a ruptura no dizer demonstrando a incompletude da linguagem, percurso que se percebe compor a prática discursiva da escrita acadêmica, e o resumo, neste caso, permite pensar no pré-construído (por remeter ao dizer do outro – texto-fonte), por conseguinte, tem-se a presença do interdiscurso na constituição dos sentidos e do intradiscurso na formulação dos dizeres.

Destaca-se, a relevância desta pesquisa, por tratar de um gênero de algum modo já conhecido dos estudantes antes mesmo do ingresso no ensino superior, uma vez que ao longo dos processos educacionais na educação básica, as atividades de ensino e aprendizagem das diversas disciplinas curriculares envolverem práticas de escrita que muitas vezes se pautam pela reescrita parafrástica e ou de sínteses de outros textos, mas que, sob uma perspectiva discursiva pode-se refletir a produção do resumo como um texto heterogêneo, ou seja, “sob as palavras, os enunciados e os saberes que tecem um texto, outras palavras, outros enunciados, outros saberes se fazem ouvir” (Indursky, 2009, p. 117).

Ainda nesse sentido, abre-se a possibilidade de reflexão sobre o resumo informativo⁴, que dos gêneros produzidos na universidade é o que menos se permite

⁴ A construção conceitual do resumo quanto à nomenclatura - informativo e indicativo, pelo viés discursivo adotado nesta pesquisa, será apresentado no Capítulo 4.1 – Construção dos Recortes Discursivos.

entrada da voz do estudante, pois é um texto que se pauta pela reprodução/paráfrase do texto-fonte, em tese ele não deveria permitir nada para além do texto-fonte, desse modo é interessante observar porque cada resumo por mais que seja uma reprodução do texto-fonte, ainda sim, traz a paráfrase de cada estudante de um modo diferente, ou seja, ele vai mobilizar esse dizer a partir do seu próprio dizer, portanto cabe verificar nesse processo se há a inscrição do sujeito no resumo, pois, por mais que não seja permitida a entrada de sua voz há um modo de se inscrever no texto do outro.

Partindo, assim, da noção de incompletude como “[...] algo que não se fecha.” (Orlandi, 2007b [1996], p.11) e da heterogeneidade na qual o “[...] discurso é construído a partir do discurso do outro, que é o ‘já dito’ sobre o qual qualquer discurso se constrói, ou seja, numa relação de alteridade.” (Braga; Acosta-Pereira, 2016, p. 1514), podemos refletir a produção do resumo como um processo em construção, ou seja, a escrita sempre pode “[...] ser retomada e receber continuidade [...]” (Indursky, 2016, p. 32). Portanto, propomos conceber o caminho a ser trilhado tendo em vista que a produção da prática discursiva da escrita acadêmica do resumo possibilita processos que passam pela incompletude e desestabilização dos sentidos (Indursky, 2001, 2016).

O convite é refletir o resumo sob o viés de uma leitura desestabilizadora, não buscando o sentido “verdadeiro”, mas o “[...] real do sentido em sua materialidade linguística e histórica [...]” (Orlandi, 2015 [1999], p. 57), percebendo as nuances de controle do dizer (poder de coerção exercido pelo pedagógico), os apagamentos e deslizes que perpassam o discurso dos estudantes em suas práticas discursivas da/na escrita. Para traçar este percurso analítico discursivo da escrita acadêmica dos resumos foi delimitado como objeto de análise o arquivo⁵ disponibilizado pelo professor Dr. Sandro Braga, que versa sobre produções escritas por estudantes que cursaram a disciplina de Produção Textual Acadêmica (PTA). A partir do arquivo disponibilizado foram selecionados para compor este *corpus* as produções escritas por acadêmicos da graduação de Engenharia Elétrica.

⁵ O conceito de arquivo adotado nesta dissertação assume as definições estabelecidas na Análise de Discurso por M. Pêcheux (1994) e J.J. Courtine (2022), e será detalhado no capítulo 3 - Condições de produção: a construção do *corpus* de pesquisa, por entendermos necessária uma definição mais estruturada sobre o tema com o intuito de subsidiar a escrita do capítulo, principalmente, no que tange às condições de produção do *corpus*.

Considerando a quantidade e multiplicidade de produções textuais escritas que compõem o arquivo disponibilizado (o arquivo é composto por produções dos cursos de Letras e Engenharia Elétrica), delimitou-se o *corpus* de pesquisa para as produções do curso Engenharia Elétrica. Considerou-se, principalmente, a oportunidade para uma reflexão sobre a escrita acadêmica na universidade em um curso do campo das ciências exatas que, em sua grade curricular, possui apenas essa disciplina voltada para a leitura e escrita acadêmica, mas que ao longo do percurso na universidade irá solicitar dos acadêmicos a leitura e a produção escrita de gêneros textuais/discursivos como resumo, resenha, fichamento, seminário, artigo, dentre outros. Assim, percebe-se a oportunidade de reflexão sobre a escrita acadêmica em uma área de conhecimento que não tem nela (escrita) seu objetivo essencial/final, mas que faz uso da escrita como ferramenta de transposição do conhecimento para o meio acadêmico e científico.

Assim, no intuito de delinear este gesto analítico, organizamos a dissertação em *Capítulo 1 Apresentando o percurso*, contendo breve introdução e contextualização da temática da pesquisa, objetivo geral e específicos, justificativa e relevância.

O *Capítulo 2 Prática discursiva da escrita: a noção de resumo em Análise de Discurso*, será dedicado para a construção teórica de conceitos em AD, dissertando sobre tópicos fundamentais da disciplina, dentre língua, discurso, memória discursiva, interpretação, incompletude e silêncio em Pêcheux (2006 [1983], 2014a [1975]) e Orlandi (2007a [1992], 2015 [1999]). Na sequência apresentamos questões sobre a escrita acadêmica que se dá no processo de ensino aprendizagem visando no ensino superior o discurso científico, mas sendo ela [escrita acadêmica] atravessada pelo discurso pedagógico. A proposta é traçar um percurso de explanação quanto à constituição do discurso científico alçado a um dizer “verdadeiro” estabelecendo uma relação de saber/poder a partir de Foucault (2014 [1971], 2022 [1979]).

Na sequência, o *Capítulo 3 Condições de produção: construção do corpus de pesquisa*, detalhamos o conceito assumido para a definição de arquivo. Apresento a composição do *corpus* de pesquisa e os procedimentos metodológicos utilizados para a estruturação do dispositivo analítico em recortes e sequências discursivas. São,

ainda, descritos os modos de entrada das produções textuais e nomenclaturas adotadas para distinguir as materialidades em análise.

Por fim, o *Capítulo 4 Dispositivo analítico: análise dos efeitos de sentido*, versa sobre as análises das materialidades a partir do *corpus* selecionado. São delineados dois Recortes Discursivos que possibilitam um gesto analítico dos efeitos de sentido expostos nas produções dos resumos, tanto na etapa de escrita quanto de reescrita. O dispositivo analítico foi dividido em *Recorte Discursivo 1 (RD1) – “Escrita – Reescrita”: Marcas dos efeitos de sentidos*, distribuído em sequências discursivas (SDs) dos efeitos metafóricos, memória discursiva - pré-construído, incompletude e silêncios. *Recorte Discursivo 2 – “Feedback – Reescrita”: O entremeio dos sentidos*, com sequências discursivas (SDs) dos procedimentos de controle dos discursos e as possíveis marcas de inscrição dos sujeitos. O agrupamento de sequências discursivas dentro dos recortes permite a produção de um gesto analítico que busque no espaço simbólico possibilidades de interpretações.

Por fim, são apresentadas as Considerações Finais esboçando um entrelaçar entre a teoria e os gestos analíticos apontando os efeitos de sentido apreendidos que tencionam um ilusório efeito interpretativo resultantes das materialidades analisadas.

2. CONSTRUINDO SENTIDOS: O RESUMO NA PRÁTICA DISCURSIVA

As palavras são cheias de sentidos *a não dizer* e, além disso, colocamos no silêncio muitas delas. (Orlandi, 2007a [1992], p. 9, grifo da autora).

O percurso agora segue para a fundamentação teórica que permeia o trabalho de análise do *corpus* de pesquisa. Ressalto que os conceitos elaborados nesta parte buscam construir um dispositivo teórico que possa balizar o dispositivo analítico, possibilitando “o trabalho no entremeio da descrição com a interpretação” (Orlandi, 2015 [1999], p, 59). Em tempo, é importante destacar que ao longo da escrita desta dissertação conceitos relativos à Análise de Discurso são entrepostos com o intuito de embasar e/ou ampliar as discussões apresentadas. E, retomando a epígrafe deste capítulo, sendo as palavras cheias de sentidos que, ora são ditos, ora não, este dispositivo teórico às vezes colocará em silêncio muitas delas.

Para construir discursivamente o conceito de resumo, prática discursiva e escrita acadêmica, partiremos de fundamentos basilares em AD; a sequência teórica foi estruturada de acordo com as percepções desta analista por entender, ilusoriamente, que as ideias expostas fundamentaram melhor a materialidade linguística do *corpus*. Mas, cada material disposto para análise por diferentes analistas sempre vai resultar em efeitos de sentido outro, pois em AD “Uma vez analisado, o objeto permanece para novas e novas abordagens. Ele não se esgota em uma descrição.” (Orlandi, 2015 [1999], p. 62).

Assim, esse capítulo divide-se nas seguintes seções: i) a noção de discurso, língua/linguagem, texto/discurso, ideologia, sujeito e memória; ii) a noção de polissemia/paráfrase e interpretação quanto aos processos de significação do dizer (dito e não dito) e autoria; iii) a noção comumente do gênero textual/discursivo de resumo e como pensamos discursivamente neste trabalho, associando aos conceitos até este ponto desenvolvidos; iv) a noção de prática discursiva da escrita e escrita acadêmica, os discursos científico e pedagógico. Ao longo do capítulo os conceitos são entrelaçados com o intuito de compor um dispositivo teórico que permita a “[...] alteração da posição do leitor para o lugar construído pelo analista. Lugar em que se mostra a alteridade do cientista, a leitura outra que ele pode produzir. Neste lugar, ele

não reflete, mas situa, compreende, o movimento da interpretação inscrito no objeto simbólico [...]” (Orlandi, 2015 [1999], p. 59).

2.1. O DISCURSO DO COMEÇO...

[...] o discurso [...] é lugar de encontro, de imbricação, de mediação e observação. E é também de certa forma uma metáfora que requer a cada construção um transporte de um campo para outro. (Leandro-Ferreira, 2003, p. 194)

Ao produzir um efeito-início⁶ com as primeiras linhas escritas nesta dissertação a proposta colocada é a de inscrição de uma mulher⁷ em um discurso que opera na dupla dispersão “[...] a dos textos e a do sujeito [...]” (Orlandi, 2008 [1988], p. 53), ainda pelas palavras da epígrafe de Leandro-Ferreira (2003), imbricada em diferentes efeitos de sentido, incompletudes, apagamentos e silêncios, com o olhar direcionado para condições de produção desta [mulher], inserida em uma sociedade, em sua história⁸ e cultura, inscrevendo suas palavras em uma formação discursiva⁹ que

⁶ A expressão “efeito-início”, trata-se de uma noção formulada por Noeli Tejera Lisbôa em sua dissertação de mestrado – A pontuação do silêncio: uma análise discursiva da escrita de Clarice Lispector, defendida em 2008 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁷ Adotou-se aqui a palavra mulher com o intuito de marcar uma subjetividade intrínseca ao texto que está sendo produzido, também para permitir a construção do conceito de sujeito de acordo com a Análise de Discurso que ocorre ao longo do presente capítulo.

⁸ O termo história está posto nesta pesquisa em relação à historicidade seguindo a perspectiva da Análise de Discurso, o conceito de **“historicidade”** é central e remete à inscrição da história na língua. Conforme enfatizado por Leandro Ferreira (2003), essa historicidade não se limita a uma mera sequência cronológica de eventos, mas destaca a conexão íntima entre a história e a construção de sentidos no discurso, como bem define Orlandi (2015 [1999], p. 66) “[...] trama de sentidos nele [discurso]”. Já a **“exterioridade”**, segundo Leandro Ferreira (2003), não se caracteriza pela objetividade empírica de algo exterior à linguagem; ao contrário, configura-se como “[...] no próprio trabalho dos sentidos atuando em determinados textos, enquanto discursos.” (p. 191). Nessa mesma linha de raciocínio, Orlandi (2007b [1996]), citando P. Henry (1994), contribui ao abordar a história não como uma sucessão linear de eventos com sentidos já atribuídos, mas como fatos que demandam interpretação. A materialidade desses sentidos, conforme Henry (1994), não pode ser apreendida em si mesma, mas emerge no discurso. A determinação histórica dos sentidos, portanto, não reside na evolução cronológica, como salienta Orlandi (2007b [1996], p. 33), mas sim nos modos como esses sentidos são produzidos e circulam. Assim, ao afirmarmos a historicidade na AD, não estamos preocupados com datas, mas sim com a compreensão dos processos de produção e circulação dos sentidos, revelando a estreita relação entre linguagem, história e discurso. Em relação a esta pesquisa, entende-se que a historicidade estabelece os sentidos tanto no discurso da obra literária “A Revolução dos Bichos” (Orwell, 2023 [1945]), pois resulta em um trabalho de interpretação por parte do estudante; assim como, a historicidade estabelecida no trabalho de interpretação por parte desta analista.

⁹ Para Pêcheux (2014a [1975]) a formação discursiva é definida como o conjunto de regras e condições que, dentro de uma formação ideológica específica, determina o que pode e deve ser dito. Nesse

determina o lugar que ocupa como sujeito¹⁰ do seu dizer. Desse modo, conforme Orlandi (2015 [1999]), quem vos fala ocupa uma posição que lhe dá a identidade de estudante de mestrado que ao mesmo tempo “[...] é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas [...]” (p. 48), assim, assujeitada, ou seja, submetida à língua.

Parto desse assujeitamento para refletir sobre a língua a partir do viés da AD, perspectiva a qual este trabalho se filia, intentando “[...] compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem [e da mulher] e da sua história” (Orlandi, 2015 [1999], p.13), nessa concepção a língua é constituída por processos históricos-sociais essenciais para a construção de significados e a negociação de sentidos. À vista disso, o conceito de discurso se afasta do modo esquemático de definir a comunicação em sua função e seus elementos¹¹, portanto,

[...] não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. (Orlandi, 2015 [1999], p. 19).

sentido, as palavras e expressões adquirem seus significados a partir da formação discursiva em que são produzidas, refletindo as posições e os interesses dos sujeitos que as empregam. Conforme Orlandi (2015 [1999], p. 41), “[...] as formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do discurso, configurações específicas dos discursos e suas relações.”. Tratando-se de um lugar onde se constitui o sentido e se dá a identificação do sujeito. É nesse espaço que o sujeito se reconhece e se relaciona consigo mesmo e com outros sujeitos, criando a base para o consenso intersubjetivo – a evidência de que “eu” e “tu” somos sujeitos. Essa identificação é crucial para a formação da identidade do sujeito dentro de um determinado campo discursivo. A relação entre sujeito, texto e discurso dentro de uma formação discursiva produz a impressão de unidade e transparência no discurso. No entanto, as formações discursivas não são homogêneas nem estáticas. Elas são atravessadas por contradições, influências externas e elementos de outras formações discursivas, que trazem consigo pré-construídos e discursos transversos. Essa dinâmica confere às formações discursivas fronteiras fluidas e instáveis, constantemente configuradas e reconfiguradas pelas interações discursivas.

¹⁰ A palavra sujeito é usada em nossa pesquisa tomando os conceitos trabalhados em Pêcheux (2014a [1975]), e será delineado ao longo da dissertação, partindo do entendimento do autor de que se trata de uma forma-sujeito, ou seja, o sujeito afetado pela ideologia (Pêcheux, 2014a [1975]).

¹¹ O estudo publicado por Roman Jakobson em 1960 na *Style in Language* (organizado por Thomas A. Sebeok, Nova Iorque, MIT, 1960) intitulado *Linguística e Poética*, apresentou os estudos que o linguista se dedicava para entender a finalidade com que a língua era utilizada, ou seja, a sua função em uma comunicação estabelecida entre um remetente (falante/codificador) e seu destinatário (ouvinte/decodificador). A partir dos estudos de Karl Buhler, Jakobson apresenta seis fatores constitutivos determinantes das funções da linguagem, sendo os fatores: remetente (codificador), mensagem, destinatário (decodificador), contexto (ao qual se faz referência durante a comunicação é passível de reconhecimento por parte do destinatário), código (comum a ambos - remetente e destinatário), e contato (canal físico).

Sob essa perspectiva, busca-se entender a língua para o homem enquanto discurso em interação com sua vida social, não sendo inocente e/ou neutra, mas sim mediadora da realidade e estudada somente dentro da sociedade, pois é constituída sócio-historicamente, conseqüentemente a “[...] língua é assim condição de possibilidade do discurso.” (Orlandi, 2015 [1999], p. 20), e o lugar de um sujeito afetado pela história que se constitui na relação com o simbólico na história. Destarte, “o sujeito está na língua, já que se diz por ela, se identifica nessa língua a partir da qual vai encontrar um lugar de dizer” (Indursky, De Nardi e Grantham, 2005, p. 113), dessa maneira, o olhar é voltado para o homem inserido na sociedade, percebendo sua história, cultura e condições de produção da linguagem, passando a análise para a exterioridade da linguagem a que se relaciona.

Nessa passagem para a exterioridade, deixamos de enxergar os textos como conteúdos, mas os tomamos como discursos, ou seja, o trabalho passa para “[...] uma região menos visível, menos óbvia e menos demonstrável, mas igualmente relevante, que é a da materialidade histórica da linguagem.” (Orlandi, 2015 [1999], p. 66). Assim, o discurso passa a ser o lugar e a relação entre a língua e a ideologia, ou seja, passamos para a materialização da língua no discurso, este na ideologia, que necessariamente existe pelo sujeito. Como define Pêcheux (2014a [1975]), a “[...] ‘Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos’” (p. 141, grifo do autor), e é assim que a língua faz sentido. Os sentidos sozinhos não dão conta de representar um significado, somente a partir de posições ideológicas é possível se constituir os sujeitos e seus sentidos. A ideologia perpassa a realidade cumprindo a função de interação da linguagem e o mundo, fortalecendo com isso, a relação do sujeito com a história. Ou seja, sabe-se que:

[...] a linguagem nos constitui, que ela opera em uma relação de dispersão e unidade (discurso e texto) e que todo uso da língua implica em diferentes formas de significação da própria língua e da constituição do sujeito. Nesse sentido, o discurso não pode ser imaginado linearmente, como uma linha que segue uma direção e que não apresenta rupturas; ele é dispersão, no sentido de que não está organizado em uma direção rumo a um ponto final, e constitui todas as relações que envolvem linguagem, tanto verbal quanto não verbal. (Braga; Senem, 2017, p. 2686-2687).

Então, desde sua constituição o sujeito é dividido materialmente, sendo ele sujeito de uma constituição sócio-histórica que o afeta e o submete, para, assim, determinar os efeitos de sentido produzidos para se constituir e falar. Foucault (2008 [1969]) afirma que o lugar que o sujeito ocupa o torna sujeito do que diz, porém, o modo como ocupa esta posição se torna inacessível, ele apenas tem contato com sua exterioridade (interdiscurso), isto é, todos os dizeres que vieram antes afetam o modo como o sujeito significa. Essas reflexões nos levam a afirmar que as diferentes posições ocupadas pelos sujeitos, correspondem às diversas formações discursivas encontradas em um texto. À vista dessas afirmações, “A constituição do texto, do ponto de vista da ideologia, não é homogênea. O que é previsível, já que a ideologia não é uma máquina lógica, sem descontinuidades, contradições etc. É isto que as diferentes posições do sujeito representam no texto.” (Orlandi, 2008 [1988], p. 54).

A partir das considerações postas, quanto à constituição e posição do sujeito e a ideologia, depreende-se que o texto, tanto quando constituído pelo sujeito quanto pela ideologia, é heterogêneo, pois o sujeito marcará inúmeras posições no texto, estando ele [sujeito] submetido pela ideologia, portanto, em ambas as constituições [sujeito ou ideologia], tem-se um texto que é unidade e dispersão. Dito de outro modo, “É a relação do sujeito com o texto, deste com o discurso, e a inserção do discurso em uma formação discursiva determinada que produz a impressão da unidade, a transparência, em suma, a completude do seu dizer.” (Orlandi, 2008 [1988], p. 57).

Mas, ainda se faz necessário definir a constituição dos sentidos nos discursos, pois as palavras por si só não possuem sentido, mas precisam estar inscritas em uma formação discursiva. Temos então os traços ideológicos produzindo seus efeitos e contradições, assim, a ideologia se dá dentro da discursividade, concretizando-se em discurso. Com isso, temos o indivíduo sendo interpelado em sujeito pela ideologia Pêcheux (2014a [1975]), assim, quando afirmamos, por exemplo, que o indivíduo ao ingressar no ensino superior é uma pessoa que se dedicará aos estudos e à pesquisa acadêmica, passando a ser um sujeito interpelado-identificado pela ideologia designada na formação discursiva à qual está adentrando. Como define Orlandi (2008 [1988]), a partir de Pêcheux (2014a [1975]), a formação discursiva é:

[...] o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito. É nela que todo sujeito se reconhece (em sua relação consigo mesmo e com outros sujeitos) e aí está a condição do famoso consenso intersubjetivo (a evidência

de que eu e tu somos sujeitos) em que, ao se identificar, o sujeito adquire identidade.” (Orlandi, 2008 [1988], p. 58).

Agora na posição de sujeito estudante/acadêmico, dentro da formação discursiva da universidade, que determina o que ele pode ou deve dizer, e por meio da ideologia que fornece evidências de que estamos diante de um estudante/acadêmico universitário, pode-se observar a constituição dos sentidos e sua constituição como sujeito, como denomina Pêcheux (2014a [1975]), a forma-sujeito, que é a “[...] determinação histórica, uma forma de assujeitamento que, mesmo que eu seja eu e que ninguém possa falar, pensar do lugar que eu ocupo, reproduz uma generalização em que todos são ‘assujeitados’ ao modelo imposto historicamente.” (Senem, 2017, p. 21), sendo que este assujeitamento se dá ao modelo do discurso científico ao qual o estudante/acadêmico se depara e no qual o sentido adquire sua unidade.

Resta, ainda, estabelecer a definição de memória¹² que sob a perspectiva da AD tem na relação com o discurso o papel de interdiscurso¹³, assim, chamamos de memória discursiva “[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído¹⁴, o já-dito que está na base do dizível sustentando cada tomada de palavra.” (Orlandi, 2015 [1999], p. 29), assim podemos afirmar que, tudo aquilo que o sujeito fala como sendo de sua autoria já foi dito antes, isto é, “[...] o saber de muitas outras vozes e que retorna em nosso dizer sem pedir licença, inconsciente, constituindo todo o dizer com seus já ditos e seus apagamentos, manifestando-se no intradiscurso e o interdiscurso, o já dito, o que fala antes, em outro lugar [...]” (Lorenset, 2021, p.133).

¹² Em Pêcheux (2014a [1975]) o termo memória é tanto considerado como **interdiscurso** (memória discursiva que é estruturada pelo esquecimento); quanto como **arquivo** (nesta dissertação adotamos o termo “arquivo”, por critério de clareza, para elaborar o conceito de memória institucionalizada e organizada que compõem o *corpus* da pesquisa).

¹³ Nesta dissertação os conceitos de interdiscurso e intradiscurso são utilizados como aporte teórico em dois momentos distintos, sendo eles: 1. No percurso de elaboração teórica para definir o conceito de resumo que estamos tomando para a construção e desenvolvimento do dispositivo analítico, nesse momento o conceito de interdiscurso é fundamental para delinear discursivamente o gênero textual/discursivo resumo e amparar, consecutivamente, os processos discursivos desenvolvidos nas análises realizadas; 2. No trabalho de análise que é realizado no *corpus*, momento em que a teoria é colocada em funcionamento como procedimento de análise dos recortes discursivos.

¹⁴ O conceito de pré-construído coloca em jogo o já-dito e repetível, segundo Henry (2013, on-line), esse dizer independe da vontade do sujeito, pois o que é dito está permeado/atravessado por discursos anteriores. O conceito será abordado detalhadamente mais à frente na pesquisa, no subtópico que versará sobre a definição discursiva do resumo.

Passamos, então, os dizeres para o “anonimato” formando, com isso, uma nova voz, pois “As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua.” (Orlandi, 2015 [1999], p. 30). Dessa maneira, coloca-se em relação ao já-dito e o que está dizendo, uma relação do interdiscurso com o intradiscurso; tomemos emprestado de Courtine (2016 [1984]) suas definições sobre o tema, para o autor o interdiscurso (já-dito, história, memória) é representado no eixo vertical; e o intradiscurso (formulação e atualização) no eixo horizontal, dessa maneira tem-se a relação do “dizível” (interdiscurso) determinando “aquilo que estamos dizendo” (intradiscurso). Pensando na produção da escrita acadêmica dos estudantes, podemos estabelecer que a formulação (intradiscurso) do resumo é determinada pela relação com o texto-fonte, pois a obra literária em sua historicidade foi produzindo dizeres que possibilitaram aos sujeitos a sua constituição (interdiscurso), na perspectiva do já-dito/repetível os estudantes produzem os sentidos.

Ao mobilizarmos os sentidos pelo interdiscurso nos deparamos com um fator estruturante, o esquecimento, trata-se de uma ilusão necessária para que sujeitos e sentidos possam existir. Pêcheux (2014a [1975]), distingue em duas formas, o esquecimento número 1, o ideológico, baseia-se na ilusão de que o indivíduo é a fonte do que expressa, mesmo quando está reiterando palavras e construções discursivas provenientes de outros contextos, que o atravessam de maneira inconsciente, ou seja, sem que ele perceba disso. É crucial entender esse esquecimento não como a ausência de singularidade nos significados produzidos individualmente, mas sim como a concepção de que o sujeito não é a fonte de seu discurso. No esquecimento número 2, tem-se a ilusão de controle sobre o sentido, ou seja, acreditamos que “[...] o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, que só pode ser assim.” (Orlandi, 2015 [1999], p. 33). Ambos os esquecimentos são necessários para que sentidos e sujeitos se movimentem, e ocorra uma identificação com os dizeres.

No trabalho discursivo que estamos empreendendo, a relação entre o dizer - mesmo e diferente, é assentado na tensão entre processos parafrásticos e polissêmicos que lidam com a materialidade do discurso do ponto de vista do sedimentado e do deslocamento/ruptura, do reconhecimento do sentido dado pelo autor, na paráfrase, e das múltiplas atribuições de sentido que conferimos ao texto, na polissemia. Temos que:

[...] a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico. (ORLANDI, 2015 [1999], p. 36).

O que vemos acontecendo entre a paráfrase e a polissemia é a confrontação entre o simbólico e o político, isto é, o sujeito constituindo o já-dito em relação a instauração do novo ou retornando ao mesmo espaço do dizer, e nesse sentido temos o interdiscurso relacionado à paráfrase¹⁵, do dizer sedimentado, estabilizado, e o intradiscurso à polissemia, do deslocamento, do equívoco.

Ao longo deste primeiro tópico do Capítulo 2, traçamos o que intitulamos de “O Discurso do começo...”, para apresentar conceitos primordiais para AD, noções basilares para a elaboração do próximo tópico no qual trataremos sobre definições, igualmente fundamentais, de interpretação e autoria.

2.2. NO ENTREMEIO OS SENTIDOS...

[...] escrever implica repetição que, pode ser entendida como um retorno ao mesmo, mas que, pelo fato de aparecer em outro lugar e em outro momento, torna-se uma prática única. A repetição, entre tantas coisas, requer interpretação e memória ao mesmo tempo. (Schons, 2011, p. 139-140).

Em seu livro “Interpretação: autoria, leitura, e efeitos do trabalho simbólico”, Orlandi (2007b), nos apresenta logo no começo do capítulo 2 - Entremeio e Discurso, a seguinte afirmação: “Uma disciplina de entremeio é uma disciplina não positiva, ou seja, ela não acumula conhecimentos meramente, pois discute seus pressupostos continuamente.” (p. 23). Já em Orlandi (2002), a autora começa o artigo diferenciando “intervalo” de “entremeio”, afirmando que “[...] entremeio refere a espaços habitados simultaneamente, estabelecidos por relações contraditórias entre teorias. Relações em que não faltam pressões, processos de inclusão e de exclusão, hierarquização e legitimação, apagamentos, ou seja, relações de sentidos [...]” (p. 21). Trago estas duas citações na abertura deste subtópico com o propósito de suscitar a discussão dos

¹⁵ Para a linguística em geral o termo “paráfrase” é empregado como uma síntese reescrita de maneira diferente, mas expressando a mesma ideia. Em AD o conceito é deslocado para o repetível, a história e a memória, e o expomos ao longo da fundamentação teórica e dispositivo analítico.

sentidos no “entremeio” da incompletude, do silêncio e da interpretação. E pelas palavras da epígrafe de Schons (2011), escrever necessita desse “entremeio” para o estabelecimento de relações contraditórias entre teorias.

Consideremos, de partida, que a linguagem é ao mesmo tempo estrutura e acontecimento, devendo existir, necessariamente, em uma relação com a história e com o equívoco. Dessa maneira, percebe-se que mesmo sendo a linguagem propensa à unicidade, à descrição e à completude, ela convive com a falta, ou seja, com algo que não se fecha, com o movimento, com a incompletude, portanto, esta é condição da linguagem e do sujeito (Orlandi, 2007b). Tem-se, então, uma abertura para o simbólico, pois “[...] a falta é também o lugar do possível.” (Orlandi, 2015 [1999], p. 50). Mas apesar de dizermos que a significação é um processo aberto, ela está sujeita “[...] à determinação, à institucionalização, à estabilização e à cristalização [...]” (Orlandi, 2015 [1999], p. 50), isto é, os limites moventes de uma relação contraditória entre o mesmo e o diferente, entre a paráfrase e a polissemia (Orlandi, 1998b).

Nessa perspectiva, a incompletude do discurso conduz o sujeito a imergir na exterioridade e na história para inscrevê-la na continuidade interna do discurso, pois os sentidos sempre podem ser outros, como aponta Orlandi (2007a [1992], p. 10) “O não-um (os muitos sentidos), o efeito do um (o sentido literal) e o (in)definir-se na relação das muitas formações discursivas [...]”. Nesse movimento dos sentidos, do qual pressupomos que uma formação discursiva “puxa” outra ou diversas outras formações discursivas; o que já foi dito e esquecido em uma formulação/atualização do dizer, produz efeito sobre os dizeres, consideremos, então, que todo dizer tem uma relação com o não-dizer.

O não-dizer em AD é objeto de reflexão a partir das noções de interdiscurso, ideologia, formação discursiva e do silêncio (Orlandi, 2007a [1992]). Ao longo da nossa análise, por vezes, o não-dito aparecerá em meio às noções de interdiscurso, ideologia e formação discursiva, mas para este objeto teórico trabalhamos a noção a partir dos estudos focados no silêncio.

O silêncio, enquanto fenômeno linguístico, é estudado na AD (Orlandi, 2007a [1992]), como um modo de se estar no sentido, pois não o tratamos como uma mera ausência/falta de palavras ou sentidos, ao contrário, percebemos o silêncio “fluindo” das palavras, passamos a conhecer os processos de significação que são postos em

jogo, o modo como ele significa. “Assim, quando dizemos que há silêncio nas palavras, estamos dizendo que elas são atravessadas de silêncio; elas produzem silêncio; o silêncio ‘fala’ por elas; elas silenciam.” (Orlandi, 2007a [1992], p. 9). Daí podemos situar o trabalho do silêncio no entremeio dos efeitos de sentido que sempre estão em jogo, constituindo sujeitos e sentidos por meio da inscrição às múltiplas formações discursivas.

Para embasar nossa pesquisa em dois âmbitos analíticos diferentes, trazemos para a reflexão os conceitos de “silêncio fundador” e a “política do silêncio - silêncio constitutivo e silêncio local”. Os conceitos foram amplamente discutidos em Orlandi (2007a [1992]), e compõem o nosso propósito de estabelecer um conceito deslocado para o resumo, como também formam a base teórica do dispositivo analítico.

Começamos com o silêncio fundador, que diferentemente do que possamos em uma primeira leitura pensar, não se trata de um silêncio primeiro, originário ou absoluto, a concepção de um silêncio fundador passa para um atravessamento das palavras, ou ainda, aquilo que está entre elas, buscando o sentido outro, o não-dito que abre espaço para o recuo significativo permitindo a significação (Orlandi, 2007a [1992]). Na produção do resumo o estudante tem no silêncio fundante a “[...] possibilidade [...] de trabalhar sua contradição constitutiva, a que se situa na relação de ‘um’ com o ‘múltiplo’, a que aceita a reduplicação e o deslocamento [...]” (Orlandi, 2007a [1992], p. 15), o movimento dos sentidos, demonstrando que o dizer sempre poderia ser outro.

A política do silêncio é subdividida em: “silêncio constitutivo”, quando dizemos algo apagamos “outras” possibilidades de dizer, ou seja, ao escolhermos palavras, citações o enfoque dado ao resumo estamos, necessariamente, deixando de lado outras palavras, citações, recortes e enfoques sobre o que resumir, assim, “[...] para dizer é preciso não-dizer [...]” (Orlandi, 2007a [1992], p. 15). E o silêncio local, considerado pela autora como a censura propriamente dita, o impedimento de se dizer determinada palavra em determinadas formações discursivas.

Consideremos, na perspectiva que assumimos, que ao se dizer algo, necessariamente, estamos apagando a possibilidade de se dizer outra coisa, neste âmbito percebe-se que, discursivamente, os sentidos são dispersos, basta pensarmos no interdiscurso (o já-dito e repetível). Dessa maneira, o estudante, ao produzir seu

resumo a partir de um texto-fonte, está abarcado por outros discursos, e elabora (intradiscurso) sua escrita acadêmica dentro da possibilidade do dizível (memória discursiva), para tanto é a incompletude que permite, baseada na polissemia, esse múltiplo de sentidos que são expostos à opacidade do texto (Pêcheux, 2014b [1969]). Melhor dizendo, para a AD a linguagem não é transparente e o estudante é solicitado a “dar” um sentido, a explicitar em sua escrita como o objeto simbólico produz sentido, ele interpreta.

Assim, “[...] somos instados a interpretar [...]” (Orlandi, 2007b, p. 30) frente a condições específicas que se apresentam como universais e eternas, essas marcas produzem evidências de unidades que são dadas pela ideologia, por sua vez é sustentada pelo já-dito institucionalizado nos sentidos, isto é, admitidos como naturais (Orlandi, 2007b). Dessarte,

[...] o fato de que não há sentido sem interpretação, atesta a presença da ideologia [...] além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar [...] o sentido aparece-nos como evidência, como se ele estivesse já sempre lá. [...] Naturaliza-se o que é produzido na relação do histórico e do simbólico. Por esse mecanismo – ideológico – de apagamento da interpretação, há transposição de formas materiais em outras, construindo-se transparências – como se a linguagem e a história não tivessem sua espessura, sua opacidade – para serem interpretadas por determinações históricas que se apresentam como imutáveis, naturalizadas. Este é o trabalho da ideologia: produzir evidência, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência. (Orlandi, 2015 [1999], p. 43 – 44).

A perspectiva traçada entre ideologia e interpretação confirma que os sentidos não estão na língua, mas sim nas relações que ela estabelece entre os processos discursivos e a exterioridade, então, mediante a filiação do sujeito com a história podemos dizer que o sujeito interpreta e está fadado a significar. Dito de outro modo,

[...] ele está em plena atividade de interpretação, ele está atribuindo sentido às suas próprias palavras em condições específicas. Mas ele o faz como se os sentidos estivessem nas palavras: apagam-se suas condições de produção, desaparece o modo pelo qual a exterioridade o constitui. (Orlandi, 2007b, p. 65).

Nossa pretensão ao tratar de questões de significação é construir procedimentos que possibilitem clareza quanto à opacidade do texto por parte do sujeito-estudante no papel de leitor, pois para este sujeito a língua se apresenta com

um aspecto de um ideal purista, ou seja, acredita na transparência, univocidade e regularidades da língua. Dessa maneira, podemos afirmar que as ambiguidades que temos no texto são “[...] produzidas pelo efeito da opacidade inerente ao texto (bem como a qualquer objeto simbólico) que é provocado pelo encadeamento sintático que dá suporte e sentido às construções linguísticas.” (Leandro-Ferreira, 1998, p. 206).

Em tempo, apontamos, ainda, que em AD apesar de trabalharmos com múltiplos sentidos, não estamos com isso implicando para “qualquer um” sentido, a construção dos sentidos é circunscrita a determinadas condições sócio-históricas. Acreditamos que os sentidos “[...] são produto de uma construção linguística e histórica que passa por um processo social no qual os sujeitos determinam e são determinados.” (Leandro-Ferreira, 1998, p. 206). Destarte, ao questionarmos o sujeito sobre “como ele interpreta” um texto, deslizamos para “o que o texto fala”, e a partir desse deslizamento estabelecemos as condições de produção do discurso com base em certa paráfrase e polissemia. Assim, retomando Orlandi (2008 [1988]), quem lê e escreve produz significâncias historicamente determinadas, logo, ao ler e escrever o estudante reproduz e transforma os sentidos participando do processo sócio-histórico de um determinado lugar.

Considerando o lugar¹⁶ desse sujeito como constitutivo do que ele diz (Orlandi, 2015 [1999]), a posição que ocupa no discurso será produtora de palavras que signifiquem diferente, dito de outro modo, os recortes discursivos que realizamos em nossa pesquisa apontam para posições de professor e estudante, tais posições apresentam sujeitos atravessados ideologicamente. São exatamente estas posições que permitem uma análise quanto às condições de produções dos discursos, sendo estas uma implicação do que “[...] é material (a língua sujeita a equívocos e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário” (Orlandi, 2015 [1999], p. 38).

¹⁶ Em AD o “lugar do sujeito” (a situação empírica) é deslocado para a “posição do sujeito” mediante mecanismos de funcionamento do discurso, chamados de formações imaginárias. Essas formações estão estabelecidas em uma relação de sentidos, “[...] um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros.” (Orlandi, 2015, p. 37); nos mecanismos de antecipação, o sujeito ao se colocar no lugar do seu interlocutor antecipa-se quanto ao “[...] sentido que suas palavras produzem [...] regula a argumentação [...] segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte.” (Orlandi, 2015, p. 37); por fim, por relações de forças, “[...] o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que diz.” (Orlandi, 2015, p. 37).

Em particular, no campo imaginário, ao lidarmos com a posição do estudante, é a imagem do sujeito e objeto do discurso que carrega a posição ora de estudante, ora de autor de uma produção textual. Podemos então dizer que “[...] o texto é atravessado por várias posições do sujeito.” (Orlandi, 2008 [1988], p. 53), ou seja, as diferentes posições que o sujeito ocupa em um discurso denotam as diversas formações discursivas que derivam. Na formulação que adotamos para o sujeito, temos um projeto totalizante de discurso que busca converter este sujeito em autor (Orlandi, 2015 [1999], p. 71). Dessa maneira, o “[...] autor é o lugar em que se realiza esse projeto totalizante [...]” (Orlandi, 2015 [1999], p. 71).

Sendo o texto o lugar da unidade, e o sujeito ao constituir o texto em sua unidade se converte em autor, vemos estabelecer-se a ilusão da completude e a coerência (Orlandi, 2015 [1999]) no campo do imaginário. Essa ilusão de unidade do discurso e de identidade do autor está no nível da representação, que ao ser articulada ao real, dispersão dos textos e sujeito, é necessária para o funcionamento do discurso. Diante do exposto, do sujeito constituído como autor, e percebendo a autoria como constitutiva do texto, entendemos com Orlandi (2007b) que “[...] a noção de autor é já uma função da noção de sujeito, responsável pela organização do sentido e pela unidade do texto, produzindo o efeito de continuidade do sujeito.” (p 69). Orlandi (2007b, 2015 [1999]), circunda o conceito de autoria em Foucault, posto na “A ordem do discurso” (2014 [1971]), sobre os processos internos de controle do discurso, e parte para uma noção discursiva da autoria.

Enquanto Foucault (2014 [1971]), reserva a concepção de autor para situações enunciativas específicas (textos chamados de “fundadores de discursividade”) - buscamos com Orlandi (2007b, 2015 [1999]) expandir essa noção para o uso corrente, enquanto função enunciativa do sujeito (funções enunciativas do sujeito locutor e enunciador (Ducrot, 1987). Nesse contexto, a função-autor não está restrita, ela passa a ser constitutiva do sujeito que produz qualquer materialidade discursiva apresentando-se como origem, criando um texto com unidade e coerência. Ressalta-se nesse contexto, a articulação entre interioridade/exterioridade, para o reconhecimento de sua identidade como autor, esse processo foi nomeado por Orlandi (2007b, 2015 [1999]) como assunção da autoria, ou seja, implica-se “[...] uma inserção do sujeito na cultura, uma posição dele no contexto histórico-social.” (Orlandi,

2015 [1999], p. 74). Em outras palavras, em cada época a relação com a interpretação é diferente, do mesmo modo, a constituição do sujeito se dá de acordo com as formações discursivas e ideológicas em que este está inserido.

Iniciamos esta subseção estabelecendo o lugar da AD entre as disciplinas da Linguística e das Ciências Sociais, demonstramos estar no entremeio destas, colocamos os sentidos em “espaços habitados simultaneamente”, mas em “relações contraditórias”. Suscitamos a incompletude, o silêncio e a interpretação para uma reflexão do nosso objeto simbólico sob uma perspectiva de atravessamentos discursivos que possibilitam compreender como esses objetos produzem sentidos. Em continuidade ao aporte teórico, discorreremos sobre o discurso da escrita acadêmica, trazendo conceitos como subsídio para definir como pensamos o gênero resumo no âmbito discursivo do pré-construído. Para fechar a fundamentação, apresentamos a prática discursiva da escrita perpassada pelos Discursos Científicos e Pedagógicos.

2.3. AONDE SE CHEGOU: O DISCURSO DA ESCRITA ACADÊMICA...

[...] quando escrevemos, estamos sempre fazendo rascunhos em nossas vidas, os quais se cruzam com tantas outras vidas rascunhadas e (re)desenhadas, e que a nossa escrita implica escolhas, talvez diferentes daquelas que já estão legitimadas. (Schons, 2011, p. 140).

A prática discursiva da escrita é mote para diferentes produções no âmbito acadêmico, por se tratar de uma prática específica do sujeito¹⁷, é passível de reflexões em múltiplos campos teóricos. O que intentamos mover nesta subseção é um revisitar a questões conceituais em AD que permitam uma estruturação para o *corpus* de pesquisa, mas entendemos, como exposto na epígrafe deste tópico, que a produção passa por rascunhos, escritas e reescritas, implicando escolhas perpassadas por dizeres que falaram antes e se mostrarão ao longo do processo de escrita. O percurso teórico que estamos delimitando passa por escolhas de apropriação quanto aos

¹⁷Talvez dado os avanços tecnológicos que vivenciamos, a prática da escrita possa em futuras pesquisas ser analisada a partir de especificidades diferentes daquelas que empregamos neste trabalho, isto é, entendemos que o ato de escrever está aqui associado ao sujeito interpelado pela ideologia, mas ainda, trata-se da forma-sujeito histórica.

objetivos estabelecidos para esta dissertação, e como entrada no simbólico da discursividade em circulação.

No processo da escrita, sob a perspectiva da AD, articulamos o repetível e a atualização, ocorrendo deslocamentos, rupturas e movimentos na tentativa de controlar os sentidos, o sujeito-autor inscreve seu dizer em sentidos já-ditos, dessa maneira, “[...] ao reunir e organizar os recortes heterogêneos e dispersos provenientes do exterior, produz a textualização desses elementos que, ao serem aí recontextualizados, se naturalizam, ‘apagando’ as marcas de sua procedência, de sua exterioridade / heterogeneidade / dispersão.” (Indursky, 2001, p. 31). Vale dizer que, enquanto prática discursiva, a escrita trabalha para estabelecer a ilusão de sentido único, perseguindo “[...] apagar vestígios da exterioridade no interior do texto. E é esse trabalho discursivo da escrita que inscreve o sujeito ao mesmo tempo nas redes discursivas de memória e na função autoral.” (Indursky, 2016, p. 36).

Importa estabelecer que, “O discurso não é um conjunto de textos, é uma *prática*.” (Orlandi, 2008 [1988], p. 55, grifo meu), na qual o sujeito na condição de autor e de responsável pelo seu dizer, é interpelado sujeito-autor responsável (Pêcheux, 2014a [1975]). Dito de outro modo, “[...] é impossível analisar um discurso como texto, enquanto superfície fechada em si mesma [...] é preciso tomar o texto como discurso, enquanto estado determinado de um processo discursivo [...] uma prática efeito de sentidos entre interlocutores.” (Orlandi, 2008 [1988], p. 59). Frente a tais considerações, coloca-se a prática discursiva da escrita acadêmica como um dos modos pelos quais os sujeitos relacionam-se com a história, com o social, com o tempo, inscrevendo-se na memória social e discursiva.

Para conduzir o aporte teórico e problematizar o gênero textual/discursivo resumo, retomamos o conceito de memória discursiva lançado na primeira parte deste capítulo, agora explicitando o funcionamento do pré-construído conforme Pêcheux (2014 [1975]).

Em Senem (2017), a prática discursiva do resumo é construída a partir do conceito de pré-construído. De acordo com a autora, o resumo “[...] se caracteriza a partir de um pré-construído, alçado no que se espera da produção dessa prática discursiva, pois, apesar de estabelecer uma referência (e uma relação) com o texto-fonte, os enunciados ali colocados tornam-se de certo modo independentes [...]” (p.

24), ou seja, trata-se de “[...] construção anterior, exterior ao enunciado [...]” (Senem, 2017, p. 24).

Tomamos esse gesto conceitual sobre o gênero textual/discursivo como ponto de partida para pensar discursivamente o resumo. Note-se que a produção da escrita do resumo é atravessada por um dito anterior, nesse caso do texto-fonte¹⁸ “A Revolução dos Bichos” (Orwell, 2023 [1945]), isto é, “[...] remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado. Trata-se, em suma, do efeito discursivo ligado ao *encaixe* sintático.” (Pêcheux, 2014a [1975], grifos do autor).

O pré-construído como noção que constitui a caixa dos conceitos (Leandro-Ferreira, 2003), é base para a compreensão dos processos de produção de sentidos nos recortes discursivos objeto do nosso dispositivo analítico, ou seja, o pré-construído coloca em jogo o já-dito e repetível, e que independente da vontade do sujeito marca presença em seu dizer. Henry (2013, on-line), em entrevista concedida ao LABEURB¹⁹, fala que “o que se diz, o que se escuta, é sempre atravessado por algo que já foi dito, atravessado por um discurso anterior. [...] O discurso não funciona de modo isolado, ele está sempre ligado a outros discursos que se convocam, e são convocados por sua letra, sua materialidade.”.

É nesse exato lugar que alocamos o resumo, o estudante ao materializar “[...] no traço da letra da escrita acadêmica [...]” (Braga; Senem, no prelo) a produção do seu resumo o faz a partir do já-lá, do “domínio do saber” do qual se apropriou ao inserir-se no discurso, um discurso pedagógico, mas com vistas ao discurso científico, assim dizendo, o estudante ao escrever em uma disciplina de produção textual no âmbito acadêmico está interessado (intencionando) a sua inscrição no discurso da ciência. Para ingressar nessa esfera da escrita acadêmica o sujeito-estudante busca tornar válida sua produção retomando o já-dito no seu próprio dizer, por meio dos dizeres produzidos no discurso da ciência. Dessa forma, a escrita acadêmica desse estudante funciona no entremeio dos Discursos Pedagógicos (DP) e do Discurso Científico (DC) (Braga, 2015).

¹⁸ Empregamos a expressão “texto-fonte”, tanto como origem (discurso fundador - Orlandi, 2008 [1988]), quanto como a inscrição do sujeito em uma matriz de sentidos.

¹⁹ Entrevista cedida ao Laboratório de Estudos Urbanos (LABEURB) da Universidade Estadual de Campinas em dezembro de 2013 (HENRY, 2013, on-line).

A escrita acadêmica do resumo pensada nesse entremeio é atravessada por procedimentos de controle, nos termos de Foucault (2014 [1971], 2022 [1979]), que delimitam o discurso, para o autor “[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos [...]” (Foucault, 2014 [1971], p. 8), buscamos por meio dos procedimentos de controle compreender e refletir sobre a constituição do DP e DC alçados a um dizer “verdadeiro”, ao mesmo tempo que se estabelece uma relação de saber / poder objetivando um efeito de neutralidade e apagamento do sujeito que diz em sua produção da escrita acadêmica.

Foucault na sua aula inaugural em 2 de dezembro de 1970, no *Collège de France*, elaborou um pronunciamento que resultou no livro “A Ordem do Discurso” (Foucault, 2014 [1971]), esta obra é um momento de passagem, limiar, é o momento em que o autor estabelece uma implicação do discurso na relação saber-poder. De forma irônica e poética, ele teoriza sobre tomar a palavra em público demonstrando a dificuldade que tal “ato” representa, mas que ainda assim existe o desejo de o sujeito habitar a palavra, ou de fazer parte deste “ato discursivo”, mesmo sendo arriscada a ordem que o discurso instaura.

A universidade como um espaço de produção e construção de conhecimento abarca, dentre seus múltiplos papéis, esse tomar a palavra por meio da prática discursiva da escrita, mirando o científico como um modo de inscrição desse estudante no dizer verdadeiro. Cabe, também, pontuar que é constitutivo do imaginário que o discurso da ciência procura ignorar as condições históricas e ideológicas, ou seja, “O mundo da ciência fez disseminar a ideia de que éramos capazes de controlar a verdade por intermédio do controle do discurso: apoiados na pretensão de controlar o discurso e sua origem, os cientistas desconsideravam que a gênese da linguagem, do discurso e da escrita é a própria história.” (Pereira, 2013, p. 217).

Quando buscamos nos procedimentos de controle de Foucault o “dizer verdadeiro” estamos trazendo à tona ao campo da ciência um “[...] discurso que funciona como um atrator, uma rede de sentidos que viabiliza caminhos argumentativos e compreensivos de modo que dê sustentação aos enunciados válidos.” (Pereira, 2013, p. 216). Procura-se por um dizer impessoal, que funcione

como um artifício para tentar distanciar o sujeito da linguagem, como se o dizer científico fosse capaz de transcender o mundo e a história. E neutro, por contribuir para “[...] disseminar a ideia acerca da possibilidade de uma verdade universal que, na mesma esteira da linguagem que a enuncia, existe fora do mundo e da história.” (Pereira, 2013, p. 216). Nesse sentido, a ciência propaga a ideia de controle da verdade por intermédio do controle do discurso.

Consideremos os procedimentos de controle e delimitação postos em Foucault (2014 [1971]) para tratar do DC em uma relação com o poder e o saber. Nos delimitaremos em um recorte dos princípios **externos**, por se tratar de princípios de exclusão apoiados em suportes institucionais, e os princípios **internos** que controlam a circulação dos discursos, tornando sua circulação rarefeita. Dentro dos **princípios externos**: *Interdição* - temos regulado o que pode ser dito e pensado dentro do discurso científico, delimitando seus limites e estabelecendo o que é considerado "verdadeiro" ou "falso". *Separação e Rejeição*: Exclui enunciados e saberes que não se encaixam nos parâmetros do discurso científico, marginalizando perspectivas alternativas. *Vontade de verdade*: base de todos os procedimentos anteriores, trata-se da busca incessante por uma verdade universal e objetiva, ignorando a natureza complexa e multifacetada do conhecimento.

Os **princípios internos**: *Comentário* - reinterpretação e atualização de enunciados científicos anteriores, perpetuando a tradição e a hierarquia do conhecimento, alguns textos são reproduzidos indefinidamente, enquanto outros são interditados, nele o dizer está preso ao autor. *Autoria*: princípio de certo modo complementar ao *comentário*, aqui entendido como princípio de agrupamento do discurso. *Disciplina* - divisão do conhecimento em áreas estanques, limitando o diálogo interdisciplinar, nela os discursos são rarefeitos e limitados ao dizer verdadeiro.

Se considerarmos que “[...] as palavras e a estrutura do texto devem servir quase tão somente para promover a compreensão do objeto de que tratam.” (Pereira, 2013, p. 218), e que este objeto é retratado de forma seca, objetiva, neutra e sem o uso de figuras de estilo e linguagem, perceberemos que o cenário exposto para o DC é imbricado pelo DP, por exemplo, a escrita do resumo no âmbito da esfera acadêmica universitária visa à “[...] inscrição dessa letra ao discurso científico, sendo que essa

produção se dá, necessariamente, afetada pelas marcas do processo de aprendizagem, que podem ser entendidas como características do discurso pedagógico sobre a produção dessa escrita.” (Braga; Senem, no prelo). Mas a tomada de gêneros textuais/discursivos com caracterizações, constituição e condições de produção diferentes não absolutamente estarão aí imbricadas, pois

[...] a escrita acadêmica tomada como objeto do discurso pedagógico não se configura como discurso *da* ciência, necessariamente; portanto escrita acadêmica e discurso científico não devem ser compreendidos como sinônimos. Disso apontamos que a escrita acadêmica não é o discurso científico; é a materialidade sobre a ciência em que a própria ciência se constitui como objeto. (Braga; Senem, no prelo).

Para encerrarmos este capítulo, cabe uma última conceituação quanto ao funcionamento do DP, partimos de Orlandi (2015 [1999], p. 85) que distingue os discursos em três tipos: **discurso autoritário**, marcado por uma polissemia contida, temos um locutor exercendo o papel do dizer com exclusividade, enquanto o interlocutor é apagado; **discurso polêmico**, tem-se uma polissemia controlada, ou seja, locutor e interlocutor dividem o papel nos gestos de interpretação, e o **discurso lúdico**, a polissemia é aberta, isto é, os sentidos não recebem nenhum tipo de controle. Essas tipologias foram estabelecidas pela autora considerando as condições de produção da esfera escolar, e quando da sua proposição, o Discurso Pedagógico foi caracterizado como um discurso predominantemente autoritário, pois a autora reconhece a imposição do dizer do professor (enunciador) sobre o do estudante (enunciatário).

No entanto, enfatizamos um certo deslocamento na predominância do DP, concebemos o DP imbricado com o DC, pois “[...] as práticas de escrita na universidade se configuram na medida em que o sujeito, na posição de estudante universitário, inscreve-se na escrita acadêmica, guiado pelo discurso pedagógico, visando à produção e o efeito do discurso da ciência.” (Braga; Senem, no prelo).

Encerramos a construção do dispositivo teórico considerando que, a elaboração de um objeto simbólico atravessado por uma materialidade histórica permeada por deslocamentos, furos, incompletudes e silêncios, próprio do dizer de uma disciplina de entremeio que precisa, para lidar com sua “caixa de sentidos”, do esquecimento e da memória para produzir um “[...] espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos.” (Pêcheux, 2015, p. 50).

3. DELINEANDO O PERCURSO: A CONSTRUÇÃO DO *CORPUS*

É preciso escrever com-ciência a escrita acadêmica. Consciência de que quando se está a escrever não sabe ao certo onde se vai chegar. Pode-se até saber onde se deseja chegar, mas a chegada é sempre um lugar novo que se está conhecendo pela primeira vez. (BRAGA, 2015, p. 152).

A fim de particularizar a constituição do *corpus* de pesquisa, trabalhamos em um gesto de interpretação que estabelece o batimento entre o dispositivo teórico e o dispositivo analítico, no qual pretende-se construir “[...] a partir do material bruto, um objeto discursivo em que analisamos o que é dito nesse discurso e o que é dito em outros, em outras condições, afetados por diferentes memórias discursivas.” (Orlandi, 2015 [1999], p. 63), ou seja, o gesto de análise demanda escrever com “com-ciência”²⁰, em um confrontar do *corpus* “dessuperficializado”, Orlandi (2015 [1999]), com a teoria, a partir de um gesto interpretativo com vistas a se compreender como se dá a produção dos efeitos de sentidos, um lugar novo.

Consideramos na AD que a constituição do *corpus* é o passo inicial, pois é nele que são delimitados os critérios teóricos e o percurso a ser desdobrado nas análises. Entendemos também que, uma pesquisa pode ser composta por um *corpus* experimental, ou *corpus* de arquivo (Courtine, 2022), a depender do âmbito, extensão e disponibilidade das materialidades e estudo realizado. Para a nossa pesquisa trabalhamos com um *corpus* de arquivo, aquele que compõem o campo de “[...] documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão.” (Pêcheux, 1994, p. 57). Nosso arquivo foi disponibilizado pelo professor Dr. Sandro Braga, um dos docentes da disciplina *Produção Textual Acadêmica*, ministrada aos estudantes ingressantes nos cursos de graduação²¹ da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Antes de delimitarmos as condições de produção que perpassam o *corpus* da dissertação, acreditamos ser interessante um breve apontamento para o quadro de pesquisas que já se concentraram na materialidade do gênero textual/discursivo resumo.

²⁰ (*Sic*). Retomando o dizer da epígrafe.

²¹ A disciplina de *Produção Textual Acadêmica* é ofertada aos seguintes cursos de Graduação: Biblioteconomia, Ciências Contábeis, Ciências Sociais, Engenharia Elétrica, Engenharia Eletrônica, Fonoaudiologia, Letras Português e Secretariado.

3.1. O RESUMO EM FOCO: PANORAMA DE PESQUISAS

[...] qualquer discurso produzido está suscetível de entrar em um *corpus* discursivo e, portanto, suscetível de ser tratado em AD, traz um problema: não existe, na realidade, nenhuma “nebulosa discursiva” que reúna a infinidade de discursos produzidos e que espere, em uma coexistência plana, que um analista do discurso venha tirá-los do esquecimento. Há discursos que jamais serão objeto de análise alguma, outros, ao contrário, pelos quais os analistas de discurso são ávidos [...]. (Courtine, 2022, p. 70, grifo do autor)

Quando apresentamos o percurso no texto introdutório, justificamos a relevância dessa pesquisa pela necessidade de o resumo merecer um olhar mais atento para o seu modo de funcionamento na universidade, também por se tratar de um gênero textual discursivo já conhecido pelos estudantes. Naquele momento percebemos a oportunidade de ampliar o olhar quanto à importância da pesquisa que estamos desenvolvendo, nesse intuito, buscou-se no Catálogo de Teses & Dissertações da Capes e, na Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), por teses e dissertações que abordassem a temática de pesquisa sobre resumo, focando a área de concentração da Linguística e da Linguística Aplicada. Retomando o dizer da epígrafe de Courtine (2022), buscou-se por pesquisas suscetíveis de serem tratadas em AD como objeto de análise.

Os parâmetros utilizados para a pesquisa foram delimitados para filtrar pesquisas realizadas a partir do ano de 2000 até 2021, objetivando averiguar a quantidade de trabalhos publicados nos últimos anos, levando em conta que as últimas publicações de livros, sobre resumo, datam de meados dos anos 2000²². Observa-se na Tabela 1 a quantidade de trabalhos encontrados nas bases de dados.

²² Em pesquisa, foram encontradas as seguintes obras: **Revisitando o Conceito de Resumos**, *In* Gêneros Textuais & Ensino, Anna Rachel Machado, 1ª ed. 2002. **Resumo** (compõe a coleção Leitura e Produção de Textos Técnicos e Acadêmicos), Rachel Machado, Eliane Lousada e Lília Abreu-Tardelli, 1ª ed. 2004. **Produção textual na universidade**, Désirée Motta-Roth, Graciele Rabuske Hendges, 1ª ed. 2010. **Escrever na universidade: fundamentos**, Carlos Alberto Faraco, Francisco Eduardo Vieira, 1 ed. 2019.

Tabela 1 - Levantamento em Base de Dados

Base de dados	Teses	Dissertações	Pesquisas sobre o gênero resumo	Pesquisas utilizam o gênero como suporte ²³
Capex (Catálogo de Teses & Dissertações)	1	3	4	-
BDTD	-	7	1	6
Pesquisas depositadas em ambos os bancos de dados (repetição)	5	5	8	2

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados obtidos na BDTD e na Capex

Pode-se observar na Tabela 1 que foram encontradas 21 pesquisas distribuídas entre teses e dissertações, como a busca abarcou dois diferentes portais de depósitos de teses e dissertações, notou-se que alguns trabalhos foram depositados em ambos os portais de dados consultadas - cinco teses e cinco dissertações figuram em ambos os portais. Outro dado interessante no levantamento, é o fato de que treze pesquisas tratam especificamente sobre o gênero textual/discursivo resumo, em comparação com oito que utilizam as produções textuais de resumos como suporte para a elaboração de análises em diferentes temáticas.

Das pesquisas que trabalham com o resumo vamos destacar duas em particular por apresentarem certa aproximação com a temática desta dissertação. E das pesquisas que utilizaram os resumos como suporte destacamos também dois trabalhos que tomam a AD de linha francesa ora como base teórica para análise, ora como objeto fim para levantamento quantitativo de trabalhos realizados em AD francesa.

²³ Utilizamos o termo “suporte” para demonstrar as pesquisas (teses e dissertações) encontradas nas bases de dados que constituíram seu *corpus* de pesquisa baseados no gênero resumo como materialidade para suas análises e reflexões, mas, não estudando necessariamente o gênero em suas particularidades.

Começemos com as pesquisas que apresentam certa aproximação e tratam especificamente do gênero resumo. A tese “Gêneros textuais e produção universitária, o resumo acadêmico”, autora Vicentina Maria Ramires Borba, e a dissertação “O resumo produzido no meio acadêmico sob a luz de uma abordagem linguístico-textual”, autora Biolange Oliveira Piegas, ambas abordam o gênero resumo na perspectiva sociointeracionista inspirada nas formulações de Bakhtin e analisam a escrita acadêmica de estudantes da graduação problematizando a qualidade das produções textuais dos acadêmicos quanto à compreensão e organização requeridas pelo gênero.

Apesar de ambos os trabalhos partirem de *corpus* semelhante ao adotado em minha pesquisa, nota-se o distanciamento quanto aos objetivos definidos (problematização da qualidade dos textos), com foco na adequação ao gênero, na elaboração do resumo de forma coesa e coerente, e uma apresentação concisa, isso se deve, principalmente, pela adoção teórico-metodológica ser diferente. Pois, mesmo reificando a relevância dos aspectos inerentes ao gênero quanto à organização textual, esta pesquisa investe nos modos e nos efeitos de sentido do resumo e do que ele pode significar na instância da produção acadêmica, uma vez que em AD procura-se “[...] compreender a língua fazendo sentido [...]” (Orlandi, 2015 [1999], p. 13), mas sem o julgamento quanto à qualidade da produção (certo e errado), ainda que, discursivamente, façamos uma análise quanto à adequação à estrutura do gênero, à sintaxe e à semântica. Assim, o propósito passa por perceber o “[...] funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história [...]” (Orlandi, 2015 [1999], p. 19).

As pesquisas que utilizam o resumo como suporte são em nível de mestrado. A primeira delas “O ensino-aprendizagem do português escrito para surdos em pesquisas: análise de resumos acadêmicos (1987-2010)”, de Geane Izabel Bento Botarelli, é composta por resumos como suporte para responder às questões de quem, quando, onde e como tem sido a investigação sobre o ensino-aprendizagem do português escrito para surdos, ancorada teoricamente pela AD de linha franco-brasileira, cuja análise recai sobre o dito e o não dito.

A segunda pesquisa, “Análise de conteúdo em teses e dissertações na região Centro-Oeste: temas em análise do discurso”, autora Mara Eli Souza Camargo. O

trabalho buscou identificar a partir de resumos acadêmicos os principais teóricos mobilizados e as temáticas em AD dentro do período de 2000 a 2010, a metodologia utilizada foi a análise de conteúdo.

É interessante perceber nessas duas dissertações a relevância da Análise de Discurso na produção científica, proporcionando instrumental teórico para o desenvolvimento do fazer científico, e a visibilidade e desenvolvimento crescente da área. Destarte, o levantamento realizado nos bancos de dados demonstra a relevância deste estudo, pois o resumo em nossa pesquisa será tomado como materialidade para se perceber os efeitos de sentido produzidos pelos estudantes na escrita acadêmica, decorrente dos processos de aprendizagem no ensino superior.

3.2. CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO *CORPUS*

[...] o que temos, empiricamente, é um *continuum* discursivo, em que o início e o fim não são determinados e, logo, não são detectáveis perceptualmente. O que se analisam são estados de um processo discursivo sem pretender fechar esses dados em si mesmos, mas, antes, vendo neles relações com outros estados, igualmente significativos, desse processo. (Orlandi, 1998a, p. 10)

A construção do dispositivo teórico possibilitou delinear o campo da AD e fundamentou um construto discursivo no qual entendemos os dizeres como “[...] efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas [...]” (Orlandi, 2015 [1999], p. 28), é sobre estas condições que nos debruçamos agora. Com a epígrafe de Orlandi (1998a), marcamos o *corpus* em um processo discursivo de relações entre os dados analisados em diferentes condições de produção não fechadas em si. Como já apontamos, nosso estudo será realizado a partir da análise da produção textual de resumos escritos por estudantes ingressantes na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), *campus* Florianópolis, matriculados na disciplina de Produção Textual Acadêmica (PTA). O arquivo disponibilizado era composto por produções textuais de dois cursos diferentes, Licenciatura em Letras Português e Literaturas e Engenharia Elétrica, para as duas turmas foram aplicadas a mesma atividade motivadora dos textos que compõem o arquivo.

Dada as limitações de extensão do *corpus* e as escolhas teóricas desta pesquisa, optamos por analisar os resumos de estudantes de Engenharia Elétrica.

Essa escolha proporcionou a oportunidade de analisar a escrita acadêmica de estudantes que estão inscritos em uma formação discursiva determinada (área das Ciências Exatas)²⁴, na qual os sentidos se dão na/pela materialidade discursiva produzida. As produções textuais do arquivo foram elaboradas na disciplina de PTA, ministrada remotamente na plataforma *Moodle*²⁵ durante a pandemia de covid-19. No mesmo período, as disciplinas de graduação, licenciatura e pós-graduação foram disponibilizadas na plataforma *Moodle* ou em formatos específicos definidos por cada docente.

Aproximando nosso olhar ao curso de Engenharia Elétrica da UFSC, pode-se delinear as condições de produção do Currículo²⁶ proposto para o curso. Neste o acadêmico graduado recebe a titulação em: “Engenheiro Eletricista”, sendo diplomado em engenharia na área de eletricidade com habilitação em Engenharia Elétrica, a carga horária obrigatória é de 4590 horas/aula distribuídas em dez semestres letivos (fases). Para perceber melhor as condições de produção do curso tomaremos o Projeto Pedagógico²⁷ (PP) do curso de Engenharia Elétrica.

Datado de setembro de 2004, o documento dispõe sobre informações relativas ao histórico e à organização do curso. O PP descreve como proposta “[...] adequar a

²⁴ Ao adotar a nomenclatura “área das Ciências Exatas” filiamo-nos a uma grande área do conhecimento ligado a lógica, matemática e tecnologias, é certo que existe uma diversidade de terminologias e classificações comumente empregada, a exemplo da classificação adotada pela Capes (Tabela de áreas do conhecimento: <http://lattes.cnpq.br/documents/11871/24930/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf/d192ff6b-3e0a-4074-a74d-c280521bd5f7>), a qual define: Ciências Exatas e da terra, agregando nesta a área da matemática, astronomia, física, entre outras; e a área de Engenharias (inserida em uma classificação independente - 3.00.00.00-9 Engenharias) estando subordinada nesta área todas as engenharias. Outro exemplo é a classificação adotada na UFSC (na página Centros de ensino e departamentos: <https://ufsc.br/centros-de-ensino-e-departamentos/>), a universidade separa seus cursos em departamentos, o *campus* de Florianópolis tem o Centro Tecnológico – CTC, fazem parte deste centro as engenharias, arquitetura, informática e automação, e o Centro de Ciências Físicas e Matemáticas – CFM, do qual fazem parte os cursos de física, química, matemática e oceanografia.

²⁵ *Moodle* é o acrônimo para *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment* em tradução livre – Ambiente modular de aprendizagem dinâmica orientada a objetos, permitindo a criação de ambientes virtuais de apoio à aprendizagem podendo ser personalizados para as Instituições de Ensino como é o caso da UFSC.

²⁶ Documento disponível no portal do Departamento de Engenharia Elétrica – EEL (<https://geel.ufsc.br/curriculos/>). O documento foi inserido parcialmente no Anexo B desta dissertação (página da ementa e fase 1)

²⁷ Documento disponível no portal do Departamento de Engenharia Elétrica – EEL (<https://geel.ufsc.br/projeto-pedagogico/>). O documento foi inserido parcialmente no Anexo C desta dissertação (páginas de contextualização do curso, atividade profissional, objetivos do projeto pedagógico, perfil do profissional egresso e objetivos do currículo).

filosofia de formação à nova realidade do profissional de Engenharia Elétrica [...]” (UFSC, 2004, p. 5). Assim,

O profissional deve estar preparado para atuar em inúmeras áreas de aplicação, para mudar de área após alguns anos de exercício profissional e para vir a atuar em áreas que nem sequer existiam na época de sua formação. Do ponto de vista da estrutura curricular, a proposta foi a de criar uma estrutura de fácil e ágil atualização sem a necessidade de reformas frequentes na sua essência. (UFSC, 2004, p. 5)

Destaca-se a estrutura do documento, que visa a preparar o egresso em Engenharia Elétrica para atuar em diversas áreas do mercado de trabalho. A flexibilização curricular garante a atualização do curso frente às mudanças no cenário profissional. As possibilidades de atuação profissional estão elencadas no item 1.5 Atividade do profissional egresso (PP, 2004). Conforme segue:

- Supervisão, coordenação e orientação técnica;
- Estudo, planejamento, projeto e especificação;
- Estudo de viabilidade técnica-econômica;
- Assistência, assessoria e consultoria;
- Direção de obra e serviço técnico;
- Vistoria, perícia, avaliação, arbitramento, laudo e parecer técnico;
- Desempenho de cargo e função técnica;
- **Ensino, pesquisa, análise, experimentação, ensaio e divulgação técnica;**
- Elaboração de orçamento;
- Padronização, mensuração e controle de qualidade;
- Execução de obra e serviço técnico;
- Produção técnica especializada;
- Condução de trabalho técnico;
- Condução de equipe de instalação, montagem, operação, reparo e manutenção;
- Execução de instalação, montagem e reparo;
- Operação e manutenção de equipamento e instalação;
- Execução de desenho técnico. (UFSC, 2004, p. 2, grifo meu)

De forma geral, os itens elencados demonstram um perfil de egresso que deverá dispor de conhecimento técnico especializado para atuar na área, porém o tópico “Ensino, pesquisa, análise, experimentação, ensaio e divulgação técnica”, mostra-se um ir além na formação técnica de engenheiro, neste item fica claro o propósito da disciplina de PTA para o curso de Engenharia Elétrica, ou seja, para atender ao perfil de acadêmico egresso esperado com a conclusão do curso, e que este estudante adentre no discurso científico, conseqüentemente, tenha conhecimentos sobre a escrita acadêmica. Corroborando o PP (2004), temos no Currículo do curso (Anexo B) a ementa da disciplina de Produção Textual Acadêmica:

“Estudo e produção de textos técnico-científicos relevantes para o desempenho das atividades acadêmicas, tais como: resumo, resenha, artigo e seminário. Prática pedagógica”, vale ressaltar que se trata da mesma ementa disponível no plano de ensino da disciplina PTA.

Seguindo no PP (2004), o perfil de egresso do acadêmico de Engenharia Elétrica é desdobrado de modo a listar “atributos e qualidades” esperadas com a formação do acadêmico de Engenharia, pois de acordo com o documento “a geração de um currículo de qualidade pressupõe a definição clara de um perfil desejável para o futuro profissional” (UFSC, 2004, p. 6), assim, o PP descreve quais atributos e qualidades são esperados:

[...] ser capazes de aplicar conhecimentos de matemática e ciências em engenharia;
 saber projetar e conduzir experimentos, e analisar e interpretar dados;
 saber projetar componentes, sistemas ou processos que satisfaçam a um conjunto de especificações;
 supervisionar a operação e a manutenção de sistemas;
 avaliar criticamente a operação e a manutenção de sistemas;
 ser capazes de atuar em equipes multidisciplinares;
 ter competência para identificar, formular e resolver problemas de engenharia elétrica;
 ser conhecedores de suas responsabilidades éticas e profissionais;
comunicar-se de forma eficaz;
 entender a interação da engenharia com a sociedade;
 avaliar a viabilidade econômica de projetos de engenharia;
 ter condições de manterem-se atualizados ao longo de suas carreiras.
 (UFSC, 2004, p. 6, grifo meu)

Destacamos o item “comunicar-se de forma eficaz”, o verbo *comunicar* nessa construção sintática, de acordo com o dicionário Michaelis (2001), aponta para o sentido de transmissão/exposição da informação, pode também promover o efeito de sentido parafrástico, ou seja, “[...] retorno aos mesmos espaços do dizer [...]” (Orlandi, 2015 [1999], p. 34), significando aqui uma recuperação do perfil esperado para o egresso, em específico ao atendimento do item “Ensino, pesquisa, análise, experimentação, ensaio e divulgação técnica” (UFSC, 2004, p. 2), inscrevendo o verbo *comunicar* dentro de uma FD científica e acadêmica objetiva, neutra e impessoal, e nesta construção genérica – oral e/ou escrito.

Em seguida, o PP apresenta os objetivos do currículo, classificando-os quanto à: flexibilidade, atualidade, qualidade de formação, relevância, atratividade e

integração com a comunidade. Dentre os objetivos vamos nos ater ao tópico que trata da qualidade de formação, assim descrito no documento: “Formar Engenheiros Eletricistas com elevada capacitação técnica, capazes de manterem-se continuamente atualizados ao longo de suas vidas profissionais e capazes de atuarem como transformadores sociais visando o bem-estar social.” (UFSC, 2004, p. 7). E para atender este objetivo, o PP elenca uma série de metas específicas para atingir os objetivos, vamos citar apenas as metas para o objetivo de qualidade de formação:

b) Propostas para Atingir uma Formação de Qualidade

Reduzir o tempo em sala de aula sem reduzir o conteúdo na mesma proporção;
 Aumentar a responsabilidade e a participação do aluno no processo de aprendizagem;
 Aumentar o conteúdo de projeto nas disciplinas e no curso;
Induzir o desenvolvimento das habilidades de comunicação oral e escrita;
 Possibilitar uma formação complementar de espectro mais amplo.
 (UFSC, 2004, p. 7, grifos meus)

Do trecho citado evidenciamos o enunciado: “Induzir o desenvolvimento das habilidades de comunicação oral e escrita”. O primeiro aspecto que nos chama atenção é uma confirmação do dizer anterior (“comunicar-se de forma eficaz”), ou seja, uma retomada do uso da palavra *comunicar*, mas agora explicitada a habilidade esperada – “comunicação oral e escrita”. Um segundo aspecto a ser marcado é a utilização do verbo *induzir* em uma construção sintática que funciona em uma relação de força, ou seja, “[...] o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz[...]” (Orlandi, 2015 [1999], p. 37). Neste caso, quem diz ocupa o lugar de professor que ao produzir seu dizer faz uso do verbo *induzir* que, segundo o dicionário Michaelis (2001), significa: “1 Persuadir à prática de alguma coisa; aconselhar, instigar [...] 2 Causar, incutir, inspirar [...]” (p. 473). Discursivamente, percebe-se a relação de força funcionando no discurso, pois o discurso é direcionado ao estudante que será instigado, aconselhado e inspirado a desenvolver uma comunicação oral e escrita eficaz.

Construímos até o momento as condições de produção do curso de Engenharia Elétrica, o que nos permitiu entender o contexto sócio-histórico produzido em sentido amplo, que nos dizeres de Orlandi (2015 [1999]) “[...] é o que traz para a consideração dos efeitos de sentidos elementos que derivam da forma de nossa sociedade [...]” (p.

29). No discurso da UFSC, a organização do curso de Engenharia Elétrica, com sua hierarquia, escolhas lexicais, definições de conteúdos, habilidades e saberes; atravessados historicamente por acontecimentos que significam o repensar curricular do curso. Busca-se, acompanhar as transformações sociais e avanços tecnológicos, proporcionando uma formação que integre a teoria à prática, gerando impacto diretamente na formação profissional dos estudantes.

Ainda no âmbito das condições de produção, agora consideremos o contexto imediato, cabe ressaltar o formato remoto²⁸ em que foi ministrada a disciplina, dado o cenário mundial de pandemia do novo coronavírus – covid-19. A educação, como todas as áreas da vida na sociedade, foi afetada, exigindo o distanciamento social como medida preventiva para a disseminação da doença. Diante da nova dinâmica, a vida profissional, educacional e social precisou continuar ocorrendo, foi necessário repensar modos de promover a continuidade de todas as atividades, tornando o acesso à *internet* essencial a todos. Nesse panorama e pensando particularmente na educação superior, foco desta pesquisa, tem-se a migração das aulas dos cursos presenciais (graduação e pós-graduação) para o ambiente virtual de aprendizagem (AVA).

A situação pandêmica impôs um desafio para professores e estudantes, os planos de ensino foram adaptados para o formato remoto adequando as aulas para os modos síncrono e/ou assíncrono, a bibliografia passou por uma curadoria para adequação ao momento atual (quando necessária ampliada ou diminuída), e as atividades, avaliações e trabalhos repensados e organizados para o AVA. E o estudante, necessariamente, deveria dispor de um computador, celular ou tablet com acesso à internet, além de conhecimento sobre as ferramentas utilizadas em cada disciplina. Os lugares de professor e estudante que no formato presencial eram bem definidos, passaram para um discurso pedagógico localizado no espaço virtual, estando quase em sua totalidade materializado para a escrita, como aponta Grigoletto (2010):

[...] no discurso pedagógico em ambientes virtuais de aprendizagem, a voz audível do professor, materializada em um texto fugaz por natureza, próprio do ensino presencial, é substituída por um texto escrito, supostamente coerente e linear, no qual a voz do professor se corporifica nos folhados

²⁸ O formato remoto atende à Portaria MEC 544, de 16 de junho de 2020 e à Resolução 140/2020/CUn, de 24 de julho de 2020.

textuais do hipertexto, que se propõe à mediação da aprendizagem. Tal texto é disponibilizado ao aluno na sala de aula virtual, no início de cada disciplina, num só bloco, e torna-se, junto com outros recursos, a materialidade do discurso pedagógico nesse espaço. (p. 238)

O espaço virtual concebido para cada disciplina passa a oferecer a “mediação da aprendizagem”, nesse sentido é interessante trazer a discussão empreendida por Grigoletto (2005, 2011) referente ao espaço empírico e discursivo, no qual a autora buscou estabelecer uma distinção entre o lugar social do lugar discursivo, assim:

[...] espaço empírico determina o lugar social que os sujeitos ocupam e o espaço discursivo determina o lugar discursivo. No entanto, esses espaços não são entendidos de forma fragmentada, mas sim intrincada, uma vez que o lugar social é efeito da prática discursiva ao mesmo tempo em que o lugar discursivo é efeito/está determinado pela prática social. (Grigoletto, 2011, p. 263)

Portanto, o discurso pedagógico agora não é mais reproduzido em uma sala de aula física, e sim em um espaço virtual, espaço de entremeio entre o empírico e o discursivo, ainda guardando traços [do físico] e com suas “[...] fronteiras reguladas tanto pelas características do espaço empírico quanto do discursivo, mas constituindo-se num espaço próprio, extremamente heterogêneo, que abriga diferentes discursividades[...].” (Grigoletto, 2011, p. 263). Destarte, o professor “[...] disponibiliza ao aluno acesso a outras vozes, a outros textos, a outras materialidades, a outras discursividades, construindo um efeito-leitor, através da simulação/da encenação de um possível diálogo com seu aluno.” (Grigoletto, 2010, p. 239), esse diálogo abre espaço para que o estudante possa se identificar com o discurso do professor, pois as materialidades (capítulos de livros, artigos e teses) fazem o papel de mediador.

Em decorrência dessa passagem de um lugar discursivo de estudante da educação básica para estudante do ensino superior, ele depara-se com um contexto em que as condições de produção de seus discursos são outras, permeadas por um discurso controlado por procedimentos de controle e exclusão (Foucault, 2014 [1971]), que visa à produção da “verdade” reconhecida pelo discurso científico. Nessa perspectiva, a partir do lugar social em que se encontra, o sujeito passa a ocupar uma posição específica no discurso, pois “[...] o sujeito, na análise de discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso” (Orlandi, 1999, p. 11). Destarte, o

estudante ao ingressar na universidade, ocupando seu lugar discursivo é integrado a uma nova circulação de textos, nova em consideração a novos gêneros textuais/discursivos, nova quanto às delimitações estruturais e discursivas previstas neste contexto. Aspirando empreender essa entrada na escrita acadêmica, insere-se no currículo do curso de Engenharia Elétrica a disciplina de Produção Textual Acadêmica.

A estrutura curricular do curso de Engenharia Elétrica da UFSC, como apontado anteriormente, em consonância com o documento institucional do curso, o PP, apresenta as escolhas curriculares permeadas historicamente por relações de poder/saber decorrentes das relações de forças das políticas institucionais. Assim, é possível notar a constituição dos sujeitos em seus lugares discursivos quando ascendem à posição de estudantes universitários, pois os documentos institucionais denotam as escolhas determinantes para o modo como a forma-sujeito estudante será moldada, isto é, “[...] ele é produto histórico, efeito de discurso que sofre as determinações dos modos de assujeitamento das diferentes formas-sujeito na sua historicidade e em relação às diferentes formas de poder” (Orlandi, 2015 [1999], p. 49-50). Logo, podemos observar no plano de ensino da disciplina de PTA²⁹ (Quadro 1 – Plano de Ensino: Produção Textual Acadêmica I), que contempla a prática escrita como um dos objetivos da disciplina em consonância com o documento institucional (PP).

Quadro 1 - Plano de Ensino: Produção Textual Acadêmica

EMENTA
Estudo e produção de textos técnico-científicos relevantes para o desempenho das atividades acadêmicas , tais como: resumo, resenha, artigo e seminário. Prática Pedagógica.
OBJETIVOS
Ao final do semestre, o aluno deverá ser capaz de reconhecer e distinguir diferentes gêneros discursivos, em suas particularidades configuracionais e de produção e circulação, produzindo, com apropriação formal e funcional, resumos , fichamentos, resenhas e artigos acadêmicos, bem como produzindo textos para participação em seminários.

²⁹ O documento completo foi inserido no Anexo A desta dissertação.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Proficiência em leitura e **proficiência em produção textual** – relações implicacionais.
2. Gêneros textuais/discursivos: uma discussão conceitual.
3. Fatores de textualidade implicados na formação do leitor e do produtor de texto proficientes.
4. Citações no texto acadêmico como mecanismos de intertextualidade – normalizações da ABNT.
5. **O resumo na atividade acadêmica – normalizações da ABNT.**
6. O fichamento na atividade acadêmica – normalizações da ABNT.
7. Seminário.
8. Resenha – normalizações da ABNT.
9. Projeto de pesquisa – normalizações da ABNT.
10. Artigo acadêmico – normalizações da ABNT.

METODOLOGIAS E DISTRIBUIÇÃO DE CARGA HORÁRIA

Aulas teórico-expositivas via Ambiente Virtual de Aprendizagem, atividades de pesquisa, **práticas de elaboração de textos**, segundo o gênero requisitado, leituras (livros, capítulos e artigos acadêmicos), discussão de temas, seminários.

Para cada aula será indicada uma leitura obrigatória com recomendação de atividade de assimilação de conteúdo. A saber:

1. Os sistemas de comunicação em Ambiente Virtual de Aprendizagem para realização das aulas, postagens de textos, vídeos, atividades e avaliações será o sistema *Moodle*/UFSC da disciplina de PTA I em: moodle.ufsc.br. **Nesse ambiente serão usados os fóruns de notícias para comunicação direta com a turma e para a realização de postagens de atividades que demandem discussão coletiva.** Além do *Moodle*, poderá ser utilizada plataforma de interação por videoconferência ou postagem de vídeos (*Zoom*, *Youtube*, *Google Meet*, entre outras; aquela que melhor atender à disciplina) para a realização de conferências online ou assistência de vídeos que servirão para exposição, produção, discussão e esclarecimento de conteúdo.
2. A primeira semana de aula em AVA – 28/10 a 04/11 – será destinada à ambientação dos discentes aos recursos tecnológicos que serão utilizados no decorrer no semestre. **Nesse momento, os alunos deverão ler os dois primeiros capítulos do livro *A Revolução dos Bichos (Orwell)* – que servirá de mote para as produções textuais no âmbito dos gêneros acadêmicos** – e, na semana seguinte (11/11), ler mais dois capítulos e efetuar uma postagem no fórum da turma comentando a leitura.

Fonte: Elaborado pela autora (Adaptado do Plano de Ensino disponibilizado pelo professor, grifos meus)

Observa-se no quadro 1 que o plano de ensino já ampara a entrada do estudante na escrita acadêmica por meio do enunciado da ementa “produção de textos técnico-científicos relevantes para o desempenho das atividades acadêmicas”; essa marcação discursiva aponta para uma ruptura entre a escrita escolar, pois “[...] nem sempre a experiência escolar no ensino básico favorece – como seria desejável – o domínio maduro do escrever. E, no entanto, ao entrarmos na universidade, esse domínio é indispensável porque a vivência universitária está direta e intrinsecamente vinculada à língua escrita” (Vieira; Faraco, 2020, p. 9), logo o estudante ingressante na universidade não estava habituado a lidar para uma escrita acadêmica que requer rigor científico para a sua produção. Afinal, em sua formação básica o estabelecido

pela BNCC (BRASIL, 2018), para a produção escrita é uma relação entre a interação e a autoria, com foco na reflexão textual discursiva e nos usos para a produção de diferentes gêneros.

A disciplina de PTA, é oferecida pelo Departamento de Língua e Literatura Vernáculas (DLLV), e a título de comparação, verificou-se no documento institucional do curso de Letras Português e Literaturas, o Projeto Pedagógico³⁰, que a ementa da disciplina de PTA elaborada para o curso de Letras apresenta uma diferença pontual em sua proposta: “EMENTA: Estudo e produção de textos técnico-científicos relevantes para o desempenho das atividades acadêmicas, tais como: resumo, resenha, artigo e seminário. **Reflexões sobre a prática pedagógica no ensino fundamental e médio.**” (UFSC, 2006, p. 44, grifos meus). Agora, de acordo com o currículo do curso de Engenharia Elétrica a ementa para a disciplina de PTA apresenta-se como: “Estudo e produção de textos técnico-científicos relevantes para o desempenho das atividades acadêmicas, tais como: resumo, resenha, artigo e seminário. **Prática pedagógica.**” (UFSC, 2005, p. 44, grifos meus). Nota-se, que ambas as ementas apontam de forma concisa o resumo conceitual de estudo para a disciplina de Produção Textual Acadêmica, ocorrendo, apenas, uma delimitação na ementa do Projeto Pedagógico do Departamento de Letras, quanto ao âmbito no qual se estará focado durante os estudos dirigidos na disciplina, ou seja, “a prática pedagógica no ensino fundamental e médio”.

Vale ainda ressaltar que, a disciplina PTA tem alterações quanto aos objetivos, conteúdo programático, metodologia e distribuição da carga horária conforme definição do professor ou professora responsável no período e curso. Porém, considerando a noção de formação discursiva em AD, podemos dizer que “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas ‘tiram’ seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem” (Orlandi, 2015 [1999], p. 40, grifo da autora). Queremos com esse apontamento demonstrar que os sentidos não estão determinados em si, ou seja, entendemos o funcionamento do discurso e seus diferentes sentidos ao notar em uma mesma disciplina, ministrada por professores e professoras distintas, para cursos de

³⁰ O documento institucional Projeto Pedagógico do curso de Letras está disponível em: <https://letrasportugues.paginas.ufsc.br/files/2012/06/ProjetoPedagSet2006.pdf>.

áreas diversas e que abrigam características particulares a cada campo de atuação permitindo ao estudante a familiarização com os gêneros textuais/discursivos que circulam no âmbito acadêmico.

Desse modo, a disciplina inserida na estrutura curricular do curso de Engenharia Elétrica tem um papel tanto para um fim em si mesma, pois dispõe de um programa de atividades e avaliações que permitem o seu encerramento ao final do período letivo, como, primordialmente, propiciar ao estudante ingressante na universidade acessar este novo modo de produção textual, a escrita acadêmica. A disciplina de PTA se coloca como um espaço para a construção da “proficiência em produção textual”, trabalhando com os gêneros textuais/discursivos (gêneros que permeiam seu percurso de formação superior) de modo a possibilitar a compreensão quanto a sua forma e função, inclusive trazendo para à discussão as normas pertinentes para a produção da escrita acadêmica (normalizações da ABNT).

4. ENTRE A LEITURA E OS SENTIDOS: O DISPOSITIVO ANALÍTICO

[...] os fios discursivos não são portadores de sentidos previamente produzidos e cristalizados, embora estejam associados a uma rede de memória, pois, dependendo do posicionamento do sujeito da escrita e de seu processo de interpretação, ele poderá entretecer tais fios, conduzindo-os em determinada direção de sentidos ou a uma outra direção que antagonize com a primeira. (Indursky, 2016, p. 38)

Em “A Revolução dos Bichos”, George Orwell (2023 [1945]) traz uma obra com algumas possibilidades de leitura e interpretação, dependendo do enfoque que o leitor queira dar à leitura. Tais possibilidades vão ao encontro com os dizeres de Orlandi (2015 [1999]) no prefácio de sua obra “Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos”, a linguista abre sua escrita dissertando sobre a impossibilidade de existência de uma introdução para a Análise de Discurso, pois para a autora trata-se de um campo de conhecimento que a cada aula explora diferentes direções. Porém, Orlandi demonstra que “Não temos como não interpretar.” (2015 [1999], p. 7), e aí está a contribuição da AD: “Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem.” (2015 [1999], p. 7).

Diante das possibilidades de “fios discursivos”³¹, buscamos com a construção desse dispositivo analítico olhar para as produções escritas dos estudantes de Engenharia Elétrica e depreender uma reflexão sobre os efeitos de sentido que cada discurso pode entretecer. Ao longo desse capítulo será apresentado o *corpus* composto por resumos produzidos pelos estudantes, demonstrando o processo de interpretação e o posicionamento do sujeito-estudante, com o intuito de ampliar as possibilidades de interpretação, e estabelecer recursos para a análise, incluímos a seguir um resumo indicativo sobre a obra literária.

George Orwell, nome adotado pelo escritor e jornalista Eric Arthur Blair, começou a escrever sua obra literária “*A Revolução dos Bichos*” no final de 1943 e começo de 1944, a partir das reflexões inspiradas pelo cenário turbulento que viveu durante a Guerra Civil Espanhola (1936). Orwell, lutou ao lado dos anarquistas, socialistas e comunistas contra o general Franco e os fascistas que haviam tomado o

³¹ (Sic). Retomando o dizer da epígrafe.

país. Pode-se dizer que esse foi o primeiro vislumbre dos horrores que o mundo viveria com a ascensão do nazismo e fascismo durante a Segunda Guerra Mundial.

Foi uma experiência marcante para o escritor, além de quase morrer ao levar um tiro na garganta, também esteve mergulhado nas intrigas e conflitos entre os três grupos que atuavam na resistência. Os grupos que mais se identificava, anarquistas e socialistas, tornaram-se minoria e passaram a ser perseguidos também pelos comunistas, grupo este que demonstrou ser tão autoritário e violento quanto os fascistas. Este cenário desmonta a ilusão de Orwell de uma esquerda unida em torno de um objetivo comum, derrotar o fascismo.

A obra sob o título original, "*Animal Farm*", foi publicada em 1945 após várias negativas de editores que entendiam ser uma temática delicada ou inadequada para a época. A narrativa se apresenta em diferentes camadas, podendo ser lido como um conto de fadas, uma história infantil com uma lição moral implícita, uma sátira à insanidade humana, particularmente no contexto de disputas de poder, corrupção e opressão. A obra expõe de forma crítica e humorística as falhas e absurdos do comportamento humano, especialmente a hipocrisia e a manipulação política. A leitura utópica da obra apresenta a Fazenda da Casa-Grande³² como um microcosmo de uma sociedade distópica onde a utopia inicial se transforma em uma opressão brutal.

A história se desenvolve em um cenário rural, em uma representação da sociedade humana, com a Fazenda da Casa-Grande como palco principal do desenrolar da narrativa. Os personagens são animais da fazenda, cada um representando figuras históricas ou classes sociais. O velho Major, um porco, incita a revolução com suas ideias de igualdade e liberdade, após sua morte, os porcos Napoleão e Bola-de-Neve assumem a liderança. Outros personagens notáveis incluem o cavalo Boxer³³, símbolo da classe trabalhadora, e a égua Lótus, que representa a fidelidade cega ao regime. As ovelhas, os cães e outros animais desempenham papéis de apoio, refletindo diferentes aspectos da sociedade.

³² Note-se que dependendo da tradução utilizada alguns nomes apresentam-se diferentes, na tradução do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais de 1964, a fazenda é intitulada de "Fazenda do Solar", inclusive trata-se da versão utilizada durante as aulas da disciplina de PTA. Como estamos utilizando a tradução da editora Darkside realizada por Alexandre Boide (2023), a fazenda é nomeada como "Fazenda da Casa-Grande", recuperando efeitos de sentido na relação da dicotomia "casa-grande e senzala".

³³ Na tradução de 1964, o nome do cavalo é Sansão, e a égua, chama-se Quitéria.

A narração é feita em terceira pessoa por um narrador onisciente, que oferece uma visão ampla e detalhada dos eventos e dos pensamentos dos personagens. Esta escolha narrativa permite uma crítica incisiva e objetiva das dinâmicas de poder e corrupção, sem se limitar à perspectiva de um único personagem. A linguagem é clara e direta, com elementos satíricos que evidenciam a ironia da situação descrita.

Dentre as camadas possíveis para a leitura, a principal é a crítica à corrupção do ideal revolucionário. Inicialmente, a revolução é conduzida com o objetivo de libertar os animais da opressão humana, simbolizando a busca por uma sociedade mais justa e igualitária. No entanto, à medida que os porcos consolidam o poder, eles se tornam tão opressores quanto os humanos que substituíram. Orwell utiliza essa transformação para ilustrar como o poder absoluto corrompe absolutamente, e como as revoluções podem trair seus princípios fundadores. “*A Revolução dos Bichos*” (2023 [1945]), é uma obra que, através de sua narrativa alegórica, oferece uma reflexão profunda sobre a política e a natureza do poder. Embora o texto seja uma fábula simples na superfície, suas camadas simbólicas convidam à análise e à comparação com eventos históricos reais, especialmente no contexto das revoluções e dos regimes totalitários.

Considerando este resumo, estruturamos este capítulo com a construção dos recortes discursivos a partir do arquivo da disciplina de PTA, estes apontamentos introduzem o gesto analítico no objeto simbólico da materialidade do resumo, trabalhando com o batimento da teoria com a análise. Em seguida segmentamos os recortes discursivos, e analisamos as sequências discursivas a partir do dispositivo teórico.

4.1. PAVIMENTANDO O DISPOSITIVO ANALÍTICO: CONSTRUÇÃO DOS RECORTES DISCURSIVOS

[...] é sabido que, sob nossas palavras, ressoam palavras-outras, palavras de outros sujeitos, pois o discurso é da ordem do repetível e essa repetição não remete apenas àquilo que foi dito anteriormente pelo sujeito do discurso, no passado ou no presente. (Indursky, 2001, p. 27)

A construção do “*corpus discursivo*” nos termos de Pêcheux (2014b [1969]), como “[...] um conjunto de textos de extensão variável (ou sequências discursivas),

remetendo a condições de produção consideradas estáveis, isto é, um conjunto de imagens textuais ligada a um ‘texto’ virtual (isto é, ao processo discursivo que domina e engendra as diferentes sequências discursivas pertencentes ao *corpus*).” (p. 170, grifo do autor), ou seja, a construção do *corpus* demanda levar em consideração os sujeitos e sua historicidade relacionada à sua exterioridade. Logo,

[...] a proposta é a da construção de um dispositivo de interpretação. Esse dispositivo tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras. (ORLANDI, 2015 [1999], p. 57)

Nosso dispositivo de interpretação inicia-se com uma descrição geral da disciplina quanto ao seu desenvolvimento metodológico. As aulas³⁴ teórico-expositivas ocorreram em Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA, com propostas de atividades de práticas de produção textual de acordo com o gênero textual/discursivo estudado no tópico. Foram estabelecidos quatro tópicos temáticos, todos versando sobre a obra literária *A Revolução dos Bichos* (Orwell, 2023 [1945]) como mote para a produção da leitura e a produção dos textos. Toda a comunicação entre estudante e professor, propostas de atividades e avaliações foram realizadas por meio da plataforma *Moodle*. No quadro 2 apresentamos o cronograma da disciplina, dispendo sobre os tópicos temáticos, os temas definidos para cada aula e a leitura/escrita que deveria ser realizada:

Quadro 2 - Cronograma da disciplina de Produção Textual Acadêmica

Semana	Tema e prática pedagógica	Textos disponíveis no <i>Moodle</i>
Tópico 1 do <i>Moodle</i> – Para começar nossa conversa		
1 ^a	Encontro síncrono 1 -Apresentação e discussão do Programa; -Panorama geral dos estudos do texto na perspectiva dos gêneros discursivos.	- Livro: Leitura e produção textual I (páginas 21 a 29);
2 ^a	- Ambientação ao Ambiente Virtual de Aprendizagem: - Leitura dos dois primeiros capítulos de <i>A Revolução dos Bichos</i> de George Orwell.	- Livro <i>A Revolução dos Bichos</i> (capítulos 1 a 2).

³⁴ Todas as informações e documentos fazem parte do arquivo pessoal do professor da disciplina, e foram cedidos para esta pesquisa.

Semana	Tema e prática pedagógica	Textos disponíveis no Moodle
Tópico 1 do Moodle – Para começar nossa conversa		
3 ^a	- Leitura do terceiro e quarto Capítulos de A Revolução dos Bichos de George Orwell; - Postagem individual na ferramenta fórum comentando as primeiras impressões da leitura; - Acompanhamento das respostas dos colegas; - Acompanhamento do <i>feedback</i> do professor.	- Livro A Revolução dos Bichos (capítulos 3 a 4).
4 ^a	Fichamento: apontamentos de leitura; características. O fichamento na atividade acadêmica; normalizações da ABNT.	- Livro: Leitura e produção textual I (páginas 39 a 54); - Slide: Fichamento; - Livro: A Revolução dos Bichos (capítulo 6).
5 ^a	Resumo: características, análise e produção. O resumo na atividade acadêmica (indicativo e informativo).	- Livro: Leitura e produção textual I (páginas 54 a 71); - Livro: A Revolução dos Bichos (capítulo 7).
Tópico 2 do Moodle – Os gêneros Fichamento e Resumo		
6 ^a	- Leitura: As pessoas e as vozes na/da escrita acadêmica: formas de citação e referenciação; - Atividade prática de produção textual com uso de citação e referenciação; - Anotar dúvidas para encontro síncrono.	- Slide: Apresentação discurso direto, indireto e indireto livre; - ABNT–NBR 6023(2018) - referências; - ABNT–NBR 10520 – citações - Livro: A Revolução dos Bichos (capítulo 8).
7 ^a	Encontro síncrono 2 - Videoconferência: sanando dúvidas até aqui; - <i>Feedback</i> da atividade de citação e referenciação.	- Texto: Atividade e gabarito (discurso direto, indireto e indireto livre).
8 ^a	Atividade Avaliativa 1: a partir da leitura da obra literária realizada até este momento.	- Livro A Revolução dos Bichos (capítulos 1 a 8) já lidos semana a semana.
Tópico 3 do Moodle – O gênero Seminário		
9 ^a	Seminário: características inerentes aos contextos de produção.	- Livro: Leitura e produção textual I (páginas 82 a 95); - Livro: A Revolução dos Bichos (capítulo 9).
10 ^a	Encontro síncrono 3 - <i>Feedback</i> da primeira Atividade Avaliativa e refacção da atividade valendo um ponto adicional (opcional) (2,5 h/a); - Encaminhamento para a segunda atividade avaliativa.	- Livro: A Revolução dos Bichos (capítulo 10 - último).
Semana	Tema e prática pedagógica	Textos disponíveis no Moodle
Tópico 3 do Moodle – O gênero Seminário		
11 ^a	Seleção de artigos, leituras e início da elaboração do Seminário/Apresentação em vídeo.	Sugestões de leitura no comando a Atividade Avaliativa 2

Semana	Tema e prática pedagógica	Textos disponíveis no Moodle
Tópico 3 do Moodle – O gênero Seminário		
12 ^a	<ul style="list-style-type: none"> - Atividade Avaliativa 2 (Seminário ou apresentação em vídeo); - Elaboração e postagem da apresentação/seminário em vídeo no fórum da disciplina; - Assistência nos vídeos dos colegas e registro de um comentário em forma de questão (cada aluno ficará responsável por elaborar uma pergunta a um colega indicado previamente pelo professor). 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro: <i>A Revolução dos Bichos</i> - Artigo acadêmico que discuta sob um ponto de vista teórico (qualquer área de conhecimento) o livro <i>A Revolução dos bichos</i>. <p>Obs.: O discente poderá escolher o tema e o artigo. Sugestões no <i>Moodle</i>.</p>
Tópico 4 do Moodle – Os gêneros Resenha e Artigo Científico		
13 ^a	<ul style="list-style-type: none"> - Resenha: características e análise. Foco na resenha acadêmica (1 h/a); - Artigo acadêmico: estudo das características da escrita acadêmica e análise (foco para resenha). - Atividade sobre o gênero resenha. 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro: Leitura e produção textual I (páginas 72 a 81); - Livro: Leitura e produção textual I (páginas 95 a 107);
14 ^a	<ul style="list-style-type: none"> Encontro síncrono 4 - Videoconferência: sanando dúvidas até aqui. 	
15 ^a	<ul style="list-style-type: none"> - Atividade Avaliativa 3 – Resenha 	
16 ^a	<ul style="list-style-type: none"> - Prova de Recuperação. 	

Fonte: Elaborado pela autora (Adaptado do Arquivo disponibilizado pelo professor - Plano de Ensino da disciplina de PTA)

A partir da leitura do Quadro 2, conseguimos planificar a estrutura metodológica definida para a disciplina, a cada tópico os gêneros textuais/discursivos são apresentados quanto às suas “*particularidades configuracionais e de produção e circulação, produzindo, com apropriação formal e funcional, resumos, fichamentos, resenhas e artigos científicos*” (Anexo A). Percebe-se, também, a distribuição da leitura da obra literária (texto-fonte) da disciplina - *A Revolução dos Bichos* (Orwell, 2023 [1945]) ao longo dos Tópicos de modo a dispor materialidades discursivas a serem trabalhadas nos gêneros textuais/discursivos.

Continuando com a construção do recorte discursivo do *corpus*, selecionamos dentre os documentos do arquivo produções textuais de estudantes que realizaram a atividade proposta no Tópico 2 (conforme quadro 2). Foram propostas duas atividades: uma atividade prática de produção textual com o uso de citação e

referenciação; depois a primeira **Atividade Avaliativa**: postagem de resumo sobre a obra literária, concentrando o resumo dos capítulos um ao oito.

As aulas planejadas para este Tópico partiram da leitura prévia da obra literária até o capítulo 8, concomitantemente, os estudantes também realizaram as seguintes leituras: livro *Leitura e Produção Textual I* (Baltar; Cerutti-Rizzatti; Zandomenego, 2011), materiais didáticos: *Slide - Fichamento*, *Slide - Apresentação do discurso direto, indireto e indireto livre*, *Texto - Atividade e gabarito – discurso direto, indireto e indireto livre*, por fim, da Norma Brasileira de Referência – NBR 6023 (ABNT, 2018), e da Norma Brasileira de Citações em documentos – NBR 10520 (ABNT, 2002). A produção das leituras propostas pode ser considerada “[...] o momento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo da interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores, desencadeiam o processo de significação.” (Orlandi, 1999, p. 47-48), logo, a produção da leitura pelos estudantes instaura o espaço da discursividade entre autor e leitor.

A etapa da leitura realizada pelos estudantes permite que estes reconheçam o texto funcionando como uma “unidade pragmática” (Orlandi, 1999, p. 59), possibilitando a “proficiência” tanto da leitura quanto da escrita acadêmica. Vê-se um percurso de ir e vir, da produção da leitura (dos materiais didáticos, livros e normas), para a produção da escrita (dos gêneros textuais/discursivos propostos). Nessa perspectiva, em Braga; Senem temos:

[...] a linguagem nos constitui, que ela opera em uma relação de dispersão e unidade (discurso e texto) e que todo uso da língua implica em diferentes formas de significação da própria língua e da constituição do sujeito. Nesse sentido, o discurso não pode ser imaginado linearmente, como uma linha que segue uma direção e que não apresenta rupturas; ele é dispersão, no sentido de que não está organizado em uma direção rumo a um ponto final, e constitui todas as relações que envolvem linguagem, tanto verbal quanto não verbal. (2017, p. 2686-2687).

Diante do texto estamos na presença da materialidade linguística que nos dá acesso ao discurso, isto é, “O texto é, pois, uma unidade de análise, afetada pelas condições de sua produção, a partir da qual se estabelecerá a prática da leitura.” (Indursky, 2001, p. 28), portanto, apesar de lhe interessar, não é o foco principal da AD a organização linguística interna do texto, o interesse recai sobre a organização do texto, sua relação com o discurso e com a exterioridade, é nesse processo de

produção da leitura que o sujeito vai desestabilizar a superfície do texto (Indursky, 2001), instaurando sentidos outros em seu gesto interpretativo, corroborando com a epígrafe que abre este capítulo, Indursky (2011), sob cada palavra ecoam outras, iniciando novos possíveis sentidos.

Antes de prosseguirmos com o gesto analítico da materialidade colocada na atividade, tangenciamos a definição das modalidades do resumo - *indicativo* e *informativo*, por questões de embasamento teórico e produtividade das análises que serão realizadas a seguir.

Em comparação a como estamos propondo entender o resumo, apontamos a definição estabelecida na NBR 6028:2021 - Informação e documentação - Resumo, resenha ou resenha - Apresentação (ABNT, 2021), notamos que a definição e tipologia adotada na norma é base para a conceituação que encontramos nos manuais de metodologia científica e manuais de produção textual. Também destacamos os conceitos ancorados na Linguística Aplicada, tendo como principais autores/obras: Anna Rachel Machado (2020) e Désirée Motta-Roth e Graciela Rabuske Hendges (2019)³⁵.

Consideremos algumas definições postas na NBR 6028:2021, a fim de dialogarmos com os conceitos discursivos que serão colocados. No item 2 - Termos e definições, o resumo é definido como “[...] apresentação concisa dos pontos relevantes de um documento [...]” (p. 1). A apresentação do resumo é dada nos tópicos 4.1.1 a 4.1.8, citamos na íntegra:

4.1.1 O resumo deve ressaltar sucintamente o conteúdo de um texto. A ordem e a extensão dos elementos dependem do tipo de resumo (informativo ou indicativo) e do tratamento que cada item recebe no documento original.

4.1.2 O resumo deve ser composto por uma sequência de frases concisas em parágrafo único, sem enumeração de tópicos.

4.1.3 Em documento técnico ou científico, recomenda-se o resumo informativo.

4.1.4 Convém usar o verbo na terceira pessoa.

4.1.5 O resumo, quando não estiver contido no documento, deve ser precedido pela referência.

4.1.6 A referência é opcional quando o resumo estiver contido no próprio documento e deve ficar logo após o título da seção (Resumo).

³⁵ Por fugir do escopo da pesquisa, uma comparação exaustiva e extensiva das teorias estabelecidas no âmbito da Linguística Aplicada e da Análise de Discurso, apontamos apenas as duas obras mais recentes sobre a temática, mas não nos deteremos em um aprofundamento das definições postas pela Linguística Aplicada (interacionismo sociodiscursivo).

4.1.7 As palavras-chave devem figurar logo abaixo do resumo, antecedidas da expressão Palavras-chave, seguida de dois-pontos, separadas entre si por ponto e vírgula e finalizadas por ponto. Devem ser grafadas com as iniciais em letra minúscula, com exceção dos substantivos próprios e nomes científicos.

EXEMPLO Palavras-chave: gestação; cuidado pré-natal; *Aedes aegypti*; IBGE; Brasil.

4.1.8 Quanto à sua extensão, convém que os resumos tenham:

- a) 150 a 500 palavras nos trabalhos acadêmicos e relatórios técnicos e/ou científicos;
- b) 100 a 250 palavras nos artigos de periódicos;
- c) 50 a 100 palavras nos documentos não contemplados nas alíneas anteriores.

(ABNT, 2021, p. 2)

A conceituação apresentada na NBR 6028:2021, detém-se a definir o conteúdo e a forma que deve ser produzido o resumo, nessa definição, tem-se estabelecida a tipologia “informativo” e “indicativo”, tipos que são base para os manuais de metodologia científica e manuais de produção textual acadêmica. O resumo *indicativo* (ou descritivo), normalmente figura em trabalhos acadêmicos e não dispensa a (re)leitura do texto-fonte. O resumo *informativo* (ou analítico), utilizado para estudo e fichamentos, dispensa a (re)leitura do texto-fonte. De acordo com Flôres; Olímpio; Cancelier (1994), o resumo é caracterizado como uma repetição sintética dos elementos de maior importância, em outras palavras, busca-se “reunir e apresentar, de maneira concisa, coerente e frequentemente seletiva, as informações básicas de um texto preexistente” (p. 138).

Diferentemente das abordagens ancoradas na Linguística Aplicada - interacionismo sociodiscursivo, e nos manuais de metodologia científica, que por sua vez estão ancorados na NBR 6028:2021, procuramos entender o resumo como um espaço discursivo através do qual o estudante se coloca e se organiza no âmbito da escrita acadêmica, acessando a produção científica, este acesso se dá por meio do pré-construído, ou seja, o resumo é caracterizado por algo que vem antes, mas ainda assim, independente em seu dizer. Dessa forma, tem-se a mistura da memória com o esquecimento.

Retomando a continuidade da planificação das condições de produção da disciplina de PTA, segue-se para a etapa da **Atividade Avaliativa** proposta após a leitura da obra literária (ver quadro 3), fechando o Tópico 2 da disciplina. A etapa avaliativa é introduzida por um instrumento de verificação de aprendizagem, no qual

espera-se uma replicação do saber desenvolvido a partir da leitura dos capítulos iniciais da obra literária.

Quadro 3 - Atividade Avaliativa Obrigatória: Fichamento e Resumo

Universidade Federal de Santa Catarina – data: __/__/2021 Acadêmico(a): _____
<p><u>Avaliação dos gêneros fichamento e resumo do livro <i>A revolução dos bichos</i> de George Orwell</u></p> <p>Conforme as normas da ABNT em vigor:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Produza um resumo indicativo contendo de 90 a 130 palavras referente aos capítulos 1 ao 4. (2,0 pontos). 2. Produza o texto solicitado nas alíneas (a, b, c, d), conforme o comando de cada uma delas, assim, teremos um resumo informativo dos capítulos 5 ao 8. <ol style="list-style-type: none"> a) <u>Capítulo 5</u>: Apresente a síntese da temática de forma impessoal e faça uso de uma citação direta curta, com o uso de interpolação de um acréscimo/comentário e a supressão de uma passagem. (2,0 pontos) b) <u>Capítulos 6</u>: Em primeira pessoa do plural, aponte brevemente os principais fatos da narrativa. Mobilize uma citação direta longa. (2,0 pontos) c) <u>Capítulos 7</u>: Construa uma paráfrase da ideia principal, a partir da terceira pessoa do discurso. Faça uso de uma citação indireta com mobilização da voz do autor referenciado. (2,0 pontos) d) <u>Capítulo 8</u>: Sem mobilizar de forma direta o nome do autor no seu texto, sintetize os principais acontecimentos narrados. Ao final, caracterize como citação indireta, conforme ABNT. (2,0 pontos).

Fonte: Elaborado pela autora (Adaptado do Arquivo disponibilizado pelo professor disciplina)

Verifica-se no quadro 3 que a **Atividade Avaliativa** solicitou a escrita de resumos em duas modalidades diferentes, a primeira: resumo indicativo (contemplando os capítulos um ao quatro), e a segunda: resumo informativo (contemplando do capítulo cinco ao capítulo oito).

A **Atividade Avaliativa** mobilizou tanto conhecimentos que caracterizam o resumo em seu aspecto de síntese quanto às normas para a realização de citações diretas, indiretas e indiretas livre, conforme a Norma Brasileira de Citações em documentos – NBR 10520 (ABNT, 2002). Ainda nessa discussão, quando nos deparamos com o título da atividade “*Avaliação dos gêneros **fichamento e resumo** do livro *A revolução dos bichos* de George Orwell*”, considerando que o Tópico 2 trata

dos gêneros fichamento e resumo, e de acordo com o *Livro: Leitura e produção textual* - (livro-texto da disciplina), o gênero fichamento é considerado um “[...] instrumento para sistematizar, organizar, documentar nossas leituras [...]” (Baltar; Cerutti-Rizzatti; Zandomenego, 2011, p. 43). Porém, a Avaliação não inclui nenhuma atividade específica para o gênero fichamento, o que pode sugerir, um imbricamento dos gêneros fichamento e resumo, ou seja, o resumo se constitui em relação à produção da escrita do fichamento, de modo que a completude do resumo dependerá da construção do fichamento.

Ocorre, ainda, um deslizamento de sentido nos enunciados propostos na atividade, ora usa-se o termo “*resumo*”, ora “*síntese/sintetize*”, ora “*aponte brevemente*”, ora “*paráfrase*”. Percebemos um jogo de sentidos produzindo efeitos metafóricos constitutivos do processo de produção dos sentidos, Orlandi (2015 [1999]) citando Pêcheux (2014b [1969]), nos diz tratar-se de um “[...] fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual [...]” (p. 77), isto é, uma transferência, ainda sim um mesmo sentido em uma mesma família parafrástica. Ainda quanto ao enunciado da atividade “*Conforme as normas da ABNT em vigor*”, produz para o estudante um procedimento de exclusão (Foucault 2014 [1971], p. 17), como um princípio de vontade de verdade “[...] apoiada em um suporte e uma distribuição institucional [...]”, o estudante para ingressar no DC precisa adequar-se aos dizeres da normatização colocadas pela instituição detentora do poder e do saber.

Ainda nessa temática, destacamos a especificação nos enunciados da **Atividade Avaliativa**, foram solicitadas as entradas de um tipo de citação - direta curta, direta longa, indireta, paráfrase, interpolação e supressão. Primeiro, consideremos apenas as referências (citações diretas e indiretas); neste caso, elas são de certa maneira a marcação da inscrição do sujeito-estudante no dizer, o uso em demasia da referência demonstra uma “[...] espécie de amparo e refúgio para o acadêmico [...]” (Ambrósio, 2021, p. 126). Pensando ser um estudante que acabou de ingressar na esfera acadêmica, ele busca a legitimação de uma autoridade para validar a sua escrita, assim seu discurso passa a figurar no campo da verdade. Ainda, segundo Braga (2015), quanto mais esse estudante faz uso das referências do outro, mais ele se distancia de um projeto discursivo de sua autoria. Nesse caso, a

solicitação no enunciado para o uso das citações marca ou “obriga” (nos termos de Foucault, 2022 [1979]), o estudante afastar-se do seu dizer.

Observemos agora a paráfrase, interpolação e as supressões solicitadas no enunciado da **Atividade Avaliativa**, a partir dos processos discursivos parafrásticos e polissêmicos. Gramaticalmente analisando temos na paráfrase, na interpolação e na supressão recursos linguísticos textuais que permitem modificar e adaptar textos para diferentes contextos e propósitos, cada um com características e funções específicas.

A paráfrase envolve a reformulação de um texto utilizando palavras e estruturas gramaticais distintas, mantendo o significado original. É uma maneira de expressar a mesma ideia de forma diferente, visando clareza, ênfase ou adaptação ao contexto. Já a interpolação consiste na inclusão de elementos, como comentários ou exemplos, sem alterar a estrutura gramatical original, enriquecendo a informação. Por fim, a supressão refere-se à omissão de elementos subentendidos pelo contexto, eliminando palavras redundantes para tornar a frase mais concisa.

Orlandi (2007b), aponta em suas reflexões na AD o eixo que estrutura o funcionamento da linguagem na relação contraditória entre paráfrase e polissemia, ou seja, a relação entre o mesmo e o diferente. Tem-se em termos discursivos a reiteração do mesmo na paráfrase, já na polissemia a produção da diferença, são forças que mantêm o discurso em funcionamento. Por isso, reafirmamos que nem sujeitos, nem discurso estão prontos e acabados, há um movimento constante do simbólico e da história. Esse movimento permite que ao utilizar recursos linguísticos como a paráfrase, a interpolação e a supressão o estudante regido por processos parafrásticos em uma dimensão de produtividade (Orlandi, 2015 [1999]), mantém os sentidos retornando ao mesmo espaço do dizível, ainda que ocorra a inclusão de novas informações, ou a retirada de outras, os sentidos são os mesmos.

Realizado estes gestos, passamos para a estruturação do *corpus*. Delimitamos o arquivo a ser trabalhado em nove³⁶ estudantes que produziram resumos para a primeira **Atividade Avaliativa**. Cada acadêmico escreveu dois textos, uma escrita e

³⁶A escolha dos resumos para compor o *corpus* de análise levou em consideração as produções que dispunham de “**escrita**” e “**reescrita**” do mesmo estudante, resultando em 18 produções textuais. O “**feedback**” não é tratado em nossa pesquisa como uma “nova produção”, mas sim no entremeio das duas produções, formando um objeto simbólico para o gesto interpretativo pretendido.

uma reescrita para a mesma atividade. Para cada produção escrita foi realizado um *feedback do professor*. Adotamos como nomenclatura a formatação negrito e itálico das palavras “**escrita**”, “**reescrita**” e “**feedback**”, o intuito é apontar para os textos que compõem o corpus, não especificando a produção de um participante individual, esta metodologia pretende evitar confusão na compreensão ao longo da dissertação tendo em vista tratar-se de palavras que compõem o repertório escrito da pesquisa.

Dessa maneira, sempre que se tratar do primeiro resumo produzido pelo estudante para a **Atividade Avaliativa**, a palavra “**escrita**” estará em negrito, itálico e entre aspas. Quando tratar-se de produções realizadas após o *feedback* do professor, no qual os acadêmicos reescreveram seus textos a partir dos apontamentos indicados pelo docente, denominaremos como “**reescrita**”, utilizando as mesmas metodologias para grafar a palavra (negrito, itálico e aspas). Por fim, o “**feedback**” após a primeira escrita também fará parte do nosso gesto analítico, ressaltamos que os apontamentos do professor foram encaminhados para os estudantes no formato digital, e utilizando marcações por cores para as correções³⁷.

Ainda sobre o *feedback* do professor, destacamos que os apontamentos foram inseridos no próprio arquivo do *Word* encaminhado pelo estudante, este procedimento possibilitou criar um controle da revisão do texto, e ainda, uma rastreabilidade das modificações sugeridas pelo professor. Depois da postagem do *feedback*, os estudantes poderiam reescrever o resumo e retornar para nova avaliação (na ocasião da aplicação da atividade, era atribuída um ponto a mais na nota final da Avaliação para os estudantes que realizassem a “**reescrita**”). A tempo, apontamos que a materialidade do “**feedback**” (sobre a “**escrita**”), mostra-se interessante por enriquecer as análises na demonstração do interdiscurso, do intradiscurso e a incompletude da linguagem.

Cada texto foi nomeado a fim de facilitar o trabalho da pesquisa em relação à metodologia (para a inclusão de sequências discursivas): A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9; a organização do *corpus* segue conforme quadro 04:

³⁷Destacamos que na ocorrência da disciplina no formato presencial, o *feedback* para os estudantes é realizado por meio de anotações no próprio texto em formato manuscrito, e durante a aula (presencial) é realizado um comentário geral antes da entrega das avaliações. Com o formato remoto foi necessária a adoção de uma nova metodologia, que possibilitou um *feedback* mais elaborado, pois incluiu marcações coloridas: vermelho para revisão, azul para inclusão de texto, amarelo para melhorias e verde para parabenizações.

Quadro 4 - Definição de Nomenclaturas do *corpus*

Gênero	Momento de Escrita	Nomenclatura
Resumo	Primeira Escrita	E
Resumo	Reescrita	R
<i>Feedback</i>	<i>Feedback</i>	F

Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda, faz-se necessário formatar o *corpus* buscando o estabelecimento de uma nomenclatura que recubra todos os participantes e suas produções, assim, adotamos a abreviação da palavra texto – T com letra maiúscula, no intuito de criar um modo de entrada reconhecível durante todo o percurso de escrita desta dissertação, gerando o seguinte modo de entrada: TEA1 - **“escrita”** (consecutivamente para os demais participantes – A1 a A9); TRA1 - **“reescrita”** (consecutivamente para os demais participantes – A1 a A9); por fim, TFA1 - **“feedback”** (consecutivamente para os demais participantes – A1 a A9).

Entendendo que o gesto interpretativo já começa com a escolha dos modos de constituição e organização do *corpus*, e mantendo a questão motivadora como norte direcionador para nossas análises, optamos para o desenvolvimento da pesquisa pela divisão do gesto analítico em Recortes Discursivos (RDs), isto é, por delimitar um recorte temático de uma situação discursiva mais ampla, como define Orlandi (1984, p. 14), trata-se de “[...] uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem e situação. Assim um recorte é um fragmento de situação discursiva.”. Assim, delineamos dois RDs, considerando-os como recortes temáticos compostos por Sequências Discursivas (SDs), entendemos, então, que “[...] efetuamos nosso gesto de recortar sequências discursivas, ou seja, nosso gesto arqueológico de relacionar sequências linguísticas a uma memória.” (Mittman, 2007, p. 154).

Estabelecemos nosso gesto analítico em dois recortes discursivos: RD1 - **“Escrita - Reescrita”**, RD2 - **“Feedback - Reescrita”**, procuramos perceber com eles os efeitos de sentido depreendidos na produção textual dos resumos, de modo que, o

dispositivo analítico ao tomar como recorte temático a produção da primeira **“escrita”** do estudante, por exemplo, consegue (ou pelo menos tentará) atuar na análise dos processos que constituem os sentidos e os sujeitos em uma dada condição de produção, enquanto que, durante a **“reescrita”**, tem-se um outro modo do dizer funcionando, em condições de produção também diferentes. Ao processo do **“feedback”** lançamos um olhar para a constituição dos sentidos atravessados por procedimentos que, de certo modo, desestabilizam a escrita acadêmica, pois é devolvido ao estudante uma **“escrita”** marcada por uma “vontade de verdade”, por um saber/poder instituído para alçar a sua produção ao discurso científico.

Desse modo, o trabalho da análise partirá da configuração da formação discursiva do curso de Engenharia Elétrica buscando vislumbrar as relações de força que atuam na passagem do estudante para o discurso científico, perpassado pelo discurso pedagógico, tanto na produção da **“escrita”**, **“reescrita”** e **“feedback”**, pois sabemos que o discurso é constituído por condições de produção que o fazem funcionar, por meio de relações de força, sentido e antecipação, que juntos resultam na projeção de imagens que os sujeitos têm de si e do outro, ou seja, as formações imaginárias (Orlandi, 2015 [1999]). Assim,

[...] podemos ter muitas e diferentes possibilidades regidas pela maneira como a formação social está na história. Em nossa formação social, se pensarmos por exemplo a Universidade, podemos explorar algumas dessas possibilidades, a imagem que se tem de um pesquisador, a imagem que o aluno (o professor, o funcionário) tem de um Reitor, a imagem que o aluno (o professor, o funcionário) tem de um dirigente de um diretório acadêmico, a imagem que o aluno (o professor, o funcionário) tem de um dirigente de uma associação de professores universitários etc. Mas pelo mecanismo da antecipação, também temos, por exemplo: a imagem que o dirigente sindical tem da imagem que os funcionários têm daquilo que ele vai dizer. E isto faz com que ele ajuste seu dizer a seus objetivos políticos, trabalhando esse jogo de imagens. Como em um jogo de xadrez, é melhor orador aquele que consegue antecipar o maior número de “jogadas”, ou seja, aquele que mobiliza melhor o jogo de imagens na constituição dos sujeitos [...], **esperando-os onde eles estão, com as palavras que eles “querem” (gostaria de, deveriam etc.) ouvir.** (Orlandi, 2015 [1999], p. 39-40, grifo meu).

Dessarte, ao tensionarmos a problematização da prática discursiva da escrita acadêmica, buscamos pela constituição do processo de significação regido por relações de poder que “[...] se constitui nesse confronto do simbólico com o político” (Orlandi, 2015 [1999], p. 40). Assim, o estudante ao produzir seu texto insere-se em condições de produção específicas ligadas a uma exterioridade que é atravessada

pelos discursos pedagógico e científico, pois considerando que “[...] pela incompletude da linguagem – todo texto tem a ver com outros textos [pré-construídos], existentes, possíveis ou imaginários, pois ele tem sobretudo uma relação necessária com a exterioridade, estabelecendo assim suas relações de sentido [...]” (Orlandi, 2007b, p. 76-77).

Apresentamos para o RD1 – **“Escrita - Reescrita”**: *Marcas dos efeitos de sentidos*, uma reflexão sobre os sentidos já-ditos (interdiscurso, memória / pré-construído), pois estes dizeres “[...] afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.” (Orlandi, 2015 [1999], p. 29), e o que se está dizendo (intradiscurso, formulação), isto é, “[...] aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas.” (Orlandi, 2015 [1999], p. 31). Assim como a relação estabelecida por Orlandi (2007a [1992]) quanto ao silêncio, a incompletude e a interpretação, isto é, considerando que o dizer está sempre em aberto, e que “[...] o silêncio é fundante (não há sentido sem silêncio) e esta incompletude é função do fato de que a linguagem é categorização dos sentidos do silêncio, modo de procurar domesticá-los.” (Orlandi, 2007a [1992], p. 11).

Procuramos elencar SDs (ver quadro 5) que apresentem marcas linguístico-discursivas da manutenção dos sentidos (ou não) postas no resumo pelo estudante, pois pelo modo de constituição do resumo e como ele é ensinado, presume-se a garantia de um mesmo sentido, assim, “O gesto da interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é ‘materializada’ pela história.” (Orlandi, 2007b, p. 18).

Com o segundo recorte discursivo - RD2 - **“Feedback - Reescrita”** - *O entremeio dos sentidos*, nos interessa perceber as relações de saber e poder que perpassam os discursos, e seus procedimentos de controle e delimitação (Foucault, 2014 [1971]). Neste RD elencamos SDs (ver quadro 5) que apresentam regularidades dos modos que os estudantes produzem seus textos, levando em consideração que este acadêmico está entrando em um discurso científico atravessado pelo discurso pedagógico, conseqüentemente buscamos marcas de controle do discurso e se há (quais são) as marcas de inscrição desse sujeito-estudante.

Quadro 5 - Recortes Discursivos

Recortes Discursivos (RDs)
Recorte Discursivo 1 (RD1) - “Escrita - Reescrita” : <i>marcas dos efeitos de sentidos</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Sequências Discursivas (SDs) dos efeitos metafóricos, memória discursiva - pré-construído, silêncios e incompletude.
Recorte Discursivo 2 (RD2) - “Feedback - Reescrita” : <i>o entremeio dos sentidos</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Sequências Discursivas (SDs) dos procedimentos de controle dos discursos e as possíveis marcas de inscrição dos sujeitos.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2. RECORTES DISCURSIVOS 1 (RD1) – “ESCRITA-REESCRITA”: MARCAS DOS EFEITOS DE SENTIDO

Os textos, para nós, não são documentos que ilustram ideias pré-concebidas, mas monumentos nos quais se inscrevem as múltiplas possibilidades de leituras. (Orlandi, 2015 [1999], p. 62).

Com Orlandi (2015 [1999]), vemos que os textos se mostram como possibilidades para diferentes interpretações, em concordância com tais perspectivas, analisar a primeira escrita dos estudantes é uma oportunidade de perceber as escolhas e formas combinadas das palavras adotadas por cada estudante, ou seja, “A verdade é que dessas escolhas surgem outras e mais outras e, assim, nunca acabamos de esboçar e de nos esboçar, de escrever e reescrever [...]” (Schons, 2011, p. 140).

Para tanto, analisamos nos dois subtópicos, 4.2.1 Dos Efeitos metafóricos e 4.2.2. Marcas do atravessamento do silêncio e da incompletude, marcas discursivas que demonstrem como o texto produzido por cada estudante nos resumos podem apontar para uma prática discursiva da escrita individual, permeada por deslizes, silêncios, atravessamentos e efeitos de sentido próprios do ato da interpretação.

4.2.1. Dos efeitos metafóricos

Se bem que toda escrita – mesmo a ficcional, a poética, ou a mítica – sempre produz efeitos de verdade. Porque ela é sempre verdadeira enquanto enunciado, enquanto significante de algo. (Pereira, 2013, p. 214).

A produção da escrita acadêmica almejada pelos estudantes ao ingressarem na graduação é perpassada por efeitos de objetividade e neutralidade, o intuito é ingressar no discurso científico, ou seja, corroborando com a epígrafe de Pereira (2013), aquele reconhecido como produtor de “efeitos de verdade” (p. 214). Desse modo, as reflexões estão estruturadas sobre as formas linguístico-discursivas que marcam os deslizamentos realizados pelos estudantes em suas produções. As Sequências Discursivas apresentadas no quadro 6 delineiam as regularidades referente aos efeitos metafóricos.

Quadro 6 - Sequências Discursivas: Efeitos Metafóricos

Sequências Discursivas: Efeitos Metafóricos
SD 1: “O livro A Revolução dos Bichos” (TEA1)
SD 2: “Nos quatro primeiros capítulos de ‘A Revolução dos Bichos’” (TEA2)
SD 3: “A história se passa na Granja Solar” (TEA3)
SD 4: “A Revolução dos Bichos , de George Orwell” (TEA4)
SD 5: “Trata-se de um clássico da literatura inglesa ” (TEA5)
SD 6: “Os quatro primeiros capítulos do livro ” (TEA6)
SD 7: “Os capítulos 1, 2, 3 e 4 do livro ‘Revolução dos Bichos’” (TEA7)
SD 8: “A história se inicia na Granja do Solar” (TEA8)
SD 9: “O livro ‘A Revolução dos Bichos’” (TEA9)

Fonte: Elaborado pela autora.

A **Atividade Avaliativa** dos gêneros **fichamento e resumo** do livro “A Revolução dos Bichos”, de George Orwell (2023 [1945]), solicita do estudante uma proposta de resumo baseada em textos científicos, pois propõe ao estudante a elaboração de um resumo *indicativo e informativo* sob a definição de condensar “[...] as ideias, as partes, encadeando-as na progressão em que se sucedem no texto e estabelecendo a relação entre elas.” (Flôres, Olímpio e Cancelier, 1994, p. 140).

Sob essa perspectiva (texto científico), coloca-se os sentidos no eixo da argumentação; diferente do eixo de sentidos que se estabelece nos textos literários, normalmente voltados aos elementos da narrativa: tempo, espaço, personagem,

enredo e narrador. Uma característica marcante entre os dois tipos de texto é o fato do texto científico, necessariamente, prevalecer uma linguagem objetiva, clara e direta. Já no texto literário prevalece a linguagem emotiva, uso de conotações, sentido ficcional e poético.

Desse modo, podemos chamar a atenção para o efeito de sentido produzido pelos estudantes na resposta da primeira questão: “1) Produza um **resumo indicativo** contendo de 90 a 130 palavras referente aos capítulos 1 ao 4.”. Em todas as produções (ver Quadro 6), temos marcada a impessoalidade expressa no uso de um distanciamento do objeto resumido, passando a responsabilidade do dizer para o autor da obra literária. Observa-se na SD 5 “**Trata-se**”, o verbo conjugado na terceira pessoa acompanhada do pronome “se” como marcador de indeterminação do sujeito, confere ao dizer um grau de impessoalidade, não permitindo a definição exata de quem é o agente de que trata o discurso.

Porém, as nove produções “**escritas**” estabelecem um efeito metafórico, ocorre um deslizamento de sentido de um enunciado para outro, ou seja, “Falamos a mesma língua, mas falamos diferente. As palavras remetem a discursos que derivam seus sentidos das formações discursivas, regiões do interdiscurso que, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas.” (Orlandi, 2015 [1999], p. 78). Assim, os efeitos de sentidos postos pelos estudantes podem ser separados em duas formações discursivas distintas, uma concentrada no eixo do texto científico, e a outra no eixo dos textos literários.

Observando o Quadro 6 - Sequências Discursivas: Efeitos Metafóricos encontramos nas SDs 1, 2, 6, 7 e 9 um direcionamento da escrita acadêmica perpassada pelo científico, a escolha lexical para iniciar o texto emprega dentre as cinco SDs a(s) palavra(s) “**livro**” ou “**primeiros capítulos**”, ou ainda, “**quatro primeiros capítulos**”, tais palavras marcam nesses dizeres a aproximação com o discurso científico.

Nas SDs 3, 4, 5 e 8, nota-se o deslizamento do dizer (Pêcheux, 2014a), e uma aproximação com o texto literário, ao escolher a palavra “**história**” e as expressões “**A Revolução dos Bichos**” e “**clássico da literatura inglesa**” os estudantes optam por fazer uso de uma linguagem mais emotiva e poética, retomando o imaginário que funciona dentro da literatura. Vale ainda ressaltar que a “**escrita**” de TEA4 “**A**

Revolução dos Bichos” deixa subentendida a palavra “*história* ou *obra*” como um efeito conotativo.

Essa aproximação/distanciamento do discurso científico na escrita dos estudantes fica ainda mais evidente ao retomarmos o *feedback* do professor para esta questão. A correção da questão partia da estrutura pré-estabelecida para o resumo *indicativo*, para tanto o professor solicitava a utilização da expressão “*Nos primeiros capítulos do livro*”. Nota-se que, todos os resumos que iniciaram de modo diferente, foram conduzidos à reescrita de seus textos para se adequar à escrita acadêmica com fins ao discurso científico. Como podemos observar a seguir (Quadro 7):

Quadro 7 - Sequência Discursiva do “*feedback*”

Recortes do corpus de “ <i>feedback</i> ”	
TFA3	Resumo: Nos primeiro quatro capítulos do livro <i>A Revolução dos Bichos</i>, de George Orwell (1945), ... ou de forma separada “ No primeiro capítulo do livro <i>A Revolução dos Bichos</i>, de George Orwell (1945), os animais ..., No capítulo seguinte, ...No terceiro capítulo do livro, E, no quarto capítulo, ...” A história se passa na granja do solar, uma fazenda onde diversos animais vivem
TFA4	Resumo: A <i>Revolução dos Bichos</i> , de George Orwell, se passa numa granja liderada, inicialmente, pelo Sr. Jones. A obra retrata um grupo de animais que começam a se questionar acerca da natureza de suas vidas, visto que eles passam suas vidas sendo forçados a trabalhar e se desgastar em benefício de seu patrão. Com <u>isso eles</u> decidem unir-se contra os humanos, iniciando uma revolução, com a ideia de criar uma sociedade justa, igualitária e diferente dos homens. No exemplo de nosso trabalho, seria essencial sinalizar de quais capítulos trata o resumo. Isso pode ser feito de forma geral. “Nos primeiro quatro capítulos do livro <i>A Revolução dos Bichos</i>, de George Orwell (1945), ...” ou de forma separada “No primeiro capítulo do livro <i>A Revolução dos Bichos</i>, de George Orwell (1945), os animais ..., <u>No capítulo seguinte, ...No terceiro capítulo do livro, E, no quarto capítulo, ...”</u>
TFA5	Resumo: O livro <i>Revolução dos bichos</i> (ORWELL, 1945) ..Trata-se de um clássico da literatura inglesa. , onde <u>Nos</u> quatro primeiros capítulos do livro ... os animais cansados de serem explorados
TFA8	(sem entrada de parágrafo) Resumo: Nos primeiro quatro capítulos do livro <i>A Revolução dos Bichos</i>, de George Orwell (1945), ... A história se inicia na Granja do Solar

Fonte: Elaborado pela autora.

Cabe ressaltar que, apesar de TEA1 utilizar a palavra “livro” para iniciar seu texto no “*feedback*” o professor apontou a necessidade de inclusão do texto “Nos primeiros quatro capítulos do”, diferente do que ocorre em TEA9, que também inicia

sua “*escrita*” por “livro”, a justificativa que encontramos pode ser percebida na continuação do texto, como observamos a seguir (Quadro 8):

Quadro 8 - Sequência de “*feedback*” - TFA1 e TFA9

Recortes do corpus de “ <i>feedback</i> ” - TFA1 e TFA9	
TFA1	Resumo Nos primeiros quatro capítulos do livro A Revolução dos Bichos, de George Orwell, apresenta-se o início da revolução que se passa na Granja do Solar, uma fazenda liderada pelo Sr. Jones. Os animais, que lá viviam, insatisfeitos com a dominação e
TFA9	Sem entrada de parágrafo. Resumo: O livro “A revolução dos bichos”, escrito por George Orwell (1945), nos capítulos de 1 a 4, narra a história de como os animais da Granja do Solar,

Fonte: Elaborado pela autora.

Nota-se que em TFA9 o estudante utiliza a palavra “livro”, mas também deixa claro sobre quais capítulos o resumo vai tratar, diferente de TFA1, que não explicita quais capítulos serão resumidos, passando diretamente para o resumo da obra conforme o solicitado na atividade. É importante justificar que a escolha por manter TFA1 dentro do quadro de uma formação discursiva direcionada ao discurso científico se dá por apresentar uma construção sintática inicial idêntica à TFA9, ainda que a continuação textual se mostre diferente.

As SDs analisadas nesse recorte concebem a constituição dos sentidos estabelecidos pelos estudantes durante o processo de produção da escrita acadêmica, os efeitos e articulações presente nas escolhas lexicais realizadas pelos acadêmicos corroboram para o efeito metafórico próprio do dizer, é assim “[...] nesse lugar, em que língua e história se ligam pelo equívoco, lugar dos deslizes de sentidos como efeito metafórico, que se define o trabalho ideológico, o trabalho da interpretação.” (Orlandi, 2015 [1999], p. 79).

4.2.2. Marcas do atravessamento do silêncio e da incompletude

[...] toda palavra é capaz de poesia; todo sentido é capaz de silêncio. (Orlandi, 2007a, p. 109)

Em nosso objeto simbólico³⁸ “resumo”, a interpretação pode ser determinada em pelo menos dois momentos da nossa análise, conforme segue. O primeiro momento está centrado na primeira “**escrita**”, quando o estudante faz a leitura do enunciado da atividade, ele segue “certa direção”, determinada pela formação ideológica que o perpassa, para então seguir na elaboração de sua primeira produção escrita escolhendo quais partes do texto-fonte podem/devem ser citadas, e quais trechos da obra literária cabem dentro do solicitado para a citação direta ou indireta.

Nesta circunstância o estudante encontra-se regido por mecanismos imaginários de uma formação discursiva, ainda relativamente livre, ainda que orientada por um discurso pedagógico, mas, principalmente, uma formação discursiva literária³⁹, na qual a linguagem a ser empregada precisa estar ligada a linguagem do texto-fonte, notemos as escolhas lexicais que fazem parte da esfera literária (ver Quadro 6), nas SDs 3, 4, 5 e 8 os estudantes ao escolherem a palavra “**história**” e as expressões “**A Revolução dos Bichos**” e “**clássico da literatura inglesa**”, optam por uma linguagem marcada por um discurso literário, atribuindo sentido ao objeto de leitura que figura em um imaginário de obra clássica, marcante de uma época.

Além disso, as seleções de citações de cada estudante (ver Quadro 9), encontra-se no campo da relação com o poético, isto é, as “experiências literárias” promovidas em uma leitura de obras literárias, como “A Revolução dos Bichos” (Orwell, 2023 [1945]), na qual pode ocorrer a identificação com o eu lírico, ou a

³⁸ Utilizo aqui a expressão “objeto simbólico” para me referir ao resumo, não intento descaracterizá-lo como um gênero textual/discursivo, apenas marcar que diante da base teórica que vem sendo construída, neste ponto ele passa a funcionar sob os efeitos que pretendo direcionar no dispositivo de análise, portanto, no *corpus* desta pesquisa ele passa a funcionar como um objeto simbólico, significativo e produtor de diferentes efeitos de sentido (Orlandi, 2007b).

³⁹ Nomeio de “formação discursiva literária”, àquela que é constituída/elaborada em torno da leitura de uma obra literária, neste caso de uma ficção. Tal formação discursiva pode criar uma esfera mais voltada ao poético e subjetivo, em comparação à esfera de uma leitura de produções científicas.

experiência estética proporcionada pela construção das imagens, a evocação de emoções criadas em uma atmosfera única.

Quadro 9 - Sequência de "escrita - reescrita": escolha de citações

Sequência discursiva: "escrita - reescrita" - escolha de citações	
<p>TRA1 Questão 2 / b Capítulo 6</p>	<p>Podemos ver que nesse capítulo o porco Napoleão se torna <i>cada vez mais autoritário</i>, mudando regras que antes eram abominadas como dormir na casa-grande, fazer acordos com humanos, comercializar alimentos, os animais, como sempre inquietos, eram calados pelos argumentos de Sansão, que dizia: "Napoleão tem sempre razão". Novembro chega, e com ela fortes ventos, o que acabou destruindo o moinho no qual os animais estavam trabalhando duro para se concretizar, e então veio a questão, quem faria isso? Foi aí que Napoleão rugiu:</p> <p style="padding-left: 40px;">"Sabem quem foi o inimigo que, na calada da noite, destruiu nosso moinho de vento? BOLA DE NEVE! – rugiu violentamente com voz de trovão. – Bola de Neve foi o autor disto! Com rematada maldade, pensando em destruir nossos planos e vingar-se de sua ignominiosa expulsão, esse traidor penetrou até aqui, sob o manto da escuridão, e destruiu nosso labor de quase um ano. Camaradas, neste local e neste momento, pronuncio a sentença de morte para Bola de Neve." (ORWELL, 2015, p. 46).</p>
<p>TRA2 Questão 2 / b Capítulo 6</p>	<p>Já no capítulo 6 observamos <i>o quão trabalhosa passou a ser a vida dos animais</i>, que tinham agora, além de suas obrigações prévias, a tarefa de construir o moinho de vento, que chegou a envolver até mesmo trabalho braçal dos porcos. Contudo, vemos que <i>o desgaste do trabalho não desanimou os bichos</i>, já que ao menos <i>os homens</i> não estavam mais presentes, e, portanto, <i>não podiam maltratá-los ou explorá-los</i>. Porém os animais perceberam que não poderiam viver de forma autossuficiente, e precisariam praticar comércio para adquirir certos itens, o que gerou certa revolta nos bichos, como percebemos no seguinte trecho</p> <p style="padding-left: 40px;">Um domingo de manhã, quando os bichos se reuniram para receber as ordens, Napoleão anunciou sua decisão de encetar uma nova política. A partir daquele dia, a Granja dos Bichos passaria a comerciar comas da vizinhança; naturalmente, sem qualquer objetivo de lucro, mas com o fito único de obter algumas mercadorias urgentemente necessárias. As exigências do moinho de vento deviam sobrepujar tudo mais, disse. Em consequência, ele estava tratando da venda de uma grande meda de feno e de parte da safra de trigo daquele ano; mais tarde, caso fosse necessário mais dinheiro, este teria de ser obtido com a venda de ovos, para os quais sempre havia mercado em Willingdon. As galinhas, disse Napoleão, deveriam agradecer a oportunidade de oferecer esse sacrifício, como contribuição especial em prol da conservação do moinho de vento. Os animais sentiram outra vez uma vaga inquietude. Nunca realizar quaisquer contatos com seres humanos, nunca fazer comércio, jamais utilizar dinheiro – essas coisas não estavam entre as primeiras resoluções passadas naquela formidável Reunião inicial, logo após a expulsão de Jones? Todos se lembravam da aprovação dessas resoluções – ou pelo menos julgavam lembrar-se. (ORWELL, 2015, p. 41)</p> <p>A partir deste momento não podemos mais negar o <i>despotismo dos porcos</i>, que passaram a viver na casa de Jones e a dormir em camas, o que gerou desconfiança principalmente em Quitéria, porém, Garganta convenceu todos de que isso sempre foi permitido e era necessário. Por fim, somos surpreendidos ao descobrir que, durante uma noite chuvosa, o moinho desabou, fato que Napoleão atribuiu rapidamente a Bola-de-neve, determinando uma recompensa a quem o encontrasse e decidindo que deveriam recomeçar a construção.</p>
<p>TRA3 Questão 2 / b Capítulo 6</p>	<p>Observamos que os animais estavam <i>trabalhando duro</i>, tanto no plantio quanto na construção do moinho, apesar de vermos que estariam passando por certas dificuldades, por não poderem usar ferramentas humanas.</p> <p>Napoleão, para tentar enfrentar os imprevistos, <i>sugere de comercializar produtos com humanos</i>, duas coisas que vieram a deixar os animais inseguros com suas tomadas de decisão, "Os animais sentiram outra vez uma vaga inquietude. Nunca</p>

	<p>realizar quaisquer contatos com seres humanos, nunca fazer comércio, jamais utilizar dinheiro – essas coisas não estavam entre as primeiras resoluções passadas naquela formidável Reunião inicial, logo após a expulsão de Jones? Todos se lembravam da aprovação dessas resoluções – ou pelo menos julgavam lembrar-se. Os quatro jovens porcos castrados que haviam protestado quando Napoleão acabara com as Reuniões, levantaram timidamente a voz, mas foram logo silenciados por um rosar terrível dos cachorros. Nesse instante, como de hábito, as ovelhas estalaram “Quatro pernas boas, duas pernas ruim!” e a momentânea impertinência foi abafada.” (ORWELL, 1945, p. 41)</p>
<p>TRA4 Questão 2 / b Capítulo 6</p>	<p>Percebemos, no capítulo seis, que <u>os recursos começaram a ficar escassos e os bichos eram obrigados a aceitar tal situação, pelo medo do retorno de Jones</u>. Após uma nova confusão, o moinho é destruído, e com isso, chegávamos a um <u>novο clímax</u>:</p> <p>“Não percam tempo, camaradas! – bradou Napoleão, depois de examinar detidamente as pegadas. – Temos muito trabalho pela frente. Hoje mesmo, de manhã, recomeçamos a construção do moinho de vento e trabalharemos por todo o inverno, com sol ou com chuva. Mostraremos a esse traidor miserável que ele não pode desfazer nosso trabalho assim tão facilmente (ORWELL, 1945, p. 45-46).</p>
<p>TRA5 Questão 2 / b Capítulo 6</p>	<p>No capítulo seis, é importante <u>percebermos o comportamento dos bichos</u>, Mimosa fora embora, os porcos desfrutavam de regalias e os animais trabalhavam cada vez mais e comiam cada vez menos.</p> <p>Ao chegar o outono, os animais andavam cansados, mas felizes. Haviam tido um ano difícil, e após a venda de uma parte da safra de feno e de trigo, os estoques para o inverno não eram lá muito abundantes, mas o moinho de vento compensava tudo. Já estava quase pela metade. (ORWELL, 2007, p.44)</p> <p>Napoleão acusa Bola de Neve, de sabotagem e traidor, de ser o responsável pela destruição do moinho, sempre o responsabilizando por algo. (ORWELL, George, 2007, p.34)</p>
<p>TRA6 Questão 2 / b Capítulo 6</p>	<p>Vemos no 6º capítulo do livro o processo de construção do moinho de vento, de muita dificuldade e superação para os animais da Granja dos Bichos. Porém, por ser um projeto complicado, Napoleão teve a ideia de realizar acordos <u>comerciais com humanos para a arrecadação de recursos</u>, o que era proibido. Percebemos a manipulação dos porcos muito evidente nessa fala de Garganta após os bichos questionarem sobre sua <u>hipocrisia</u>:</p> <p>Alguns bichos ainda permaneciam em dúvida, porém Garganta perguntou-lhes astuciosamente: “Vocês estão certos de que não sonharam com isso? Existe algum registro dessa resolução? Está escrita em algum lugar?” E uma vez que, realmente, não existia escrito nada parecido com isso, os animais se convenceram de seu engano. (ORWELL, 2007, p.65)</p> <p>No final do capítulo nos é revelado que após uma noite de fortes ventos, o moinho foi destruído, e o culpado tinha nome, Bola de Neve. <u>Um inimigo em comum</u> era o que faltava para os animais da fazenda se aliarem à Napoleão e recomeçarem a reconstrução do moinho, uma mensagem para o mundo exterior de que eles não desistiam.</p>
<p>TRA7 Questão 2 / b Capítulo 6</p>	<p>Após a leitura do capítulo 6, é possível notarmos que o <u>tema principal abordado é a construção do moinho de vento</u> e suas complicações. Dentre essas, podemos citar como as principais: a dificuldade que os animais enfrentaram para obterem pedras do tamanho desejado (uma vez que não conseguiam usar as ferramentas corretas), a crescente falta de recursos e o cansaço extremo. Apesar de todas essas adversidades podemos afirmar que os animais estavam felizes pois</p> <p>[...] o moinho de vento compensava tudo. [...]. Nas horas de folga os animais passeavam em volta do moinho inacabado; admirando a solidez e a verticalidade de suas paredes, maravilhados com o fato de terem sido capazes de construir algo tão imponente. (ORWELL, 2015, p. 44).</p>

	<p>Todavia, nos é informado que, durante uma noite de novembro, todo esse progresso fora perdido, pois alguém havia destruído o moinho. Napoleão culpou à Bola de Neve pelo ato, colocou uma recompensa em sua cabeça e ordenou o início da reconstrução imediata do moinho.</p>
<p>TRA8 Questão 2 / b Capítulo 6</p>	<p>Lendo o capítulo seis, <i>fica claro a nossa indignação</i> com os animais devido as condições extensivas de trabalho oferecidas a eles pelo Porco Napoleão, mas que os próprios não as reconhecem como semelhantes as originais que motivaram a revolta (condicionada pelos humanos)</p> <p>Durante o ano inteiro os bichos trabalharam feito escravos. Mas trabalhavam felizes; não mediam esforços ou sacrifícios, cientes de que tudo quanto fizessem reverteria em benefício deles próprios e dos de sua espécie, que estavam por vir, e não em proveito de um bando de preguiçosos e aproveitadores seres humanos. (REVOLUÇÃO DOS BICHOS, 1945. p. 52).</p> <p><i>Os cavalos começam a nos representar e comparar sua atual situação de exploração à inicial provocada pelo Sr Jones.</i> O moinho que estava em construção cede, em meio a uma tempestade e Napoleão condena o desaparecido Bola de Neve como culpado e declara querer sua morte ao resto dos animais.</p>
<p>TRA9 Questão 2 / b Capítulo 6</p>	<p>Através da leitura do sexto capítulo, podemos conferir todo o árduo processo de construção do moinho e a exaustão dos animais envolvidos, ao passo que os porcos passam a viver confortavelmente na antiga casa do sr. Jones. Notamos a manipulação dos antigos mandamentos do animalismo conforme os interesses dos porcos e o proveito que se tira da diferença de intelectualidade com outros animais para que isso possa ocorrer. <i>Além disso, com a progressão da narrativa, vemos todo o trabalho dos envolvidos destruído; o cenário é o moinho de vento em ruínas.</i></p> <p>Visão terrível se apresentava aos seus olhos [...] o fruto de todas as suas lutas, rebaixado ao nível dos alicerces; e as pedras, que tão laboriosamente haviam levantado, espalhadas pelas redondezas. Impossível falar, de início; ali ficaram olhando tristemente à desordem das pedras caídas. (ORWELL, 2015, p. 45)</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

As SDs postas no Quadro 9, apresentam marcas de efeitos de sentidos de uma projeção constitutiva da relação de dispersão do sujeito com o texto-fonte. O estudante ao se relacionar com a significação atribui sentidos sócio-históricos e ideológicos para a obra literária. Cada sujeito-estudante faz um recorte do capítulo 6 em um jogo parafrástico no qual as referências e citações apontadas em seu resumo podem afetar ou moldar o seu discurso. No movimento constitutivo entre o mesmo e o diferente, estamos colocando em jogo aquilo que já foi dito, em outro lugar, e independente da vontade do sujeito, vai marcar seu dizer (Henry, 2013, on-line).

Contrapondo as escolhas de citações entre os estudantes, percebe-se a incompletude da linguagem, isto é, “[...] todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer. Essa dimensão nos leva apreciar a errância dos sentidos (a sua migração), a vontade do ‘um’ (da unidade, do sentido fixo), o lugar do *non sense*, o equívoco, a incompletude [...]” (Orlandi, 2007a [1992], p. 8, grifos da autora). As citações, foram o

lugar dos muitos sentidos, sustentando-se por formações discursivas historicamente determinadas em relações de força e de sentidos. A presença da ideologia é atestada por tais formações discursivas, nas quais as palavras recebem seus sentidos, daí o trabalho ideológico (memória / esquecimento) permite que o sujeito-estudante se filie aos sentidos de uma citação e não de outra, isto é, o acadêmico tem a “[...] ilusão que os sentidos ali significam segundo sua vontade imediata.” (Orlandi, 2015 [1999], p. 47)

Percebe-se em cada resumo (do mesmo capítulo - 6), o recorte do pré-construído, por exemplo, quando em TRA7, o estudante aponta, “tema principal abordado é a construção do moinho de vento”; assim, estando frente ao “desconhecido” (texto-fonte), o estudante passa ao “reconhecimento” dos ideais/argumentos que a obra literária o apresenta, este reconhecimento o leva aos recortes para a produção do seu resumo, e por conseguinte, proporciona os esquecimentos, pois nas palavras de Pêcheux (2014a [1975]) “[...] sendo ‘sempre-já’ sujeito, ele ‘sempre-já’ se esqueceu das determinações que o constituem como tal.” (p. 158). Observa-se, ainda com isso, que sendo o resumo um pré-construído, o texto-fonte é igual para todos, é o que todos sabem, mas seu funcionamento, o intradiscurso, a articulação é “[...] efeito da exterioridade do real ideológico-discursivo [...]” (Pêcheux, 2014a [1975], p. 160).

O segundo momento encontra-se quando o estudante recebe o “**feedback**” do professor e a partir desse comentário ele passa por um processo de apagamento do seu dizer, e um silêncio constitutivo (Orlandi, 2007a [1992]), mas por meio do mecanismo de produção de um dizer ideológico ele constitui (já-dito/repetível) os sentidos de sua “**reescrita**”, para sua formulação (atualização). Esse processo se dá em uma formação discursiva pedagógica, local da formação imaginária do professor como figura inter(mediadora) para o Discurso Científico, projetando o caminho da escrita acadêmica que deve ser seguido para este estudante adentrar nesse DC.

Na produção do resumo, o estudante, tem no silêncio a “[...] possibilidade [...] de trabalhar sua contradição constitutiva, a que o situa na relação de ‘um’ com o ‘múltiplo’, a que aceita a reduplicação e o deslocamento [...]” (Orlandi, 2007a [1992], p. 15). É nesse processo de “**reescrita**” do resumo que o sujeito-estudante encontra espaço no silêncio para deslocar ou não seu dizer em sua escrita acadêmica, portanto, quando o “**feedback**” é produzido da posição do professor, os outros dizeres são

apagados, “[...] apaga-se necessariamente a possibilidade de que se diga outra coisa naquele lugar.” (Orlandi, 2007a [1992], p. 91).

Antes de finalizar este recorte discursivo, desenvolvo um último gesto de interpretação que entendo fundamental para as reflexões que apresentamos até o momento. Quando nos propomos compreender os efeitos de sentido na produção da escrita acadêmica, intencionamos a compreensão de sujeitos e sentidos inscritos em formações discursivas distintas do dizível para os sujeitos. Nesse movimento, pensar as formas do silêncio nos coloca de frente a nossa questão de pesquisa, pois ao refletir sobre o resumo como a voz do outro da qual nos apropriamos em uma prática discursiva polissêmica/parafrástica, estabelecendo singularidades intrínsecas aos sujeitos de uma língua(gem) incompleta, colocamos no silêncio o lugar do possível e do equívoco. É no silêncio que o sujeito-estudante pode se mover na/pela significação percorrendo um percurso de singularidades só seu, particular e fundador. Ainda, nos dizeres da epígrafe de Orlandi (2007a [1992]), ao sentido também cabe o silêncio.

Pensem a leitura da obra de Orwell (2023 [1945]), como um movimento constitutivo do silêncio e da linguagem, em um processo histórico de produção dos sentidos (Orlandi, 2015 [1999]), no qual a proposta da **Atividade Avaliativa** figura nos moldes de um dispositivo analítico de leitura, ou seja, o professor ao propor enunciados que são capazes de desencadear a análise por parte dos estudantes, construindo um dispositivo de interpretação que possibilitará a produção singularizada dos sentidos. Cada sujeito-leitor na posição de estudante vai analisar a obra de seu lugar, e o silêncio fundante (Orlandi, 2007a [1992]), vai significar o não-dito abrindo espaço para a significação. Dito de outro modo, o “Silêncio que atravessa as palavras, existe entre elas, ou que indica que o sentido pode sempre ser outro, ou ainda que aquilo que é mais importante nunca se diz [...]” (p. 9).

Buscamos ao longo desse recorte discursivo trazer para discussão as produções escritas dos resumos em um batimento entre a teoria e a análise, recortando e segmentando nosso *corpus* para compreender como o objeto simbólico que apresentamos produz sentido. O caminho foi desenhado para “o como” nas metáforas, na incompletude e nos silêncios. No próximo recorte, passamos para a análise do batimento entre o “**feedback**” e a produção da “**reescrita**”, também tentando “o como” se produziu os sentidos.

4.3. RECORTES DISCURSIVOS 2 (RD2) - “**FEEDBACK - REESCRITA**”: O ENTREMEIO DOS SENTIDOS

[...] o fato de desconfiarmos de nosso primeiro rascunho e inventarmos sempre outro, a partir daquele que já fora feito, implica esforços heterogêneos e, ao mesmo tempo, únicos. Como fazê-lo, porém, naquelas instâncias em que se regulam os sentidos heterogêneos e se orienta para uma prática de linguagem uniformizante? (Schons, 2011, p. 141)

Iniciamos o Recorte Discursivo 2 com a epígrafe de Schons (2011), interessados em perceber os entremeios dos sentidos que são produzidos pelos estudantes a partir do *feedback* do professor. As produções dos resumos implicavam em uma busca por uma escrita, de certo modo, uniformizada às expectativas que o discurso científico exige do acadêmico, o que suscita o esforço para a reescrita do resumo. A análise que segue apresenta reflexões sobre os deslocamentos de sentidos imaginários e ideológicos.

4.3.1. O entremeio dos sentidos

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível. Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia [...] em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna [...] um desejo de se encontrar, logo de entrada, do outro lado do discurso [...]. (Foucault, 2014 [1971], p. 5)

O discurso de Michel Foucault em sua aula de abertura em 02 de dezembro de 1970 no *Collège de France*, na ocasião suas palavras são como uma poética discursiva. Estamos diante de um corpo (de Foucault) atravessado por sentidos que lutam para significar, a entrada no discurso do *Collège* se dá em um atravessamento de colocações, até certo ponto angustiadas, como podemos ler na epígrafe do subcapítulo.

Não seria difícil traçar um paralelo desta entrada de Foucault, à entrada do jovem estudante na universidade, lugar de encontro, desenvolvimento, aprendizagem, conflitos e disputas. O que distancia os dois sujeitos desta comparação é exatamente o ponto que trazemos para esta reflexão; Foucault entra para o *Collège de France* ocupando a cadeira de Jean Hyppolite na posição de professor, enquanto o jovem

indivíduo ingressa na universidade na posição de estudante, posições estas de certo modo antagônicas, mas, ainda sim, totalmente dependentes. Orlandi, classifica estas posições atravessadas por um discurso autoritário - o pedagógico; nós entendemos a predominância da autoridade posta, porém ainda sim pensamos em um discurso pedagógico de enfrentamento da “angústia” que perfaz essa entrada na universidade, e por consequência no Discurso Científico.

A prática discursiva da escrita acadêmica se faz nesse espaço de dizeres cortados por silêncios, incompletudes e deslizes, necessários para o fazer científico do discurso. O sujeito-estudante ao ser interpelado pela ideologia constrói seu dizer acadêmico amarrado às regras e estatutos pré-estabelecidos pelo DC. Quando o estudante deriva o sentido da sua “**escrita**” para o dizer sugerido pelo professor, ele está buscando, além da compensação pontual da nota, inserir-se / habituar-se / colocar-se no DC. A produção da “**reescrita**” do resumo devolve o texto à incompletude, demonstrando a busca ilusória do sujeito-estudante para a completude (Indursky, 2016).

Aqui, ainda na dualidade - professor/estudante - escrita/reescrita, podemos ingressar no verbo “desestabilizar”, empregado nesta pesquisa em três momentos diferentes, mas todos em função de uma completude dos sentidos. Ao produzir os apontamentos na “**escrita**” do estudante, o professor “[...] desestabilizou sua provisória estruturação e seus efeitos de sentido [...]” (Indursky, 2016, p. 33); e o estudante por sua vez “**reescreve**” o resumo “[...] antes de produzir o efeito de estabilização dos sentidos que decorre do efeito-fecho [...]” (Indursky, 2016, p. 33), a partir da oposição de um ponto final. Logo, a pontuação gráfica na marcação do “ponto final” que promovia o efeito-fecho⁴⁰ à “**escrita**” do primeiro resumo, perde o sentido para o “acréscimo” (Orlandi, 2005). Os apontamentos do professor funcionam no papel de inserção, retornando à produção da escrita para um “rascunho”, dito de outro modo, “[...] um mesmo texto, imaginado, volta sempre fazendo seu retorno em várias retomadas por um sujeito autor que trabalha diferentes formulações (versões) em uma história inacabada das diferentes textualizações possíveis.” (Orlandi, 2005, p. 95).

⁴⁰ O “efeito-fecho” tomado aqui está estruturado em Gallo (2008).

Entendemos a textualização a partir de Gallo (2008), para a autora a TEXTUALIZAÇÃO⁴¹ é a prática de constituição e produção de sentidos, considerando as condições de produção, assim, a textualização é efeito do texto, isto é, “[...] não há TEXTO enquanto um objeto que tenha uma existência independente da prática de sua produção (ou sua reprodução). Na verdade, é a prática de TEXTUALIZAÇÃO que produz o TEXTO.” (Gallo, 2008, p. 43).

Dessa maneira, o estudante ao textualizar os apontamentos do professor busca sua entrada no DC por meio da produção de discursos de verdade, e é no relacionamento professor - estudante que a relação poder - saber se perfaz; o sujeito-estudante se vê obrigado pelo poder a produzir a verdade, dessa forma “Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade.” (Foucault, 2022 [1979], p. 279). Essa busca constante pela objetividade e neutralidade inerentes ao DC, torna-se um imperativo ao estudante passar o dizer do professor para sua escrita, marcando sua inscrição no dizer científico, por mais que, de certo modo, a produção da **“reescrita”** possa estar marcada pelo dizer que não é seu (estudante), ele é obrigado a confessar a verdade (Foucault, 2022 [1979]).

A entrada no DC implica à escrita acadêmica do resumo se constituir nesse entremeio - DP e DC, buscando um efeito de sentido único, exigindo um afastamento do sujeito de sua produção escrita (uso da terceira pessoa), ou seja, o discurso da ciência se instala como procedimento de exclusão, interditando o que pode e deve ser dito, conforme Pereira (2013, p. 217),

“O mundo da ciência fez disseminar a ideia de que éramos capazes de controlar a verdade por intermédio do controle do discurso: apoiados na pretensão de controlar o discurso e sua origem, os cientistas desconsideravam que a gênese da linguagem, do discurso e da escrita é a própria história.”.

Nesse sentido, quando a ciência tira a história do discurso ela “apaga” também o sujeito, no anseio por estabelecer uma relação de neutralidade entre a realidade e

⁴¹ O conceito de TEXTUALIZAÇÃO em Gallo (2008) constrói-se a partir da reflexão sobre o discurso da oralidade (DO) e o discurso da escrita (DE), tratando dos processos de legitimação da escrita. Busca-se pensar no DE como aquele que se inscreve em um discurso institucional, desse modo percebendo que o sentido não está posto, ocorrendo a inscrição do sujeito na posição de autor.

a linguagem, apontando para uma redução da língua(gem) como uma representação da realidade do mundo material, sendo a prática da escrita apenas um meio para o objeto científico (Pereira, 2013). Por essa visão de uma língua deshistoricizada, objetiva e não sujeita a falhas que o estudante vai receber o *feedback* do professor, exigindo de sua parte um afastamento do dizer.

No entanto, no contexto acadêmico, os sujeitos escrevem e produzem marcas, e mesmo um discurso como este é atravessado pela voz do outro (autor da obra-fonte e professor). O que está em jogo, especificamente, é esse imbricamento do discurso científico com o pedagógico, regulando o funcionamento da escrita acadêmica, e tendo a predominância para a ocultação do sujeito no/do discurso. Observamos ainda, o que nos diz Vieira e Faraco (2020, p. 110):

Normalmente, quando começamos a fazer um curso universitário, acreditamos haver certa padronização da escrita acadêmica, genericamente qualificada como *formal* e *informal*. Aos poucos, a partir das nossas experiências cotidianas, vamos percebendo que **a diversidade das situações demanda de nós práticas de escrita também diversificadas**, que exigem competências múltiplas para além da simples obediência ao registro formal. (grifos do autor)

Reafirmamos e retomamos o que temos insistido ao longo deste trabalho, não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia, e somos sujeitos desde que falamos. E apesar da escrita acadêmica no âmbito universitário buscar o verdadeiro em uma escrita neutra, objetiva e distante da autoria, o discurso produzido por este sujeito na posição de estudante responsável pelo que diz, é constituído por sentidos, por uma memória discursiva, e considerando, ainda, que a noção de autor é uma função da noção de sujeito, respondendo pela organização do sentido e a unidade do texto, ou seja, a instância da formulação. Temos então, a função-autor, na qual o sujeito ao produzir qualquer materialidade se apresenta como origem, resultando em um texto com unidade e coerência. Dito de outro modo, “[...] o autor consegue formular no interior do formulável e se constituir, com seu enunciado, numa história de formulações.” (Orlandi, 1998b, p. 13).

Assim, para que seu enunciado faça sentido, o sujeito-estudante precisa se inscrever no repetível, pois é impossível ao autor evitar a repetição (Orlandi, 1998). Para ele (autor) a repetição é parte da história, ele inscreve sua formulação no

interdiscurso, na memória do dizer, como autor ele produz um sentido em sua interpretação, assumindo uma posição, não se trata de um “[...] mero exercício mnemônico [...]” (Orlandi, 1998b, p. 13). Porém, em um imaginário no qual a memória não encontra espaço para a formulação o sujeito só repete, nesse sentido Orlandi (1998b, 2015 [1999]), apresenta uma distinção entre os modos de repetição:

- a. Repetição empírica: exercício mnemônico que não historiciza o dizer;
- b. Repetição formal: técnica de produzir frases, exercício gramatical que também não historiciza, só o organiza;
- c. Repetição histórica: formulação que produz um dizer no meio dos outros, inscrevendo o que se diz na memória constitutiva [interdiscurso]. (Orlandi, 1998b, p. 14)

A nosso ver, o processo de **“reescrita”** do estudante a partir do **“feedback”** do professor promove um movimento entre esses modos de repetição, ora a produção escrita do estudante é permeada por uma única forma de repetição, ora por duas, em outro momento por todas as repetições. Para entender esses modos e trabalhar nosso gesto analítico apresentaremos as produções dos estudantes em sequências discursivas separadas em quadros pelos modos de repetição, portanto teremos no Quadro 10 os modos de repetição empírica, e o Quadro 11 os modos de repetição histórica. As SDs que compõem os recortes foram estruturadas nos quadros seguindo a ordem de apresentação de **“feedback” / “reescrita”**, estando as alterações realizadas pelos estudantes sublinhadas.

Destacamos que os resumos que compõem o *corpus* não apresentaram nenhuma produção escrita que pudéssemos enquadrar como uma repetição formal, portanto, as sequências analisadas fazem parte do gesto analítico desta pesquisadora.

Quadro 10 - Sequência Discursiva: Modos de Repetição Empírica

Sequências discursivas: Modos de repetição empírica	
TFA1	<p>Resumo: Nos primeiros quatro capítulos do livro A Revolução dos Bichos, de George Orwell, apresenta-se o início da revolução que se passa na Granja do Solar, uma fazenda liderada pelo Sr. Jones. Os animais, que lá viviam, insatisfeitos com a dominação e exploração que sofriam pelo fazendeiro decidem fazer uma revolução contra o inimigo, que seria aquele que anda sobre duas pernas. A revolução foi idealizada em um sonho que o porco Velho Major teve, onde em que os animais seriam autossuficientes e iguais. Era o princípio do Animalismo. O Major faleceu, mesmo assim os animais colocaram em prática sua ideia, expulsaram Sr. Jones e transformaram na Granja dos animais. Porém ainda sim muitos outros fazendeiros estavam interessados na fazenda, foi quando no dia 12 de outubro ocorreu a Batalha do Estábulo.</p> <p>Palavras-chave: Fazenda; Bichos; Revolução; Iguais.</p>
TRA1	<p>Resumo: Nos primeiros quatro capítulos do livro A Revolução dos Bichos, de George Orwell, apresenta-se o início da revolução que se passa na Granja do Solar, uma fazenda liderada pelo Sr. Jones. Os animais, que lá viviam, insatisfeitos com a dominação e exploração que sofriam pelo fazendeiro decidem fazer uma revolução contra o inimigo, que seria aquele que anda sobre duas pernas. A revolução foi idealizada em um sonho que o porco Velho Major teve, em que os animais seriam autossuficientes e iguais. Era o princípio do Animalismo. O Major faleceu, mesmo assim os animais colocaram em prática sua ideia, expulsaram o Sr. Jones e transformaram na Granja dos animais. Porém ainda sim muitos outros fazendeiros estavam interessados na fazenda, foi quando no dia 12 de outubro ocorreu a Batalha do Estábulo.</p> <p>Palavras-chave: fazenda; bichos; revolução; iguais.</p>
TFA2	<p>1) Resumo: Nos quatro primeiros capítulos de “A revolução dos bichos” (ORWELL, 1945), o autor narra o princípio de uma revolução feita pelos animais de uma fazenda no interior da Inglaterra, que foi incitada por um antigo porco eminente e ocorreu de forma súbita e violenta. Foram criados certos mandamentos que resumiam o espírito da revolução, embora muitos dos animais não se importassem em aprender a ler bem. Num primeiro momento tudo ocorreu bem na granja pós-revolução, até que seu antigo dono tentou retoma-la, o que resultou em um combate sangrento entre os homens e os animais, que acabaram ganhando a luta e mantendo o controle da granja. (M. Bom!)</p> <p>Palavras-chave: ???</p>
TRA2	<p>Resumo: Nos quatro primeiros capítulos de “A revolução dos bichos” (ORWELL, 1945), o autor narra o princípio de uma revolução feita pelos animais de uma fazenda no interior da Inglaterra, que foi incitada por um antigo porco eminente e ocorreu de forma súbita e violenta. Foram criados certos mandamentos que resumiam o espírito da revolução, embora muitos dos animais não se importassem em aprender a ler bem. Num primeiro momento tudo ocorreu bem na granja pós-revolução, até que seu antigo dono tentou retoma-la, o que resultou em um combate sangrento entre os homens e os animais, que acabaram ganhando a luta e mantendo o controle da granja.</p> <p>Palavras-chave: Animais; revolução; fazenda; Inglaterra.</p>
TFA4	<p>Percebemos, no capítulo seis, que os recursos começaram a ficar escassos e os bichos eram obrigados a aceitar tal situação, pelo medo do retorno de Jones. Após uma nova confusão, o moinho é destruído, e com isso, chegávamos a um novo clímax:</p> <p>“Não percam tempo, camaradas! – bradou Napoleão, depois de examinar detidamente as pegadas. – Temos muito trabalho pela frente. Hoje mesmo, de manhã, recomeçamos a construção do moinho de vento e trabalharemos por todo o inverno, com sol ou com chuva. Mostraremos a esse traidor miserável que ele não pode desfazer nosso trabalho assim tão facilmente. (ORWELL, 1945, p. 45]- 46) [deve ser justificada a formatação nas duas margens]</p>

TRA4	<p>Percebemos, <u>no capítulo seis</u>, que os recursos começaram a ficar escassos e os bichos eram obrigados a aceitar tal situação, pelo medo do retorno de Jones. Após uma nova confusão, o moinho é destruído, e com isso, chegávamos a um novo clímax:</p> <p style="text-align: center;"><u>“Não percam tempo, camaradas! – bradou Napoleão, depois de examinar detidamente as pegadas. – Temos muito trabalho pela frente. Hoje mesmo, de manhã, recomeçamos a construção do moinho de vento e trabalharemos por todo o inverno, com sol ou com chuva. Mostraremos a esse traidor miserável que ele não pode desfazer nosso trabalho assim tão facilmente (ORWELL, 1945, p. 45-46).</u></p>
TFA6	<p>ORWELL, George. A Revolução dos Bichos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (p. 15-48)</p> <p>Os quatro primeiros capítulos do livro citado A Revolução dos Bichos (ORWELL, 1945) têm a intenção de apresentar o leitor a um mundo que, inicialmente, parece superficial, mas, conforme se vai avançando nos capítulos, é notável que não se trata apenas de uma revolução de animais. Quando os animais tomam controle da fazenda do Senhor Jones, tudo parece correr bem, e continua assim por um bom tempo. Porém, discordâncias começam a acontecer, <u>comida</u> começa a sumir, e é aí que a narrativa do livro muda. É no quarto capítulo que o livro começa a se tornar mais profundo.</p> <p>Palavras-chave: ?? (1,5)</p> <p>Observações importantes:</p> <p>a) As <u>“palavras-chave”</u> fazem parte do resumo indicativo. Devem estar grafadas em minúscula [exceto nomes próprios; ordem da mais geral à mais específica; separadas por ponto e vírgula; ponto final depois da última];</p> <p>b) No resumo indicativo não se coloca referência, pois ela está na própria obra</p>
TRA6	<p>Os quatro primeiros capítulos do livro <u>A Revolução dos Bichos (ORWELL, 1945)</u> têm a intenção de apresentar o leitor a um mundo que, inicialmente, parece superficial, mas, conforme se vai avançando nos capítulos, é notável que não se trata apenas de uma revolução de animais. Quando os animais tomam controle da fazenda do Senhor Jones, tudo parece correr bem, e continua assim por um bom tempo. Porém, discordâncias começam a acontecer, comida começa a sumir, e é aí que a narrativa do livro muda. É no quarto capítulo que o livro começa a se tornar mais profundo.</p> <p>Palavras-chave: <u>revolução; poder; animais; fazenda</u></p>
TFA9	<p>Sem entrada de parágrafo. Resumo: O livro “A revolução dos bichos”, escrito por George Orwell (1945), nos capítulos de 1 a 4, narra a história de como os animais da Granja do Solar, mais tarde conhecida como Granja dos Bichos, provocam uma revolução ao expulsar do lugar o sr. Jones, antigo proprietário, em busca de independência e de melhores condições de vida. A obra, até então, retrata desde a colaboração dos animais em prol de uma causa comum até sutis desavenças entre os porcos Napoleão de Bola-de-Neve, que se encontram em posições de liderança. (M.bom!)</p> <p>Palavras-chave: ???</p>
TRA9	<p>RESUMO: O livro “A revolução dos bichos”, escrito por George Orwell (1945), nos capítulos de 1 a 4, narra a história de como os animais da Granja do Solar, mais tarde conhecida como Granja dos Bichos, provocam uma revolução ao expulsar do lugar o sr. Jones, antigo proprietário, em busca de independência e de melhores condições de vida. A obra, até então, retrata desde a colaboração dos animais em prol de uma causa comum até sutis desavenças entre os porcos Napoleão de Bola-de-Neve, que se encontram em posições de liderança.</p> <p>Palavras-chave: <u>revolução; ânimo; controle; fazenda; luta.</u></p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Observamos no Quadro 10 que, os apontamentos realizados pelo professor foram repetidos sem nenhuma alteração, a produção da “reescrita” se deu em um “efeito papagaio” (Orlandi, 2018). Sabemos que a paráfrase - a repetição do mesmo é necessária por ser a matriz do sentido, e neste caso o funcionamento do discurso se dá em uma relação de força, pois o professor fala de um lugar em que suas palavras têm autoridade sobre o DC, isto é, “[...] nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares [...]” (Orlandi, 2015 [1999], p. 37). Nesse caso, a “força” estabelecida pelo professor age como um poder sobre o dizer do estudante, mas não de forma negativa, e sim produtiva, em outras palavras,

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, **forma saber, produz discurso**. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (Foucault, 2022 [1979], p. 45 grifo meu)

Quadro 11 - Sequência Discursiva: Modos de Repetição Histórica

Sequências discursivas: Modos de repetição histórica	
TFA2	2.a) [aqui, esperava-se que o início se deve com um forma impessoal, mas o modo como você produz está entrada impessoaliza, também, o texto, porém de outra forma. Sugiro ver os outros exemplos no gabarito da prova assim que estiver disponível.] No quinto capítulo do livro A revolução dos bichos são notáveis as mudanças que começam a ocorrer na granja dos bichos, a começar pela evasão de Mimosa, que não conseguiu deixar pra trás certas características da vida anterior. Ademais, os porcos passaram a exercer um papel de autoridade maior, e os demais animais aceitaram tal hierarquia com naturalidade. O desenrolar da história no capítulo se deve ao fato de Napoleão e Bola-de-neve discordarem em todos os pontos possíveis, o que culmina no uso de força física por parte de Napoleão para expulsar Bola-de-neve da granja. Após isso é evidente ao leitor a manipulação feita pelos porcos, como é possível observar na passagem “Napoleão [...] Anunciou que daquele momento em diante terminariam as Reuniões dos domingos de manhã. [E também o caráter democrático da granja.] Eram desnecessárias perdas de tempo. Para o futuro, todos os problemas relacionados com o funcionamento da granja seriam resolvidos por uma comissão de porcos [...]” (ORLANDI, 2015, p. 37) Por fim, ficou determinado que seria construído um moinho de vento para gerar eletricidade na granja.
TRA2	a) No quinto capítulo do livro A revolução dos bichos <u>percebem-se mudanças na granja dos bichos</u> , a começar pela evasão de Mimosa, que não conseguiu deixar pra trás certas características da vida anterior. Ademais, os porcos passaram a exercer um papel de autoridade maior, e os demais animais aceitaram tal hierarquia com naturalidade. O desenrolar da história no capítulo se deve ao fato de Napoleão e Bola-de-neve discordarem em todos os pontos possíveis, o que culmina no uso de força física por parte de Napoleão para expulsar Bola-de-neve da granja. Após isso torna-se evidente ao leitor a manipulação feita pelos porcos, como é possível observar na passagem “Napoleão [...] Anunciou que daquele momento em diante terminariam as Reuniões dos domingos de manhã. [E também o caráter democrático da granja.] Eram desnecessárias perdas de tempo. Para o futuro, todos os problemas relacionados com o funcionamento da granja seriam resolvidos por uma comissão de

	porcos [...]” (ORWELL, 2015, p. 35) Por fim, ficou determinado que seria construído um moinho de vento para gerar eletricidade na granja.
TFA3	<p>Resumo: Nos primeiro quatro capítulos do livro <i>A Revolução dos Bichos</i>, de George Orwell (1945), ...” ou de forma separada “No primeiro capítulo do livro <i>A Revolução dos Bichos</i>, de George Orwell (1945), os animais ..., <u>No capítulo seguinte</u>, ...<u>No terceiro capítulo do livro</u>, E, <u>no quarto capítulo</u>, ...” A história se passa na granja do solar, uma fazenda onde diversos animais vivem na miséria, enquanto os donos da fazenda levam uma boa vida sem muito esforço. Entre os animais, há um porco chamado Major, considerado o mais sábio, e que um dia convoca todos os animais para uma reunião, em que eles discutem suas péssimas condições e como desejam se rebelar contra os humanos, para criar uma sociedade mais justa para trabalhadores. Em pouco tempo, o porco Major morre, porém seus desejos de mudança continuam vivos em seus companheiros animais, que em um esforço coletivo buscam realizar a tão sonhada revolução. Portanto, os outros porcos assumem vigorosamente a liderança da granja, porém com a tempo começam a se tornarem líderes <u>suspeitamente</u> autoritários, aquilo que Major jurou abolir. No resumo indicativo, deve-se ir direto ao ponto e de forma genérica;</p> <p>Palavras-chave:??</p>
TRA3	<p>Nos primeiros capítulos do livro, somos apresentados a <u>granja do solar</u>, uma fazenda onde diversos animais vivem na miséria, enquanto os donos levam uma boa vida sem muito esforço. Entre os animais, há um porco chamado Major, considerado o mais sábio, e que um dia convoca todos os animais para uma reunião, em que eles discutem suas péssimas condições e como desejam se rebelar contra os humanos, para criar uma sociedade mais justa para trabalhadores. Em pouco tempo, o porco Major morre, porém seus desejos de mudança continuam vivos em seus companheiros animais, que em um esforço coletivo buscam realizar a tão sonhada revolução. Portanto, os outros porcos assumem vigorosamente a liderança da granja, porém com a tempo começam a se tornarem líderes <u>suspeitamente</u> autoritários, aquilo que Major jurou abolir.</p> <p>Palavras-chave: Fazenda, Animais, Miséria e Rebelar.</p>
TFA4	<p>Resumo: A Revolução dos Bichos, de George Orwell, se passa numa granja liderada, inicialmente, pelo Sr. Jones. A obra retrata um grupo de animais que começam a se questionar acerca da natureza de suas vidas, visto que eles passam suas vidas sendo forçados a trabalhar e se desgastar em benefício de seu patrão. Com <u>isso eles</u> decidem unir-se contra os humanos, iniciando uma revolução, com a ideia de criar uma sociedade justa, igualitária e diferente dos homens. No exemplo de nosso trabalho, seria essencial sinalizar de quais capítulos trata o resumo. Isso pode ser feito de forma geral. “Nos primeiro quatro capítulos do livro <i>A Revolução dos Bichos</i>, de George Orwell (1945), ...” ou de forma separada “No primeiro capítulo do livro <i>A Revolução dos Bichos</i>, de George Orwell (1945), os <u>animais</u> ..., <u>No capítulo seguinte</u>, ...<u>No terceiro capítulo do livro</u>, E, <u>no quarto capítulo</u>, ...”</p> <p>Deve ser um parágrafo único.</p> <p>Com isso, iniciam-se diversos eventos, onde os animais expulsam o Sr. Jones e os porcos passam a liderar a granja. Porém, novamente começam a aparecer situações de superioridade e desigualdade.</p> <p>Palavras-chave: ???</p>
TRA4	<p>Resumo: A Revolução dos Bichos, de George Orwell, se passa numa granja liderada, inicialmente, pelo Sr. Jones. <u>No primeiro capítulo</u>, a obra retrata um grupo de animais que começam a se questionar acerca da natureza de suas vidas, visto que eles passam suas vidas sendo forçados a trabalhar e se desgastar em benefício de seu patrão. <u>No segundo capítulo</u> eles decidem unir-se contra os humanos, iniciando uma revolução, com a ideia de criar uma sociedade justa, igualitária e diferente dos homens. <u>No terceiro capítulo tudo ia bem, os malefícios anteriores haviam desaparecido, porém, no capítulo seguintes iniciam-se conflitos com os humanos, onde inicialmente os animais saem vitoriosos.</u></p> <p>Palavras-chave: poder; conflitos; revolução; crise.</p>

TFA6	<p>O capítulo 5 do livro é (era para ser impessoal) onde as tensões entre os animais começam a acontecer de maneira mais acentuada e quando um personagem começa a se destacar entre os demais, o porco Napoleão. Logo no começo da passagem a égua Mollie foge da fazenda, sinal de que as coisas já não eram perfeitas como no princípio da rebelião. Então os animais entram em um consenso de que os porcos deviam tomar as decisões políticas da fazenda (por serem os mais espertos). Esse é o estopim para o começo dos debates acalorados entre os porcos Bola de Neve e Napoleão, que direcionam a trama.</p> <p>O autor mostra Napoleão como um personagem que mais discorda das ideias de Bola de Neve do que propõe as suas. A principal ideia de Bola de Neve para o tornar líder da fazenda é a construção de um moinho de vento, que Napoleão discorda veementemente “[...]o moinho de vento era um absurdo, e que não aconselhava ninguém a votar em favor dele [Passagem muito importante para entender as reais intenções de napoleão] [...]” (ORWELL, 2007, Pp.. 54).</p> <p>O desfecho e clímax do capítulo se dá no dia da reunião para decidir o líder da fazenda. Sendo assim, Napoleão expulsa Bola de Neve da fazenda com ajuda de nove cães enormes e Papudo. Com o resto dos animais perplexos, o novo “governo” alegou que Bola de Neve era um criminoso, e Napoleão afirmou que nunca se opôs à construção do moinho de vento, que era apenas uma manobra para se livrar de seu desafeto. A partir daí Napoleão vira o personagem principal de uma discussão bem atual sobre poder e manipulação.</p>
TRA6	<p>No capítulo 5, tem-se o começo das tensões entre os animais mais acentuada e é quando um personagem começa a se destacar entre os demais, o porco Napoleão. Logo no começo da passagem fica-se sabendo que a égua Mollie fugiu da fazenda, sinal de que as coisas já não eram perfeitas como no princípio da rebelião. Então os animais entram em um consenso de que os porcos deviam tomar as decisões políticas da fazenda (por serem os mais espertos). Esse é o estopim para o começo dos debates acalorados entre os porcos Bola de Neve e Napoleão, que direcionam a trama.</p> <p>O autor mostra Napoleão como um personagem que mais discorda das ideias de Bola de Neve do que propõe as suas. A principal ideia de Bola de Neve para o tornar líder da fazenda é a construção de um moinho de vento, que Napoleão discorda veementemente “[...]o moinho de vento era um absurdo, e que não aconselhava ninguém a votar em favor dele [Passagem muito importante para entender as reais intenções de napoleão] [...]” (ORWELL, 2007, p. 54).</p> <p>O desfecho e clímax do capítulo se dá no dia da reunião para decidir o líder da fazenda. Sendo assim, Napoleão expulsa Bola de Neve da fazenda com ajuda de nove cães enormes e Papudo. Com o resto dos animais perplexos, o novo “governo” alegou que Bola de Neve era um criminoso, e Napoleão afirmou que nunca se opôs à construção do moinho de vento, que era apenas uma manobra para se livrar de seu desafeto. A partir daí Napoleão vira o personagem principal de uma discussão bem atual sobre poder e manipulação.</p>
TRA9	<p>No sétimo capítulo da obra, os animais passam a trabalhar mais para recuperar o que foi perdido e a ter cada vez menos comida disponível. Ainda assim, conforme a escritura de Orwell (2015, p. 48) era imprescindível que o mundo externo não tomasse conhecimento das más condições pelas quais estavam passando ao lidar com a suposta traição de Bola-de-Neve por meio da sabotagem do moinho de vento e dos escassos recursos disponíveis para os animais; para tal, foi passada uma falsa impressão de normalidade e prosperidade.</p>

TFA9

Os animais passam a trabalhar mais para recuperar o que foi perdido e a ter cada vez menos comida disponível. Era imprescindível que o mundo externo não tomasse conhecimento das más condições pelas quais estavam passando; para tal, foi passada uma falsa impressão de normalidade e prosperidade.

“Napoleão bem sabia dos maus resultados que poderiam advir, caso a verdadeira situação alimentar da granja fosse conhecida, e resolveu utilizar o Sr. Whymper para divulgar uma impressão contrária. Até então, os animais tinham tido muito pouco ou nenhum contato com Whymper, em suas visitas semanais: agora, entretanto, alguns bichos selecionados, principalmente ovelhas, foram instruídos para comentarem, casualmente, mas de forma bem audível, o fato de terem sido aumentadas as rações. Em complemento, Napoleão deu ordens para que as tulhas do depósito, que estavam quase vazias, fossem recheadas de areia quase até a boca, depois completadas com cereais e farinha. A um pretexto qualquer Whymper foi conduzido através do depósito e pôde dar uma olhadela nas tulhas. Foi enganado e continuou a dizer lá fora que, absolutamente, não havia falta de alimento na Granja dos Bichos.”

Veio a tona que Bola-de-Neve estava de fato infiltrado na Granja, buscando sabotar a mesma e até mesmo lutando junto dos humanos. A partir desse ponto foram violentamente executados todos os animais suspeitos de traição e a grande maioria das coisas que davam errado passaram a ter a culpa atribuída ao porco em questão. Mais uma vez, palavras passam a serem distorcidas e perder seu significado quando passa a ser aceitável que um bicho tire a vida de outro e a ser proibido que se cante a canção que deu vida á revolução.

Fonte: Elaborado pela autora.

Com a repetição histórica o sujeito inscreve seu dizer na constituição histórica, na memória discursiva, tornando passível de interpretação, observa-se no Quadro 11 como os estudantes mobilizaram seus dizeres em função da interpretação, tem-se o deslocamento dos sentidos em um trabalho da memória no qual temos espaço para a transferência entre professor e estudante. Pensando a partir da proposta de Orlandi (1998b), de que o estudante possa falar de seu lugar aprofundando sua posição em formulações em um trabalho histórico dos sentidos, queremos pensar nos conceitos de *reversibilidade* (movimento entre posições), e a *intercambialidade* (substituição na mesma posição). Intentamos uma apropriação conceitual aplicada ao *corpus* em questão no intuito de destacar os deslocamentos promovidos pelos estudantes a partir dos apontamentos realizados pelo professor, em um âmbito de produção sentidos que, apesar de estarem perpassados pelo DP, ainda sim temos a escrita acadêmica produzindo conhecimento no processo de ensino e aprendizagem.

A *intercambialidade*, segundo Orlandi (1998b), trata de posições equivalentes, mas que são mutuamente substituíveis, pensando na esfera acadêmica o discurso docente tem equivalência nos sentidos entre um professor e outro, dessa maneira, como já apontado, o que significa são as posições e não a situação social. Já a

reversibilidade, tem-se a possibilidade de movimentação entre as posições, assim permitindo que uma posição tenha “[...] igual legitimação no processo discursivo em que se confronta [...]” (Orlandi, 1998b, p. 17).

Com essa noção, estamos evocando o trabalho da memória em um confronto com os sentidos produzidos em cada posição. O que vemos acontecer a partir do **“feedback”** do professor é uma “[...] reversibilidade possível face a impossibilidade da intercambialidade [...]” (Orlandi, 1998b, p.18), quando o sujeito na posição-estudante fica impedido de substituir a posição do professor, o modo dele (estudante) entrar para o discurso é deslocando seu dizer para a voz dominante (ou aproximando dos conceitos de Foucault - verdade). O dizer do professor parte de uma posição histórica, apagada ideologicamente, mas ainda sim produzindo o efeito de referência e de verdade.

Trazemos, ainda, para nosso gesto analítico uma regularidade discursiva notada no recorte realizado na materialidade do **“feedback”**. Dentre as nove produções escritas, os resumos realizados por A2, A7 e A9 alcançaram a nota máxima para a questão apesar de apresentarem indicação para “melhoria”, conforme vemos no Quadro 12.

Quadro 12 - Sequência Discursiva: Mecanismo de Antecipação

Sequências discursivas: Mecanismo de antecipação	
TFA2	<p>2.a) [aqui, esperava-se que o início se deve com um forma impessoal, mas o modo como você produz está entrada impessoaliza, também, o texto, porém de outra forma. Sugiro ver os outros exemplos no gabarito da prova assim que estiver disponível.] No quinto capítulo do livro A revolução dos bichos são notáveis as mudanças que começam a ocorrer na granja dos bichos, a começar pela evasão de Mimoso, que não conseguiu deixar pra trás certas características da vida anterior. Ademais, os porcos passaram a exercer um papel de autoridade maior, e os demais animais aceitaram tal hierarquia com naturalidade. O desenrolar da história no capítulo se deve ao fato de Napoleão e Bola-de-neve discordarem em todos os pontos possíveis, o que culmina no uso de força física por parte de Napoleão para expulsar Bola-de-neve da granja. Após isso é evidente ao leitor a manipulação feita pelos porcos, como é possível observar na passagem “Napoleão anunciou que daquele momento em diante terminariam as Reuniões dos domingos de manhã. E também a extinção das reuniões da granja”. Eram desnecessárias perdas de tempo. Para o futuro, todos os problemas relacionados com o funcionamento da granja seriam resolvidos por uma comissão de porcos [...]” (BRUNELI, 2013, p. 35) Por fim, ficou determinado que seria construído um moinho de vento para gerar eletricidade na granja.</p> <p>(2,0)</p>

TFA7	<p>c) De acordo com Orwell (2015, p. 47-56)[aqui seria mais interessante localizar uma citação específica e aponta a página específica, mas de todo modo está correto como vocês fez] nesse capítulo observa-se em todos os animais um enorme terror e paranoia após Garganta anunciar que Bola de Neve era um agente de Sr. Jones desde o início da Revolução, estava frequentando a Fazenda durante as noites e que planejava atacá-la em algum momento. Ao final do capítulo, Napoleão ordena a execução de animais que confessaram traição à Granja dos Bichos ao aliarem-se a Bola de Neve. Esse acontecimento chocou a todos os animais, deixando-os até mesmo trêmulos e fazendo com que alguns, como <u>Quitêra</u>, duvidassem do caminho que a Revolução havia tomado.</p> <p>(2,0)</p>
TFA9	<p>No decorrer do capítulo, proposta por Bola-de-Neve a construção de um moinho de vento que prometia, uma vez pronto, significar menos trabalho para os animais. A ideia é, porém, refutada por Napoleão, que raramente costuma concordar com o outro porco. [aqui, esperava-se que o início se desse com um forma verbal impessoal, mas o modo como você produz está entrada impessoaliza, também, o texto, porém de outra forma. Sugiro ver os outros exemplos no gabarito da prova assim que estiver disponível.] Depois de muito debate bilateral sobre quais seriam as reais prioridades da Granja, a ideia de Bola-de-Neve é aprovada pela maioria. No entanto, logo em seguida, ao sinal de Napoleão, o celeiro é invadido por cães treinados pelo mesmo, que se puseram a atacar e afugentar Bola-de-Neve. Dali em diante, foram anunciadas mudanças nas regras em vigor. Protestos teriam sido feitos, não fosse a violência potencial dos cães e a dificuldade de muitos bichos para ordenar seus pensamentos. Aproximando-se o final do capítulo, o eloquente porco Garganta convence os animais de que Bola-de-Neve era na verdade um criminoso e argumenta a favor das mudanças nas dinâmicas de tomada de decisões impostas por Napoleão “... disciplina ferres! Esse é o único reme para os dias que correm. Um passo em falso, e o inimigo estará sobre nós. Por certo, camaradas, não quereis Jones de volta, hein?” ORWELL, 1945, p. 36.</p> <p>(2,0)</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Considerando que o processo de significação é aberto e não administrado, podemos afirmar que é por essa abertura que o sujeito tende à estabilização, à cristalização, e estando nos limites da paráfrase e da polissemia o sujeito, na posição de estudante universitário, produz seu enunciado atravessado por um DP que busca determinações impelidas por uma memória discursiva que reclama sentidos de um “[...] saber / poder / dever / dizer [...]” (Orlandi, 2015 [1999], p. 51). O sujeito estudante no processo da primeira “escrita” já trabalhou na articulação entre a estrutura e o acontecimento, isto é, o estudante ao entrar em um “mundo” (do discurso científico), já dotado de sentidos que o antecedem, coloca-se no movimento contínuo dos processos de significação, supondo sua inscrição na materialidade da língua e na

memória discursiva (interdiscurso). Ao adentrar nessa matriz da formulação, o estudante encontra na estabilização do seu enunciado a marca de sedimentação da sua identificação como sujeito-autor.

Para empreender uma discussão quanto ao lugar do sujeito-estudante nesse processo de identificação e inscrição de si e do seu dizer no discurso científico, propomos pensar que o sujeito na posição de estudante assume a responsabilidade pelo seu dizer ao organizar os enunciados de sua produção a partir dos apontamentos feitos pelo professor, o intuito é produzir um efeito fechamento, a completude do seu dizer (Orlandi, 2007b). Nesse sentido, para que ele se instaure na posição de sujeito que diz é preciso lançar mão dos dois esquecimentos de Pêcheux (2014a [1975]), o primeiro - ideológico (ilusão de origem do dizer), e o segundo - enunciativo (ilusão de controle sobre o sentido)⁴², depreende-se então que, o estudante ao se assumir o dizer do professor como seu (por efeito do primeiro esquecimento), está abarcado pela força do imaginário e produz um efeito, necessário, de unidade do discurso, conseqüentemente, o que enuncia é de sua responsabilidade.

Na articulação entre o imaginário (unidade do discurso e a identidade do autor) e o real (dispersão dos textos e do sujeito), o jogo intrincado das distintas formações discursivas, tem-se que “[...] a Unidade resulta de uma construção imaginária que rege a incompletude e a dispersão real dos sujeitos e dos sentidos arregimentada pela força organizadora da ideologia, no funcionamento discursivo das relações de poder que se simbolizam.” (Orlandi, 2005, p. 97). Assim, ao produzir sua **“reescrita”**, o estudante investido na função-autor produz o apagamento do equívoco marcado pelo professor, ao dizer, por exemplo: “[...] aqui, esperava-se que o início se desse com uma forma verbal impessoal, mas o modo como você produz esta entrada impessoaliza, também, o texto, porém de outra forma [...]”, desse modo, inscrevendo-se como autor.

Ao longo das análises, buscamos refletir sobre as regularidades depreendidas do *corpus* de pesquisa, apontamos para efeitos de sentidos que reverberam como marcas de deslocamentos determinados por formações imaginárias e ideológicas imbricadas nos dizeres dos estudantes.

⁴² Os dois esquecimentos de Pêcheux foram pontuados na página 28 desta dissertação.

5. O “FECHAMENTO” DO PERCURSO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

E o principal fica fora do resumo principal. (Gessinger, Trecho da música Vícios de Linguagem, 1995)

Produzo o “efeito-fecho” nesta pesquisa retomando a epígrafe do capítulo 1, Gessinger (1995), em confluência com a epígrafe que coloco aqui (Gessinger, 1995), neste “fechamento”. Comecei a produção escrita deste trabalho em um chamado a adentrar por um percurso atravessado por efeitos de sentido que buscam por um dizer particular, no qual, ilusoriamente, intencionei me inscrever como uma analista do discurso. Desde lá estava ciente dos “riscos” que seria essa entrada, e das lacunas deixadas pelo caminho. É a partir dessas lacunas que me coloco agora para deixar os sentidos seguirem, e novos dispositivos serem construídos a partir deste. Ao tomar a palavra no intuito de produzir esse efeito de fechamento em meu dizer, percebo que, assim como a epígrafe que abre este gesto de ponto final diz, estou certa de que há muito a ser dito, e possivelmente o principal ficou de fora.

A produção escrita deste trabalho de pesquisa se fez em um ato de constituição dos efeitos de sentido empreendidos por um processo de tomada da palavra repleto de atravessamentos, deslizos e incompletudes. No papel de analista do discurso, dediquei-me a um gesto de interpretação, fiz escolhas, abandonei outras, marquei meu dizer por filiações e posicionamentos perpassados por um imaginário de unidade. As palavras ditas, e os gestos aqui realizados pretendem a completude, e abarcar o todo que o objeto simbólico poderia dizer, porém, mais uma vez, possivelmente o principal ficou de fora.

Busquei com esta pesquisa a reflexão sobre a escrita acadêmica de um gênero textual/discursivo conhecido no âmbito acadêmico, mas de certo modo pouco estudado, dada sua estrutura e características demonstrar para o estudante um aspecto de simplicidade e proeminência face a gêneros considerados mais prestigiados. Nesse sentido, analisei a escrita acadêmica do resumo a partir de produções de estudantes de Engenharia Elétrica ingressantes na universidade, em uma passagem do Discurso Pedagógico (DP) para o Discurso Científico (DC).

Nesse espaço conclusivo, retomo a questão de pesquisa norteadora: “se todo resumo conceitualmente é paráfrase, ou seja, é a voz do outro na nossa produção, é

da ordem do mesmo, como que cada resumo é tão singular e tão diferente?”. E um primeiro desdobramento da questão, aventou quanto ao estabelecimento e marcas de singularidades entre um resumo e outro. Ao longo das análises desenvolvidas na pesquisa, desenvolvi gestos de interpretações que apontaram para essa questão central de pesquisa, pois ao refletir sobre o resumo como o dizer do outro do qual nos apropriamos em uma prática discursiva polissêmica/parafrástica, o estudante estabeleceu singularidades em sua escrita que são intrínsecas aos sujeitos de uma língua(gem) incompleta, desse modo, o silêncio é o lugar do possível e do equívoco. Logo, é no silêncio que o sujeito-estudante pode se mover na/pela significação, traçando um percurso que é só seu, fundador. Percebeu-se que as singularidades entre um resumo e outro estão estabelecidas e marcadas nas escolhas de citações que cada estudante fez, atestando a presença do ideológico. Assim, a interpretação em uma relação da linguagem com a historicidade foi permeada/marcada por mecanismos imaginários, trabalhando a contradição entre o mundo e a linguagem.

Como desdobramento da questão central, questionei, também: “haveria nessa produção escrita uma inscrição do sujeito marcando uma diferença entre um resumo e outro?”. Em resposta, no movimento analítico, percebi marcas de dizer do estudante e sua inscrição no processo da reescrita do resumo, pois a busca por objetividade e neutralidade, inerentes ao DC, torna imperativo ao estudante passar o dizer do professor para sua escrita. Nesse processo de reescrita, o *feedback* do professor implica em uma escrita acadêmica do resumo constituída no entremeio do DP e DC, buscando um efeito de sentido único, e um afastamento do dizer. Além disso, a inscrição do dizer do estudante no DC se dá quando o sujeito-estudante assume a responsabilidade pelos seu dizer, organizando os enunciados de sua produção escrita a partir dos apontamentos feitos pelo professor com o intuito de produzir um efeito de fechamento.

Ademais, corroborando com os dizeres de Foucault (2014 [1971], 2022 [1979]), quanto aos seus procedimentos de controle e exclusão dos discursos, em uma empreitada para demonstrar princípios que interditam e tornam rarefeitos os discursos no âmbito acadêmico. O acadêmico busca sua entrada no DC permeado por tais princípios, produzindo discursos de verdade com características de objetividade, clareza e neutralidade.

Com a produção da reescrita do resumo, considerando o *feedback* do professor, percebemos pelo exposto nas análises que, o estudante devolveu o texto à incompletude, pois mesmo ocorrendo uma busca por compensação da nota, o estudante intenciona inserir-se/habituar-se/colocar-se no DC. Essa busca ilusória por completude foi pontuada com o não-dizer, dito de outro modo, as escolhas por uma citação e não por outra foi o lugar dos muitos sentidos, filiando os sujeitos-estudantes aos sentidos de uma citação e não outra. Entendemos que a singularidade posta com as escolhas de citações diferentes por cada estudante é marcada por um gesto interpretativo que atesta a presença do ideológico. Assim, a interpretação do acadêmico direciona os sentidos em uma relação da linguagem com a historicidade permeada por mecanismos imaginários que trabalham a contradição entre o mundo e a linguagem. O estudante é convocado a interpretar, é nessa injunção que o ideológico e o imaginário produz a singularidade do dizer.

Na formação do discurso do sujeito-estudante em um curso de graduação, consideramos as formas de silêncio como possibilidade de efeitos de sentidos, assim dizendo, a leitura da obra literária de Orwell (2023 [1945]), nos moldes de um dispositivo analítico, permite a cada sujeito-estudante analisar a obra do seu lugar. A forma silêncio fundante se apresenta por meio do não-dito, abrindo espaço para significações. Enquanto a forma silêncio constitutivo é verificada a partir do *feedback* do professor, passando por um apagamento do dizer do estudante na reescrita, desse modo, a escrita do resumo passa do já-dito/repetível, para a formulação, a atualização na reescrita.

Durante o percurso, nem tudo foi respondido, mas destaco como resultado dessa pesquisa a percepção de ser o resumo uma produção escrita pré-construída (Pêcheux 2014a [1975]) e heterogênea, pois a dispersão e unidade do texto na prática discursiva nos oferece uma escrita acadêmica permeada por dizeres outros, possíveis, não-ditos e fundantes de um pré-construído perpassado por um dizer que é único. Disperso por estar nele todos os dizeres que uma formação discursiva pode falar, seja no dizer da obra de Orwell (2023 [1945]), ou nos apontamentos do *feedback* do professor, entre o “[...] dizer e o não dizer desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move.” (Orlandi, 2015 [1999], 83). Nessa movência

do disperso para a unidade, onde o dizer individual do estudante ao produzir o seu resumo, inscreve-o como autor do seu dizer e pode ou não o inserir no DC.

Seguindo, retomo aqui o objetivo geral da dissertação: analisar a prática discursiva da escrita acadêmica dos resumos produzidos por estudantes da graduação de Engenharia Elétrica, buscando pensar nos efeitos de sentido do dito e não-dito, silêncio/silenciamentos e marcas de singularidade nessas produções escritas. Para percorrer esse trajeto, busquei por marcas/pistas nas produções da “escrita”, “reescrita” e “*feedback*”, no qual os estudantes estabeleceram efeitos de sentido entre o mesmo e o diferente, e procurei nesse entremeio compreender o silêncio, por meio dos processos de “[...] de significação que ele põe em jogo.” (Orlandi, 2007 [1992], p. 32). O acadêmico buscava o fechamento e retomada do dizível em idas e vindas para o campo polissêmico/parafrástico.

Nesse rastrear, entendo que sempre é possível outro gesto analítico sobre a mesma temática e *corpus*, todavia, julgo que nosso movimento de interpretação não almejava uma problematização definitiva, mas que as respostas aqui obtidas possam produzir efeitos de sentido, permitindo refletir sobre a escrita do resumo em uma perspectiva da escrita acadêmica para o processo de ensino e aprendizagem no âmbito universitário. Como esboço de avaliação da pesquisa, percebi a lacuna de uma análise discursiva quanto ao impacto pedagógico para o estudante da produção escrita/*feedback*/reescrita do resumo, principalmente, considerando as condições de produção vivenciadas por eles [estudantes], e a adaptação quanto ao modelo de aula em voga no período letivo (situação pandêmica).

A epígrafe de abertura da dissertação de Clarice Lispector (2020 [1977]), traz as primeiras linhas da obra “*A hora da estrela*”, a autora dá os primeiros passos para o ato de escrever, e traz, sob um ponto de vista discursivo, questões do pré-construído, da incompletude e do silêncio, pois “Como começar pelo início se as coisas acontecem antes de acontecer?”. Logo, o ato de escrever o resumo é um processo que se inicia antes do início, assim como, um pré-construído, da ordem da paráfrase, a sua singularidade é posta pela incompletude inerente à linguagem, por esta ser o lugar dos muitos sentidos e do equívoco. Pois há no discurso o dito e o não-dito, nesse sentido o resumo como uma materialidade linguística atravessada por diversas formações discursivas permite sempre um outro dizer.

Assim, é fundamental reconhecer que esta pesquisa se insere em um contexto mais amplo de produção acadêmica e de práticas discursivas. A escrita e reescrita do resumo pelos estudantes de Engenharia Elétrica, em sua transição do DP para o DC, revelou-se um terreno fértil para explorar as nuances da linguagem e da significação. Nesse sentido, a análise dos resumos produzidos pelos estudantes demonstrou que, embora busquem uma objetividade e clareza próprias do DC, a singularidade de cada sujeito-estudante inevitavelmente se manifesta. Cada escolha de citação, cada (re)interpretação do *feedback* recebido, pontua um espaço de significado único, atestando a presença de um processo ideológico que é ao mesmo tempo coletivo e individual.

Ademais, reafirmo que a busca pela completude na produção escrita é uma ilusão necessária e produtiva. A epígrafe de Gessinger (1995) ressoa aqui, lembrando-nos de que "o principal fica fora do resumo principal", e isso não diminui o valor da pesquisa, mas sim a enriquece, abrindo espaço para novas interpretações e aprofundamentos futuros. O silêncio, o não-dito, torna-se, portanto, um lugar de potencial e equívoco, no qual o sujeito-estudante pode continuar a traçar seu caminho na/pela significação. Esta dissertação, com suas respostas e lacunas, pretende ser um ponto de partida para reflexões contínuas sobre a prática da escrita acadêmica e suas implicações pedagógicas, permitindo que o diálogo sobre o ensino e aprendizagem no contexto universitário permaneça em constante evolução.

Produzo meu efeito-fecho, retomando os dizeres de Orlandi (2007a [1992], p.117), "E se é assim, vamos deixar, nesse ponto, que os sentidos da reflexão que ela nos propõe façam seu percurso, acolham o tempo de sua proveniência, e se devolvam a seu silêncio. Porque é nele que estão os outros sentidos."

REFERÊNCIAS

AMBRÓSIO, Fabiane A. P. **A constituição da autoria no percurso formativo do curso de Letras - Português**. 2021. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002. Disponível em: <https://www.abntcolecao.com.br/pdfview/viewer.aspx?locale=pt-BR&Q=aUIJWXliNmIXUW9NSGRDMEpER0RDZFITRHRUekF4WVo=&Req=>. Acesso em: 03 ago. 2022. Acesso exclusivo para assinantes da coleção eletrônica.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação – Referências – Elaboração. 2. ed. Rio de Janeiro, 2018. 68 p. Disponível em: <https://www.abntcolecao.com.br/pdfview/viewer.aspx?locale=pt-BR&Q=S2xvZk1SZjRMdWNRcTEyeHBqejA0c1pEcThRaG1ndzJQQi9leGpxNkdaMD0=&Req=>. Acesso em: 11 ago. 2022. Acesso exclusivo para assinantes da coleção eletrônica.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028**: Informação e documentação – Resumo, resenha e resenha – Apresentação. 3. ed. Rio de Janeiro, 2021. 3 p. Disponível em: <https://www.abntcolecao.com.br/pdfview/viewer.aspx?locale=pt-BR&Q=S2xvZk1SZjRMdWRFN3ZyQmRrRFMybjlZVUZPNUtCTmNodkw4RStwMnQ3bz0=&Req=>. Acesso em: 13 mar. 2022. Acesso exclusivo para assinantes da coleção eletrônica.

BALTAR, Marcos Antonio Rocha; CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth; ZANDOMENEGO, Diva. **Leitura e produção textual acadêmica I**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

BRAGA, Sandro. O sujeito submetido à língua escrita sob o viés dos gêneros acadêmicos: é possível ser autor na posição-sujeito aluno-universitário? In: FLORES, G. B.; NECKEL, N. R. M.; GALLO, S. M. L. (org.). **Análise do discurso em rede: cultura e mídia**. Campinas: Pontes, 2015.

BRAGA, Sandro; ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo. A inscrição do sujeito na escrita acadêmica numa perspectiva dialógica. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 13, n. 3, jul./set. 2016. p. 1506-1524.

BRAGA, Sandro; SENEM, Janaína. O aluno na posição de autor: uma experiência com a resenha na universidade. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 14, n. 4, out./dez. 2017. p. 2685-2702.

BRAGA, Sandro; SENEM, Janaína. Desafios da escrita na universidade: aprender a ser autor entre os discursos pedagógico e científico. **Fórum Linguístico**, no prelo.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

COURTINE, Jean-Jacques. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. Tradução: Flávia Clemente de Souza, Márcio Lázaro Almeida da Silva [1984]. **Policromias**, v. 1, ano 1, jun. 2016. P. 14-35.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2022. Livro eletrônico.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

FOUCAULT, Michael. **Arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves [1969]. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio [1971] 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Org., introdução e revisão técnica: Roberto Machado. [1979] 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FLÔRES, Lúcia Locatelli; OLIMPIO, Lúcia Maria Nassib; CANCELIER, Natália Lobar. **Redação: o texto técnico-científico e o texto literário**. Florianópolis: EdUFSC, 1994.

GALLO, S. L. **Como o texto se produz: uma perspectiva discursiva**. Blumenau: Nova Letra, 2008.

GUESSINGER, Humberto. **Vícios de Linguagem**. (compositor e intérprete), 1995.

GRIGOLETTO, Evandra. **O discurso de divulgação científica: um espaço discursivo intervalar**. 2005. Tese (Doutorado em Teorias do texto e do discurso) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

GRIGOLETTO, Evandra. Do discurso político às novas tecnologias: um percurso sobre o objeto de estudo da Análise do Discurso. *In*: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange. **Organon**, nº 48, jan./jun. 2010. p. 229 – 247

GRIGOLETTO, Evandra. O Ensino a Distância e as Novas Tecnologias: o funcionamento do discurso pedagógico nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem. **Eutomia Revista online de literatura e Linguística**, v. 1, n. 07, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1197>. Acesso em: 22 ago. 2022. p. 254-271.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo: PPGCOM - ESPM**, São Paulo - SP, v. 4, n. 11, p.11-25, nov. 2007. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105/106>. Acesso em: 25 abr. 2022.

HENRY, Paul. A história não existe?. In ORLANDI, E. (org.). **Gestos de Leitura - da História no Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

HENRY, Paul. 2013. **O discurso não funciona de modo isolado**. 16/12/2013. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/unicamp/ju/587/o-discurso-nao-funciona-de-modo-isolado>>. Acesso em 30 de dezembro de 2023.

INDURSKY, Freda. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNEST-PEREIRA, Aracy. FUNCK, Susana Bornéo (org.). **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. Pelotas: Educat, 2001. p. 27-42.

INDURSKY, Freda; DE NARDI, F. S.; GRANTHAM, M. R. **Estudos da Linguagem e Ensino: em busca de novos caminhos**. In: HENRIQUES, C. C.; SIMÕES, D. (org.). *Língua Portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: Ed. Europa, 2005.

INDURSKY, Freda. A escrita à luz da análise do discurso. In: CORTINA, Arnaldo & NASSER, Sílvia Maria Gomes da Conceição (org.). **Sujeito e linguagem**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 117-131.

INDURSKY, Freda. As determinações da prática discursiva da escrita. **Revista Desenredo**. Passo Fundo, v. 12, n. 1, p. 30-47, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/5954>. Acesso em: 29 abr. 2019.

JAKOBSON, Roman. Linguística e Poética. In: SEBEOK, Thomas A. (org.). **Style in Language**. Nova Iorque, MIT, 1960.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Nas trilhas do discurso: A propósito de leitura, sentido e interpretação. In: ORLANDI, Eni. (org.). **A leitura e os leitores**. Campinas: Pontes, 1998. p. 201-208.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. **O caráter singular da língua na Análise do Discurso**. *Organon (UFRGS)*, v. 17, n. 35, p. 189-200, 2003.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2020 [1977]. Livro eletrônico.

LORENSET, Rossaly Beatriz Chioquetta. **Leitura e cárcere: (entre)linhas e grades, a constituição do sujeito-leitor pelo dispositivo de remição de pena**. 2021. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2021.

MACHADO, Anna Rachel, LOUSADA, Eliane Gouvêa; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. **Resumo**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MACHADO, Anna Rachel. Revisitando o conceito de resumos. *In*: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais & ensino**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2020, p. 149-162.

MICHAELIS. **Michaelis**: dicionário prático da língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2001.

MITTMANN, S. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. *In*: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina; INDURSKY, Freda. (org.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos, 2007, p. 153-162.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ORLANDI, Eni. “**Segmentar ou recortar?**”. *Linguística: questões e controvérsias*. Série Estudos 10. Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, 1984.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**: As formas do discurso. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni. (org.). **A leitura e os leitores**. Campinas: Pontes, 1998a.

ORLANDI, Eni. Paráfrase e Polissemia: A fluidez nos limites do simbólico. *In*: **Revista Rua**. v. 4, Campinas: Unicamp, 1998b.

ORLANDI, Eni. A produção da Leitura e suas condições. *In*: BARZOTTO, Valter Heitor (org.). **Estado de Leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ORLANDI, Eni. A Análise de Discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, v. 42, p. 21-40, Jan./Jun. 2002. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/296609823.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2023

ORLANDI, Eni. **Do sujeito na história e no simbólico**. Escritos. nº 4. Campinas, SP: publicação do Laboratório de Estudos Urbanos Nudecri/LABERURB, maio, 1999. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/pdf/escritos/Escritos4.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2022.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. [1992] 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007a. Livro eletrônico.

ORLANDI, Eni. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. [1996] 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007b.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Leitura**. [1988] 8. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015 [1999].

ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos**. Tradução: Alexandre Boide [1945]; Ilustrações de Manu Maltez. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2023.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. *In*. ORLANDI, Eni P. (org) [et. al.]. **Gestos de leitura: da história no discurso**. Tradução: Bethânia S. C. Mariani [et. al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, p.55-66.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni Orlandi [1983]. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. [1975]. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014a.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso (AAD-69)**. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania S. Mariani [et al.]. [1969]. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. *In*: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da Memória**. Tradução e introdução: José Horta Nunes [2007]. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PEREIRA, Marcos Villela. A escrita acadêmica: do excessivo ao razoável. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 18, n. 52, p. 213-244, mar. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782013000100013>.

SCHONS, Carme Regina. Escrita, efeito de memória e produção de sentidos. *In*: SCHONS, Carme Regina; RÖSING, Tania M. K. (org.). **Questões de escrita**. Passo Fundo: UFP Editora, 2011, p. 138-156.

SEMEM, Janaína. **Da inscrição do sujeito na escrita acadêmica**. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2017.

SOUZA, Pedro de. **Análise do Discurso**. Florianópolis: Liv/Cce/UFSC, 114 p, 2011.

UFSC. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Engenharia Elétrica**. Centro de Tecnologia. Departamento de Engenharia Elétrica. Florianópolis, 2004. Disponível em: <https://geel.ufsc.br/projeto-pedagogico/>. Acesso em: 14 ago. 2022.

UFSC. **Currículo do Curso de Graduação em Engenharia Elétrica**. Centro de Tecnologia. Departamento de Engenharia Elétrica. Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://geel.ufsc.br/curriculos/>. Acesso em: 14 ago. 2022.

UFSC. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Letras**. Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://letrasportugues.paginas.ufsc.br/files/2012/06/ProjetoPedagSet2006.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2022.

VIEIRA, Francisco Eduardo; FARACO, Carlos Alberto. **Escrever na universidade: fundamentos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020. Livro eletrônico.

ANEXO A – PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA PRODUÇÃO TEXTUAL ACADÊMICA 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS



PLANO DE ENSINO – SEMESTRE: 2021-2

CÓDIGO DA DISCIPLINA: LLV7801
NOME DA DISCIPLINA: Produção Textual Acadêmica I
TURMA: 01202A
CURSO DE OFERTA: Engenharia Elétrica
CARGA HORÁRIA SEMESTRAL: 60h/a (72h/a em compatibilidade com o calendário UFSC)
PRÉ-REQUISITO: não tem
DISCIPLINA OBRIGATORIA
NOME DO PROFESSOR (A): Sandro Braga
E-MAIL DO PROFESSOR (A): sandrocombraga@gmail.com

EMENTA DA DISCIPLINA

Estudo e produção de textos técnico-científicos relevantes para o desempenho das atividades acadêmicas, tais como: resumo, resenha, artigo e seminário. Prática Pedagógica.

OBJETIVOS

Ao final do semestre, o aluno deverá ser capaz de reconhecer e distinguir diferentes gêneros discursivos, em suas particularidades configuracionais e de produção e circulação, produzindo, com apropriação formal e funcional, resumos, fichamentos, resenhas e artigos acadêmicos, bem como produzindo textos para participação em seminários.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Proficiência em leitura e proficiência em produção textual – relações implicacionais.
2. Gêneros textuais/discursivos: uma discussão conceitual.
3. Fatores de textualidade implicados na formação do leitor e do produtor de texto proficientes.
4. Citações no texto acadêmico como mecanismos de intertextualidade – normalizações da ABNT.
5. O resumo na atividade acadêmica – normalizações da ABNT.
6. O fichamento na atividade acadêmica – normalizações da ABNT.
7. Seminário
8. Resenha – normalizações da ABNT.
9. Projeto de pesquisa – normalizações da ABNT.
10. Artigo acadêmico – normalizações da ABNT.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS



METODOLOGIA E DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA

Aulas teórico-expositivas via Ambiente Virtual de aprendizagem, atividades de pesquisa, práticas de elaboração de textos, segundo o gênero requisitado, leituras (livros, capítulos e artigos acadêmicos), discussão de temas, seminários. Para cada aula será indicada uma leitura obrigatória com recomendação de atividade de assimilação de conteúdo. A saber:

1. O sistema de comunicação em Ambiente Virtual de Aprendizagem para realização das aulas, postagens de textos, vídeos, atividades e avaliações será o sistema moodle/UFSC da disciplina de PTA I em: moodle.ufsc.br. Nesse ambiente serão usados os fóruns de notícias para comunicação direta com a turma e para a realização de postagens de atividades que demandem discussão coletiva. Além do moodle, poderá ser utilizada plataforma de interação por videoconferência ou postagem de vídeos (Zoom, Youtube, Google Meet, entre outras; aquela que melhor atender à disciplina) para a realização de conferências *online* ou assistência de vídeos que servirão para exposição, produção, discussão e esclarecimento de conteúdo.
2. A primeira semana de aula em AVA – **28/10 a 04/11** – será destinada à ambientação dos discentes aos recursos tecnológicos que serão utilizados no decorrer do semestre. Nesse momento, o aluno deverá ler os dois primeiros capítulos do livro *A Revolução dos Bichos* (ORWELL) – que servirá de mote para as produções textuais no âmbito dos gêneros acadêmicos – e, na semana seguinte (**11/11**), ler mais dois capítulos e efetuar uma postagem no fórum da turma comentando a leitura.
3. A carga horária detalhada para cada atividade consta do cronograma em que se distribuí as leituras do conteúdo programático, as atividades completares (postagens de tarefas e em fóruns), as aulas *online* síncronas e as atividades avaliativas.

Não será permitido gravar, fotografar ou copiar as aulas disponibilizadas no Moodle. O uso não autorizado de material original retirado das aulas constitui contrafação – violação de direitos autorais – conforme a [Lei nº 9.610/98 – Lei de Direitos Autorais](#).

CRONOGRAMA

Ver nas referências os dados complementares de cada texto indicado.

Semana	Tema e prática pedagógica	Textos disponíveis no moodle
Tópico 1 do moodle – Para começar nossa conversa		
1ª 28/10	Encontro síncrono 1: -Apresentação e discussão do Programa (2h/a); -Panorama geral dos estudos do texto na perspectiva dos gêneros discursivos (2,5h/a); Total: 4,5h/a	- Livro: <i>Leitura e produção textual I</i> (páginas 21 a 29);
2ª	- Ambientação ao Ambiente Virtual de Aprendizagem:	- Livro <i>A Revolução dos Bichos</i> (capítulos 1 a 2).

Campus Universitário – Trindade - Florianópolis
Fone: 3721-3751 E-mail: llv@contato.ufsc.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS



04/11	- Leitura dos dois primeiros capítulos de <i>A Revolução dos Bichos</i> de George Orwell (4,5h/a); Total: 4,5h/a	
3ª 11/11	- Leitura do terceiro e quarto capítulos de <i>A Revolução dos Bichos</i> de George Orwell (2,5h/a); - Postagem individual na ferramenta fórum comentando as primeiras impressões da leitura (1h/a); - Acompanhamento das respostas dos colegas e - Acompanhamento do <i>feedback</i> do professor (1h/a); Total: 4,5h/a	- Livro <i>A Revolução dos Bichos</i> (capítulos 3 a 4).
Tópico 2 do moodle – Os gêneros fichamento e resumo		
4ª 18/11	Fichamento: apontamentos de leitura; características. O fichamento na atividade acadêmica; normalizações da ABNT (4,5h/a); Total: 4,5h/a	- Livro: <i>Leitura e produção textual I</i> (páginas 39 a 54); - Slide: Fichamento; - Livro: <i>A Revolução dos Bichos</i> (capítulo 6).
5ª 25/11	Resumo: características, análise e produção. O resumo na atividade acadêmica (indicativo e informativo); (4,5h/a). Total: 4,5h/a	- Livro: <i>Leitura e produção textual I</i> (páginas 54 a 71); - Livro: <i>A Revolução dos Bichos</i> (capítulo 7).
6ª 02/02	- Leitura: As pessoas e as vozes na/da escrita acadêmica: formas de citação e referenciação (2h/a); - Atividade prática de produção textual com uso de citação e referenciação (2,5h/a); - Anotar dúvidas para encontro síncrono. Total: 4,5h/a	- Slide: <i>Apresentação discurso direto, indireto e indireto livre</i> ; ABNT–NBR 6023(2018) – referências; ABNT–NBR10520 – citações - Livro: <i>A Revolução dos Bichos</i> (capítulo 8).
7ª 09/12	Encontro síncrono 2 - Videoconferência: sanando dúvidas até aqui (4,5h/a). - <i>Feedback</i> da atividade de citação e referenciação (4,5h/a); Total: 4,5h/a	- Texto: <i>Atividade e gabarito - discurso direto, indireto e indireto livre</i> ;
8ª 16/12	Atividade Avaliativa 1: a partir da leitura da obra literária realizada até este momento (4,5h/a). Total: 4,5h/a	- Livro <i>A Revolução dos Bichos</i> (capítulos 1 a 8) já lidos semana a semana.
Tópico 3 do moodle – O gênero seminário		
9ª	Seminário: características inerentes aos contextos de produção (4,5h/a).	- Livro: <i>Leitura e produção textual I</i> (páginas 82 a 95);



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS



03/02	Total: 4,5h/a	- Livro: <i>A Revolução dos Bichos</i> (capítulo 9).
10ª 10/02	Encontro síncrono 3 - <i>Feedback</i> da primeira Atividade Avaliativa e refacção da atividade valendo um ponto adicional (opcional) (2,5 h/a); - Encaminhamento para a segunda atividade avaliativa (2h/a). Total: 4,5h/a	- Livro: <i>A Revolução dos Bichos</i> (capítulo 10 [último]);
11ª 17/02	Seleção artigo, leituras e início da elaboração do Seminário/Apresentação em vídeo.	Sugestões de leitura no comando a Atividade Avaliativa 2
12ª 24/02	Atividade Avaliativa 2 – Seminário ou apresentação em vídeo - Elaboração e postagem da apresentação/seminário em vídeo (2,5h/a) no fórum da disciplina; - Assistência dos vídeos dos colegas e registro de um comentário em forma de questão (cada aluno ficará responsável por elaborar uma pergunta a um colega indicado previamente pelo professor) (2h/a). Total: 4,5h/a	- Livro: <i>A Revolução dos Bichos</i> - Artigo acadêmico que discuta sob um ponto de vista teórico (qualquer área de conhecimento) o livro <i>A Revolução dos bichos</i> . [O discente poderá escolher o tema e o artigo. Sugestões no moodle.]
Tópico 4 do moodle – Os gêneros resenha e artigo científico		
13ª 03/03	- Resenha: características e análise. Foco na resenha acadêmica (1 h/a); - Artigo acadêmico: estudo das características da escrita acadêmica e análise (foco para resenha) (1h/a). - Atividade sobre o gênero resenha (2,5h/a) Total: 4,5h/a	- Livro: <i>Leitura e produção textual I</i> (páginas 72 a 81); - Livro: <i>Leitura e produção textual I</i> (páginas 95 a 107);
14ª 10/03	Encontro síncrono 4 - Videoconferência: sanando dúvidas até aqui (4,5h/a). Total: 4,5h/a	
15ª 17/03	Atividade Avaliativa 3 – Resenha (4,5h/a). Total: 4,5h/a	
16ª 24/03	Prova de Recuperação (4,5h/a). Total: 4,5h/a	

OBS. Caso haja necessidade, este calendário poderá ser reajustado.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS



AVALIAÇÃO

A avaliação constará da média aritmética das atividades propostas: prova + produção textual + seminário/apresentação (com efetiva participação no fórum). As participações em postagens do fórum durante a semana de ambientação no AVA constituirão pontos adicionais que poderão ser acrescidos para arredondamento positivo das notas das avaliações. Serão aprovados os alunos que obtiverem média igual ou superior a 6,0 (seis). Aqueles que não obtiverem tal pontuação e alcançarem média igual ou superior a 3,0 deverão realizar Prova de Recuperação.

O prazo para a realização da postagem de cada avaliação será de no mínimo 24h. Caso haja algum imprevisto dentro desse período como perda de sinal, sinal intermitente, quedas de energia, indisponibilidade do sistema Moodle, etc., devidamente comprovado (pode ser um *print* da tela), o aluno deverá entrar em contato com professor assim que a situação se restabelecer e solicitar novo prazo.

A participação em atividades síncronas, acesso ao AVA e a postagem das atividades serão computadas na frequência do aluno.

Os trabalhos resultantes de plágio receberão nota ZERO, não havendo possibilidade de serem refeitos.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE O ENSINO NÃO PRESENCIAL

a) Espera-se dos(as) discentes condutas adequadas ao contexto acadêmico. Atos que sejam contra: a integridade física e moral da pessoa; o patrimônio ético, científico, cultural, material e, inclusive o de informática; e o exercício das funções pedagógicas, científicas e administrativas, poderão acarretar abertura de processo disciplinar discente, nos termos da Resolução nº 017/CUn/97, que prevê como penalidades possíveis a advertência, a repreensão, a suspensão e a eliminação (desligamento da UFSC).

b) Devem ser observados os direitos de imagem tanto de docentes, quanto de discentes, sendo vedado disponibilizar, por quaisquer meios digitais ou físicos, os dados, a imagem e a voz de colegas e do(a) professor(a), sem autorização específica para a finalidade pretendida e/ou para qualquer finalidade estranha à atividade de ensino, sob pena de responder administrativa e judicialmente.

c) Todos os materiais disponibilizados no ambiente virtual de ensino aprendizagem são exclusivamente para fins didáticos, sendo vedada a sua utilização para qualquer outra finalidade, sob pena de responder administrativa e judicialmente.

d) Somente poderão ser gravadas pelos discentes as atividades síncronas propostas mediante concordância prévia dos docentes e colegas, sob pena de responder administrativa e judicialmente.

e) A gravação das aulas síncronas pelo(a) docente deve ser informada aos discentes, devendo ser respeitada a sua liberdade quanto à exposição da imagem e da voz.

f) A liberdade de escolha de exposição da imagem e da voz não isenta o(a) discente de realizar as atividades avaliativas originalmente propostas ou alternativas, devidamente especificadas no plano de ensino.

g) Os materiais disponibilizados no ambiente virtual possuem licenças de uso e distribuição específicas, a depender de cada situação, sendo vedada a distribuição do material cuja licença não o permita, ou sem a autorização prévia dos(as) professores(as)



para o material de sua autoria.

HORÁRIO DE ATENDIMENTO EXTRACLASSE

Sextas-feiras, das 14 às 15 horas, por meio da plataforma BigBlueButtonBN moodle/UFSC.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6027: **sumário**. Rio de Janeiro, 1987.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6024: **numeração progressiva das seções de um documento**. Rio de Janeiro, 1989.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6024: **numeração progressiva das seções de um documento**. Rio de Janeiro, 1989.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10719: **apresentação de relatórios técnico-científicos**. Rio de Janeiro, 1989.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6028: **Informação e documentação – Resumo – Apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6022: **apresentação de artigos em publicações periódicas**. Rio de Janeiro, 1994.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: **informação e documentação - referências - elaboração**. Rio de Janeiro, 2000.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: **apresentação de citações em documentos**. Rio de Janeiro, 2001.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: **informação e documentação - trabalhos acadêmicos - apresentação**. Rio de Janeiro, 2001.
- BALTAR, Marcos Antonio Rocha; Cerutti-Rizzatti, Mary Elizabeth. **Leitura e produção textual acadêmica I**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ABREU, A. S. **Curso de Redação**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1993.
- ARAÚJO, A. D. Análise de gênero: uma abordagem alternativa para o ensino da redação acadêmica. In: FORTKAMP, M. B. M.; TOMITCH, L. M. B. (org.). **Aspectos da Linguística Aplicada: estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn**. Florianópolis: Insular, 2000. p. 185-200.
- DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- FARACO, C. A.; TEZZA, C. **Prática de texto: língua portuguesa para estudantes universitários**. 8. ed. rev. e amp. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.
- FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto - leitura e redação**. 16. ed. São Paulo: Ática, 2001.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS



FLÓRES, Lúcia Locatelli; OLÍMPIO, Lúcia Maria Nassib; CANCELIER, Natália Lobar.
Redação: o texto técnico-científico e o texto literário. Florianópolis: EdUFSC, 1994.
LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico.** 5ª ed.
São Paulo: Atlas, 2003.
MACHADO, Rachel Machado; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Aília Santos.
Resumo. São Paulo: Parábola, 2004.
MOTTA-ROTH, Desiree; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na
universidade.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SITES:

Tutoriais da BU para normalização de trabalhos: <http://portalbu.ufsc.br/tutoriais-e-guias/>
Multimídia da disciplina de Produção Textual:
<http://cotidiano.ufsc.br/images/ptextual/Main%20Files/main.swf>
Revista dos Alunos de Graduação em Letras da UFPE: <http://revistaaopedaletra.net/>

ANEXO B – CURRÍCULO DO CURSO DE ENGENHARIA ELÉTRICA



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**
Pró-Reitoria de Graduação
Departamento de Administração Escolar

CURRÍCULO DO CURSO

Curso: **202 - ENGENHARIA ELÉTRICA**
Currículo: **20051**

Habilitação: Engenharia Elétrica

Documentação: Renovação de Reconhecimento do Curso pela Portaria nº 111 de 04/02/2021 e Publicada no D.O. U em 05/02/2021. Curso Reconhecido pelo Decreto Federal nº 75.774 de 26/05/75, publicado no Diário Oficial da União de 27/05/1975. Autorizado pelo Decreto nº 3.849 de 18/12/60, publicado no Diário Oficial da União Parecer nº 24/75 do Conselho Federal de Educação Curso Reconhecido pela Portaria nº 1.097 de 24.12.2015 e Publicado no D.O.U em 30.12.2015.

Objetivo: O curso diploma engenheiros eletricitistas, em nível pleno. Uma sólida formação geral habilita o profissional formado a atuar nas diversas áreas que compõe o campo da engenharia elétrica: geração, transmissão, distribuição, instalações, eletrônica, controle, informática e telecomunicações. Atividades profissionais típicas são o projeto, execução, estudo, consultoria, laudo, ensino, perícia, fiscalização entre diversas outras, dentro das áreas citadas. Essas atividades são desenvolvidas em empresas concessionárias de serviços públicos, em empresas privadas, como profissional liberal, como professor/pesquisador em instituições de ensino/pesquisa e no serviço público.

Titulação: Engenheiro Eletricista

Diplomado em: Engenharia, área Eletricidade, habilitação Engenharia Elétrica

Período de Conclusão do Curso: Mínimo: 10 semestres Máximo: 18 semestres

Carga Horária Obrigatória: UFSC: 4590 H/A CNE: 4320 H
Optativas Profissionais: 432 H/A

Número de aulas semanais: Mínimo: 15 Máximo: 27

Coordenador do Curso: Prof. Dr. Miguel Moreto
Telefone: 37212263



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**
Pró-Reitoria de Graduação
Departamento de Administração Escolar

CURRÍCULO DO CURSO

Curso: **202 - ENGENHARIA ELÉTRICA**

Currículo: **20051**

Habilitação: Engenharia Elétrica

Fase 01

Disciplina	Tipo	H/A	Aulas	Equivalentes	Pré-Requisito	Conjunto
<p>Noções gerais de eletricidade (unidades, erros, corrente, tensão, Lei de Ohm, potência, energia e outras características elétricas); medidores: amperímetro, voltímetro, ohmímetro; circuitos resistivos e leis de Kirchhoff, osciloscópio e gerador de funções; capacitores; diodos e retificadores; transistores; amplificadores operacionais; circuitos elétricos simples.</p>						
EEL7011	Laboratório de Eletricidade Básica	Ob	36	2		
<p>Engenharia Elétrica e Engenharia Eletrônica: perspectiva histórica; atribuições do engenheiro; campos de atuação, gerenciamento em engenharia, ética. Temas de importância para o profissional de engenharia elétrica e de engenharia eletrônica.</p>						
EEL7014	Introdução às Engenharias Elétrica e Eletrônica	Ob	36	2	EEL7010	
<p>Introdução aos conceitos fundamentais da cinemática, dinâmica e estática. Leis de conservação da energia e do momento linear.</p>						
FSC5101	Física I	Ob	72	4	FSC5161	
<p>Estudo e produção de textos técnico-científicos relevantes para o desempenho das atividades acadêmicas, tais como: resumo, resenha, artigo e seminário. Prática pedagógica.</p>						
LLV7801	Produção Textual Acadêmica	Ob	72	4	LLV5603	
<p>Conjuntos e aritmética básica; Cálculo com expressões algébricas; equações; inequações; funções.</p>						
MTM3100	Pré-Cálculo	Ob	72	4		
<p>Cálculo de funções de uma variável real: limites; continuidade; derivada; aplicações da derivada (taxas de variação, retas tangentes e normais, problemas de otimização e máximos e mínimos, esboço de gráficos, aproximações lineares e quadráticas); integral definida e indefinida; áreas entre curvas; técnicas de integração (substituição, por partes, substituição trigonométrica, frações parciais); integral imprópria.</p>						
MTM3101	Cálculo 1	Ob	72	4	(MTM5115 ou MTM5183 ou MTM5801)	
<p>Matrizes. Determinantes. Sistemas lineares. Álgebra vetorial. Estudo da reta e do plano. Curvas planas. Superfícies.</p>						
MTM3111	Geometria Analítica	Ob	72	4	MTM5512	
<p>Matéria. Conceitos gerais. Teoria atômica. Estrutura atômica. Configuração Eletrônica. Orbital Atômico. Ligações químicas: iônicas, covalentes, metálicas. Leis dos gases. Conceito de Mol. Funções químicas. Misturas. Soluções. Concentração de soluções. Equações químicas. Reações redox. Introdução ao Equilíbrio químico; ácidos e bases; pH. Calor de reação. Introdução à Termoquímica.</p>						
QMC5125	Química Geral Experimental A	Ob	36	2	QMC5106	
<p>Matéria. Conceitos gerais. Teoria atômica. Estrutura atômica. Orbital atômico. Transformações químicas. Gases, líquidos e pressão de vapor. Estequiometria. Conceito de mol. Termodinâmica. Geometria molecular. Momento dipolar. Solubilidade. Estruturas químicas cristalinas. Elétrons nos sólidos. Defeitos nos sólidos. Soluções e misturas, propriedades coligativas. Cinética e mecanismos de reações. Equilíbrio químico, Equilíbrio ácido-base. Reações de oxidação-redução, eletroquímica, pilhas, corrosão e combustão.</p>						
QMC5138	Química Geral	Ob	36	2	QMC5106	

ANEXO C – PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE ENGENHARIA ELÉTRICA

Projeto Pedagógico: Curso de Graduação em Engenharia Elétrica - UFSC



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
Departamento de Ensino de Graduação

Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Engenharia Elétrica

1. Contextualização do Curso em relação às suas inserções institucional, geográfica e social; o universo a que se destina.

1.1 Curso de Graduação em Engenharia Elétrica – UFSC

Criação: 1966

Duração: Mínimo: 8 semestres & Máximo: 18 semestres

Período: diurno

Vagas: 100/ano (50/semestre)

Resultados do Exame Nacional de Cursos (“Provão”)

1998: D*, 1999: A, 2000: B, 2001: A, 2002: A, 2003 A

*: em 1998 houve boicote por parte dos alunos

End.: Departamento de Engenharia Elétrica – EEL/CTC/UFSC

Campus Universitário - Trindade

88040-900 Florianópolis SC Brasil

Fone:0xx48 3319506, Fax: 0xx48 3319280, www.eel.ufsc.br decl@eel.ufsc.br

1.2 Criação do Curso

DECRETO - 3849 DE 18/12/60 DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

1.3 Reconhecimento do Curso

PARECER - 24/75

DECRETO - 75774 DE 26/05/75 DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

1.4 Habilitação: Engenheiro Eletricista

É o engenheiro capacitado a atuar nas diversas áreas que compõe o campo da engenharia elétrica: geração, transmissão, distribuição e utilização da energia elétrica, processamento de energia, materiais e máquinas elétricas, sistemas de medição e controle elétricos e eletrônicos, materiais eletrônicos, equipamentos eletrônicos em geral, sistemas de comunicação e telecomunicações e seus serviços afins e correlatos.

O engenheiro eletricista deve usar o seu conhecimento técnico para solucionar os problemas que possam surgir tanto num circuito como numa rede elétrica. Ele pode trabalhar em empresas que lidem com a transmissão e distribuição de energia elétrica; instalações elétricas residenciais, comerciais e industriais; projeto e desenvolvimento de máquinas elétricas; equipamentos de proteção e segurança; eletrônica industrial; eletrônica (circuito integrado, processamento de voz, imagem e som); bioengenharia; robótica; informática e telecomunicações.

Projeto Pedagógico: Curso de Graduação em Engenharia Elétrica - UFSC

1.5 Atividades do profissional egresso:

- Supervisão, coordenação e orientação técnica;
- Estudo, planejamento, projeto e especificação;
- Estudo de viabilidade técnica-econômica;
- Assistência, assessoria e consultoria;
- Direção de obra e serviço técnico;
- Vistoria, perícia, avaliação, arbitramento, laudo e parecer técnico;
- Desempenho de cargo e função técnica;
- Ensino, pesquisa, análise, experimentação, ensaio e divulgação técnica;
- Elaboração de orçamento;
- Padronização, mensuração e controle de qualidade;
- Execução de obra e serviço técnico;
- Produção técnica especializada;
- Condução de trabalho técnico;
- Condução de equipe de instalação, montagem, operação, reparo e manutenção;
- Execução de instalação, montagem e reparo;
- Operação e manutenção de equipamento e instalação;
- Execução de desenho técnico.

1.6 Mercado potencial:

Empresas concessionárias de energia elétrica e de outros serviços públicos, empresas públicas ou privadas e instituições de ensino e pesquisa ligadas à área de engenharia elétrica ou áreas afins. Empresas do setor eletro-eletrônico e de telecomunicações

2. Explicitação de como e porque surgiu o curso; diagnóstico da situação atual do curso; necessidades mais urgentes.

2.1 Histórico

O Curso de Engenharia Elétrica foi criado em 1966 na então Escola de Engenharia Industrial, atendendo às necessidades das empresas concessionárias de energia elétrica em Santa Catarina, notadamente a CELESC e a SOTELCA. Na época, o curso era seriado anual com uma única ênfase em eletrotécnica. A primeira turma, oriunda de um desmembramento do curso de Engenharia Mecânica, formou-se em 1967.

Com a reforma universitária instituída em nível nacional (Projeto MEC-USAID), o curso foi reformulado para o regime de créditos em base semestral, introduzindo-se em 1971, além da habilitação em Energia, a de Telecomunicações. A nova habilitação foi introduzida a pedido da COTESC, antecessora da TELESC, atual Brasil Telecom.

Projeto Pedagógico: Curso de Graduação em Engenharia Elétrica - UFSC

Para complementar a formação do aluno, o curso dá ênfase a projetos. Além das disciplinas do currículo, o aluno deve cursar três disciplinas de projeto durante as primeiras oito fases do curso, e um trabalho de conclusão de curso nas duas fases finais. O aluno deverá também realizar 360 horas de estágio. As atividades das disciplinas de projeto, trabalho de conclusão de curso e estágio curricular têm também como objetivo o envolvimento dos alunos com a sociedade, e em sua totalidade representam aproximadamente 20% do tempo necessário para a conclusão do curso. Este envolvimento se dá pela integração empresa/escola/sociedade.

Nos oito semestres iniciais do curso o aluno cursa disciplinas que garantem a sua habilitação. A duas fases finais do curso são reservadas às disciplinas de especialização e o trabalho de conclusão de curso.

Outra preocupação do curso é incentivar o envolvimento de alunos em atividades de pesquisa, monitoria e extensão. O curso incentiva estas atividades, concedendo créditos optativos. Os alunos têm à sua disposição dez laboratórios de pesquisa do Departamento de Engenharia Elétrica que oferecem bolsas de iniciação científica. O Departamento também possui uma empresa júnior e um Programa Especial de Treinamento (PET) para os alunos complementarem sua formação.

As dificuldades atuais do curso são resultantes principalmente da redução de investimentos. Temos deficiências de pessoal técnico nos laboratórios para acompanhar o professor nas aulas práticas e para supervisionar o trabalho prático realizado pelo aluno fora do período de aulas (em atividades de projeto, por exemplo). A contratação de novos professores não tem acompanhado a diminuição dos quadros por aposentadorias, ocasionando uma sobrecarga aos professores e um aumento no tamanho das turmas. Os poucos investimentos oficiais em laboratórios de ensino, têm sido parcialmente compensados pelo esforço pessoal dos docentes em não dissociar o ensino, a pesquisa e a extensão. Assim, recursos obtidos para atividades de pesquisa e de extensão são muitas vezes canalizados para laboratórios de ensino para minorar os efeitos nocivos da crônica falta de financiamento das atividades de ensino.

3. Referência aos aspectos legais que dão suporte ao curso.

A base de sustentação do curso é a Lei de Diretrizes e Bases n. 9394/96 e os atos legais dela derivados, Lei Nº 10172/01 que aprova o Plano Nacional de Educação, Resolução CNE/CES 11/2002 que institui as Diretrizes Curriculares, a Resolução Nº 218 do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia e o Regulamento dos Cursos de Graduação da UFSC.

4. Objetivos do Curso: quais os objetivos que se pretende alcançar, levando em consideração o perfil desejado para o egresso, seu contexto de atuação e as condições de execução do PP.

4.1 Objetivos do Projeto Pedagógico

O trabalho realizado durante a definição do novo projeto pedagógico teve como principal meta uma reavaliação da filosofia de formação do engenheiro electricista. Mais do que uma atualização dos conteúdos técnicos das disciplinas, ou uma redistribuição de disciplinas por fases do curso, esse projeto pedagógico tem como proposta adequar a filosofia de formação à nova realidade do profissional de Engenharia Elétrica. Tal realidade se apresenta na forma de um mercado de trabalho bastante amplo, mas, ao mesmo tempo, bastante diverso e dinâmico. O profissional deve estar preparado para atuar em inúmeras áreas de aplicação, para mudar de área após alguns anos de exercício profissional e para vir a atuar em áreas que nem sequer existiam na época de sua formação. Do ponto de vista da estrutura curricular, a proposta foi a de criar uma estrutura de fácil e ágil atualização sem a necessidade de reformas freqüentes na sua essência. Por outro lado, a estrutura

Projeto Pedagógico: Curso de Graduação em Engenharia Elétrica - UFSC

curricular deve garantir uma formação básica sólida, a qual possibilitará a atualização autodidata após a formatura.

Criou-se também a figura do “orientador acadêmico”, designado para cada aluno do curso, desde o seu ingresso até a sua formatura. Cada docente do curso tem a seu cargo em torno de dez orientados acadêmicos, auxiliando-os na definição do perfil profissional melhor adaptado as suas habilidades e aspirações. Na medida do possível, procura-se acompanhar as etapas de formação do aluno e, quando necessário, dirimir suas dúvidas quanto aos aspectos mais fundamentais ligados, por exemplo, a sua futura atuação profissional, à maneira de enfrentar os desafios acadêmicos, às questões de ética e comportamento profissional. Busca-se suprir algumas deficiências, muitas delas vinculadas a pouca idade ou maturidade dos estudantes, sobretudo nos seus primeiros anos de universidade.

5. Perfil do Profissional Egresso.

Ao se estabelecer o perfil desejado para o egresso do curso, convém citar o dilema enfrentado nesta definição, qual seja, a relação antagônica “generalista X especialista”. É claro que estas duas escolhas extremas têm seus méritos e defeitos, e, como é comum em problemas de engenharia, buscou-se o melhor compromisso entre duas opções conflitantes. Procurou-se dar ao aluno a opção por um equilíbrio entre os extremos, garantindo uma formação geral sólida associado a conhecimentos especializados em pelo menos quatro áreas profissionais (dentre as seis existentes no currículo).

A geração de um currículo de qualidade pressupõe a definição clara de um perfil desejável para o futuro profissional. Essa definição vem sendo estudada e discutida há vários anos, tanto nacionalmente quanto internacionalmente. Com base nos resultados dessas discussões, na experiência dos professores do Curso de Engenharia Elétrica da UFSC e nos anseios dos estudantes e do setor empresarial, foi estabelecida uma lista de atributos e qualidades que devem compor o perfil do engenheiro eletricitista formado na UFSC. Segundo este perfil, os engenheiros eletricitistas formados devem:

- ser capazes de aplicar conhecimentos de matemática e ciências em engenharia;
- saber projetar e conduzir experimentos, e analisar e interpretar dados;
- saber projetar componentes, sistemas ou processos que satisfaçam a um conjunto de especificações;
- supervisionar a operação e a manutenção de sistemas;
- avaliar criticamente a operação e a manutenção de sistemas;
- ser capazes de atuar em equipes multidisciplinares;
- ter competência para identificar, formular e resolver problemas de engenharia elétrica;
- ser conhecedores de suas responsabilidades éticas e profissionais;
- comunicar-se de forma eficaz;
- entender a interação da engenharia com a sociedade;
- avaliar a viabilidade econômica de projetos de engenharia;
- ter condições de manterem-se atualizados ao longo de suas carreiras.

Tendo como base este perfil e considerando a realidade da vida profissional de um engenheiro, foi desenvolvido um trabalho de pesquisa, reflexão e consulta que levou a um conjunto de objetivos específicos para o currículo.

6. Organização Curricular (Componentes Curriculares)

Projeto Pedagógico: Curso de Graduação em Engenharia Elétrica - UFSC

6.1 Objetivos do currículo

Os objetivos traçados para o currículo podem ser classificados da seguinte forma:

Flexibilidade: Permitir a flexibilidade de uma formação moldada aos interesses profissionais futuros do estudante.

Atualidade: Gerar um currículo facilmente atualizável.

Qualidade de Formação: Formar Engenheiros Eletricistas com elevada capacitação técnica, capazes de manterem-se continuamente atualizados ao longo de suas vidas profissionais e capazes de atuarem como transformadores sociais visando o bem-estar social.

Relevância, Atratividade e Integração com a Comunidade: O currículo deve preparar o estudante para diversas possíveis carreiras e para uma vida profissional de atualização contínua. O currículo também deve ser capaz de atrair indivíduos talentosos e com os mais diferentes perfis para o desafio intelectual que representa o trabalho em Engenharia Elétrica. Finalmente, a estrutura curricular deve estar concatenada com o programa de pós-graduação em engenharia elétrica da UFSC, caminho este a ser trilhado por muitos dos estudantes, e também possibilitar a criação de parcerias com o setor empresarial, com o ensino do segundo grau e com a comunidade em geral.

Para que tais objetivos fossem atingidos, foram propostos conjuntos de metas específicas que servirão como diretrizes na preparação da proposta curricular. Essas metas são apresentadas na forma de propostas para atingir os objetivos do currículo.

6.2 Metas específicas do currículo

É apresentada aqui a subdivisão dos objetivos do currículo em metas específicas que nortearam a preparação do novo currículo. Algumas dessas metas são satisfeitas pela própria estrutura deste novo currículo. Outras se tornam viáveis com a nova estrutura curricular, mas sua consecução dependerá da implementação prática da reforma. Por isso, a seguir são listadas todas as metas como propostas.

a) Propostas para Atingir os Objetivos de Flexibilidade e de Atualidade

Reduzir o conteúdo obrigatório aos tópicos realmente essenciais à formação de um Engenheiro Eletricista;

Aumentar o número de disciplinas optativas e aumentar a flexibilidade de escolha das mesmas;

Otimizar a cadeia de pré-requisitos;

Criar áreas de especialização dentro do Curso de Engenharia Elétrica;

Garantir uma formação suficientemente abrangente.

b) Propostas para Atingir uma Formação de Qualidade

Reduzir o tempo em sala de aula sem reduzir o conteúdo na mesma proporção;

Aumentar a responsabilidade e a participação do aluno no processo de aprendizagem;

Aumentar o conteúdo de projeto nas disciplinas e no curso;

Induzir o desenvolvimento das habilidades de comunicação oral e escrita;

Possibilitar uma formação complementar de espectro mais amplo.

c) Propostas para um Currículo Atrativo, Relevante e Integrado com a Comunidade

Formação básica sólida;

Formação com abrangência mínima garantida;

Disciplinas optativas que retratem o estado da arte em tecnologia;

Disciplinas optativas de interesse do setor empresarial;

Realização de projetos interdisciplinares e de interesse da comunidade.

Realização de estágios com programas de trabalho relevantes para a comunidade;

ANEXO C – MATERIALIDADES DAS ANÁLISES - “ESCRITA”

Acadêmico(a): A1

Avaliação dos gêneros **fichamento e resumo** do livro *A revolução dos bichos* de George Orwell

Conforme as normas da ABNT em vigor:

1) Produza um **resumo indicativo** contendo de 90 a 130 palavras referente aos capítulos 1 ao 4. (2,0 pontos)

Resumo: O livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell, se passa na Granja do Solar, uma fazenda liderada pelo Sr. Jones. Os animais, que lá viviam, insatisfeitos com a dominação e exploração que sofriam pelo fazendeiro decidem fazer uma revolução contra o inimigo, que seria aquele que anda sobre duas pernas. A revolução foi idealizada em um sonho que o porco Velho Major teve, onde os animais seriam autossuficientes e iguais. Era o princípio do Animalismo. O Major faleceu, mesmo assim os animais colocaram em prática sua ideia, expulsaram Sr. Jones e transformaram na Granja dos animais. Porém ainda sim muitos outros fazendeiros estavam interessados na fazenda, foi quando no dia 12 de outubro ocorreu a Batalha do Estábulo.

Palavras-chave: Fazenda, Bichos, Revolução, Iguais.

2) Produza o texto solicitado nas alíneas (a, b, c, d), conforme o comando de cada uma delas, assim, teremos um **resumo informativo** dos capítulos 5 ao 8.

a) Capítulo 5: Apresente a síntese da temática de **forma impessoal** e faça uso de uma **citação direta curta**, com o uso de **interpolação** de um acréscimo/comentário e a **supressão** de uma passagem. (2,0 pontos)

Com o passar do tempo, os porcos líderes Bola-de-neve e Napoleão começam a se desentender, enquanto o porco Bola-de-neve quer realizar a construção de um moinho, o porco Napoleão desacorda. Os animais então acabam se dividindo em duas facções que tinham os slogans: “Vote em Bola de Neve e na semana de três dias” e “Vote em Napoleão e na manjedoura cheia”. Chega mais uma reunião de domingo e com ela um grande debate, a votação de começar ou não os trabalhos no moinho de vento, Napoleão expõe sua opinião, porém não consegue convencer os animais igual à Bola-de-neve, com seus grandes argumentos, Napoleão então manda seus cães atacarem Bola-de-neve, assim o expulsando da Granja. Os animais logo percebem uma estranha semelhança a forma com que os cães agiam com seu dono – “[...] notou-se que sacudiam a cauda para ele [Napoleão] da mesma maneira como os outros cachorros costumavam fazer para Jones.” (ORWELL, 2015, p. 35). De agora em diante não existiriam mais as reuniões de domingo, só se reuniriam para saudar a bandeira, cantar Bichos da Inglaterra e receber as ordens da semana. Os animais sempre eram chantageados com a volta do Sr. Jones e por isso não contrariavam Napoleão e Garganta. Após algumas semanas, Napoleão decide construir o moinho, os animais, confusos pela repentina mudança de ideia são respondidos com: “Ele fingira ser contra o moinho de vento, apenas como manobra para livrar-se de Bola de Neve, que era um péssimo caráter e uma influência perniciosa [Perceba que estão fazendo Bola-de-neve ficar um uma imagem de ruim, quando na verdade não é a realidade.]”. (ORWELL, 2015, p. 37).

b) Capítulos 6: **Em primeira pessoa do plural**, aponte brevemente os principais fatos da narrativa. Mobilize uma **citação direta longa**. (2,0 pontos)

Podemos ver que nesse capítulo o porco Napoleão se torna cada vez mais autoritário, mudando regras que antes eram abominadas como dormir na casa-grande, fazer acordos com humanos, comercializar alimentos, os animais, como sempre inquietos, eram calados pelos argumentos de Sansão, que dizia: “Napoleão tem sempre razão”. Novembro chega, e com ela fortes ventos, o que

acabou destruindo o moinho no qual os animais estavam trabalhando duro para se concretizar, e então veio a questão, quem faria isso? Foi aí que Napoleão rugiu:

“Sabem quem foi o inimigo que, na calada da noite, destruiu nosso moinho de vento? BOLA DE NEVE! – rugiu violentamente com voz de trovão. – Bola de Neve foi o autor disto! Com rematada maldade, pensando em destruir nossos planos e vingar-se de sua ignominiosa expulsão, esse traidor penetrou até aqui, sob o manto da escuridão, e destruiu nosso labor de quase um ano. Camaradas, neste local e neste momento, pronuncio a sentença de morte para Bola de Neve.” (ORWELL, 2015, p. 46).

c) Capítulos 7: Construa uma paráfrase da **ideia principal**, a partir da **terceira pessoa do discurso**. Faça uso de uma **citação indireta** com mobilização da voz do autor referenciado. (2,0 pontos)

O inverno foi rigoroso e trouxe a escassez dos alimentos, aumentando os maus boatos sobre a granja. Para sanar isso, Napoleão utilizou de um dos seus clientes para passar a imagem contrária. Os animais já não estavam tão contentes com a forma em que viviam, em especial as galinhas, que após saberem que deveriam entregar seus ovos em troca de cereais decidiram fazer uma rebelião, que não foi bem-sucedida já que elas acabaram ficando sem comida e algumas até morreram. Todo e qualquer problema que surgia Napoleão colocava a culpa no porco Bola-de-neve, de ter invadido a granja a noite, de estar planejando um ataque etc. Até que alguns porcos confessaram que ainda tinham contato secreto com Bola-de-neve, outras galinhas confessaram ter visto bola-de-neve em seus sonhos e muitos outros animais também confessaram...eles todos foram executados, coisa que nem Jones fazia. Agora os animais não cantavam mais Bichos da Inglaterra, segundo Garganta, Bichos da Inglaterra era a canção da revolução, e como essa teve seu fim pela execução dos traidores, agora eles viveriam em uma sociedade melhor então o hino não teria mais valor.

d) Capítulo 8: Sem mobilizar de forma direta o nome do autor no seu texto, sintetize os principais acontecimentos narrados. Ao final, caracterize como citação indireta, conforme ABNT. (2,0 pontos).

Após a tragédia acontecida, os animais se lembram do sexto mandamento que dizia: “Nenhum animal matará outro animal.” mas novamente não fazem nada a respeito. Durante aquele ano trabalhavam ainda mais do que no ano anterior, mas não contradiziam porque nem lembravam mais de suas condições antes da revolução. Napoleão não era mais visto em público, Garganta ainda sempre defendia o chamado “Camarada Napoleão”. Tudo estava correndo bem com os negócios entre os humanos, até Frederick roubar os porcos e levar madeira de graça, Napoleão então proclama sentença de morte a ele. Depois desse acontecimento eles sabiam que uma batalha estava por vir, e foi o que aconteceu, Frederick e seus seguidores invadiram a granja, mataram animais e explodiram o moinho, os animais se defenderam, mas muitos saíram feridos ou mortos. Napoleão e Garganta com seus discursos manipuladores ainda fizeram os animais acreditarem que tinham vencido a batalha do Moinho de Vento. (ORWELL, 2015, cap. VIII, p. 65).

Acadêmico(a): A2

1) Nos quatro primeiros capítulos de “A revolução dos bichos” o autor narra o princípio de uma revolução feita pelos animais de uma fazenda no interior da Inglaterra, que foi incitada por um antigo porco eminente e ocorreu de forma súbita e violenta. Foram criados certos mandamentos que resumiam o espírito da revolução, embora muitos dos animais não se importassem em aprender a ler bem. Num primeiro momento tudo ocorreu bem na granja pós-revolução, até que seu antigo dono tentou retoma-la, o que resultou em um combate sangrento entre os homens e os animais, que acabaram ganhando a luta e mantendo o controle da granja.

2.a) No quinto capítulo do livro A revolução dos bichos são notáveis as mudanças que começam a ocorrer na granja dos bichos, a começar pela evasão de Mimoso, que não conseguiu deixar pra trás certas características da vida anterior. Ademais, os porcos passaram a exercer um papel de autoridade maior, e os demais animais aceitaram tal hierarquia com naturalidade. O desenrolar da história no capítulo se deve ao fato de Napoleão e Bola-de-neve discordarem em todos os pontos possíveis, o que culmina no uso de força física por parte de Napoleão para expulsar Bola-de-neve da granja. Após isso torna-se evidente ao leitor a manipulação feita pelos porcos, como é possível observar na passagem “Napoleão [...] Anunciou que daquele momento em diante terminariam as Reuniões dos domingos de manhã. [E também o caráter democrático da granja.] Eram desnecessárias perdas de tempo. Para o futuro, todos os problemas relacionados com o funcionamento da granja seriam resolvidos por uma comissão de porcos [...]” (ORWELL, 2015, p. 35) Por fim, ficou determinado que seria construído um moinho de vento para gerar eletricidade na granja.

b) Já no capítulo 6 observamos o quão trabalhosa passou a ser a vida dos animais, que tinham agora, além de suas obrigações prévias, a tarefa de construir o moinho de vento, que chegou a envolver até mesmo trabalho braçal dos porcos. Contudo, vemos que o desgaste do trabalho não desanimou os bichos, já que ao menos os homens não estavam mais presentes, e, portanto, não podiam maltratá-los ou explorá-los. Porém os animais perceberam que não poderiam viver de forma autossuficiente, e precisariam praticar comércio para adquirir certos itens, o que gerou certa revolta nos bichos, como percebemos no seguinte trecho

Um domingo de manhã, quando os bichos se reuniram para receber as ordens, Napoleão anunciou sua decisão de encetar uma nova política. A partir daquele dia, a Granja dos Bichos passaria a comerciar comas da vizinhança; naturalmente, sem qualquer objetivo de lucro, mas com o fito único de obter algumas mercadorias urgentemente necessárias. As exigências do moinho de vento deviam sobrepular tudo mais, disse. Em consequência, ele estava tratando da venda de uma grande meda de feno e de parte da safra de trigo daquele ano; mais tarde, caso fosse necessário mais dinheiro, este teria de ser obtido com a venda de ovos, para os quais sempre havia mercado em Willingdon. As galinhas, disse Napoleão, deveriam agradecer a oportunidade de oferecer esse sacrifício, como contribuição especial em prol da conservação do moinho de vento. Os animais sentiram outra vez uma vaga inquietude. Nunca realizar quaisquer contatos com seres humanos, nunca fazer comércio, jamais utilizar dinheiro – essas coisas não estavam entre as primeiras resoluções passadas naquela formidável Reunião inicial, logo após a expulsão de Jones? Todos se lembravam da aprovação dessas resoluções – ou pelo menos julgavam lembrar-se. (ORWELL, 2015, p. 41)

A partir deste momento não podemos mais negar o despotismo dos porcos, que passaram a viver na casa de Jones e a dormir em camas, o que gerou desconfiança principalmente em Quitéria, porém, Garganta convenceu todos de que isso sempre foi permitido e era necessário. Por fim, somos surpreendidos ao descobrir que, durante uma noite chuvosa, o moinho desabou, fato que Napoleão atribuiu rapidamente a Bola-de-neve, determinando uma recompensa a quem o encontrasse e decidindo que deveriam recomeçar a construção.

c) No capítulo 7 Orwell (2015, p.47-56) descreve a situação decadente em que os bichos se encontram, com cada vez menos comida e mais trabalho. O autor narra situações em que os animais se revoltam contra Napoleão e são rapidamente suprimidos, além de nos dizer que os animais agora acreditam que Bola-de-neve frequenta a granja a noite e realiza diversas maldades, o que faz com que eles culpem o ex-camarda por tudo de errado que acontece na fazenda. Além disso, Napoleão “descobre” que ele era um agente de Jones desde o princípio, os outros animais não acreditam inicialmente, mas acabam sendo convencidos. Posteriormente Orwell relata que

Napoleão fez com que diversos animais confessassem crimes que haviam cometido e os executou na frente de todos. Os animais que restaram ficaram desolados e começaram a cantar Bichos da Inglaterra para se consolarem, até que Garganta os avisou que a música estava proibida.

d) No oitavo capítulo os animais continuam a “lembrar-se dos mandamentos incorretamente” e Napoleão passa a ter cada vez mais prestígio. Ademais a construção do moinho finalmente é concluída, e só resta comprar o maquinário, o que seria feito com o dinheiro da venda de madeira para Frederick, porém ele entregou notas falsas aos bichos. Depois disso Frederick e seus homens realizaram um ataque a granja e destruíram o moinho antes de serem expulsos pelos animais. Os porcos tomaram esse evento como uma batalha vencida e resolveram comemorar bebendo álcool, o que fez com que Napoleão passasse mal. Por fim, os animais foram surpreendidos por um ruído vindo do pátio, aonde encontraram Garganta caído no chão com uma escada, um pincel e uma lata de tinta, ao lado de onde ficavam escritos os mandamentos. Benjamim foi o único que entendeu o porquê disso. Orwell (2015, p.57-67)

Acadêmico(a): A3

Avaliação dos gêneros fichamento e resumo do livro A revolução dos bichos de George Orwell

Conforme as normas da ABNT em vigor:

Produza um resumo indicativo contendo de 90 a 130 palavras referente aos capítulos 1 ao 4. (2,0 pontos)

A história se passa na granja do solar, uma fazenda onde diversos animais vivem na miséria, enquanto os donos da fazenda levam uma boa vida sem muito esforço. Entre os animais, há um porco chamado Major, considerado o mais sábio, e que um dia convoca todos os animais para uma reunião, em que eles discutem suas péssimas condições e como desejam se rebelar contra os humanos, para criar uma sociedade mais justa para trabalhadores. Em pouco tempo, o porco Major morre, porém seus desejos de mudança continuam vivos em seus companheiros animais, que em um esforço coletivo buscam realizar a tão sonhada revolução. Portanto, os outros porcos assumem vigorosamente a liderança da granja, porém com a tempo começam a se tornarem líderes suspeitamente autoritários, aquilo que Major jurou abolir.

Produza o texto solicitado nas alíneas (a, b, c, d), conforme o comando de cada uma delas, assim, teremos um resumo informativo dos capítulos 5 ao 8.

Capítulo 5: Apresente a síntese da temática de forma impessoal e faça uso de uma citação direta curta, com o uso de interpolação de um acréscimo/comentário e a supressão de uma passagem. (2,0 pontos)

Com a chegada de janeiro Bola de neve e Napoleão começam a brigar, cada um defendendo certas práticas, com bola de neve estudando diversas praticas e técnicas que havia pesquisado e Napoleão discordando delas, porém sem apresentar ideias próprias.

Bola de neve propunha um grande avanço com a construção de um moinho, porem dividiu a granja por sua dificuldade de construção. Napoleão tenta assassinar bola de neve com cães treinados, porém ele consegue fugir. Com a ausência de Bola de neve, Napoleão toma controle da granja e faz algumas mudanças. “Anunciou que daquele momento em diante terminariam as Reuniões dos domingos de manhã [quebrando um dos símbolos de união da granja]. Eram desnecessárias perdas de tempo.” (ORWELL, Revolução dos bichos, 1944).

Capítulos 6: Em primeira pessoa do plural, aponte brevemente os principais fatos da narrativa. Mobilize uma citação direta longa. (2,0 pontos)

Observamos que os animais estavam trabalhando duro, tanto no plantio quanto na construção do moinho, apesar de vermos que estariam passando por certas dificuldades, por não poderem usar ferramentas humanas.

Napoleão, para tentar enfrentar os imprevistos, sugere de comercializar produtos com humanos, duas coisas que vieram a deixar os animais inseguros com suas tomadas de decisão, “ Os animais sentiram outra vez uma vaga inquietude. Nunca realizar quaisquer contatos com seres humanos, nunca fazer comércio, jamais utilizar dinheiro – essas coisas não estavam entre as primeiras resoluções passadas naquela formidável Reunião inicial, logo após a expulsão de Jones? Todos se lembravam da aprovação dessas resoluções – ou pelo menos julgavam lembrar-se. Os quatro jovens porcos castrados que haviam protestado quando Napoleão acabara com as Reuniões, levantaram timidamente a voz, mas foram logo silenciados por um rosar terrível dos cachorros. Nesse instante, como de hábito, as ovelhas estalaram “Quatro pernas bom, duas pernas ruim!” e a momentânea impertinência foi abafada.” (ORWELL, Revolução dos bichos, 1944).

Capítulos 7: Construa uma paráfrase da ideia principal, a partir da terceira pessoa do discurso.

Faça uso de uma citação indireta com mobilização da voz do autor referenciado. (2,0 pontos)

Neste capítulo, fica nítido que, os animais da granja não mais viviam a tão sonhada revolução, e sim um terrível pesadelo, uma granja que carregava sonhos e desejo de mudança, foi completamente roubada deles por desejos de poder, ordem e doutrina. Ao autor também narra um grande evento na granja, no qual ocorreu a execução de diversos animais que confessaram ter desobedecido as ordens de napoleão, que ao ouvir as confissões mandou os cachorros executarem os “traidores”. (ORWELL, Revolução dos bichos, 1944).

Capítulo 8: Sem mobilizar de forma direta o nome do autor no seu texto, sintetize os principais acontecimentos narrados. Ao final, caracterize como citação indireta, conforme ABNT. (2,0 pontos).

Os animais demonstram insatisfação com o descumprimento da regra de não matar, porém continuam a ser doutrinados a acreditarem que a vida antes da revolução era muito pior que isso, portanto justificando os atos de Napoleão. O qual, age cada vez mais como um tirano esnobe e cruel, que comercializava abertamente com humanos, em troca de artigos de interesse próprio. Além de colocar a culpa em Bola de neve por qualquer imprevisto ou coisa que desse errado. (ORWELL, Revolução dos bichos, 1944).

Acadêmico(a): A4**Avaliação dos gêneros fichamento e resumo do livro *A revolução dos bichos* de George Orwell**

Conforme as normas da ABNT em vigor:

Produza um resumo indicativo contendo de 90 a 130 palavras referente aos capítulos 1 ao 4. (2,0 pontos)]

A Revolução dos Bichos, de George Orwell, se passa numa granja liderada, inicialmente, pelo Sr. Jones. A obra retrata um grupo de animais que começam a se questionar acerca da natureza de suas vidas, visto que eles passam suas vidas sendo forçados a trabalhar e se desgastar em benefício de seu patrão. Com isso eles decidem unir-se contra os humanos, iniciando uma revolução, com a ideia de criar uma sociedade justa, igualitária e diferente dos homens.

Com isso, iniciam-se diversos eventos, onde os animais expulsam o Sr. Jones e os porcos passam a liderar a granja. Porém, novamente começam a aparecer situações de superioridade e desigualdade.

Produza o texto solicitado nas alíneas (a, b, c, d), conforme o comando de cada uma delas, m, teremos um resumo informativo dos capítulos 5 ao 8.

Capítulo 5: Apresente a síntese da temática de forma impessoal e faça uso de uma citação curta, com o uso de interpolação de um acréscimo/comentário e a supressão de uma palavra. (2,0 pontos)

A terra dura do mês de janeiro dificultou o trabalho. Além disso, os conflitos entre Napoleão e Bola-de-Neve se intensificaram ainda mais. Bola-de-Neve foi expulso e Napoleão assumiu a liderança, decidindo construir o moinho.

“Em janeiro, o tempo piorou terrivelmente. A terra dura [e infértil] como ferro, não permitia o trabalho no campo [...] Fora acertado que os porcos [...] decidiriam todas as questões referentes à política agrícola da granja”. (ORWELL, 1945, p. 31)

Capítulos 6: Em primeira pessoa do plural, aponte brevemente os principais fatos da narrativa. Utilize uma citação direta longa. (2,0 pontos)

Percebemos que os recursos começaram a ficar escassos e os bichos eram obrigados a aceitar tal situação, pelo medo do retorno de Jones. Após uma nova confusão, o moinho é destruído, e com isso, chegávamos a um novo clímax:

“Não percam tempo, camaradas! – bradou Napoleão, depois de examinar detidamente as pegadas. – Temos muito trabalho pela frente. Hoje mesmo, de manhã, recomeçamos a construção do moinho de vento e trabalharemos por todo o inverno, com sol ou com chuva. Mostraremos a esse traidor miserável que ele não pode desfazer nosso trabalho assim tão facilmente. (ORWELL, 1945, p. 45, 46)

Capítulos 7: Construa uma paráfrase da ideia principal, a partir da terceira pessoa do discurso. Utilize o uso de uma citação indireta com mobilização da voz do autor referenciado. (2,0 pontos)

Segundo Orwell (1945, p. 53) Napoleão os instigou a revelar seus crimes. Dessa forma, iniciou-se a sequência de confissões e execuções.

Capítulo 8: Sem mobilizar de forma direta o nome do autor no seu texto, sintetize os principais acontecimentos narrados. Ao final, caracterize como citação indireta, conforme ABNT. (2,0 pontos)

Dado o ocorrido, os animais lembraram-se de alguns de seus mandamentos “nenhum animal matará outro animal” e “todos os animais são iguais”. Mesmo assim, Napoleão foi nomeado como líder, com diversas homenagens sendo feitas a ele. Houve mais uma grande confusão com os humanos, a “Batalha do Moinho de Vento”, da qual, mesmo com algumas perdas, os bichos saíram vitoriosos. (ORWELL, 1945)

Acadêmico(a): A5

Avaliação dos gêneros fichamento e resumo do livro *A revolução dos bichos* de George Orwell

Conforme as normas da ABNT em vigor:

1) Trata-se de um clássico da literatura inglesa, onde os animais cansados de serem explorados dão início há uma rebelião, expulsando os humanos e assumindo o controle. Reconhecido como os mais inteligentes, os porcos ficaram com a responsabilidade de organizar e instruir os demais animais. No início foi difícil, pois tiveram que se virar com a ausência dos humanos, mas faziam tudo com grande satisfação. Enquanto a preocupação dos demais fazendeiros da região ficava evidente, ao ponto de tentar retomar o controle. E deu-se início a uma batalha, os bichos saíram vitoriosos e ficou conhecido como batalha do estábulo, onde uma ovelha morreu, e Bola de Neve e Napoleão foram condecorados, e tudo iria muito bem.

2ª) Teria funcionado muito bem, não fossem as disputas entre Bola de Neve e Napoleão, a granja estava dividida profundamente com respeito ao moinho de vento.

“Os bichos economizariam tanta energia. [...] além de fornecer a cada baia sua própria luz, água quente fria e um aquecedor elétrico.” [fala de Bola de Neve]. (ORWELL, George, 2007p.33)

Na reunião de domingo seguinte, deveria ser posta em votação a questão de começar ou não o moinho de vento. Napoleão sem mais argumentos, jogou sobre bola de neve cães, Bola de Neve se pôs a correr em direção a estrada e enfiou-se por um buraco e sumiu .

B) É importante percebermos o comportamento dos bichos, Mimosa fora embora, bola de neve e napoleão convergiam cada vez mais.

uma colina,
granja. Depois
pesquisa no solo, Bola de
declarou ser o local ideal para a cons-

Não muito longe das casas havia
que era o ponto mais alto da
de realizar uma
Neve
trução de

um moinho de vento. (ORWELL, George, 2007p.32)

E novamente vemos Napoleão se opor a Bola de Neve, lançando sobre les cães ferozes que o expulsão da fazenda. (ORWELL, George, 2007p.34)

C) Percebesse que as coisas estavam ficando difíceis, a comida diminuía, o animo dos animais mudava, Napoleão assinara um contrato de fornecimento de ovos.

Boatos sobre Bola de Neve se espalhavam, e a essa altura já era tido como traidor. Diante de uma crise, veja, Napoleão toma novas atitudes. Coordenará a execução de supostos ajudantes de Bola de Neve e impõe novas regras para os animais. (ORWELL, George, 2007p.53)

D) E no outono, o moinho estava reconstruído, os animais estavam exaustas mais felizes. Só não esperavam que os humanos retornassem. Desta vez armados até os dentes tentam retomar a fazenda mais uma vez, ferem alguns animais e o terror se espalha entre os bichos. Uma grande explosão coloca no chão o moinho de vento, e com isso desperta os animais e lhes da coragem lançando eles para a batalha, expulsando os humanos e vencendo mais uma vez. (ORWELL, George, 2007)

Acadêmico(a): A6Avaliação dos gêneros **fichamento e resumo** do livro *A revolução dos bichos* de George Orwell

Conforme as normas da ABNT em vigor:

ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (p. 15-48)

Os quatro primeiros capítulos do livro citado têm a intenção de apresentar o leitor a um mundo que, inicialmente, parece superficial, mas, conforme se vai avançando nos capítulos, é notável que não se trata apenas de uma revolução de animais. Quando os animais tomam controle da fazenda do Senhor Jones, tudo parece correr bem, e continua assim por um bom tempo. Porém, discordâncias começam a acontecer, comida começa a sumir, e é aí que a narrativa do livro muda. É no quarto capítulo que o livro começa a se tornar mais profundo.

ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (p. 49-98)

O capítulo 5 do livro é onde as tensões entre os animais começam a acontecer de maneira mais acentuada e quando um personagem começa a se destacar entre os demais, o porco Napoleão. Logo no começo da passagem a égua Mollie foge da fazenda, sinal de que as coisas já não eram perfeitas como no princípio da rebelião. Então os animais entram em um consenso de que os porcos deviam tomar as decisões políticas da fazenda (por serem os mais espertos). Esse é o estopim para o começo dos debates acalorados entre os porcos Bola de Neve e Napoleão, que direcionam a trama.

O autor mostra Napoleão como um personagem que mais discorda das ideias de Bola de Neve do que propõe as suas. A principal ideia de Bola de Neve para o tornar líder da fazenda é a construção de um moinho de vento, que Napoleão discorda veementemente “[...]o moinho de vento era um absurdo, e que não aconselhava ninguém a votar em favor dele [Passagem muito importante para entender as reais intenções de Napoleão] [...]” (ORWELL, 2007, P. 54).

O desfecho e clímax do capítulo se dá no dia da reunião para decidir o líder da fazenda. Sendo assim, Napoleão expulsa Bola de Neve da fazenda com ajuda de nove cães enormes e Papudo. Com o resto dos animais perplexos, o novo “governo” alegou que Bola de Neve era um criminoso, e Napoleão afirmou que nunca se opôs à construção do moinho de vento, que era apenas uma manobra para se livrar de seu desafeto. A partir daí Napoleão vira o personagem principal de uma discussão bem atual sobre poder e manipulação.

Vemos no 6º capítulo do livro o processo de construção do moinho de vento, de muita dificuldade e superação para os animais da Granja dos Bichos. Porém, por ser um projeto complicado, Napoleão teve a ideia de realizar acordos comerciais com humanos para a arrecadação de recursos, o que era proibido. Percebemos a manipulação dos porcos muito evidente nessa fala de Garganta após os bichos questionarem sobre sua hipocrisia:

Alguns bichos ainda permaneciam em dúvida, porém Garganta perguntou-lhes astuciosamente: “Vocês estão certos de que não sonharam com isso? Existe algum registro dessa resolução? Está escrita em algum lugar?” E uma vez que, realmente, não existia escrito nada parecido com isso, os animais se convenceram de seu engano. (ORWELL, 2007, P.65)

No final do capítulo nos é revelado que após uma noite de fortes ventos, o moinho foi destruído, e o culpado tinha nome, Bola de Neve. Um inimigo em comum era o que faltava para os animais da fazenda se aliarem à Napoleão e recomeçarem a reconstrução do moinho, uma mensagem para o mundo exterior de que eles não desistiam.

No 7º capítulo, os bichos se comprometeram a reconstruir o moinho, dessa vez com paredes mais grossas. Perante a falta de recursos, Napoleão decide comercializar os ovos das galinhas, o

que causa o primeiro princípio de rebelião desde que os animais tomaram a fazenda. O líder então decidiu cortar a cabeça dos animais envolvidos na confusão, se mostrando implacável.

Então, no início da primavera, foi-se descoberto que Bola de Neve frequentava a granja de noite, causando pânico nos animais. Segundo o autor George Orwell, eles ficaram tão aflitos que nem dormir conseguiam (ORWELL, 2007, P.74). Após uma longa apuração, Napoleão e seus aliados descobriram que Bola de Neve era aliado de Jones desde o início, que ele tentou os destruir na Batalha do Estábulo [Apesar de ter levado um tiro e ter ganhado um título de honra por ter lutado bravamente]. Por fim, o chefe convoca uma reunião, e nela desmascara diversos traidores, matando-os. O capítulo termina com a proibição da música Bichos da Inglaterra, já que segundo Garganta, após a execução dos traidores, a revolução estava completa.

Já no 8º capítulo, mais mandamentos são quebrados e Napoleão se afasta cada vez mais de seu povo, porém era cada vez mais respeitado pelos animais, sendo tratado como um ser superior. Após um longo tempo os bichos terminam pela segunda vez a construção do moinho. Tudo parecia estar em harmonia novamente na Granja dos Bichos. Porém, após venderem madeira para Frederick, um fazendeiro vizinho, descobrem que ele pagou o produto com um cheque em branco, o que causa um alvoroço completo e desencadeia uma série de acontecimentos.

Frederick e seus homens invadem a fazenda dos bichos e explodem o moinho, deixando todos perplexos com a situação. Após os invasores fugirem, Napoleão e seus camaradas tratam o acontecimento como uma vitória e os animais, ainda em choque, segundo o autor, se convencem de que realmente foi uma vitória após o discurso de seu chefe os congratulando (ORWELL, 2007, P.96). Ficou conhecida como Batalha do Moinho de Vento.

Universidade Federal de Santa Catarina
– Prof. Sandro Braga –
data: 13/12/2021

Acadêmico(a): A7

- 1- Os capítulos 1, 2, 3 e 4 do livro “Revolução dos Bichos”, podem ser considerados os mais importantes da obra, uma vez que, por se tratarem dos capítulos iniciais, reúnem as informações que são estritamente necessárias para o entendimento do enredo como um todo. Estes capítulos realizam a apresentação dos personagens envolvidos na trama, a descrição da situação na Fazenda antes da Revolução, os acontecimentos que levaram a realização desta por parte dos animais e descrevem as primeiras atitudes tomadas após a Revolução. A narrativa é contada em tempo cronológico através de um narrador observador, além de apresentar a fala dos personagens por meio de discursos indiretos e diretos sinalizados por aspas.

Palavras-chave: Fazenda. Animais. Insatisfação. Revolução.

- 2- a) O capítulo 5 gira em torno das disputas recorrentes entre Bola de Neve e Napoleão, os quais nunca concordavam em nada, o que, por consequência, acabava impactando o desenvolvimento da Fazenda como um todo. O ápice do capítulo dá-se quando Bola de Neve propõe a construção de um moinho de vento “[...] que poderia acionar um dínamo [aparelho que transforma energia cinética em elétrica] e suprir de energia elétrica toda a granja.” (ORWELL, 2015, p. 32). Após uma votação a favor da construção do moinho, Napoleão, o qual sempre fora contra a sua construção, utilizou de nove cães para expulsar Bola de Neve

e assumir o poder absoluto da Granja dos Bichos. Algumas semanas após a expulsão de Bola de Neve, Napoleão anunciou que afinal construiria o moinho de vento e que, conforme explicado por Garganta, nunca fora realmente contra o moinho, mas apenas utilizava de tais afirmações como uma estratégia para livra-se de Bola de Neve.

b) Após a leitura do capítulo 6, é possível notarmos que o tema principal abordado é a construção do moinho de vento e suas complicações. Dentre essas, podemos citar como as principais: a dificuldade que os animais enfrentaram para obterem pedras do tamanho desejado (uma vez que não conseguiam usar as ferramentas corretas), a crescente falta de recursos e o cansaço extremo. Apesar de todas essas adversidades podemos afirmar que os animais estavam felizes pois

[...] o moinho de vento compensava tudo. [...]. Nas horas de folga os animais passeavam em volta do moinho inacabado; admirando a solidez e a verticalidade de suas paredes, maravilhados com o fato de terem sido capazes de construir algo tão imponente. (ORWELL, 2015, p. 44).

Todavia, nos é informado que, durante uma noite de novembro, todo esse progresso fora perdido, pois alguém havia destruído o moinho. Napoleão culpou à Bola de Neve pelo ato, colocou uma recompensa em sua cabeça e ordenou o início da reconstrução imediata do moinho.

c) De acordo com Orwell (2015, p. 47-56), nesse capítulo observa-se em todos os animais um enorme terror e paranoia após Garganta anunciar que Bola de Neve era um agente de Sr. Jones desde o início da Revolução, estava frequentando a Fazenda durante as noites e que planejava atacá-la em algum momento. Ao final do capítulo, Napoleão ordena a execução de animais que confessaram traição à Granja dos Bichos ao aliarem-se a Bola de Neve. Esse acontecimento chocou a todos os animais, deixando-os até mesmo trêmulos e fazendo com que alguns, como Quitéria, duvidassem do caminho que a Revolução havia tomado.

d) O capítulo 8 inicialmente narra as longas negociações entre Napoleão, Frederick e Pilkington em relação as tábuas de madeira as quais pertenciam à Granja dos Bichos. Após realizada a venda da madeira à Frederick, Napoleão é informado que o pagamento que havia recebido era falso. No dia seguinte, Frederick e seus homens invadem a Granja e explodem o moinho de vento, o que faz com que os animais se enfureçam e consigam expulsar os invasores. Após alguns dias celebrando a vitória sobre os homens de Frederick, Napoleão fica à beira da morte após, supostamente, beber o uísque encontrado na adega. A partir de então ficou proibida a ingestão de álcool excessiva (ORWELL, 2015, p. 57-6).

Acadêmico(a): **A8**

Avaliação dos gêneros **fichamento e resumo** do livro *A revolução dos bichos* de George Orwell

- 1) Produza um **resumo indicativo** contendo de 90 a 130 palavras referente aos capítulos 1 ao 4. (2,0 pontos)

A história se inicia na Granja do Solar administrada pelo Sr Jones, durante uma noite um de seus porcos, o Porco Major conspira com outros animais para estabelecer uma revolução e acabar com a exploração causada pelos humanos. Após três dias, o líder conspiratório falece seguido por uma crise de administração do proprietário Sr Jones, o qual transfere o controle da fazenda a seus empregados. Estes, encarregados de prover sustento aos animais falham e os deixam passar fome.

Motivados pela negligência dos subordinados, os bichos recordam do discurso de porco Major e rebelam-se contra a administração da fazenda. Os animais tomam posse da granja e a renomeiam para "Granja Dos Bichos", agora liderada pelos porcos Napoleão e Bola de Neve, os quais governaram em conjunto mesmo com suas adversidades.

- 2) Produza o texto solicitado nas alíneas (a, b, c, d), conforme o comando de cada uma delas, assim, teremos um **resumo informativo** dos capítulos 5 ao 8.

a) Capítulo 5: Apresente a síntese da temática de **forma impessoal** e faça uso de uma **citação direta curta**, com o uso de **interpolação** de um acréscimo/comentário e a **supressão** de uma passagem. (2,0 pontos)

No início do quinto capítulo, após retornar ao pátio contente e sacudindo a cauda, Mimosa é questionada por Quitéria a respeito de suas intenções com os humanos da fazenda ao lado: "...falava com você e fazia festa em seu focinho. Que quer dizer isso, Mimosa?". Mimosa nega qualquer envolvimento com eles, porém após três dias ela desaparece e de maneira traiçoeira, abandona seus amigos animais para viver em outra fazenda com melhores condições proporcionada pelos humanos.

A fazenda segue com a administração dupla dos líderes Porco Napoleão e o Porco Bola de Neve, porém em meio a um desentendimento devido a vitória do projeto de instalação de um moinho proposto por Bola De Neve, o Porco Napoleão assume o poder por meio de um ataque com cães, ocasionando o desaparecimento de seu companheiro. Logo após isso, inicia-se o período de tirania governado por Napoleão, o qual extinguiu as mínimas plataformas democráticas persistentes na fazenda, decretando assim um comando autoritário.

b) Capítulos 6: **Em primeira pessoa do plural**, aponte brevemente os principais fatos da narrativa. Mobilize uma **citação direta longa**. (2,0 pontos)

Lendo o capítulo seis, fica claro a nossa indignação com os animais devido as condições extensivas de trabalho oferecidas a eles pelo Porco Napoleão, mas que os próprios não as reconhecem como semelhantes as originais que motivaram a revolta (condicionada pelos humanos)

Durante o ano inteiro os bichos trabalharam feito escravos. Mas trabalhavam felizes; não mediam esforços ou sacrifícios, cientes de que tudo quanto fizessem reverteria em benefício deles próprios e dos de sua espécie, que estavam por vir, e não em proveito de um bando de preguiçosos e aproveitadores seres humanos. (REVOLUÇÃO DOS BICHOS, 1945. p. 52).

Os cavalos começam a nos representar e comparar sua atual situação de exploração à inicial provocada pelo Sr Jones. O moinho que estava em construção cede, em meio a uma tempestade e Napoleão condena o desaparecido Bola de Neve como culpado e declara querer sua morte ao resto dos animais.

c) Capítulos 7: Construa uma paráfrase da **ideia principal**, a partir da **terceira pessoa do urso**. Faça uso de uma **citação indireta** com mobilização da voz do autor referenciado. (2,0 pontos)

Sucedendo a queda do moinho, no capítulo sete, o autor não hesita em ressaltar o quão difícil fora aquele período de inverno para os bichos da fazenda, mas não para os porcos no comando, que tinham seu leite e maçãs sempre em fartura. Então, George Orwell adiciona um aspecto sóbrio a obra ao declarar que o Porco Napoleão executou 4 porcos, que segundo o porco eram aliados ao Bola De Neve. A partir desse ponto, o líder instaurava um medo geral na população, eliminando qualquer um que conspirasse contra seu governo. (REVOLUÇÃO DOS BICHOS, 1945. p. 62-75).

d) Capítulo 8: Sem mobilizar de forma direta o nome do autor no seu texto, sintetize os principais acontecimentos narrados. Ao final, caracterize como citação indireta, conforme ABNT. (2,0 pontos).

Aos poucos, os mandamentos instaurados inicialmente na revolta, foram sendo alterados e negligenciados em benefício próprio dos porcos em comando, como evidenciado no ato de não dormir em camas, modificado após a posse da casa de Sr Jones pelo Porco Napoleão. Além de um dos mais importantes, o que se referia a um animal nunca tirar a vida de outro, que fora mudado com o acréscimo das palavras sem motivo ao fim. Nos próximos meses, a Granja tem seu moinho destruído mais uma vez pelos humanos, é declarada uma República e o Napoleão é eleito por voto popular, mesmo após tamanhas atrocidades. O cavalo Sansão um dos trabalhadores mais áduos adoece (REVOLUÇÃO DOS BICHOS, 1945. p. 75-88).

Acadêmico(a): A9**Avaliação dos gêneros fichamento e resumo do livro *A revolução dos bichos* de George Orwell**

Conforme as normas da ABNT em vigor:

-) Produza um **resumo indicativo** contendo de 90 a 130 palavras referente aos capítulos 1 ao 4. (2,0 pontos)

O livro “A revolução dos bichos”, escrito por George Orwell, nos capítulos de 1 a 4, narra a história de como os animais da Granja do Solar, mais tarde conhecida como Granja dos Bichos, provocam uma revolução ao expulsar do lugar o sr. Jones, antigo proprietário, em busca de independência e de melhores condições de vida. A obra, até então, retrata desde a colaboração dos animais em prol de uma causa comum até sutis desavenças entre os porcos Napoleão de Bola-de-Neve, que se encontram em posições de liderança.

-) Produza o texto solicitado nas alíneas (a, b, c, d), conforme o comando de cada uma delas, assim, nos um **resumo informativo** dos capítulos 5 ao 8.

-) **Capítulo 5:** Apresente a síntese da temática de **forma impessoal** e faça uso de uma **citação direta longa**, com o uso de **interpolação** de um acréscimo/comentário e a **supressão** de uma passagem. (2,0 pontos)

No decorrer do capítulo, é proposta por Bola-de-Neve a construção de um moinho de vento que prometia, uma vez pronto, significar menos trabalho para os animais. A ideia é, porém, refutada por Napoleão, que raramente costuma concordar com o outro porco. Depois de muito debate bilateral sobre quais seriam as reais prioridades da Granja, a ideia de Bola-de-Neve é aprovada pela maioria. No entanto, logo em seguida, ao sinal de Napoleão, o celeiro é invadido por cães treinados pelo mesmo, que se puseram a atacar e afugentar Bola-de-Neve. Dali em diante, foram anunciadas mudanças nas regras em vigor. Protestos teriam sido feitos, não fosse a violência potencial dos cães e a dificuldade de muitos bichos para ordenar seus pensamentos. Aproximando-se o final do capítulo, o eloquente porco Garganta convence os animais de que Bola-de-Neve era na verdade um criminoso e argumenta a favor das mudanças nas dinâmicas de tomada de decisões impostas por Napoleão “[...] disciplina férrea! Esse é o [único] lema para os dias que correm. Um passo em falso, e o inimigo estará sobre nós. Por certo, camaradas, não quereis Jones de volta, hein?” (ORWELL, 1945, p 36).

-) **Capítulos 6:** **Em primeira pessoa do plural**, aponte brevemente os principais fatos da narrativa. Utilize uma **citação direta longa**. (2,0 pontos)

Através da leitura do sexto capítulo, podemos conferir todo o árduo processo de construção do moinho e a exaustão dos animais envolvidos, ao passo que os porcos passam a viver confortavelmente na antiga casa do sr. Jones. Notamos a manipulação dos antigos mandamentos do animalismo conforme os interesses dos porcos e o proveito que se tira da diferença de intelectualidade com outros animais para que isso possa ocorrer.

“Com que então vocês, camaradas, ouviram dizer que nós, os porcos, agora dormimos nas camas da casa? E por que não? Vocês não supunham, por certo, que houvesse uma lei contra camas, não é? A cama é meramente o lugar onde se dorme. Vendo bem, um monte de palha no estábulo é uma cama. A lei era contra os lençóis, que são uma invenção humana. Nós retiramos os lençóis das camas da casa e dormimos entre cobertores. Confortáveis, lá isso são! Porém não mais do que necessitamos, posso afirmar-lhes, camaradas, com todo o trabalho intelectual que atualmente recai sobre nós. Vocês não seriam capazes de negar-nos o repouso, camaradas, seriam? Vocês não desejariam ver- nos tão cansados que não pudéssemos cumprir nossa missão, não? Será que alguém quer Jones de volta?”

O capítulo termina com a súbita destruição de todo o trabalho no moinho até então, quem leva a culpa é Bola-de-Neve. O porco agora recebe sentença de morte.

7) Capítulos 7: Construa uma paráfrase da **ideia principal**, a partir da **terceira pessoa do discurso**. Use o uso de uma **citação indireta** com mobilização da voz do autor referenciado. (2,0 pontos)

Os animais passam a trabalhar mais para recuperar o que foi perdido e a ter cada vez menos comida disponível. Era imprescindível que o mundo externo não tomasse conhecimento das más condições pelas quais estavam passando; para tal, foi passada uma falsa impressão de normalidade e prosperidade.

“Napoleão bem sabia dos maus resultados que poderiam advir, caso a verdadeira situação alimentar da granja fosse conhecida, e resolveu utilizar o Sr. Whympet para divulgar uma impressão contrária. Até então, os animais tinham tido muito pouco ou nenhum contato com Whympet, em suas visitas semanais: agora, entretanto, alguns bichos selecionados, principalmente ovelhas, foram instruídos para comentarem, casualmente, mas de forma bem audível, o fato de terem sido aumentadas as rações. Em complemento, Napoleão deu ordens para que as tulhas do depósito, que estavam quase vazias, fossem recheadas de areia quase até a boca, depois completadas com cereais e farinha. A um pretexto qualquer Whympet foi conduzido através do depósito e pôde dar uma olhadela nas tulhas. Foi enganado e continuou a dizer lá fora que, absolutamente, não havia falta de alimento na Granja dos Bichos.”

Veio a tona que Bola-de-Neve estava de fato infiltrado na Granja, buscando sabotar a mesma e até mesmo lutando junto dos humanos. A partir desse ponto foram violentamente executados todos os animais suspeitos de traição e a grande maioria das coisas que davam errado passaram a ter a culpa atribuída ao porco em questão. Mais uma vez, palavras passam a serem distorcidas e perder seu significado quando passa a ser aceitável que um bicho tire a vida de outro e a ser proibido que se cante a canção que deu vida à revolução.

8) 8: Sem mobilizar de forma direta o nome do autor no seu texto, sintetize os principais acontecimentos narrados. Ao final, caracterize como citação indireta, conforme ABNT. (2,0 pontos).

Com o moinho finalmente concluído e a madeira que seria uma fonte de renda tendo sido vendida, os animais por fim celebraram. Mas a felicidade dura pouco, uma vez que foi constatado ser falso o dinheiro recebido e que logo em seguida se sucede um ataque a mão armada liderado por Frederick, da Granja vizinha.

O moinho, mesmo com as paredes reforçadas, havia sucumbido a explosivos, levando consigo o trabalho de anos. Os animais, encorajados pelo ódio, conseguiram derrotar e afugentar os humanos, mas não sem baixas. Apesar das circunstâncias, a batalha foi vista como uma vitória após Garganta apontar o mesmo.

Novamente, é possível perceber a adulteração dos iniciais mandamentos do animalismo quando porcos são vistos bebendo e, de repente, é como se isso nunca tivesse sido proibido.

“Porém, alguns dias mais tarde, Maricota, lendo os Sete Mandamentos, notou que havia outro mandamento mal recordado pelos animais. Todos pensavam que o Quinto Mandamento era ‘Nenhum animal beberá álcool’, mas haviam esquecido duas palavras. Na realidade, o Mandamento dizia: ‘Nenhum animal beberá álcool em excesso’.”

ANEXO D – MATERIALIDADES DAS ANÁLISES – “REESCRITA”

Acadêmico(a): A1

1) Produza um **resumo indicativo** contendo de 90 a 130 palavras referente aos capítulos 1 ao 4. (2,0 pontos)

Resumo: Nos primeiros quatro capítulos do livro A Revolução dos Bichos, de George Orwell, apresenta-se o início da revolução que se passa na Granja do Solar, uma fazenda liderada pelo Sr. Jones. Os animais, que lá viviam, insatisfeitos com a dominação e exploração que sofriam pelo fazendeiro decidem fazer uma revolução contra o inimigo, que seria aquele que anda sobre duas pernas. A revolução foi idealizada em um sonho que o porco Velho Major teve, em que os animais seriam autossuficientes e iguais. Era o princípio do Animalismo. O Major faleceu, mesmo assim os animais colocaram em prática sua ideia, expulsaram o Sr. Jones e transformaram na Granja dos animais. Porém ainda sim muitos outros fazendeiros estavam interessados na fazenda, foi quando no dia 12 de outubro ocorreu a Batalha do Estábulo.

Palavras-chave: fazenda; bichos; revolução; iguais.

(1,9)

2) Produza o texto solicitado nas alíneas (a, b, c, d), conforme o comando de cada uma delas, assim, teremos um **resumo informativo** dos capítulos 5 ao 8.

a) Capítulo 5: Apresente a síntese da temática de **forma impessoal** e faça uso de uma **citação direta curta**, com o uso de **interpolação** de um acréscimo/comentário e a **supressão** de uma passagem. (2,0 pontos)

No capítulo 5 é retratado no livro que com o passar do tempo, os porcos líderes Bola-de-neve e Napoleão passam a se desentender, enquanto o porco Bola-de-neve quer realizar a construção de um moinho, o porco Napoleão desacorda. Os animais então são divididos em duas facções que tinham os slogans: “Vote em Bola de Neve e na semana de três dias” e “Vote em Napoleão e na manjedoura cheia”. Chega mais uma reunião de domingo e com ela um grande debate, a votação de começar ou não os trabalhos no moinho de vento, Napoleão expõem sua opinião, porém não consegue convencer os animais igual à Bola-de-neve, com seus grandes argumentos, Napoleão então manda seus cães atacarem Bola-de-neve, assim o expulsando da Granja. Os animais logo percebem uma estranha semelhança a forma com que os cães agiam com seu dono – “[...] notou-se que sacudiam a cauda para ele [Napoleão] da mesma maneira como os outros cachorros costumavam fazer para Jones.” (ORWELL, 2015, p. 35) De agora em diante não existiriam mais as reuniões de domingo, só se reuniriam para saudar a bandeira, cantar Bichos da Inglaterra e receber as ordens da semana. Os animais sempre eram chantageados com a volta do Sr. Jones e por isso não contrariavam Napoleão e Garganta. Após algumas semanas, Napoleão decide construir o moinho, os animais, confusos pela repentina mudança de ideia são respondidos com: “Ele fingira ser contra o moinho de vento, apenas como manobra para livrar-se de Bola de Neve, que era um péssimo caráter e uma influência pernicioso [Perceba que estão fazendo Bola-de-neve ficar um uma imagem de ruim, quando na verdade não é a realidade.]” (ORWELL, 2015, p. 37)

(1,5)

b) Capítulos 6: **Em primeira pessoa do plural**, aponte brevemente os principais fatos da narrativa. Mobilize uma **citação direta longa**. (2,0 pontos)

Resposta: ver que nesse capítulo o porco Napoleão se torna cada vez mais autoritário, mudando regras que antes eram abominadas como dormir na casa-grande, fazer acordos com humanos, comercializar alimentos, os animais, como sempre inquietos, eram calados pelos argumentos de Sansão, que dizia: “Napoleão tem sempre razão”. Novembro chega, e com ela fortes ventos, o que acabou destruindo o moinho no qual os animais estavam trabalhando duro para se concretizar, e então veio a questão, quem faria isso? Foi aí que Napoleão rugiu:

Sabem quem foi o inimigo que, na calada da noite, destruiu nosso moinho de vento? BOLA DE NEVE! – rugiu violentamente com voz de trovão. – Bola de Neve foi o autor disto! Com rematada maldade, pensando em destruir nossos planos e vingar-se de sua ignominiosa expulsão, esse traidor penetrou até aqui, sob o manto da escuridão, e destruiu nosso labor de quase um ano. Camaradas, neste local e neste momento, pronuncio a sentença de morte para Bola de Neve.” **ORWELL, 2013, p. 46**. (No arquivo em pdf não está justificado nas duas margens. Neste arquivo, já corrigi.)

(2,0)

c) Capítulos 7: Construa uma paráfrase da **ideia principal**, a partir da **terceira pessoa do discurso**. Faça uso de uma **citação indireta** com mobilização da voz do autor referenciado. (2,0 pontos)

O inverno foi rigoroso e trouxe a escassez dos alimentos, aumentando os maus boatos sobre a granja. Para sanar isso, **Napoleão utilizou** de um dos seus clientes para passar a imagem contrária. Os animais já não estavam tão contentes com a forma em que viviam, em especial as galinhas, que após saberem que deveriam entregar seus ovos em troca de cereais decidiram fazer uma rebelião, que não foi bem-sucedida já que elas acabaram ficando sem comida e algumas até morreram. **Todo e qualquer problema que surgia Napoleão colocava** a culpa no porco Bola-de-neve, de ter invadido a granja a noite, de estar planejando um ataque etc. Até que alguns porcos confessaram que ainda tinham contato secreto com Bola-de-neve, outras galinhas confessaram ter visto bola-de-neve em seus sonhos e muitos outros animais também confessaram...eles todos foram executados, coisa que nem Jones fazia. **Conforme a escritura de Orwell (1945, p. 53), as cenas sangrentas, igualmente horripilantes, eram incrivelmente piores, uma vez que ocorriam entre eles mesmos.** Agora os animais não cantavam mais Bichos da Inglaterra, segundo Garganta, Bichos da Inglaterra era a canção da revolução, e como essa teve seu fim pela execução dos traidores, agora eles viveriam em uma sociedade melhor então o hino não teria mais valor.

(0,8)

d) Capítulo 8: Sem mobilizar de forma direta o nome do autor no seu texto, **sintetize** os principais acontecimentos narrados. Ao final, **caracterize** como citação indireta, conforme ABNT. (2,0 pontos).

Após a tragédia acontecida, os animais se lembram do sexto mandamento que dizia: “Nenhum animal matará outro animal.” mas novamente não fazem nada a respeito. Durante aquele ano trabalhavam ainda mais do que no ano anterior, mas não contradiziam porque nem lembravam mais de suas condições antes da revolução. Napoleão não era mais visto em público, Garganta ainda sempre defendia o chamado “Camarada Napoleão”. Tudo estava correndo bem com os negócios entre os humanos, até Frederick roubar os porcos e levar madeira de graça, Napoleão então proclama sentença de morte a ele. Depois desse acontecimento eles sabiam que uma batalha estava por vir, e foi o que aconteceu, Frederick e seus seguidores invadiram a granja, mataram animais e explodiram o moinho, os animais se defenderam, mas muitos saíram feridos ou mortos. Napoleão e Garganta com seus discursos manipuladores ainda fizeram os animais acreditarem que tinham vencido a batalha do Moinho de Vento. (ORWELL, 2015, p. 65-76).

(1,9)

Acadêmico(a): A2

1) Resumo: Nos quatro primeiros capítulos de “A revolução dos bichos” (ORWELL, 1945), o autor narra o princípio de uma revolução feita pelos animais de uma fazenda no interior da Inglaterra, que foi incitada por um antigo porco eminente e ocorreu de forma súbita e violenta. Foram criados certos mandamentos que resumiam o espírito da revolução, embora muitos dos animais não se importassem em aprender a ler bem. Num primeiro momento tudo ocorreu bem na granja pós-revolução, até que seu antigo dono tentou retomá-la, o que resultou em um combate sangrento entre os homens e os animais, que acabaram ganhando a luta e mantendo o controle da granja.

Palavras-chave: Animais; revolução; fazenda; Inglaterra.

2.a) No quinto capítulo do livro A revolução dos bichos percebem-se mudanças na granja dos bichos, a começar pela evasão de Mimosa, que não conseguiu deixar pra trás certas características da vida anterior. Ademais, os porcos passaram a exercer um papel de autoridade maior, e os demais animais aceitaram tal hierarquia com naturalidade. O desenrolar da história no capítulo se deve ao fato de Napoleão e Bola-de-neve discordarem em todos os pontos possíveis, o que culmina no uso de força física por parte de Napoleão para expulsar Bola-de-neve da granja. Após isso torna-se evidente ao leitor a manipulação feita pelos porcos, como é possível observar na passagem “Napoleão [...] Anunciou que daquele momento em diante terminariam as Reuniões dos domingos de manhã. [E também o caráter democrático da granja.] Eram desnecessárias perdas de tempo. Para o futuro, todos os problemas relacionados com o funcionamento da granja seriam resolvidos por uma comissão de porcos [...]” (ORWELL, 2015, p. 35) Por fim, ficou determinado que seria construído um moinho de vento para gerar eletricidade na granja.

b) Já no capítulo 6 observamos o quão trabalhosa passou a ser a vida dos animais, que tinham agora, além de suas obrigações prévias, a tarefa de construir o moinho de vento, que chegou a envolver até mesmo trabalho braçal dos porcos. Contudo, vemos que o desgaste do trabalho não desanimou os bichos, já que ao menos os homens não estavam mais presentes, e, portanto, não podiam maltratá-los ou explorá-los. Porém os animais perceberam que não poderiam viver de forma autossuficiente, e precisariam praticar comércio para adquirir certos itens, o que gerou certa revolta nos bichos, como percebemos no seguinte trecho

Um domingo de manhã, quando os bichos se reuniram para receber as ordens, Napoleão anunciou sua decisão de encetar uma nova política. A partir daquele dia, a Granja dos Bichos passaria a comerciar comas da vizinhança; naturalmente, sem qualquer objetivo de lucro, mas com o fito único de obter algumas mercadorias urgentemente necessárias. As exigências do moinho de vento deviam sobrepujar tudo mais, disse. Em consequência, ele estava tratando da venda de uma grande meda de feno e de parte da safra de trigo daquele ano; mais tarde, caso fosse necessário mais dinheiro, este teria de ser obtido com a venda de ovos, para os quais sempre havia mercado em Willingdon. As galinhas, disse Napoleão, deveriam agradecer a oportunidade de oferecer esse sacrifício, como contribuição especial em prol da conservação do moinho de vento. Os animais sentiram outra vez uma vaga inquietude. Nunca realizar quaisquer contatos com seres humanos, nunca fazer comércio, jamais utilizar dinheiro – essas coisas não estavam entre as primeiras resoluções passadas naquela formidável Reunião inicial, logo após a expulsão de Jones? Todos se lembravam da aprovação dessas resoluções – ou pelo menos julgavam lembrar-se. (ORWELL, 2015, p. 41)

A partir deste momento não podemos mais negar o despotismo dos porcos, que passaram a viver na casa de Jones e a dormir em camas, o que gerou desconfiança principalmente em Quitéria, porém, Garganta convenceu todos de que isso sempre foi permitido e era necessário. Por fim, somos surpreendidos ao descobrir que, durante uma noite chuvosa, o moinho desabou, fato que Napoleão atribuiu rapidamente a Bola-de-neve, determinando uma recompensa a quem o encontrasse e decidindo que deveriam recomeçar a construção.

c) No capítulo 7 Orwell (2015, p.47-56) descreve a situação decadente em que os bichos se encontram, com cada vez menos comida e mais trabalho. O autor narra situações em que os animais se revoltam contra Napoleão e são rapidamente suprimidos, além de nos dizer que os animais agora acreditam que Bola-de-neve frequenta a granja a noite e realiza diversas maldades, o que faz com que eles culpem o ex-camarda por tudo de errado que acontece na fazenda. Além disso, Napoleão “descobre” que ele era um agente de Jones desde o princípio, os outros animais não acreditam inicialmente, mas acabam sendo convencidos. Posteriormente Orwell relata que Napoleão fez com que diversos animais confessassem crimes que haviam cometido e os executou na frente de todos. Os animais que restaram ficaram desolados e começaram a cantar Bichos da Inglaterra para se consolarem, até que Garganta os avisou que a música estava proibida.

d) No oitavo capítulo os animais continuam a “lembrar-se dos mandamentos incorretamente” e Napoleão passa a ter cada vez mais prestígio. Ademais a construção do moinho finalmente é concluída, e só resta comprar o maquinário, o que seria feito com o dinheiro da venda de madeira para Frederick, porém ele entregou notas falsas aos bichos. Depois disso Frederick e seus homens realizaram um ataque a granja e destruíram o moinho antes de serem expulsos pelos animais. Os porcos tomaram esse evento como uma batalha vencida e resolveram comemorar bebendo álcool, o que fez com que Napoleão passasse mal. Por fim, os animais foram surpreendidos por um ruído vindo do pátio, aonde encontraram Garganta caído no chão com uma escada, um pincel e uma lata de tinta, ao lado de onde ficavam escritos os mandamentos. Benjamim foi o único que entendeu o porquê disso. (ORWELL, 2015, p.57-67)

Acadêmico(a): A3

- 1) Produza um **resumo indicativo** contendo de 90 a 130 palavras referente aos capítulos 1 ao 4. (2,0 pontos)

Nos primeiros capítulos do livro, somos apresentados a granja do solar, uma fazenda onde diversos animais vivem na miséria, enquanto os donos levam uma boa vida sem muito esforço. Entre os animais, há um porco chamado Major, considerado o mais sábio, e que um dia convoca todos os animais para uma reunião, em que eles discutem suas péssimas condições e como desejam se rebelar contra os humanos, para criar uma sociedade mais justa para trabalhadores. Em pouco tempo, o porco Major morre, porém seus desejos de mudança continuam vivos em seus companheiros animais, que em um esforço coletivo buscam realizar a tão sonhada revolução. Portanto, os outros porcos assumem vigorosamente a liderança da granja, porém com a tempo começam a se tornarem líderes suspeitamente autoritários, aquilo que Major jurou abolir.

Palavras-chave: Fazenda, Animais, Miséria e Rebelar.

- a) Capítulo 5: Apresente a síntese da temática de **forma impessoal** e faça uso de uma **citação direta curta**, com o uso de **interpolação** de um acréscimo/comentário e a **supressão** de uma passagem. (2,0 pontos)

Com a chegada de janeiro houveram brigas entre os animais da granja, cada um defendendo certas práticas, com Bola de neve estudando diversas práticas e técnicas que havia pesquisado e Napoleão discordando delas, porém sem apresentar ideias próprias.

Bola de neve propunha um grande avanço com a construção de um moinho, porém dividiu a granja por sua dificuldade de construção. Bola de neve, quase é assassinado por cães treinados, porém ele consegue fugir. Com a ausência de Bola de neve, Napoleão toma controle da granja e faz algumas mudanças. “Anunciou que daquele momento em diante terminariam as Reuniões dos domingos de manhã [quebrando um dos símbolos de união da granja]. Eram desnecessárias perdas de tempo.” (ORWELL, 1945, p.36).

- b) Capítulos 6: **Em primeira pessoa do plural**, aponte brevemente os principais fatos da narrativa. Mobilize uma **citação direta longa**. (2,0 pontos)

Observamos que os animais estavam trabalhando duro, tanto no plantio quanto na construção do moinho, apesar de vermos que estariam passando por certas dificuldades, por não poderem usar ferramentas humanas.

Napoleão, para tentar enfrentar os imprevistos, sugere de comercializar produtos com humanos, duas coisas que vieram a deixar os animais inseguros com suas tomadas de decisão, “ Os animais sentiram outra vez uma vaga inquietude. Nunca realizar quaisquer contatos com seres humanos, nunca fazer comércio, jamais utilizar dinheiro – essas coisas não estavam entre as primeiras resoluções passadas naquela formidável Reunião inicial, logo após a expulsão de Jones? Todos se lembravam da aprovação dessas resoluções – ou pelo menos julgavam lembrar-se. Os quatro jovens porcos castrados que haviam protestado quando Napoleão acabara com as Reuniões, levantaram timidamente a voz, mas foram logo silenciados por um rosnar terrível dos cachorros. Nesse instante, como de hábito, as ovelhas estalaram “Quatro pernas bom, duas pernas ruim!” e a momentânea impertinência foi abafada.” (ORWELL, 1945, p. 41)

- c) Capítulos 7: Construa uma paráfrase da **ideia principal**, a partir da **terceira pessoa do discurso**. Faça uso de uma **citação indireta** com mobilização da voz do autor referenciado. (2,0 pontos)

Neste capítulo, fica nítido que, os animais da granja não mais viviam a tão sonhada revolução, e sim um terrível pesadelo, uma granja que carregava sonhos e desejo de mudança, foi completamente roubada deles por desejos de poder, ordem e doutrina. Ao autor também narra um grande evento na granja, no qual ocorreu a execução de diversos animais que confessaram ter desobedecido as ordens de napoleão, que ao ouvir as confissões mandou os cachorros executarem os “traidores”. (ORWELL, 1945. p.56).

- d) Capítulo 8: Sem mobilizar de forma direta o nome do autor no seu texto, sintetize os principais acontecimentos narrados. Ao final, caracterize como citação indireta, conforme ABNT. (2,0 pontos).

Os animais demonstram insatisfação com o descumprimento da regra de não matar, porém continuam a ser doutrinados a acreditarem que a vida antes da revolução era muito pior que isso, portanto justificando os atos de Napoleão. O qual, age cada vez mais como um tirano esnobe e cruel, que comercializava abertamente com humanos, em troca de artigos de interesse próprio. Além de colocar a culpa em Bola de neve por qualquer imprevisto ou coisa que desse errado. (ORWELL, 1945, p. 57-68).

Acadêmico(a): A4

- 1) Produza um **resumo indicativo** contendo de 90 a 130 palavras referente aos capítulos 1 ao 4. (2,0 pontos)]

Resumo: A Revolução dos Bichos, de George Orwell, se passa numa granja liderada, inicialmente, pelo Sr. Jones. No primeiro capítulo, a obra retrata um grupo de animais que começam a se questionar acerca da natureza de suas vidas, visto que eles passam suas vidas sendo forçados a trabalhar e se desgastar em benefício de seu patrão. No segundo capítulo eles decidem unir-se contra os humanos, iniciando uma revolução, com a ideia de criar uma sociedade justa, igualitária e diferente dos homens. No terceiro capítulo tudo ia bem, os malefícios anteriores haviam desaparecido, porém, no capítulo seguintes iniciam-se conflitos com os humanos, onde inicialmente os animais saem vitoriosos. Palavras-chave: poder; conflitos; revolução; crise.

- 2) Produza o texto solicitado nas alíneas (a, b, c, d), conforme o comando de cada uma delas, assim, teremos um **resumo informativo** dos capítulos 5 ao 8.

- a) Capítulo 5: Apresente a síntese da temática de **forma impessoal** e faça uso de uma **citação direta curta**, com o uso de **interpolação** de um acréscimo/comentário e a **supressão** de uma passagem. (2,0 pontos)

Havia dificuldades a serem resolvidas, e conflitos se intensificaram ainda mais. Bola-de-Neve foi expulso e Napoleão assumiu a liderança, decidindo construir o moinho.

“Em janeiro, o tempo piorou terrivelmente. A terra dura [e infértil] como ferro, não permitia o trabalho no campo [...]. Fora acertado que os porcos [...] decidiriam todas as questões referentes à política agrícola da granja” (ORWELL, 1945, p. 31).

- b) Capítulos 6: **Em primeira pessoa do plural**, aponte brevemente os principais fatos da narrativa. Mobilize uma **citação direta longa**. (2,0 pontos)

Percebemos, no capítulo seis, que os recursos começaram a ficar escassos e os bichos eram obrigados a aceitar tal situação, pelo medo do retorno de Jones. Após uma nova confusão, o moinho é destruído, e com isso, chegávamos a um novo clímax:

“Não percam tempo, camaradas! – bradou Napoleão, depois de examinar detidamente as pegadas. – Temos muito trabalho pela frente. Hoje mesmo, de manhã, recomeçamos a construção do moinho de vento e trabalharemos por todo o inverno, com sol ou com chuva. Mostraremos a esse traidor miserável que ele não pode desfazer nosso trabalho assim tão facilmente (ORWELL, 1945, p. 45-46).

- c) Capítulos 7: Construa uma paráfrase da **ideia principal**, a partir da **terceira pessoa do discurso**. Faça uso de uma **citação indireta** com mobilização da voz do autor referenciado. (2,0 pontos)

O capítulo sete narra a queda do moinho, um período difícil para os animais, de trabalho árduo e de escassez de alimentos. Momento em que os bichos demonstram sinais de fome e de fraqueza. Conforme relata Orwell (1945, p. 53) Napoleão ordena que as galinhas passem a fornecer ovos para venda, o que gerou o descontentamento das galinhas, e iniciou uma revolta. A qual é fortemente reprimida pro Napoleão, que dá início a uma série de execuções.

- d) Capítulo 8: Sem mobilizar de forma direta o nome do autor no seu texto, sintetize os principais acontecimentos narrados. Ao final, caracterize como citação indireta, conforme ABNT. (2,0 pontos)

Dado o ocorrido, os animais lembraram-se de alguns de seus mandamentos “nenhum animal matará outro animal” e “todos os animais são iguais”. Mesmo assim, Napoleão foi nomeado como líder, com diversas homenagens sendo feitas a ele. Houve mais uma grande confusão com os humanos, a “Batalha do Moinho de Vento”, da qual, mesmo com algumas perdas, os bichos saíram vitoriosos. (ORWELL, 1945, p. 56-68)

Acadêmico(a): A5**RESPOSTAS:**

- 1) RESUMO: No do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell (1945), trata-se de um clássico da literatura inglesa, onde nos primeiros quatro capítulos os animais cansados de serem explorados dão início há uma rebelião, expulsando os humanos e assumindo o controle da fazenda. Reconhecido como os mais inteligentes, os porcos ficaram com a responsabilidade de organizar e instruir os demais animais. No início foi difícil, pois tiveram que se virar com a ausência dos humanos, mas faziam tudo com grande satisfação. Enquanto a preocupação dos demais fazendeiros da região ficava evidente, ao ponto de tentar retomar o controle. E deu-se início a uma batalha, os bichos saíram vitoriosos e ficou conhecido como batalha do estábulo, onde os bichos saíram vitoriosos e a partir dai a historia ganha um novo contexto.
Palavras-chaves: animais; rebelião; fazenda.

2a)

No quinto capítulo, as disputas entre Bola de Neve e Napoleão ficam mais acirradas, a granja estava indo muito bem, não fossem as disputas eles, a granja estava dividida profundamente com respeito ao moinho de vento. “Os bichos economizariam tanta energia. [...] além de fornecer a cada baía sua própria luz, água quente fria e um aquecedor elétrico.” [fala de Bola de Neve]. (ORWELL,2007,p.33). Na reunião de domingo seguinte, deveria ser posta em votação a questão de começar ou não o moinho de vento. Napoleão sem mais argumentos, jogou sobre bola de neve cães, Bola de Neve se pôs a correr em direção a estrada e enfiou-se por um buraco e sumiu.

b)

No capítulo seis, é importante percebermos o comportamento dos bichos, Mimosa fora embora, os porcos desfrutavam de regalias e os animais trabalhavam cada vez mais e comiam cada vez menos.

Ao chegar o outono, os animais andavam cansados, mas felizes. Havia tido um ano difícil, e após a venda de uma parte da safra de feno e de trigo, os estoques para o inverno não eram lá muito abundantes, mas o moinho de vento compensava tudo. Já estava quase pela metade. (ORWELL,2007,p.44)

Napoleão acusa Bola de Neve, de sabotagem e traidor, de ser o responsável pela destruição do moinho, sempre o responsabilizando por algo. (ORWELL,George,2007p.34)

c)

O capítulo sete, retrata as dificuldades daquele momento onde as coisas não iam muito bem para os os animais, que cada vez mais tinham mais tarefas a serem cumpridas no seu dia a dia, e tinham que aceitar os cortes impostos a eles. Segundo o narrador, Napoleão toma medidas para conter uma possível crise onde os questionamentos surgem, e por fim usa da força para intimida-los e conte-los. (ORWELL,2007,p.53)

d)

E no outono, o moinho estava reconstruído, os animais estavam exaustas mais felizes. Só não esperavam que os humanos retornassem. Desta vez armados até os dentes tentam retomar a fazenda mais uma vez, ferem alguns animais e o terror se espalha entre os bichos. Uma grande explosão coloca no chão o moinho de vento, e com isso desperta os animais e lhes da coragem lançando eles para a batalha, expulsando os humanos e vencendo mais uma vez. (ORWELL,2007,p.56-78)

Acadêmico(a): A6

1)

Os quatro primeiros capítulos do livro *A Revolução dos Bichos* (ORWELL, 1945) têm a intenção de apresentar o leitor a um mundo que, inicialmente, parece superficial, mas, conforme se vai avançando nos capítulos, é notável que não se trata apenas de uma revolução de animais. Quando os animais tomam controle da fazenda do Senhor Jones, tudo parece correr bem, e continua assim por um bom tempo. Porém, discordâncias começam a acontecer, comida começa a sumir, e é aí que a narrativa do livro muda. É no quarto capítulo que o livro começa a se tornar mais profundo.
Palavras-chave: revolução; poder; animais; fazenda

2)

ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (p. 49-98)

A)

No capítulo 5, tem-se o começo das tensões entre os animais mais acentuada e é quando um personagem começa a se destacar entre os demais, o porco Napoleão. Logo no começo da passagem fica-se sabendo que a égua Mollie fugiu da fazenda, sinal de que as coisas já não eram perfeitas como no princípio da rebelião. Então os animais entram em um consenso de que os porcos deviam tomar as decisões políticas da fazenda (por serem os mais espertos). Esse é o estopim para o começo dos debates acalorados entre os porcos Bola de Neve e Napoleão, que direcionam a trama.

O autor mostra Napoleão como um personagem que mais discorda das ideias de Bola de Neve do que propõe as suas. A principal ideia de Bola de Neve para o tornar líder da fazenda é a construção de um moinho de vento, que Napoleão discorda veementemente “[...]o moinho de vento era um absurdo, e que não aconselhava ninguém a votar em favor dele [Passagem muito importante para entender as reais intenções de Napoleão] [...]” (ORWELL, 2007, p. 54).

O desfecho e clímax do capítulo se dá no dia da reunião para decidir o líder da fazenda. Sendo assim, Napoleão expulsa Bola de Neve da fazenda com ajuda de nove cães enormes e Papudo. Com o resto dos animais perplexos, o novo “governo” alegou que Bola de Neve era um criminoso, e Napoleão afirmou que nunca se opôs à construção do moinho de vento, que era apenas uma manobra para se livrar de seu desafeto. A partir daí Napoleão vira o personagem principal de uma discussão bem atual sobre poder e manipulação.

B)

Vemos no 6º capítulo do livro o processo de construção do moinho de vento, de muita dificuldade e superação para os animais da Granja dos Bichos. Porém, por ser um projeto complicado, Napoleão teve a ideia de realizar acordos comerciais com humanos para a arrecadação de recursos, o que era proibido. Percebemos a manipulação dos porcos muito evidente nessa fala de Garganta após os bichos questionarem sobre sua hipocrisia:

Alguns bichos ainda permaneciam em dúvida, porém Garganta perguntou-lhes astuciosamente: “Vocês estão certos de que não sonharam com isso? Existe algum registro dessa resolução? Está escrita em algum lugar?” E uma vez que, realmente, não existia escrito nada parecido com isso, os animais se convenceram de seu engano. (ORWELL, 2007, p.65)

No final do capítulo nos é revelado que após uma noite de fortes ventos, o moinho foi destruído, e o culpado tinha nome, Bola de Neve. Um inimigo em comum era o que faltava para os animais da fazenda se aliarem à Napoleão e recomeçarem a reconstrução do moinho, uma mensagem para o mundo exterior de que eles não desistiam.

C)

No 7º capítulo, os bichos se comprometeram a reconstruir o moinho, dessa vez com paredes mais grossas. Perante a falta de recursos, Napoleão decide comercializar os ovos das galinhas, o que causa o primeiro princípio de rebelião desde que os animais tomaram a fazenda. O líder então decidiu cortar a cabeça dos animais envolvidos na confusão, se mostrando implacável.

Então, no início da primavera, foi-se descoberto que Bola de Neve frequentava a granja de noite, causando pânico nos animais. Segundo o autor, eles ficaram tão aflitos que nem dormir conseguiam. Após uma longa apuração, Napoleão e seus aliados descobriram que Bola de Neve era aliado de Jones desde o início, que ele tentou destruir na Batalha do Estábulo, apesar de ter levado um tiro e ter ganhado um título de honra por ter lutado bravamente. Por fim, o chefe convoca uma reunião, e nela desmascara diversos traidores, matando-os. O capítulo termina com a proibição da música Bichos da Inglaterra, já que segundo Garganta, após a execução dos traidores, a revolução estava completa.

D)

Já no 8º capítulo, mais mandamentos são quebrados e Napoleão se afasta cada vez mais de seu povo, porém era cada vez mais respeitado pelos animais, sendo tratado como um ser superior. Após um longo tempo os bichos terminam pela segunda vez a construção do moinho. Tudo parecia estar em harmonia novamente na Granja dos Bichos. Porém, após venderem madeira para Frederick, um fazendeiro vizinho, descobrem que ele pagou o produto com um cheque em branco, o que causa um alvoroço completo e desencadeia uma série de acontecimentos.

Frederick e seus homens invadem a fazenda dos bichos e explodem o moinho, deixando todos perplexos com a situação. Após os invasores fugirem, Napoleão e seus camaradas tratam o acontecimento como uma vitória e os animais, ainda em choque, segundo o autor, se convencem de que realmente foi uma vitória após o discurso de seu chefe os congratulando (ORWELL, 2007, p.96). Ficou conhecida como Batalha do Moinho de Vento.

Acadêmico(a): A7

1- Os capítulos 1, 2, 3 e 4 do livro “Revolução dos Bichos”, podem ser considerados os mais importantes da obra, uma vez que, por se tratarem dos capítulos iniciais, reúnem as informações que são estritamente necessárias para o entendimento do enredo como um todo. Estes capítulos realizam a apresentação dos personagens envolvidos na trama, a descrição da situação na Fazenda antes da Revolução, os acontecimentos que levaram a realização desta por parte dos animais e descrevem as primeiras atitudes tomadas após a Revolução. A narrativa é contada em tempo cronológico através de um narrador observador, além de apresentar a fala dos personagens por meio de discursos indiretos e diretos sinalizados por aspas.

Palavras-chave: insatisfação; revolução; fazenda; animais.

2- a) No capítulo 5 têm-se a ênfase nas disputas recorrentes entre Bola de Neve e Napoleão, que acabavam, por consequência, impactando no desenvolvimento da Fazenda como um todo. O ápice do capítulo dá-se quando Bola de Neve propõe a construção de um moinho de vento “[...] que poderia acionar um dínamo [aparelho que transforma energia cinética em elétrica] e suprir de energia elétrica toda a granja.” (ORWELL, 2015, p. 32). Após uma votação a favor da construção do moinho, Napoleão, o qual sempre fora contra a sua construção, utilizou de nove cães para expulsar Bola de Neve e assumir o poder absoluto da Granja dos Bichos. Algumas semanas após a expulsão de Bola de Neve, Napoleão anunciou que afinal construiria o moinho de vento e que, conforme explicado por Garganta, nunca fora realmente contra o moinho, mas apenas utilizava de tais afirmações como uma estratégia para livra-se de Bola de Neve.

b) Após a leitura do capítulo 6, é possível notarmos que o tema principal abordado é a construção do moinho de vento e suas complicações. Dentre essas, podemos citar como as principais: a dificuldade que os animais enfrentaram para obterem pedras do tamanho desejado (uma vez que não conseguiam usar as ferramentas corretas), a crescente falta de recursos e o cansaço extremo. Apesar de todas essas adversidades podemos afirmar que os animais estavam felizes pois

[...] o moinho de vento compensava tudo. [...]. Nas horas de folga os animais passeavam em volta do moinho inacabado; admirando a solidez e a verticalidade de suas paredes, maravilhados com o fato de terem sido capazes de construir algo tão imponente. (ORWELL, 2015, p. 44).

Todavia, nos é informado que, durante uma noite de novembro, todo esse progresso fora perdido, pois alguém havia destruído o moinho. Napoleão culpou à Bola de Neve pelo ato, colocou uma recompensa em sua cabeça e ordenou o início da reconstrução imediata do moinho.

c) De acordo com Orwell (2015, p. 47-56), nesse capítulo observa-se em todos os animais um enorme terror e paranoia após Garganta anunciar que Bola de Neve era um agente de Sr. Jones desde o início da Revolução, estava frequentando a Fazenda durante as noites e que planejava atacá-la em algum momento. Ao final do capítulo, Napoleão ordena a execução de animais que confessaram traição à Granja dos Bichos ao aliarem-se a Bola de Neve. Esse acontecimento chocou a todos os animais, deixando-os até mesmo trêmulos e fazendo com que alguns, como Quitêra, duvidassem do caminho que a Revolução havia tomado.

d) O capítulo 8 inicialmente narra as longas negociações entre Napoleão, Frederick e Pilkington em relação as tábuas de madeira as quais pertenciam à Granja dos Bichos. Após realizada a venda da madeira à Frederick, Napoleão é informado que o pagamento que havia recebido era falso. No dia seguinte, Frederick e seus homens invadem a Granja e explodem o moinho de vento, o que faz com que os animais se enfureçam e consigam expulsar os invasores. Após alguns dias celebrando a vitória sobre os homens de Frederick, Napoleão fica à beira da morte após, supostamente, beber o uísque encontrado na adega. A partir de então ficou proibida a ingestão de álcool excessiva (ORWELL, 2015, p. 57-67).

Acadêmico(a): A8

- 1) Produza um **resumo indicativo** contendo de 90 a 130 palavras referente aos capítulos 1 ao 4. (2,0 pontos)

Nos quatro capítulos iniciais do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell (1945), é estabelecida a Granja do Solar, uma granja administrada pelo Sr Jones, durante uma noite um de seus porcos, o Porco Major conspira com outros animais para estabelecer uma revolução e acabar com a exploração causada pelos humanos. Após três dias, o líder conspiratório falece seguido por uma crise de administração do proprietário Sr Jones, o qual transfere o controle da fazenda a seus empregados. Estes, encarregados de prover sustento aos animais falham e os deixam passar fome. Motivados pela negligência dos subordinados, os bichos recordam do discurso de porco Major e rebelam-se contra a administração da fazenda. Os animais tomam posse da granja e a renomeiam para Granja Dos Bichos, agora liderada pelos porcos Napoleão e Bola de Neve, os quais governaram em conjunto mesmo com suas adversidades.

Palavras-chave: animais; exploração; conspiração.

- a) Capítulo 5: Apresente a síntese da temática de **forma impessoal** e faça uso de uma **citação direta curta**, com o uso de **interpolação** de um acréscimo/comentário e a **supressão** de uma passagem. (2,0 pontos)

No início do quinto capítulo, após retornar ao pátio contente e sacudindo a cauda, tem-se o questionamento estabelecido por Quitéria a respeito das intenções de Mimosa com os humanos da fazenda ao lado: “[...] falava com você e fazia festa em seu focinho. Que quer dizer isso [o segredo de Mimosa estava se revelando], Mimosa?” (ORWELL, 2015, p. 27). Mimosa nega qualquer envolvimento com eles, porém após três dias ela desaparece e de maneira traiçoeira, abandona seus amigos animais para viver em outra fazenda com melhores condições proporcionada pelos humanos.

A fazenda segue com a administração dupla dos líderes Porco Napoleão e o Porco Bola de Neve, porém em meio a um desentendimento devido a vitória do projeto de instalação de um moinho proposto por Bola De Neve, o Porco Napoleão assume o poder por meio de um ataque com cães, ocasionando o desaparecimento de seu companheiro. Logo após isso, inicia-se o período de tirania governado por Napoleão, o qual extinguiu as mínimas plataformas democráticas persistentes na fazenda, decretando assim um comando autoritário.

- b) **Capítulos 6:** Em primeira pessoa do plural, aponte brevemente os principais fatos da narrativa. Mobilize uma **citação direta longa**. (2,0 pontos)

Lendo o capítulo seis, fica clara a nossa indignação (você adentra em primeira pessoa com o “nossa” mas o verbo está e terceira “ a nossa indignação fica clara... Sugestão Ficamos indignados ao saber ... com os animais devido às condições extensivas de trabalho oferecidas a eles pelo Porco Napoleão, mas que os próprios não as reconhecem como semelhantes as originais que motivaram a revolta (condicionada pelos humanos)

Durante o ano inteiro os bichos trabalharam feito escravos. Mas trabalhavam felizes; não mediam esforços ou sacrifícios, cientes de que tudo quanto fizessem reverteria em benefício deles próprios e dos de sua espécie, que estavam por vir, e não em proveito de um bando de preguiçosos e aproveitadores seres humanos. (ORWELL, 1945. p. 52). A formatação deve ser justificada nos dois lados.

Ficamos sabendo que os cavalos começam a comparar sua atual situação de exploração à inicial provocada pelo Sr Jones. O moinho que estava em construção cede, em meio a uma tempestade e Napoleão condena o desaparecido Bola de Neve como culpado e declara querer sua morte ao resto dos animais.

- c) **Capítulos 7:** Construa uma paráfrase da **ideia principal**, a partir da **terceira pessoa do discurso**. Faça uso de uma **citação indireta** com mobilização da voz do autor referenciado. (2,0 pontos)

Sucedendo a queda do moinho, no capítulo sete, o autor não hesita em ressaltar o quão difícil fora aquele período de inverno para os bichos da fazenda, mas não para os porcos no comando, que tinham seu leite e maçãs sempre em fartura. Então, George Orwell (quando mobilizar o autor fazer a chamada da obra. Ex. Então, Orwell, (1945, p. 62)) adiciona um aspecto sóbrio a obra ao declarar que o Porco Napoleão executou 4 porcos, que segundo o porco eram aliados ao Bola De Neve. A partir desse ponto, o líder instaurava um medo geral na população, eliminando qualquer um que conspirasse contra seu governo. (ORWELL, 1945. p. 62-75).

- d) **Capítulo 8:** Sem mobilizar de forma direta o nome do autor no seu texto, sintetize os principais acontecimentos narrados. Ao final, caracterize como citação indireta, conforme ABNT. (2,0 pontos).

Aos poucos, os mandamentos instaurados inicialmente na revolta, foram sendo alterados e negligenciados em benefício próprio dos porcos em comando, como evidenciado no ato de não dormir em camas, modificado após a posse da casa de Sr Jones pelo Porco Napoleão. Além de um dos mais importantes, o que se referia a um animal nunca tirar a vida de outro, que fora mudado com o acréscimo das palavras sem motivo ao fim. Nos próximos meses, a Granja tem seu moinho destruído mais uma vez pelos humanos, é declarada uma República e o Napoleão é eleito por voto popular, mesmo após tamanhas atrocidades. O cavalo Sansão um dos trabalhadores mais árdios adoece (ORWELL, 1945, p. 75-88).

Acadêmico(a): A9

- 1) Produza um **resumo indicativo** contendo de 90 a 130 palavras referente aos capítulos 1 ao 4. (2,0 pontos)

RESUMO: O livro “A revolução dos bichos”, escrito por George Orwell (1945), nos capítulos de 1 a 4, narra a história de como os animais da Granja do Solar, mais tarde conhecida como Granja dos Bichos, provocam uma revolução ao expulsar do lugar o sr. Jones, antigo proprietário, em busca de independência e de melhores condições de vida. A obra, até então, retrata desde a colaboração dos animais em prol de uma causa comum até sutis desavenças entre os porcos Napoleão de Bola-de-Neve, que se encontram em posições de liderança. Palavras-chave: revolução; ânimo; controle; fazenda; luta.

- a) **Capítulo 5: Apresente** a síntese da temática de **forma impessoal** e faça uso de uma **citação direta curta**, com o uso de **interpolação** de um acréscimo/comentário e a **supressão** de uma passagem. (2,0 pontos)

No decorrer do capítulo, é proposta por Bola-de-Neve a construção de um moinho de vento que prometia, uma vez pronto, significar menos trabalho para os animais. A ideia é, porém, refutada por Napoleão, que raramente costuma concordar com o outro porco. Depois de muito debate bilateral sobre quais seriam as reais prioridades da Granja, a ideia de Bola-de-Neve é aprovada pela maioria. No entanto, logo em seguida, ao sinal de Napoleão, o celeiro é invadido por cães treinados pelo mesmo, que se puseram a atacar e afugentar Bola-de-Neve. Dali em diante, foram anunciadas mudanças nas regras em vigor. Protestos teriam sido feitos, não fosse a violência potencial dos cães e a dificuldade de muitos bichos para ordenar seus pensamentos. Aproximando-se o final do capítulo, o eloquente porco Garganta convence os animais de que Bola-de-Neve era na verdade um criminoso e argumenta a favor das mudanças nas dinâmicas de tomada de decisões impostas por Napoleão “[...] disciplina férrea! Esse é o [único] lema para os dias que correm. Um passo em falso, e o inimigo estará sobre nós. Por certo, camaradas, não quereis Jones de volta, hein?” (ORWELL, 1945, p. 36).

- b) **Capítulos 6: Em primeira pessoa do plural**, aponte brevemente os principais fatos da narrativa. Mobilize uma **citação direta longa**. (2,0 pontos)

Através da leitura do sexto capítulo, podemos conferir todo o árduo processo de construção do moinho e a exaustão dos animais envolvidos, ao passo que os porcos passam a viver confortavelmente na antiga casa do sr. Jones. Notamos a manipulação dos antigos mandamentos do animalismo conforme os interesses dos porcos e o proveito que se tira da diferença de intelectualidade com outros animais para que isso possa ocorrer. Além disso, com a progressão da narrativa, vemos todo o trabalho dos envolvidos destruído; o cenário é o moinho de vento em ruínas.

Visão terrível se apresentava aos seus olhos [...] o fruto de todas as suas lutas, rebaixado ao nível dos alicerces; e as pedras, que tão laboriosamente haviam levantado, espalhadas pelas redondezas. Impossível falar, de início; ali ficaram olhando tristemente à desordem das pedras caídas. (ORWELL, 2015, p. 45)

- c) Capítulos 7: Construa uma paráfrase da **ideia principal**, a partir da **terceira pessoa do discurso**. Faça uso de uma **citação indireta** com mobilização da voz do autor referenciado. (2,0 pontos)

No sétimo capítulo da obra, os animais passam a trabalhar mais para recuperar o que foi perdido e a ter cada vez menos comida disponível. Ainda assim, conforme a escritura de Orwell (2015, p. 48) era imprescindível que o mundo externo não tomasse conhecimento das más condições pelas quais estavam passando ao lidar com a suposta traição de Bola-de-Neve por meio da sabotagem do moinho de vento e dos escassos recursos disponíveis para os animais; para tal, foi passada uma falsa impressão de normalidade e prosperidade.

- d) Capítulo 8: Sem mobilizar de forma direta o nome do autor no seu texto, sintetize os principais acontecimentos narrados. Ao final, caracterize como citação indireta, conforme ABNT. (2,0 pontos).

A trama do capítulo 8 se desenvolve ao **redor da prestigiada** figura do porco Napoleão. A ele é dedicado cada poema e a ele é atribuída cada vitória; sua influência é absoluta e suas decisões, inquestionáveis. É enfim travada a de certo modo esperada, mas não por isso menos violenta batalha contra os humanos. Apesar das perdas significativas do lado dos animais, o resultado é tido como uma vitória passível de grandes comemorações. (ORWELL, 2015, p. 57-67).

ANEXO E – MATERIALIDADES DAS ANÁLISES – “FEEDBACK”

Acadêmico(a): A1

1) Produza um **resumo indicativo** contendo de 90 a 130 palavras referente aos capítulos 1 ao 4. (2,0 pontos)

Resumo: Nos primeiros quatro capítulos do livro A Revolução dos Bichos, de George Orwell, apresenta-se o início da revolução que se passa na Granja do Solar, uma fazenda liderada pelo Sr. Jones. Os animais, que lá viviam, insatisfeitos com a dominação e exploração que sofriam pelo fazendeiro decidem fazer uma revolução contra o inimigo, que seria aquele que anda sobre duas pernas. A revolução foi idealizada em um sonho que o porco Velho Major teve, onde em que os animais seriam autossuficientes e iguais. Era o princípio do Animalismo. O Major faleceu, mesmo assim os animais colocaram em prática sua ideia, expulsaram Sr. Jones e transformaram na Granja dos animais. Porém ainda sim muitos outros fazendeiros estavam interessados na fazenda, foi quando no dia 12 de outubro ocorreu a Batalha do Estábulo.

Palavras-chave: Fazenda, fazenda, Bichos, bichos, Revolução, revolução, Iguais.
(1,9)

a) Capítulo 5: Apresente a síntese da temática de **forma impessoal** e faça uso de uma **citação direta curta**, com o uso de **interpolação** de um acréscimo/comentário e a **supressão** de uma passagem. (2,0 pontos)

Com o passar do tempo, os porcos líderes Bola-de-neve e Napoleão **começam** (está em terceira pessoa) a se desentender, enquanto o porco Bola-de-neve quer realizar a construção de um moinho, o porco Napoleão desacorda. **Os animais então acabam** se dividindo em duas facções que tinham os slogans: “Vote em Bola de Neve e na semana de três dias” e “Vote em Napoleão e na manjedoura cheia”. Chega mais uma reunião de domingo e com ela um grande debate, a votação de começar ou não os trabalhos no moinho de vento, Napoleão **expõem** sua opinião, porém não consegue convencer os animais igual à Bola-de-neve, com seus grandes argumentos, Napoleão então manda seus cães atacarem Bola-de-neve, assim o expulsando da Granja. Os animais logo percebem uma estranha semelhança a forma com que os cães agiam com seu dono – “[...] notou-se que sacudiam a cauda para ele [Napoleão] da mesma maneira como os outros cachorros costumavam fazer para Jones.” (ORWELL, 2015, p. 35). De agora em diante não existiriam mais as reuniões de domingo, só se **reuniriam** para saudar a bandeira, cantar Bichos da Inglaterra e receber as ordens da semana. Os animais sempre **eram** chantageados com a volta do Sr. Jones e por isso não contrariavam Napoleão e Garganta. Após algumas semanas, Napoleão decide construir o moinho, os animais, confusos pela repentina mudança de ideia são respondidos com: **“Ele fingira ser contra o moinho de vento, apenas como manobra para livrar-se de Bola de Neve, que era um péssimo caráter e uma influência pernicioso [Perceba que estão fazendo Bola-de-neve ficar um uma imagem de ruim, quando na verdade não é a realidade.]”** (ORWELL, 2015, p. 37).

(1,5)

b) Capítulos 6: **Em primeira pessoa do plural**, aponte brevemente os principais fatos da narrativa. Mobilize uma **citação direta longa**. (2,0 pontos)

Podemos ver que nesse capítulo o porco Napoleão se torna cada vez mais autoritário, mudando regras que antes eram abominadas como dormir na casa-grande, fazer acordos com humanos, comercializar alimentos, os animais, como sempre inquietos, eram calados pelos argumentos de Sansão, que dizia: “Napoleão tem sempre razão”. Novembro chega, e com ela fortes ventos, o que acabou destruindo o moinho no qual os animais estavam trabalhando duro para se concretizar, e então veio a questão, quem faria isso? Foi aí que Napoleão rugiu:

Sabem quem foi o inimigo que, na calada da noite, destruiu nosso moinho de vento? BOLA DE NEVE! – rugiu violentamente com voz de trovão. – Bola de Neve foi o autor disto! Com rematada maldade, pensando em destruir nossos planos e vingar-se de sua ignominiosa expulsão, esse traidor penetrou até aqui, sob o manto da escuridão, e destruiu nosso labor de quase um ano. Camaradas, neste local e neste momento, pronuncio a sentença de morte para Bola de Neve.” **ORWELL, 2015, p. 46.** (No arquivo em pdf não está justificado nas duas margens. Neste arquivo, já corrigi.)

(2,0)

c) Capítulos 7: Construa uma paráfrase da **ideia principal**, a partir da **terceira pessoa do discurso**. Faça uso de uma **citação indireta com mobilização da voz do autor referenciado**. (2,0 pontos)

O inverno foi rigoroso e trouxe a escassez dos alimentos, umentado os maus boatos sobre a granja. Para sanar isso, **Napoleão utilizou** de um dos seus clientes para passar a imagem contrária. Os animais já não estavam tão contentes com a forma em que viviam, em especial as galinhas, que após saberem que deveriam entregar seus ovos em troca de cereais decidiram fazer uma rebelião, que não foi bem-sucedida já que elas acabaram ficando sem comida e algumas até morreram. **Tudo e qualquer problema que surgia Napoleão colocava** a culpa no porco Bola-de-neve, de ter invadido a granja a noite, de estar planejando um ataque etc. Até que alguns porcos confessaram que ainda tinham contato secreto com Bola-de-neve, outras galinhas confessaram ter visto bola-de-neve em seus sonhos e muitos outros animais também confessaram...eles todos foram executados, coisa que nem Jones fazia. Agora os animais não cantavam mais Bichos da Inglaterra, segundo Garganta, Bichos da Inglaterra era a canção da revolução, e como essa teve seu fim pela execução dos traidores, agora eles viveriam em uma sociedade melhor então o hino não teria mais valor.

(0,8)

d) Capítulo 8: Sem mobilizar de forma direta o nome do autor no seu texto, sintetize os principais acontecimentos narrados. Ao final, caracterize como citação indireta, conforme ABNT. (2,0 pontos).

Após a tragédia acontecida, os animais se lembram do sexto mandamento que dizia: “Nenhum animal matará outro animal.” mas novamente não fazem nada a respeito. Durante aquele ano trabalhavam ainda mais do que no ano anterior, mas não contradiziam porque nem lembravam mais de suas condições antes da revolução. Napoleão não era mais visto em público, Garganta ainda sempre defendia o chamado “Camarada Napoleão”. Tudo estava correndo bem com os negócios entre os humanos, até Frederick roubar os porcos e levar madeira de graça, Napoleão então proclama sentença de morte a ele. Depois desse acontecimento eles sabiam que uma batalha estava por vir, e foi o que aconteceu, Frederick e seus seguidores invadiram a granja, mataram animais e explodiram o moinho, os animais se defenderam, mas muitos saíram feridos ou mortos. Napoleão e Garganta com seus discursos manipuladores ainda fizeram os animais acreditarem que tinham vencido a batalha do Moinho de Vento. (ORWELL, 2015, **cap. VIII**, p. 65-76).

(1,9)

Acadêmico(a): A2

1) **Resumo:** Nos quatro primeiros capítulos de “A revolução dos bichos” (ORWELL, 1945), o autor narra o principio de uma revolução feita pelos animais de uma fazenda no interior da Inglaterra, que foi incitada por um antigo porco eminente e ocorreu de forma súbita e violenta. Foram criados certos mandamentos que resumiam o espírito da revolução, embora muitos dos animais não se importassem em aprender a ler bem. Num primeiro momento tudo ocorreu bem na granja pós-revolução, até que seu antigo dono tentou retoma-la, o que resultou em um combate sangrento entre os homens e os animais, que acabaram ganhando a luta e mantendo o controle da granja. (M. Bom!)

Palavras-chave: ???

(1,5)

2.a) [aqui, esperava-se que o início se deve com um forma impessoal, mas o modo como você produz está entrada impessoaliza, também, o texto, porém de outra forma. Sugiro ver os outros exemplos no gabarito da prova assim que estiver disponível.] No quinto capítulo do livro A revolução dos bichos são notáveis as mudanças que começam a ocorrer na granja dos bichos, a começar pela evasão de Mimososa, que não conseguiu deixar pra trás certas características da vida anterior. Ademais, os porcos passaram a exercer um papel de autoridade maior, e os demais animais aceitaram tal hierarquia com naturalidade. O desenrolar da história no capítulo se deve ao fato de Napoleão e Bola-de-neve discordarem em todos os pontos possíveis, o que culmina no uso de força física por parte de Napoleão para expulsar Bola-de-neve da granja. Após isso torna-se evidente ao leitor a manipulação feita pelos porcos, como é possível observar na passagem “Napoleão [...] Anunciou que daquele momento em diante terminariam as Reuniões dos domingos de manhã. [E também, o caráter democrático da granja]. Eram desnecessárias perdas de tempo. Para o futuro, todos os problemas relacionados com o funcionamento da granja seriam resolvidos por uma comissão de porcos [...]” (ORWELL, 2015, p. 45) Por fim, ficou determinado que seria construído um moinho de vento para gerar eletricidade na granja.

(2,0)

b) Já no capítulo 6, observamos o quão trabalhosa passou a ser a vida dos animais, que tinham agora, além de suas obrigações prévias, a tarefa de construir o moinho de vento, que chegou a envolver até mesmo trabalho braçal dos porcos. Contudo, vemos que o desgaste do trabalho não desanimou os bichos, já que ao menos os homens não estavam mais presentes, e, portanto, não podiam maltratá-los ou explorá-los. Porém os animais perceberam que não poderiam viver de forma autossuficiente, e precisariam praticar comércio para adquirir certos itens, o que gerou certa revolta nos bichos, como percebemos no seguinte trecho

Um domingo de manhã, quando os bichos se reuniram para receber as ordens, Napoleão anunciou sua decisão de encetar uma nova política. A partir daquele dia, a Granja dos Bichos passaria a comerciar comas da vizinhança; naturalmente, sem qualquer objetivo de lucro, mas com o fito único de obter algumas mercadorias urgentemente necessárias. As exigências do moinho de vento deviam sobrepujar tudo mais, disse. Em consequência, ele estava tratando da venda de uma grande meda de feno e de parte da safra de trigo daquele ano; mais tarde, caso fosse necessário mais dinheiro, este teria de ser obtido com a venda de ovos, para os quais sempre havia mercado em Willingdon. As galinhas, disse Napoleão, deveriam agradecer a oportunidade de oferecer esse sacrifício, como contribuição especial em prol da conservação do moinho de vento. Os animais sentiram outra vez uma vaga inquietude. Nunca realizar quaisquer contatos com seres humanos, nunca fazer comércio, jamais utilizar dinheiro – essas coisas não estavam entre as primeiras resoluções passadas naquela formidável Reunião inicial, logo após a expulsão de Jones? Todos se lembravam da aprovação dessas resoluções – ou pelo menos julgavam lembrar-se. (ORWELL, 2015, p. 41) [Deve-se justificar as duas margens em 4cm.]

Um domingo de manhã, quando os bichos se reuniram para receber as ordens, Napoleão anunciou sua decisão de encetar uma nova política. A partir daquele dia, a Granja dos Bichos passaria a comerciar com as vizinhanças; naturalmente, sem qualquer objetivo de lucro, mas com o fito único de obter algumas mercadorias urgentemente necessárias. As exigências do moinho de vento deviam sobrepujar tudo mais, disse. Em consequência, ele estava tratando da venda de uma grande meda de feno e de parte da safra de trigo daquele ano; mais tarde, caso fosse necessário mais dinheiro, este teria de ser obtido com a venda de ovos, para os quais sempre havia mercado em Willingdon. As galinhas, disse Napoleão, deveriam agradecer a oportunidade de oferecer esse sacrifício, como contribuição especial em prol da conservação do moinho de vento. Os animais sentiram outra vez uma vaga inquietude. Nunca realizar quaisquer contatos com seres humanos, nunca fazer comércio, jamais utilizar dinheiro – essas coisas não estavam entre as primeiras resoluções passadas naquela formidável Reunião inicial, logo após a expulsão de Jones? Todos se lembravam da aprovação dessas resoluções – ou pelo menos julgavam lembrar-se. (ORWELL, 2015, p. 41)

A partir deste momento não podemos mais negar o despotismo dos porcos, que passaram a viver na casa de Jones e a dormir em camas, o que gerou desconfiança principalmente em Quitéria, porém, Garganta convenceu todos de que isso sempre foi permitido e era necessário. Por fim, somos surpreendidos ao descobrir que, durante uma noite chuvosa, o moinho desabou, fato que Napoleão atribuiu rapidamente a Bola-de-neve, determinando uma recompensa a quem o encontrasse e decidindo que deveriam recomeçar a construção.

(2,0)

c) No capítulo 7, Orwell (2015, p. 47-56) [aqui seria mais interessante localizar uma citação específica e aponta a página específica, mas de todo modo está correto como vocês fez] descreve a situação decadente em que os bichos se encontram, com cada vez menos comida e mais trabalho. O autor narra situações em que os animais se revoltam contra Napoleão e são rapidamente suprimidos, além de nos dizer que os animais agora acreditam que Bola-de-neve frequenta a granja a noite e realiza diversas maldades, o que faz com que eles culpem o ex-camarada por tudo de errado que acontece na fazenda. Além disso, Napoleão “descobre” que ele era um agente de Jones desde o princípio, os outros animais não acreditam inicialmente, mas acabam sendo convencidos. Posteriormente Orwell relata que Napoleão fez com que diversos animais confessassem crimes que haviam cometido e os executou na frente de todos. Os animais que restaram ficaram desolados e começaram a cantar Bichos da Inglaterra para se consolarem, até que Garganta os avisou que a música estava proibida.

(2,0)

e) ➔ No oitavo capítulo, os animais continuam a “lembrar-se dos mandamentos incorretamente” e Napoleão passa a ter cada vez mais prestígio. Ademais a construção do moinho finalmente é concluída, e só resta comprar o maquinário, o que seria feito com o dinheiro da venda de madeira para Frederick, porém ele entregou notas falsas aos bichos. Depois disso Frederick e seus homens realizaram um ataque a granja e destruíram o moinho antes de serem expulsos pelos animais. Os porcos tomaram esse evento como uma batalha vencida e resolveram comemorar bebendo álcool, o que fez com que Napoleão passasse mal. Por fim, os animais foram surpreendidos por um ruído vindo do pátio, onde encontraram Garganta caído no chão com uma escada, um pincel e uma lata de tinta, ao lado de onde ficavam escritos os mandamentos. Benjamim foi o único que entendeu o porquê disso. Orwell (2015, p. 57-67) (ORWELL, 2015, p. 57-67).

f) (1,8)

Acadêmico(a): A3

Resumo: Nos primeiro quatro capítulos do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell (1945), ..." ou de forma separada "No primeiro capítulo do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell (1945), os animais ..., No capítulo seguinte, ... No terceiro capítulo do livro, E, no quarto capítulo, ..." A história se passa na granja do solar, uma fazenda onde diversos animais vivem na miséria, enquanto os donos da fazenda levam uma boa vida sem muito esforço. Entre os animais, há um porco chamado Major, considerado o mais sábio, e que um dia convoca todos os animais para uma reunião, em que eles discutem suas péssimas condições e como desejam se rebelar contra os humanos, para criar uma sociedade mais justa para trabalhadores. Em pouco tempo, o porco Major morre, porém seus desejos de mudança continuam vivos em seus companheiros animais, que em um esforço coletivo buscam realizar a tão sonhada revolução. Portanto, os outros porcos assumem vigorosamente a liderança da granja, porém com a tempo começam a se tornarem líderes suspeitamente autoritários, aquilo que Major jurou abolir. No resumo indicativo, deve-se ir direto ao ponto e de forma genérica;

Palavras-chave:??

(1,4)

- a) Capítulo 5: Apresente a síntese da temática **de forma impessoal** e faça uso de uma **citação direta curta**, com o uso **de interpolação** de um acréscimo/comentário e a **supressão** de uma passagem. (2,0 pontos)

Com a chegada de janeiro **Bola de neve e Napoleão começam** a brigar, cada um defendendo certas práticas, com bola de neve estudando diversas práticas e técnicas que havia pesquisado e Napoleão discordando delas, porém sem apresentar ideias próprias.

Bola de neve propunha um grande avanço com a construção de um moinho, porem dividiu a granja por sua dificuldade de construção. **Napoleão tenta assassinar** bola de neve com cães treinados, porém ele consegue fugir. Com a ausência de Bola de neve, Napoleão toma controle da granja e faz algumas mudanças. "Anunciou que daquele momento em diante terminariam as Reuniões dos domingos de manhã **[quebrando um dos símbolos de união da granja]**. Eram desnecessárias perdas de tempo." (ORWELL, ~~Revolução dos bichos, 1944~~1945, p. ??).

(0,75)

- b) Capítulos 6: **Em primeira pessoa do plural**, aponte brevemente os principais fatos da narrativa. Mobilize uma **citação direta longa**. (2,0 pontos)

Observamos que os animais estavam trabalhando duro, tanto no plantio quanto na construção do moinho, apesar de vermos que estariam passando por certas dificuldades, por não poderem usar ferramentas humanas.

Napoleão, para tentar enfrentar os imprevistos, sugere de comercializar produtos com humanos, duas coisas que vieram a deixar os animais inseguros com suas tomadas de decisão, " Os animais sentiram outra vez uma vaga inquietude. Nunca realizar quaisquer contatos com seres humanos, nunca fazer comércio, jamais utilizar dinheiro – essas coisas não estavam entre as primeiras resoluções passadas naquela formidável Reunião inicial, logo após a expulsão de Jones? Todos se lembravam da aprovação dessas resoluções – ou pelo menos julgavam lembrar-se. Os quatro jovens porcos castrados que haviam protestado quando Napoleão acabara com as Reuniões, levantaram timidamente a voz, mas foram logo silenciados por um rosar terrível dos cachorros. Nesse instante, como de hábito, as ovelhas estalaram "Quatro pernas bom, duas pernas ruim!" e a momentânea impertinência foi abafada." (ORWELL, ~~Revolução dos bichos, 1944~~1945, p. 41).

Ver como fazer citação longa em nosso livro texto.

(1,0)

- c) Capítulos 7: Construa uma paráfrase da **ideia principal**, a partir da **terceira pessoa do discurso**. Faça uso de uma **citação indireta** com mobilização da voz do autor referenciado. (2,0 pontos)

Neste capítulo, fica nítido que, **os animais da granja não mais viviam** a tão sonhada revolução, e sim um terrível pesadelo, uma granja que carregava sonhos e desejo de mudança, foi completamente roubada deles por desejos de poder, ordem e doutrina. **Ao autor também narra** um grande evento na granja, no qual ocorreu a execução de diversos animais que confessaram ter desobedecido as ordens de **napoleão**, que ao ouvir as confissões mandou os cachorros executarem os “traidores”. (ORWELL, ~~Revolução dos bichos, 1944~~1945. p. ??).

(1,25)

- d) Capítulo 8: Sem mobilizar de forma direta o nome do autor no seu texto, synthesize os principais acontecimentos narrados. Ao final, characterize como citação indireta, conforme ABNT. (2,0 pontos).

Os animais demonstram insatisfação com o descumprimento da regra de não matar, porém continuam a ser doutrinados a acreditarem que a vida antes da revolução era muito pior que isso, portanto justificando os atos de Napoleão. O qual, age cada vez mais como um tirano esnobe e cruel, que comercializava abertamente com humanos, em troca de artigos de interesse próprio. Além de colocar a culpa em Bola de neve por qualquer imprevisto ou coisa que desse errado. (ORWELL, ~~Revolução dos bichos, 1944~~1945, p. 56-68).

(1,5)

Acadêmico(a): A4

Resumo: A Revolução dos Bichos, de George Orwell, se passa numa granja liderada, inicialmente, pelo Sr. Jones. A obra retrata um grupo de animais que começam a se questionar acerca da natureza de suas vidas, visto que eles passam suas vidas sendo forçados a trabalhar e se desgastar em benefício de seu patrão. Com isso eles decidem unir-se contra os humanos, iniciando uma revolução, com a ideia de criar uma sociedade justa, igualitária e diferente dos homens. No exemplo de nosso trabalho, seria essencial sinalizar de quais capítulos trata o resumo. Isso pode ser feito de forma geral. “Nos primeiro quatro capítulos do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell (1945), ...” ou de forma separada “No primeiro capítulo do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell (1945), os animais ..., No capítulo seguinte, ... No terceiro capítulo do livro, E, no quarto capítulo, ...”

Deve ser um parágrafo único.

Com isso, iniciam-se diversos eventos, onde os animais expulsam o Sr. Jones e os porcos passam a liderar a granja. Porém, novamente começam a aparecer situações de superioridade e desigualdade.

Palavras-chave: ???

(1,4)

- a) Capítulo 5: Apresente a síntese da temática de **forma impessoal** e faça uso de uma **citação direta curta**, com o uso de **interpolação** de um acréscimo/comentário e a **supressão** de uma passagem. (2,0 pontos)

A terra dura do mês de janeiro dificultou o trabalho. Além disso, **os conflitos entre** Napoleão e Bola-de-Neve se intensificaram ainda mais. Bola-de-Neve foi expulso e Napoleão assumiu a liderança, decidindo construir o moinho.

“Em janeiro, o tempo piorou terrivelmente. A terra dura **é infernal** como ferro, não permitia o trabalho no campo **■** Fora acertado que os porcos [...] decidiriam todas as questões referentes à política agrícola da granja”. **ORWELL, 1945, p. 31** a citação curta deve fazer parte do corpo de seu texto.

(1,25)

- b) **Capítulos 6: Em primeira pessoa do plural**, aponte brevemente os principais fatos da narrativa. Mobilize uma **citação direta longa**. (2,0 pontos)

Percebemos, no capítulo seis, que os recursos começaram a ficar escassos e os bichos eram obrigados a aceitar tal situação, pelo medo do retorno de Jones. Após uma nova confusão, o moinho é destruído, e com isso, chegávamos a um novo clímax:

“Não percam tempo, camaradas! – bradou Napoleão, depois de examinar detidamente as pegadas. – Temos muito trabalho pela frente. Hoje mesmo, de manhã, recomeçamos a construção do moinho de vento e trabalharemos por todo o inverno, com sol ou com chuva. Mostraremos a esse traidor miserável que ele não pode desfazer nosso trabalho assim tão facilmente. (ORWELL, 1945, p. 45- 46) [deve ser justificada a

formatação nas duas margens]

(2,0)

- c) **Capítulos 7: Construa uma paráfrase da ideia principal, a partir da terceira pessoa do discurso**. **Faça uso de uma citação indireta** com mobilização da voz do autor referenciado. (2,0 pontos)

Segundo Orwell (1945, p. 53), Napoleão os instigou a revelar seus crimes. Dessa forma, iniciou-se a sequência de confissões e execuções.

(1,2)

- d) **Capítulo 8**: Sem mobilizar de forma direta o nome do autor no seu texto, sintetize os principais acontecimentos narrados. Ao final, caracterize como citação indireta, conforme ABNT. (2,0 pontos)

Dado o ocorrido, os animais lembraram-se de alguns de seus mandamentos “nenhum animal matará outro animal” e “todos os animais são iguais”. Mesmo assim, Napoleão foi nomeado como líder, com diversas homenagens sendo feitas a ele. Houve mais uma grande confusão com os humanos, a “Batalha do Moinho de Vento”, da qual, mesmo com algumas perdas, os bichos saíram vitoriosos. (ORWELL, 1945, p. 56-68)

(1,8)

Acadêmico(a): A5**RESPOSTAS:**

- 1) **Resumo:** O livro *Revolução dos bichos* (ORWELL, 1945) ..Trata-se de um clássico da literatura inglesa. , **onde** **Nos** **quatro primeiros capítulos do livro ...** os animais cansados de serem explorados dão **início** há uma rebelião, expulsando os humanos e assumindo o controle. Reconhecido como os mais inteligentes, os porcos ficaram com a responsabilidade de organizar e instruir os demais animais. No **início** foi difícil, pois tiveram que se virar com a ausência dos humanos, mas faziam tudo com grande satisfação. Enquanto a preocupação dos demais fazendeiros da região ficava evidente, ao ponto de tentar retomar o controle. E deu-se **início** a uma batalha, os bichos saíram vitoriosos e ficou conhecido como batalha do estábulo, **onde em que** uma ovelha morreu, e Bola de Neve e Napoleão foram condecorados, e tudo iria muito bem.

Palavras-chave: ????

(1,4)

- e) **Capítulo 5:** Apresente a síntese da temática de **forma impessoal** e faça uso de uma **citação direta curta**, com o uso de **interpolação** de um acréscimo/comentário e a **supressão** de uma passagem. (2,0 pontos)

2ª) Teria funcionado muito bem, não fossem as disputas entre Bola de Neve e Napoleão, a granja estava dividida profundamente com respeito ao moinho de vento.

A **citação curta deve estar inserida no corpo de seu texto.** “Os bichos **economizariam** tanta energia. [...] além de fornecer a cada baía sua própria luz, água quente fria e um aquecedor elétrico.” **Bola de Bola de Neve.** (ORWELL, **George**,2007, p.33)

Na reunião de domingo seguinte, deveria ser posta em votação a questão de começar ou não o moinho de vento. **Napoleão** sem mais argumentos, jogou sobre bola de neve cães, Bola de Neve se pôs a correr em direção a estrada e enfiou-se por um buraco e sumiu .

(1,25)

- B) Capítulos 6:** Em primeira pessoa do plural, **aponte brevemente os principais fatos** da narrativa. Mobilize uma **citação direta longa**. (2,0 pontos)

- B) É importante **percebermos** o comportamento dos bichos, Mimosa fora embora, bola de neve e **napoleão convergiam** cada vez mais.

Não muito longe das casas havia uma colina, que era o ponto mais alto da granja. Depois de realizar uma pesquisa no solo, Bola de Neve declarou ser o local ideal para a **construção** de um moinho de vento.

(ORWELL,

George,2007p.32)

E novamente vemos Napoleão se opor a Bola de Neve, lançando sobre **les** cães ferozes que o **expulsão** da fazenda. (ORWELL,**George,2007p.34)** Rever como fazer citação longa em nosso livro texto.

(0,75)

- c) **Capítulos 7:** Construa uma paráfrase da **ideia principal**, a partir da **terceira pessoa do discurso**. Faça uso de uma **citação indireta com mobilização da voz** do autor referenciado. (2,0 pontos)

- C) **Percebesse** que as coisas estavam ficando difíceis, a comida diminuía, o **ânimo** dos animais mudava, Napoleão **assinara** um contrato de fornecimento de ovos.

Boatos sobre Bola de Neve se espalhavam, e a essa altura já era tido como traidor. Diante de uma crise, **veja, Napoleão** toma novas atitudes. **Coordenará** a execução de supostos ajudantes de Bola de Neve e impõe novas regras para os animais. (ORWELL,**George,2007p.53)**

(0,0)

D) E no outono, o moinho estava reconstruído, os animais estavam exaustas mais felizes. Só não esperavam que os humanos retornassem. Desta vez armados até os dentes tentam retomar a fazenda mais uma vez, ferem alguns animais e o terror se espalha entre os bichos. Uma grande explosão coloca no chão o moinho de vento, e com isso desperta os animais e lhes da coragem lançando eles para a batalha, expulsando os humanos e vencendo mais uma vez. (ORWELL, George, 2007, p. 56-78)

(1,8)

Acadêmico(a): A6

ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (p. 15-48)

Os quatro primeiros capítulos do livro ~~citado~~ **A Revolução dos Bichos (ORWELL, 1945)** têm a intenção de apresentar o leitor a um mundo que, inicialmente, parece superficial, mas, conforme se vai avançando nos capítulos, é notável que não se trata apenas de uma revolução de animais. Quando os animais tomam controle da fazenda do Senhor Jones, tudo parece correr bem, e continua assim por um bom tempo. Porém, discordâncias começam a acontecer, comida começa a sumir, e é aí que a narrativa do livro muda. É no quarto capítulo que o livro começa a se tornar mais profundo.

Palavras-chave: ??

(1,5)

Observações importantes:

a) As “palavras-chave” fazem parte do resumo indicativo. Devem estar grafadas em minúscula [exceto nomes próprios; ordem da mais geral à mais específica; separadas por ponto e vírgula; ponto final depois da última];

b) No resumo indicativo não se coloca referência, pois ela está na própria obra

- e) Capítulo 5: Apresente a síntese da temática de **forma impessoal** e faça uso de uma **citação direta curta**, com o uso de **interpolação** de um acréscimo/comentário e a **supressão** de uma passagem. (2,0 pontos)

O capítulo 5 do livro é (era para ser impessoal) onde as tensões entre os animais começam a acontecer de maneira mais acentuada e quando um personagem começa a se destacar entre os demais, o porco Napoleão. Logo no começo da passagem **a égua Mollie foge** da fazenda, sinal de que as coisas já não eram perfeitas como no princípio da rebelião. Então os animais entram em um consenso de que os porcos deviam tomar as decisões políticas da fazenda (por serem os mais espertos). Esse é o estopim para o começo dos debates acalorados entre os porcos Bola de Neve e Napoleão, que direcionam a trama.

O autor mostra Napoleão como um personagem que mais discorda das ideias de Bola de Neve do que propõe as suas. A principal ideia de Bola de Neve para o tornar líder da fazenda é a construção de um moinho de vento, que Napoleão discorda veementemente **“o moinho de vento era um absurdo, e que não aconselhava ninguém a votar em favor dele [Passagem muito importante para entender as reais intenções de napoleão] [...]”** (ORWELL, 2007, Pp.. 54).

O desfecho e clímax do capítulo se dá no dia da reunião para decidir o líder da fazenda. Sendo assim, Napoleão expulsa Bola de Neve da fazenda com ajuda de nove cães enormes e Papudo. Com o resto dos animais perplexos, o novo “governo” alegou que Bola de Neve era um criminoso, e Napoleão afirmou que nunca se opôs à construção do moinho de vento, que era apenas uma manobra para se livrar de seu desafeto. A partir daí Napoleão vira o personagem principal de uma discussão bem atual sobre poder e manipulação.

(1,5)

Capítulos 6: Em primeira pessoa do plural, aponte brevemente os principais fatos da narrativa. Mobilize uma citação direta longa. (2,0 pontos)

Vemos no 6º capítulo do livro o processo de construção do moinho de vento, de muita dificuldade e superação para os animais da Granja dos Bichos. Porém, por ser um projeto complicado, Napoleão teve a ideia de realizar acordos comerciais com humanos para a arrecadação de recursos, o que era proibido. Percebemos a manipulação dos porcos muito evidente nessa fala de Garganta após os bichos questionarem sobre sua hipocrisia:

Alguns bichos ainda permaneciam em dúvida, porém Garganta perguntou-lhes astuciosamente: "Vocês estão certos de que não sonharam com isso? Existe algum registro dessa resolução? Está escrita em algum lugar?" E uma vez que, realmente, não existia escrito nada parecido com isso, os animais se convenceram de seu engano. (ORWELL, 2007, Pp.65)

No final do capítulo nos é revelado que após uma noite de fortes ventos, o moinho foi destruído, e o culpado tinha nome, Bola de Neve. Um inimigo em comum era o que faltava para os animais da fazenda se aliarem à Napoleão e recomeçarem a reconstrução do moinho, uma mensagem para o mundo exterior de que eles não desistiam.

(2,0)

Capítulos 7: Construa uma paráfrase da ideia principal, a partir da terceira pessoa do discurso. Faça uso de uma citação indireta com mobilização da voz do autor referenciado. (2,0 pontos)

No 7º capítulo, os bichos se comprometeram a reconstruir o moinho, dessa vez com paredes mais grossas. Perante a falta de recursos, Napoleão decide comercializar os ovos das galinhas, o que causa o primeiro princípio de rebelião desde que os animais tomaram a fazenda. O líder então decidiu cortar a cabeça dos animais envolvidos na confusão, se mostrando implacável.

Então, no início da primavera, foi-se descoberto que Bola de Neve frequentava a granja de noite, causando pânico nos animais. Segundo o autor George Orwell (está correto, mas ficam redundante: escolha segundo o autor ou segundo Orwell), eles ficaram tão aflitos que nem dormir conseguiam (ORWELL, 2007, Pp.74). [aqui não está correto. Deve-se fazer a chamada da obra quando se mobiliza a voz do autor: ex. Segundo Orwell (2007, p. 74) eles ficaram tão aflitos...] Após uma longa apuração, Napoleão e seus aliados descobriram que Bola de Neve era aliado de Jones desde o início, que ele tentou destruir na Batalha do Estábulo [Apesar de ter levado um tiro e ter ganhado um título de honra por ter lutado bravamente]. Aqui não se usa interpolação pois já é discurso indireto; já é o seu dizer e não o do autor de forma direta. Por fim, o chefe convoca uma reunião, e nela desmascara diversos traidores, matando-os. O capítulo termina com a proibição da música Bichos da Inglaterra, já que segundo Garganta, após a execução dos traidores, a revolução estava completa.

(1,0)

Sem mobilizar de forma direta o nome do autor no seu texto, sintetize os principais acontecimentos narrados. Ao final, caracterize como citação indireta, conforme ABNT. (2,0 pontos).

Já no 8º capítulo, mais mandamentos são quebrados e Napoleão se afasta cada vez mais de seu povo, porém era cada vez mais respeitado pelos animais, sendo tratado como um ser superior. Após um longo tempo os bichos terminam pela segunda vez a construção do moinho. Tudo parecia estar em harmonia novamente na Granja dos Bichos. Porém, após venderem madeira para Frederick, um fazendeiro vizinho, descobrem que ele pagou o produto com um cheque em branco, o que causa um alvoroço completo e desencadeia uma série de acontecimentos.

Frederick e seus homens invadem a fazenda dos bichos e explodem o moinho, deixando todos perplexos com a situação. Após os invasores fugirem, Napoleão e seus camaradas tratam o acontecimento como uma vitória e os animais, ainda em choque, segundo o autor, se convencem de que realmente foi uma vitória após o discurso de seu chefe os congratulando (ORWELL, 2007, P. 96). Ficou conhecida como Batalha do Moinho de Vento. (ORWELL, 2007, p. 96).

(1,9)

Acadêmico(a): A7

- 1- **Resumo:** Os capítulos 1, 2, 3 e 4 do livro "Revolução dos Bichos", de George Orwell (1945), podem ser considerados os mais importantes da obra, uma vez que, por se tratarem dos capítulos iniciais. M.Bom!, reúnem as informações que são estritamente necessárias para o entendimento do enredo como um todo. Estes capítulos realizam a apresentação dos personagens envolvidos na trama, a descrição da situação na Fazenda antes da Revolução, os acontecimentos que levaram a realização desta por parte dos animais e descrevem as primeiras atitudes tomadas após a Revolução. A narrativa é contada em tempo cronológico através de um narrador observador, além de apresentar a fala dos personagens por meio de discursos indiretos e diretos sinalizados por aspas. Ótimo!

Palavras-chave: insatisfação; rRevolução;- Fazenda fazenda;- Animais animais;- Insatisfação. Revolução. (do mais geral ao mais específico)

Palavras-chave: insatisfação; revolução; fazenda; animais.

(2,0)

- 2- a) O capítulo 5 gira em torno (está em 3ª p.) das disputas recorrentes entre Bola de Neve e Napoleão, os quais nunca concordavam em nada, o que, por consequência, acabava impactando o desenvolvimento da Fazenda como um todo. O ápice do [aqui, esperava-se que o início se deve com um forma impessoal, mas o modo como você produz está entrada impessoaliza, também, o texto, porém de outra forma. Sugiro ver os outros exemplos no gabarito da prova assim que estiver disponível.] capítulo dá-se quando Bola de Neve propõe a construção de um moinho de vento "[...] que poderia acionar um dínamo [aparelho que transforma energia cinética em elétrica] e suprir de energia elétrica toda a granja." [ORWELL, 2015, p. 32]. Após uma votação a favor da construção do moinho, Napoleão, o qual sempre fora contra a sua construção, utilizou de nove cães para expulsar Bola de Neve e assumir o poder absoluto da Granja dos Bichos. Algumas semanas após a expulsão de Bola de Neve, Napoleão anunciou que afinal construiria o moinho de vento e que, conforme explicado por Garganta, nunca fora realmente contra o moinho, mas apenas utilizava de tais afirmações como uma estratégia para livra-se de Bola de Neve.

(2,0)

b) Após a leitura do capítulo 6, é possível notarmos que o tema principal abordado é a construção do moinho de vento e suas complicações. Dentre essas, podemos citar como as principais: a dificuldade que os animais enfrentaram para obterem pedras do tamanho desejado (uma vez que não conseguiam usar as ferramentas corretas), a crescente falta de recursos e o cansaço extremo. Apesar de todas essas adversidades podemos afirmar que os animais estavam felizes pois

[...] o moinho de vento compensava tudo [...]. Nas horas de folga os animais passeavam em volta do moinho inacabado, admirando a solidez e a verticalidade de suas paredes, maravilhados com o fato de terem sido capazes de construir algo tão imponente. (ORWELL, 2015, p. 44).

(2,0)

Todavia, nos é informado que, durante uma noite de novembro, todo esse progresso fora perdido, pois alguém havia destruído o moinho. Napoleão culpou à Bola de Neve pelo ato, colocou uma recompensa em sua cabeça e ordenou o início da reconstrução imediata do moinho.

c) De acordo com Orwell (2015, p. 47-56) [aqui seria mais interessante localizar uma citação específica e aponta a página específica, mas de todo modo está correto como vocês fez] nesse capítulo observa-se em todos os animais um enorme terror e paranoia após Garganta anunciar que Bola de Neve era um agente de Sr. Jones desde o início da Revolução, estava frequentando a Fazenda durante as noites e que planejava atacá-la em algum momento. Ao final do capítulo, Napoleão ordena a execução de animais que confessaram traição à Granja dos Bichos ao aliarem-se a Bola de Neve. Esse acontecimento chocou a todos os animais, deixando-os até mesmo trêmulos e fazendo com que alguns, como Quitêra, duvidassem do caminho que a Revolução havia tomado.

(2,0)

d) O capítulo 8 inicialmente narra as longas negociações entre Napoleão, Frederick e Pilkington em relação as tábuas de madeira as quais pertenciam à Granja dos Bichos. Após realizada a venda da madeira à Frederick, Napoleão é informado que o pagamento que havia recebido era falso. No dia seguinte, Frederick e seus homens invadem a Granja e explodem o moinho de vento, o que faz com que os animais se enfureçam e consigam expulsar os invasores. Após alguns dias celebrando a vitória sobre os homens de Frederick, Napoleão fica à beira da morte após, supostamente, beber o uísque encontrado na adega. A partir de então ficou proibida a ingestão de álcool excessiva (ORWELL, 2015, p. 57-67)

(2,0)

Acadêmico(a): A8

(sem entrada de parágrafo) Resumo: **Nos primeiro quatro capítulos do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell (1945), ...**A história se inicia na Granja do Solar administrada pelo Sr Jones, durante uma noite um de seus porcos, o Porco Major conspira com outros animais para estabelecer uma revolução e acabar com a exploração causada pelos humanos. Após três dias, o líder conspiratório falece seguido por uma crise de administração do proprietário Sr Jones, o qual transfere o controle da fazenda a seus empregados. Estes, encarregados de prover sustento aos animais falham e os deixam passar fome. **Parágrafo único.**

Motivados pela negligencia dos subordinados, os bichos recordam do discurso de porco Major e rebelam-se contra a administração da fazenda. Os animais tomam posse da granja e a renomeiam para "Granja Dos Bichos", agora liderada pelos porcos Napoleão e Bola de Neve, os quais governaram em conjunto mesmo com suas adversidades.

Palavras-chave: ??

Observações importantes:

- b) Formatação deve ser feita sem entrada de parágrafo e em um único parágrafo;
- c) As "**palavras-chave**" fazem parte do resumo indicativo. Devem estar grafadas em minúscula [exceto nomes próprios; ordem da mais geral à mais específica; separadas por ponto e vírgula; ponto final depois da última];
- d) No exemplo de nosso trabalho, seria essencial sinalizar de quais capítulos trata o resumo. Isso pode ser feito de forma geral. "**Nos primeiro quatro capítulos do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell (1945), ...**" ou de forma separada "**No primeiro capítulo do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell (1945), os animais ..., No capítulo seguinte, ...**No terceiro capítulo do livro, E, no quarto capítulo, ...**"**
- e) No resumo indicativo não se coloca referência, pois ela está na própria obra.

(1,25)

- a) **Capítulo 5:** Apresente a síntese da temática de **forma impessoal** e faça uso de uma **citação direta curta**, com o uso de **interpolação** de um acréscimo/comentário e a **supressão** de uma passagem. (2,0 pontos)

No início do quinto capítulo, após retornar ao pátio contente e sacudindo a cauda, **Mimosa é questionada (era para ser impessoal)** por Quitéria a respeito de suas intenções com os humanos da fazenda ao lado: "**...[...] (AUTOR, ano, p.?) [Veja como fazer a citação em nosso manual e em atividades anteriormente realizadas.]**falava com você e fazia festa em seu focinho. Que quer dizer isso, Mimosa?". Mimosa nega qualquer envolvimento com eles, porem após três dias ela desaparece e de maneira traiçoeira, abandona seus amigos animais para viver em outra fazenda com melhores condições proporcionada pelos humanos.

A fazenda segue com a administração dupla dos líderes Porco Napoleão e o Porco Bola de Neve, porém em meio a um desentendimento devido a vitória do projeto de instalação de um moinho proposto por Bola De Neve, o Porco Napoleão assume o poder por meio de um ataque com cães, ocasionando o desaparecido de seu companheiro. Logo após isso, inicia-se o período de tirania governado por Napoleão, o qual extinguiu as mínimas plataformas democráticas persistentes na fazenda, decretando assim um comando autoritário.

(0,5)

- b) **Capítulos 6: Em primeira pessoa do plural**, aponte brevemente os principais fatos da narrativa. Mobilize uma **citação direta longa**. (2,0 pontos)

Lendo o capítulo seis, fica ~~claro~~-clara a **nossa indignação** (você adentra em primeira pessoa com o “nossa” mas o verbo está e terceira “ a nossa indignação fica clara... Sugestão Ficamos indignados ao saber ... com os animais devido ~~as~~-às condições extensivas de trabalho oferecidas a eles pelo Porco Napoleão, mas que os próprios não as reconhecem como semelhantes as originais que motivaram a revolta (condicionada pelos humanos)

Durante o ano inteiro os bichos trabalharam feito escravos. Mas trabalhavam felizes; não mediam esforços ou sacrifícios, cientes de que tudo quanto fizessem revertiria em benefício deles próprios e dos de sua espécie, que estavam por vir, e não em proveito de um bando de preguiçosos e aproveitadores seres humanos. (**REVOLUÇÃO DOS BICHOS** rever, 1945. p. 52). A formatação deve ser justificada nos dois lados.

Os cavalos começam (idem; está em terceira) a nos representar e comparar sua atual situação de exploração à inicial provocada pelo Sr Jones. O moinho que estava em construção cede, em meio a uma tempestade e Napoleão condena o desaparecido Bola de Neve como culpado e declara querer sua morte ao resto dos animais.

(1,0)

- c) **Capítulos 7:** Construa uma paráfrase da **ideia principal**, a partir da **terceira pessoa do discurso**. Faça uso de uma **citação indireta** com mobilização da voz do autor referenciado. (2,0 pontos)

Sucedendo a queda do moinho, no capítulo sete, **o autor não hesita em ressaltar** o quão difícil fora aquele período de inverno para os bichos da fazenda, mas não para os porcos no comando, que tinham seu leite e maçãs sempre em fartura. Então, George Orwell (**quando mobilizar o autor fazer a chamada da obra. Ex. Então, Orwell, (1945, p. 62)...**) adiciona um aspecto sóbrio a obra ao declarar que o Porco Napoleão executou 4 porcos, que segundo o porco eram aliados ao Bola De Neve. A partir desse ponto, o líder instaurava um medo geral na população, eliminando qualquer um que conspirasse contra seu governo. (**REVOLUÇÃO DOS BICHOS**, 1945. p. 62-75).

(1,0)

- d) **Capítulo 8:** Sem mobilizar de forma direta o nome do autor no seu texto, sintetize os principais acontecimentos narrados. Ao final, caracterize como citação indireta, conforme ABNT. (2,0 pontos).

Aos poucos, os mandamentos instaurados inicialmente na revolta, foram sendo alterados e negligenciados em benefício próprio dos porcos em comando, como evidenciado no ato de não dormir em camas, modificado após a posse da casa de Sr Jones pelo Porco Napoleão. Além de um dos mais importantes, o que se referia a um animal nunca tirar a vida de outro, que fora mudado com o acréscimo das palavras sem motivo ao fim. Nos próximos meses, a Granja tem seu moinho destruído mais uma vez pelos humanos, é declarada uma República e o Napoleão é eleito por voto popular, mesmo após tamanhas atrocidades. O cavalo Sansão um dos trabalhadores mais árdios adoece (**REVOLUÇÃO DOS BICHOS**, 1945, p. 75-88).

(1,5)

Acadêmico(a): A9

Sem entrada de parágrafo. Resumo: O livro “A revolução dos bichos”, escrito por George Orwell (1945), nos capítulos de 1 a 4, narra a história de como os animais da Granja do Solar, mais tarde conhecida como Granja dos Bichos, provocam uma revolução ao expulsar do lugar o sr. Jones, antigo proprietário, em busca de independência e de melhores condições de vida. A obra, até então, retrata desde a colaboração dos animais em prol de uma causa comum até sutis desavenças entre os porcos Napoleão de Bola-de-Neve, que se encontram em posições de liderança. (M.bom!)

Palavras-chave: ???

(1,5)

- a) Capítulo 5: Apresente a síntese da temática de **forma impessoal** e faça uso de **uma citação direta curta, com o uso de interpolação de um acréscimo/comentário e a supressão de** uma passagem. (2,0 pontos)

No decorrer do capítulo, **é proposta** por Bola-de-Neve a construção de um moinho de vento que prometia, uma vez pronto, significar menos trabalho para os animais. A ideia é, porém, refutada por Napoleão, que raramente costuma concordar com o outro porco. **[aqui, esperava-se que o início se desse com um forma verbal impessoal, mas o modo como você produz está entrada impessoaliza, também, o texto, porém de outra forma. Sugiro ver os outros exemplos no gabarito da prova assim que estiver disponível.]** **Depois de muito debate bilateral sobre quais seriam as reais prioridades da Granja,** a ideia de Bola-de-Neve é aprovada pela maioria. No entanto, logo em seguida, ao sinal de Napoleão, o celeiro é invadido por cães treinados pelo mesmo, que se puseram a atacar e afugentar Bola-de-Neve. Dali em diante, foram anunciadas mudanças nas regras em vigor. Protestos teriam sido feitos, não fosse a violência potencial dos cães e a dificuldade de muitos bichos para ordenar seus pensamentos. Aproximando-se o final do capítulo, o eloquente porco Garganta convence os animais de que Bola-de-Neve era na verdade um criminoso e argumenta a favor das mudanças nas dinâmicas de tomada de decisões impostas por Napoleão **[...] disciplina férrea! Esse é o [única] lama** para os dias que correm. Um passo em falso, e o inimigo estará sobre nós. Por certo, camaradas, não quereis Jones de volta, hein?” **[ORWELL, 1945, p. 36]**

(2,0)

- b) Capítulos 6: **Em primeira pessoa do plural**, aponte brevemente os principais fatos da narrativa. Mobilize uma **citação direta longa**. (2,0 pontos)

Através da leitura do sexto capítulo, **podemos conferir** todo o árduo processo de construção do moinho e a exaustão dos animais envolvidos, ao passo que os porcos passam a viver confortavelmente na antiga casa do sr. Jones. Notamos a manipulação dos antigos mandamentos do animalismo conforme os interesses dos porcos e o proveito que se tira da diferença de intelectualidade com outros animais para que isso possa ocorrer.

“Com que então vocês, camaradas, ouviram dizer que nós, os porcos, agora dormimos nas camas da casa? E por que não? Vocês não supunham, por certo, que houvesse uma lei contra camas, não é? A cama é meramente o lugar onde se dorme. Vendo bem, um monte de palha no estábulo é uma cama. A lei era contra os lençóis, que são uma invenção humana. Nós retiramos os lençóis das camas da casa e dormimos entre cobertores. Confortáveis, lá isso são! Porém não mais do que necessitamos, posso afirmar-lhes, camaradas, com todo o trabalho intelectual que atualmente recai sobre nós. Vocês não seriam capazes de negar-nos o repouso, camaradas, seriam? Vocês não desejariam ver- nos tão cansados que não pudéssemos cumprir nossa missão, não? Será que alguém quer Jones de volta?”
(ORWELL, 1945, p. ??). **Faltou o mais importante.**

O capítulo termina com a súbita destruição de todo o trabalho no moinho até então, quem leva a culpa é Bola-de-Neve. O porco agora recebe sentença de morte.

(1,5)

- c) Capítulos 7: Construa uma paráfrase da **ideia principal**, a partir da **terceira pessoa do discurso**. Faça uso de uma **citação indireta com mobilização da voz do autor referenciado**. (2,0 pontos)

Os animais passam a trabalhar mais para recuperar o que foi perdido e a ter cada vez menos comida disponível. Era imprescindível que o mundo externo não tomasse conhecimento das más condições pelas quais estavam passando; para tal, foi passada uma falsa impressão de normalidade e prosperidade.

“Napoleão bem sabia dos maus resultados que poderiam advir, caso a verdadeira situação alimentar da granja fosse conhecida, e resolveu utilizar o Sr. Whymper para divulgar uma impressão contrária. Até então, os animais tinham tido muito pouco ou nenhum contato com Whymper, em suas visitas semanais: agora, entretanto, alguns bichos selecionados, principalmente ovelhas, foram instruídos para comentarem, casualmente, mas de forma bem audível, o fato de terem sido aumentadas as rações. Em complemento, Napoleão deu ordens para que as tulhas do depósito, que estavam quase vazias, fossem recheadas de areia quase até a boca, depois completadas com cereais e farinha. A um pretexto qualquer Whymper foi conduzido através do depósito e pôde dar uma olhadela nas tulhas. Foi enganado e continuou a dizer lá fora que, absolutamente, não havia falta de alimento na Granja dos Bichos.”

Veio a tona que Bola-de-Neve estava de fato infiltrado na Granja, buscando sabotar a mesma e até mesmo lutando junto dos humanos. A partir desse ponto foram violentamente executados todos os animais suspeitos de traição e a grande maioria das coisas que davam errado passaram a ter a culpa atribuída ao porco em questão. Mais uma vez, palavras passam a serem distorcidas e perder seu significado quando passa a ser aceitável que um bicho tire a vida de outro e a ser proibido que se cante a canção que deu vida á revolução.

(0,8)

- d) 8: Sem mobilizar de forma direta o nome do autor no seu texto, sintetize os principais acontecimentos narrados. Ao final, caracterize como citação indireta, conforme ABNT. (2,0 pontos).

Com o moinho finalmente concluído e a madeira que seria uma fonte de renda tendo sido vendida, os animais por fim celebraram. Mas a felicidade dura pouco, uma vez que foi constatado ser falso o dinheiro recebido e que logo em seguida se sucedeu um ataque a mão armada liderado por Frederick, da Granja vizinha.

O moinho, mesmo com as paredes reforçadas, havia sucumbido a explosivos, levando consigo o trabalho de anos. Os animais, encorajados pelo ódio, conseguiram derrotar e afugentar os humanos, mas não sem baixas. Apesar das circunstâncias, a batalha foi vista como uma vitória após Garganta apontar o mesmo.

Novamente, é possível perceber a adulteração dos iniciais mandamentos do animalismo quando porcos são vistos bebendo e, de repente, é como se isso nunca tivesse sido proibido.

“Porém, alguns dias mais tarde, Maricota, lendo os Sete Mandamentos, notou que havia outro mandamento mal recordado pelos animais. Todos pensavam que o Quinto Mandamento era ‘Nenhum animal beberá álcool’, mas havia esquecido duas palavras. Na realidade, o Mandamento dizia: ‘Nenhum animal beberá álcool em excesso’.”

(0,0)

ANEXO F – MATERIALIDADES DAS ANÁLISES – GABARITO DA ATIVIDADE

Possíveis Respostas

1)

Observações importantes:

- a) No resumo indicativo, deve-se ir direto ao ponto e de forma genérica;
- b) Formatação deve ser feita sem entrada de parágrafo e em um único parágrafo;
- c) As “**palavras-chave**” fazem parte do resumo indicativo. Devem estar grafadas em minúscula [exceto nomes próprios; ordem da mais geral à mais específica; separadas por ponto e vírgula; ponto final depois da última];
- d) No exemplo de nosso trabalho, seria essencial sinalizar de quais capítulos trata o resumo. Isso pode ser feito de forma geral. “**Nos primeiros quatro capítulos do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell (1945), ...**” ou de forma separada “**No primeiro capítulo do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell (1945), os animais ..., **No capítulo seguinte, ... No terceiro capítulo do livro, E, no quarto capítulo, ...**”**
- e) No resumo indicativo não se coloca referência, pois ela está na própria obra.

Exemplos de respostas:

RESUMO: Nos primeiros quatro capítulos do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell (1945), a narrativa começa com animais tomando consciência da exploração que sofrem pelo proprietário da fazenda. Tal consciência deve-se primordialmente aos discursos de um porco que era tido como líder para os animais. Após a morte desse porco, os animais já estavam instigados o suficiente para planejar e executar uma revolução contra aqueles que os exploravam. Rapidamente a revolução toma forma, os humanos são expulsos da granja, e os animais se organizam de uma forma em que teoricamente todos são iguais. O sucesso dessa revolução se espalha e chega até os outros fazendeiros que temem uma semelhante revolta em suas granjas.

Palavras-chave: animais; exploração; revolta. (Iniciais em minúscula [exceto nomes próprios; ordem da mais geral à mais específica; separadas por ponto e vírgula; ponto final depois da última])

RESUMO: No do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell (1945), os primeiros quatro capítulos narram como acontece a revolução do bichos na Granja do Solar, até então liderada pelo Sr. Jones, após o Velho porco Major contar para os outros bichos da granja um sonho que tivera em que todos os bichos da Inglaterra eram camaradas e livres. Com a ideia de mudança semeada, a revolução toma forma. Os animais expulsam Jones e dão origem a Granja dos Bichos, onde todos são livres dos horrores dos humanos. Mandamentos são criados para manter a ordem, e os porcos acabam por assumir a liderança ante os demais. A granja prospera por entre a camaradagem dos animais. Com medo da revolução se espalhar por toda Inglaterra, Jones e outros granjeiros tentam retomar o domínio sobre os bichos, fracassando miseravelmente.

Palavras-chave: bichos; exploração; sonho; revolução.

RESUMO: No primeiro capítulo, do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell (1945), temos a reflexão, por parte do porco Velho Major, sobre as condições de miséria que os humanos impõem aos animais, instigando, assim, um espírito de revolução. No segundo capítulo, o Velho Major morre, mas influencia a revolução que ocorre rapidamente dada a decadência da granja. Também são estabelecidas regras a serem seguidas. No terceiro capítulo, vemos uma organização estrutural, em que são estabelecidos comitês, assembleias gerais e técnicas para fortalecer o nacionalismo. Além disso, os líderes passam a usufruir de privilégios, em nome da revolução. No capítulo seguinte, sabemos que a notícia dos acontecimentos na Granja Solar espalha-se, conseqüentemente, surge um medo por parte dos outros fazendeiros, que promovem uma ação de resistência. Porém, os homens não obtêm êxito.

Palavra-chave: animais; miséria; esperança; revolução.

Resumo: O enredo do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell (1945), inicia-se com uma breve apresentação dos personagens, dando destaque a velho Major e seu proeminente discurso revolucionário. Após a sua morte, os dois capítulos seguintes narram o desenvolvimento da Granja dos Bichos desde os preparativos para a revolução, organizados sob a liderança dos porcos Napoleão, Bola de Neve e Garganta, até a tomada da granja de fato pelos bichos. Por fim, no terceiro e quarto capítulo, o enredo discorre sobre a dinâmica e os conflitos da granja no pós-revolução, narrando o sentimento de êxtase da libertação, a criação do pensamento do animalismo, as discordâncias entre os líderes e os privilégios que os mesmos começam a exigir. Ao final, é apresentada uma tentativa de contrarrevolução organizada por Jones, o antigo dono da Granja do Solar, agora Granja dos Bichos.

Palavras-chave: animais; exploração; mudança; revolução.

Resumo: Os capítulos 1, 2, 3 e 4, do livro “Revolução dos Bichos”, de George Orwell (1954), podem ser considerados os mais importantes da obra, uma vez que, por se tratarem dos capítulos iniciais, reúnem as informações que são estritamente necessárias para o entendimento do enredo como um todo. Estes capítulos realizam a apresentação dos personagens envolvidos na trama, a descrição da situação na Fazenda antes da Revolução, os acontecimentos que levaram a realização desta por parte dos animais e descrevem as primeiras atitudes tomadas após a Revolução. A narrativa é contada em tempo cronológico através de um narrador observador, além de apresentar a fala dos personagens por meio de discursos indiretos e diretos sinalizados por aspas.

Palavras-chave: insatisfação; revolução; fazenda; animais.

Ou ainda

1)

Resumo: Do capítulo 1 ao 4, a Revolução dos bichos

Palavras-chave: Granja dos Bichos. Napoleão. Bola-de-Neve. Problemas. Incertezas.

Resumo: O capítulo 1 apresenta No capítulo 2, o narrador conta o. O capítulo 3 narra o modo como E, no capítulo 4, os bichos

Palavras-chave: Granja do Solar; Napoleão; Bola-de-Neve; problemas; incertezas.

2a) Importante sinalizar que se trata do resumo do capítulo **cinco**, especificamente.

No capítulo 5, **tem-se a temática** em torno do atrito entre os porcos Napoleão e Bola de Neve. **Fica-se** sabendo que os porcos, por se considerarem mais inteligentes, assumem a responsabilidade de decidir políticas de questão agrícola, e essas decisões, por sua vez, eram submetidas à aprovação pelos demais animais por meio de uma votação. Porém, devido à discordância entre esses dois porcos sobre todo e qualquer assunto, tal forma de decidir as coisas na granja se demonstrou caótica. **"Essa** combinação teria funcionado muito bem **[ou pelo menos um pouco melhor]**, não fossem as disputas entre Bola de Neve e Napoleão. [...] Cada um tinha seus seguidores e havia debates **violentos.**" (ORWELL, 2015, p. 31). **Tem-se** como consequência dessas desavenças, a expulsão de Bola de Neve da granja pelos cachorros de Napoleão, conferindo a esse, o controle total da fazenda. Após algumas semanas, Napoleão anuncia que prosseguiria com a construção do moinho, ideia essa que tinha sido completamente contra quando proposta por seu "rival" Bola de Neve.

No quinto capítulo, **sabe-se** da proposta de Bola-de-Neve acerca a construção do moinho de vento a que Napoleão posiciona-se contrariamente. No dia da votação do projeto, acontece a expulsão de Bola-de-Neve da *Granja dos Bichos*. "Bola-de-Neve corria pelo campo [...] mas os cachorros se aproximavam [...] se enfiou [Bola-de-Neve] por uma buraco da sebe e sumiu." (ORWELL, 2007, p. 47).

Atenção! Muitos cometeram estes erros:

a) "[...]" **sentando-se de novo.** [red square]. (não se justifica uma supressão depois de ponto final, sem a continuação de um novo trecho, a não ser que a frase não terminasse naquele ponto, neste caso, não deveria ter o ponto)".

b) "[red square]" **Nunca realizar quaisquer contatos [...]**".

2b) Apontar que se trata do resumo do capítulo **seis**.

Vemos, no **capítulo 6**, que os porcos que já usufruíam de certas regalias como o consumo de frutas e leite à vontade, passam a usufruir ainda mais, ao mudarem-se para casa-grande, onde o antigo dono morava. Enquanto isso, o restante dos animais da granja trabalhava em condições análogas à escravidão, com pouca comida, descanso e muito trabalho, para dar conta da construção do moinho.

Por toda a primavera e o verão, enfrentaram uma semana de sessenta horas de trabalho e, em agosto, Napoleão fez saber que haveria trabalho também nos domingos à tarde. Esse trabalho era estritamente voluntário, porém, o bicho que não aceitasse teria sua ração diminuída pela metade. (ORWELL, 2015, p. 39)

Podemos observar, também, que, Napoleão, ao se mudar para casa-grande, realiza algo proibido até então, e, além disso, começa a negociar com seres humanos, o que consiste em uma outra atitude até então proibida. Por fim, **ficamos** a par da queda do moinho que já estava na metade da sua construção. Apesar dos ventos fortes durante à noite, Napoleão acusa Bola de Neve como autor da catástrofe.

Ou

No **capítulo 6**, **ficamos** sabendo que a liderança dos porcos acaba por promover regalias a própria espécie enquanto os demais bichos trabalhavam mais e comiam menos por conta do trabalho excessivo para construção do moinho que acaba por vir ao chão.

[...] enfrentaram [os animais] uma semana de sessenta horas de trabalho e, em agosto, Napoleão fez saber que haveria trabalho também nos domingos à tarde. Esse trabalho era estritamente voluntário, porém, o bicho que não aceitasse teria sua ração diminuída pela metade. (ORWELL, 2015, p. 39)

2c) Deve-se sinalizar que se trata do resumo do capítulo sete.

O **capítulo sete** narra a queda do moinho, um período difícil para os animais, de trabalho árduo e de escassez de alimentos. Momento em que os bichos demonstram sinais de fome e de fraqueza. Mas, conforme a escritura de **Orwell (1945, p. 42)**, Napoleão e Garganta precisavam passar a impressão de que todos estavam bem, para que os humanos não desconfiassem de que a Granja dos bichos estava perdendo força. Visando resolver a situação alimentar da granja, Napoleão ordena que as galinhas passem a fornecer ovos para venda e, assim, ser possível comprar comida. As galinhas, descontentes com a ordem, decidem se revoltar. Tal revolta é repreendida por Napoleão, que corta a comida das rebeldes que, por sua vez, cedem a pressão e acatam a decisão do líder. Para desfecho trágico desse capítulo, Napoleão e seus cachorros executam diversos animais que admitiram ter cometido algum crime.

Ou

O **capítulo 7** **descreve** como todos os problemas que surgiam na *Granja dos Bichos* eram atribuídos a Bola-de-Neve. As execuções públicas de bichos após Napoleão descobrir a existência de animais traidores são descritas em detalhes. **Conforme o narrador**, aquelas cenas de terror e sangue não eram as que previra o velho Major, que pela primeira vez, os incitara à rebelião. (ORWELL, 2007, p. 72).

2d) Sinalizar que se trata do resumo do capítulo oito.

O **capítulo oitavo** narra que os bichos se dão conta de que estão comendo menos e trabalhando mais do que nos tempos em que eram explorados pelos humanos. Todavia, os porcos Napoleão e Garganta, os manipulam de tal maneira a fazê-los acreditar que na verdade se alimentam muito melhor do que antes. Napoleão negocia a venda de madeira com um fazendeiro e recebe dinheiro falso em troca da mercadoria. O mesmo fazendeiro que lhe aplicou o golpe, invade a Granja dos bichos com homens munidos de explosivos, e assim consegue pôr o moinho a baixo mais uma vez, matando alguns animais na ação. Os porcos, porém, conseguem manipular os animais novamente, fazendo-os acreditar que na verdade venceram a batalha. (ORWELL, 2015, p. ??-??).

ou

No **oitavo capítulo**, Napoleão exercia total influência sobre os bichos que agora o reconheciam como um líder. Naquele ano, os animais trabalharam mais que o dobro do ano passado, para concluir a construção do moinho de vento. Com o moinho de vento concluído, a preocupação dos bichos agora era negociar com as granjas vizinhas. Napoleão decide negociar com a granja de Pilkington, pois Frederick lhe havia aplicado um golpe, fazendo pagamentos com dinheiro falso. O desentendimento de Napoleão e Frederick culminou em uma disputa pelo domínio da granja. A luta foi sangrenta para os dois lados, mas, mesmo assim, os bichos venceram, e expulsaram os inimigos. Houve uma celebração, e Napoleão passa mal depois de beber demasiadamente, e declara álcool proibido, mas logo depois que melhora, Garganta é pego modificando os mandamentos, mas os animais não percebem isso. (ORWELL, 2021, p. 84-98).

Ou

A temática do **capítulo 8** gira em torno da liderança de Napoleão. Agora os animais já não mencionavam o líder como Napoleão simplesmente. Todos referiam-se a ele como nosso líder, o camarada Napoleão. A vingança contra os humanos foi concretizada e, assim, os animais saem vencedores da batalha que passou a ser chamada de Batalha do Moinho de Vento. (ORWELL, 2007, p. 76-86).